

**INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA****Mestrado**

em

**Psicopatologia e Psicologia Clínica**  
*Edição de 2002/2004*

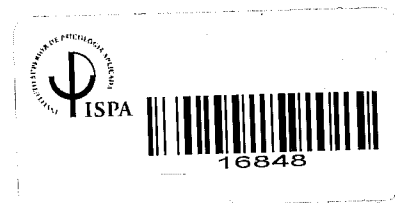
***O(s) Eu(s) e O(s) Outro(s), ... De Quem a Quem***  
***... A Quem de Quem ... Do Eu/Outro ao Outro***  
***Eu***

*Estudo das características e das funções da identificação projectiva em  
 pré-adolescentes e em adolescentes no e pelo Rorschach*

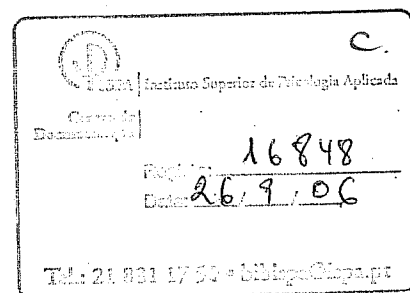
***Maria Paula Benevides Dias – Nº 11 299***

**ORIENTADOR: Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Emília Marques**

*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*



2005



## NOUTROS LUGARES



*Não é que ser possível ser feliz acabe,  
quando se aprende a sê-lo com bem pouco.  
Ou que não mais saibamos repetir o gesto  
que mais prazer nos dá, ou que daria  
a outrem um prazer irresistível. Não:  
o tempo nos afina e nos apura:  
fariamos o gesto com infinda ciência.  
Não é que passem as pessoas, quando  
o nosso pouco é feito da passagem delas.  
Nem é também que ao jovem seja dado  
o que a mais velhos se recusa. Não*

*É que os lugares acabam. Ou ainda antes  
de serem destruídos, as pessoas somem,  
e não mais voltam onde parecia  
que elas ou outras voltariam sempre  
por toda a eternidade. Mas não voltam,  
desviadas por razões ou por razão nenhuma.*

*É que as maneiras, modos e circunstâncias  
mudam. Desertas ficam praias que brilhavam  
não de água ou sol mas solta juventude.  
As ruas rasgam casas onde leitos  
já frios e lavados não rangiam mais.  
E portas encostadas só se abrem sobre  
a treva que nenhuma sombra aquece.*

*O modo como tínhamos ou víamos,  
em que com tempo o gesto sempre o mesmo  
fariamos com ciência refinada e sábia  
(o mesmo gesto seria útil,  
se o modo e a circunstância persistissem),  
tornou-se sem sentido e sem lugar.*

*Os outros passam, tocam-se, separam-se,  
exactamente como dantes. Mas  
aonde e como? Aonde e como? Quando?  
Em que praias, que ruas, casas e quais leitos,  
a que horas do dia ou da noite, não sei.  
Apenas sei que as circunstâncias mudam  
E que os lugares acabam. E que a gente  
não volta ou não repete, e sem razão, o que  
só por acaso era a razão dos outros.*

*Se do que vi ou tive uma saudade sinto,  
feita de raiva e do vazio gélido,  
não é saudade, não. Mas muito apenas  
o horror de não saber como se sabe agora  
o mesmo que aprendi. E a solidão  
de tudo ser igual doutra maneira.  
E o medo de que a vida seja isto:  
um hábito quebrado que se não reata,  
senão noutros lugares que não conheço.*

Jorge de Sena, 1967



*À memória do meu Pai*

*Muitas pessoas foram importantes na realização deste trabalho, porém, gostaria de agradecer, em particular,*

*à Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Emília Marques, pelo interesse e disponibilidade com que acolheu as minhas dúvidas, pelas suas reformulações incansáveis e sugestões sábias e motivadoras, sobre novas questões, num ir mais além.*

*ao vento, amigo, que sopra, ao meu ouvido.*

# Índice

## Resumo

<b>1. Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>2. A(s) Noção(ões) de Identificação Projectiva no e em Desenvolvimento.....</b>	<b>7</b>
2.1. <i>A Noção de Identificação Projectiva no Desenvolvimento Precoce –     As suas inter – relações com a comunicação, a transformação, o conhecimento     e a Simbolização.....</i>	<i>9</i>
2.2. <i>A Identificação Projectiva Patológica Versus A Identificação Projectiva     Empática – as suas Totalidades e Parcialidades.....</i>	<i>28</i>
2.3. <i>As Dialécticas e as Dinâmicas da Identificação Projectiva no(s) Espaço(s)     e no(s) Tempo(s).....</i>	<i>44</i>
<b>3. Ao Encontro da Identificação Projectiva no Processo Adolescente.....</b>	<b>53</b>
3.1. <i>O Processo de Transformação Simbólica na Continuidade de Ser.....</i>	<i>56</i>
3.2. <i>Na Renovação da Perda ao Reencontro Do Eu pelo Outro.....</i>	<i>61</i>
3.4. <i>Do Outro no Eu e em Si mesmo ao Herdeiro da Adolescência: O Eu.....</i>	<i>72</i>
<b>4. O Método Rorschach.....</b>	<b>80</b>
4.1. <i>Os Cartões Rorschach.....</i>	<i>90</i>
4.2. <i>Os Elementos de Cotação.....</i>	<i>97</i>
4.3. <i>O Rorschach em Pré Adolescentes e em Adolescentes.....</i>	<i>116</i>
<b>5. Formulação do Problema.....</b>	<b>122</b>
<b>6. Procedimentos.....</b>	<b>129</b>
<b>7. Análise e Interpretação dos Protocolos dos Sujeitos Estudados.....</b>	<b>141</b>
7.1. <i>Protocolo 1.....</i>	<i>141</i>
7.2. <i>Protocolo 2.....</i>	<i>152</i>
7.3. <i>Protocolo 3.....</i>	<i>166</i>
7.4. <i>Protocolo 4.....</i>	<i>175</i>

<b>8. Discussão da Análise e da Interpretação dos Protocolos.....</b>	<b>183</b>
8.3. <i>Análise do Psicograma dos pré-adolescentes e dos adolescentes.....</i>	<i>183</i>
8.4. <i>Discussão da Análise dos Protocolos dos Pré-Adolescentes e dos</i>	
<i>Adolescentes.....</i>	<i>186</i>
8.2.1 <i>Discussão da análise dos Protocolos dos Pré-Adolescentes.....</i>	<i>188</i>
8.2.2. <i>Discussão da Análise dos Protocolos dos Adolescentes.....</i>	<i>207</i>
8.3. <i>Discussão entre as Análises Efectuadas: Da pré-adolescência à</i>	
<i>adolescência Propriamente Dita.....</i>	<i>215</i>
8.3.1. <i>Apresentação esquematizada do uso da identificação projectiva</i>	
<i>em pré-adolescentes e em adolescentes.....</i>	<i>216</i>
8.3.2. <i>Discussão sobre o uso da identificação projectiva</i>	
<i>na adolescência feminina e na adolescência masculina.....</i>	<i>222</i>
8.3.2.1 <i>Da pré-adolescência à adolescência.....</i>	<i>241</i>
<b>9. Conclusão.....</b>	<b>251</b>
Referências Bibliográficas.....	262
Protocolos Rorschach	

## *Resumo*

Este trabalho esboçou-se a partir da curiosidade e vontade de aprofundar o conceito de identificação projectiva. Explorar as suas diferentes e diversas conceptualizações e perceber como e de forma um sujeito utiliza a identificação projectiva, sabendo a priori que este mecanismo apresenta um carácter patológico e um carácter empático, podendo-se contudo inter-cruzar entre si, pelo especificar das combinações que assentam nas noções de relação *Eu ↔ Outro*, *Contidente ↔ Conteúdo*, 3º *Intersubjectivo*, *Eu/Terceiro/Outro*. O nosso objectivo, neste trabalho, inscreveu-se no estudo das características e funções da identificação projectiva em pré-adolescentes e em adolescentes no e pelo Rorschach. Foi portanto uma tentativa de aproximação ao conhecimento, a partir da inter-relação entre identificação projectiva, processo adolescente entendido como processo de re-significação e re-simbolização, processo de transformação de um Corpo, de um Outro, e Rorschach enquanto *situação projectiva*, enquanto *processo-resposta Rorschach*. A partir deste *contidente* partimos à busca de *conteúdos* e contextos nos quais fossem visíveis o uso da identificação projectiva, quer nos pré-adolescentes quer nos adolescentes, o para quê do seu uso, como e quando, questão que se assemelha a uma outra e que pode e é inscrita neste trabalho, pelo envio à sua aplicabilidade à dúvida e ao esclarecimento que o saber de e com um Outro pode trazer à questão: como e de que são feitas as possibilidades de crescimento, evolução, adaptação de um sujeito. A forma de proceder a este estudo obedeceu à transposição de três definições de identificação projectiva, que de certa forma acompanharam todo este trabalho – e que encontraram significação nos pressupostos, já mencionados, os quais surgem do Método Rorschach –, a partir de um *entre*: *entre* a noção de identificação projectiva que se inscreve na *situação intersubjectiva* e no *processo – resposta Rorschach*, a partir das noções de *ligação e relação*. Desta forma, os sujeitos pré-adolescentes e adolescentes foram estudados a partir do uso que fazem do mecanismo de identificação projectiva, na *dimensão – corpo* e na *dimensão –outro*.

Dos resultados de uma discussão sobre a análise e interpretação de 4 protocolos Rorschach, salientamos um uso de identificação projectiva ora excessivo ora empático, quer quando os sujeitos se aproximam de uma intersubjectividade, na qual

a troca entre receptores e projectores assume a própria característica de identificação projectiva que a distingue e a descreve como mecanismo: a  *fusão e o envolvimento*, sem que o caminho para a significação e a simbolização seja encontrado. Um Corpo é – o numa identidade em construção nos pré-adolescentes e uma subjectividade a assegurar e manter num *entre*, limite, passado e futuro, nos adolescentes. Um Outro é-o como continente, na pré-adolescência, e entre o feminino e o masculino, a especificar no tempo no segundo, a co-ordenar na primeira com vista ao futuro. É – o como continente, no adolescente, a significar de uma identidade subjectiva ainda na não contenção de um corpo genitalizado, na adolescente, a significar uma identidade subjectiva que assuma na identificação sexual, uma relação com um Outro diferente. É, nesta adolescente, a (em) plena transformação desse mesmo Outro, também visível pela possibilidade e ainda no uso da identificação projectiva, na construção da função de contenção que sustente precisamente a  *fusão e o envolvimento* de uma relação intersubjectiva, de uma intersubjectividade, no uso da identificação projectiva como deslocamento (de uma tridimensionalidade psíquica na empatia, na relação *Eu ↔ Outro*). Pensamos que a identificação projectiva poderá, pelo e no Rorschach, esboçar as características quer do continente, quer do conteúdo, quer de um novo objecto criado (*eu/terceiro/outro*) a partir da reflexão e captação dos seus momentos e movimentos. Dos momentos e movimentos pelos quais um adolescente atravessa num caminho *entre O(s) Eu (s), presente, e O (s) Outros* passado e futuro, pela dispersão, *De Quem a Quem*, à integração, *a Quem de Quem*, Do *Eu/Outro*, numa espécie de invisibilidade, sendo e não sendo Outro, até a um *Outro Eu*, na recriação de si, recriação de um Outro, recriação da relação *Eu ↔ Outro*.

## ***1. Introdução***

Este trabalho desenvolveu-se a partir de uma busca sobre o mecanismo de identificação projectiva, sobre as suas especificidades e características únicas que remetem para uma noção fundamental que se inscreve neste mecanismo e ao mesmo tempo que o define, e que é a noção de relação. Foi com base na noção de relação que todo este trabalho caminhou e se aventurou na busca do conhecimento sobre um e com um Outro, de nós próprios e também no com e pelo Rorschach. Á semelhança de um já efectuado estudo sobre identificação projectiva, como trabalho final de licenciatura, propomo-nos, agora em re-visitar, e re-pensar a noção dinâmica de identificação projectiva, num trilho que se aviva pelo interesse sobre a sua importância na psicologia clínica.

Este trabalho “*O(s) Eu(s) e O(s)Outros, ... De Quem a Quem ...A Quem de Quem ...Do Eu/Outro ao Outro Eu*” remete para uma incursão sobre as características e funções da identificação projectiva que encontram a sua base na fusão e no envolvimento entre sujeito/objecto, sujeito/outro, sendo precisamente a fusão e o envolvimento que leva à criação simbólica, pelo dotar e re-dotar de *um* e de *um outro*. Esta incursão encontra no processo adolescente a sua expressão e revelação potencial, pela importância, descrita por vários autores tais como Amaral Dias, Thomas Ogden, que este mecanismo representa quer nos pré-adolescentes, quer nos adolescentes, no espaço e no tempo de reconstruções e re-conhecimentos. Encontramos quer nos pré-adolescentes, quer nos adolescentes, o campo para o estudo da identificação projectiva e a exploração das suas características e funções através da elaboração e reunião de conceitos que possibilitam estabelecer e manter um *entre* as teorias que remetem para a noção de simbolização, o processo adolescente, entendido este como processo de transformação simbólica e a noção de identificação projectiva entendida na relação  $Eu \Leftrightarrow Outro$ .

Na primeira parte ou capítulo deste trabalho “*A(s) Noção(ões) de Identificação Projectiva no e em Desenvolvimento*”, procurámos descrever e compreender o

mecanismo de identificação projectiva, principalmente através de autores tais como Melanie Klein, Wilfred Bion, Thomas Ogden e James Grotstein, com objectivos no destacar e evidenciar diferentes noções sobre o mecanismo de identificação projectiva, por forma a perceber em que medida este mecanismo poderia ser especificado, individualizado e separado de tantos outros, sem perder as características únicas que apresenta e que se assinalam na bidireccionalidade comunicacional da/na relação  $\text{Eu} \Leftrightarrow \text{Outro}$ , no conhecer pelo reconhecer, na sua importância num processo de criação, de *representação simbólica*, na sua importância na evolução, na adaptação, na sua utilidade e presença na dispersão que dada a sua estruturação, possibilita uma ordenação, isto é, permite-nos afirmar que a identificação projectiva pode ser considerada como um mecanismo necessário na dispersão, na disrupção, assim como na integração e manutenção, pois ordena quer em termos internos, quer em termos externos essas mesmas dispersões e desarticulações com as integrações e uniões.

Em “*A Noção de Identificação Projectiva no Processo de Desenvolvimento Precoce – As Suas Inter-relações com a Comunicação, Transformação, Conhecimento e Simbolização*” tentou-se descrever e compreender a formação e desenvolvimento do mecanismo de identificação projectiva a partir principalmente de Melanie Klein e Hanna Segal, a partir da sua presença e papel nas posições *esquizo-paranoide e depressiva*, nos processos inerentes ao desenvolvimento e que remetem para a relação entre sujeito e objecto interno e objecto externo. O processo de formação de símbolo retoma fôlego neste percurso até Wilfred Bion, até à ligação entre a identificação projectiva e simbolização, conhecimento, pensamento, transformação, até à reunião de parcialidades que se inscrevem, depois num todo, sendo este todo a conceptualização de identificação projectiva enquanto relação *Contínente*  $\Leftrightarrow$  *Conteúdo*, nos seus inter-cruzamentos múltiplos.

Em “*Identificação Projectiva Patológica Versus Identificação Projectiva Empática – As suas totalidades e parcialidades*” constituiu-se como objectivo a descrição e compreensão da identificação projectiva como mecanismo patológico e mecanismo empático, sempre a partir de uma linha orientadora na sua função principal de (e para a) comunicação. Num pensar sobre a organização do mecanismo de identificação projectiva na movimentação de identificação e projecção tentámos apreender quer

dentro do seu carácter patológico quer dentro do seu carácter empático o jogo entre o aproximar e o afastar, entre o ligar, unir, reunir, desligar, separar e individualizar entre esses dois momentos aparentemente contrários mas que se unificam pela noção de relação. Também se constituiu como objectivo neste capítulo e ainda, dentro das conceptualizações bionianas, principalmente aquelas que fazem referências às relações *parasitárias, comensais e simbióticas*, apreender o mecanismo de identificação projectiva quer como mecanismo que habita um *entre* fantasia e realidade, *entre* mundo interno e mundo externo, *entre* sujeito e objecto, *entre* um Eu e um Outro, assim como *conteúdo* presente na inter-relação sujeito/objecto, Eu/Outro. Desta inter - acção nasce a sua colocação *entre* parcialidades e totalidades, pela integração do conceito de *terceiro intersubjectivo*. Neste sub-capítulo tentou-se apreender o mecanismo de identificação projectiva quer como qualidade discreta de um experiência relacional, intersubjectiva, que não ocorrendo de forma isolada do resto da vida emocional tanto pode ser apreendido num lugar de destaque e relevância assim como serve de pano de fundo, de quadro à experiência.

No seguimento deste pensamento, surge “*As Dialécticas e Dinâmicas da Identificação Projectiva no(s) Espaço(s) e no(s) Tempo(s)*”, com objectivos de uma síntese assim como uma renovada explicitação sobre o mecanismo de identificação projectiva apreendido como processo intersubjectivo, no qual a sua localização e explicitação na inter-relação entre *posição esquizo-paranoide ↔ posição depressiva, continente ↔ conteúdo*, entre *transformações em alucinoses, projectivas e de movimento rígido e relações parasitárias, comensais e simbióticas*, acompanha a sua evolução pelas diferentes sintonizações entre espaço e tempo e inscrevem-se nas diferentes facetas de dimensionalidade psíquica, ou seja, são contidas como tempos em espaços psíquicos que podem ser clarificados na *unidimensionalidade, bidimensionalidade e tridimensionalidade*, completando-se ainda esta explicitação a partir da noção de *ligação*, noção que consideramos fundamental na noção de identificação projectiva quer quando a esta nos referimos pela sua caracterização na identificação e projecção, quer quando assente na noção de relação Eu – Outro, quer como processo intersubjectivo.

Assim, pensamos que este capítulo se inseriu na caracterização da identificação projectiva como mecanismo intra-psíquico, expressão relacional e processo

intersubjectivo, que de alguma forma, acompanharam e serviram de base para a formação de objectivos e parâmetros que foram utilizados para o transpor para e pelo Método Rorschach, no estudo das características da identificação projectiva no processo de transformação simbólica que ocorre no processo adolescente.

O capítulo “*Ao Encontro da Identificação Projectiva no Processo Adolescente*” foi elaborado com o objectivo de compreender o papel e as características do mecanismo de identificação projectiva no processo de transformação simbólica que ocorre, nesta fase da vida, a partir da sua descrição presente no papel que um Outro desempenha na adolescência, nos seus desencontros, desarticulações, disrupções, desligações, reuniões, ligações, conhecimentos e pensamentos. Isto é, o capítulo sobre o processo adolescente inscreve-se no salientar da importância do mecanismo da identificação projectiva, dada a sua pertinência na comunicação e na relação, na construção e renovação de um Corpo e de um Outro, na relação com a evolução que nesta etapa da vida emerge na sua força de vitalidade, de criatividade e de sensibilidade, através de um *entre* que se *entre-abre* ao pensamento, ao conhecimento.

N’ “*O Processo de Transformação Simbólica na Continuidade de Ser*” tentamos compreender o processo adolescente como processo de *transformação* do qual salientámos o papel de um Outro, na renovação, na mudança, num processo de reconstrução que se explicita nalguma variação entre a descontinuidade e a continuidade, entre o infantil e o adulto, entre passado e futuro, entre o dentro e o fora, entre o mundo interno e o mundo externo, entre o igual e o diferente, entre um Eu e um Outro, entre *continente e conteúdo*, remetendo estas questões, e embora se inscrevam na variação, para a invariância, para a noção de constantes presentes no processo adolescente: Corpo e Outro.

No segundo sub-capítulo, “*Na Renovação da Perda ao Reencontro Do Eu pelo Outro*” pretendemos precisamente dar conta da busca que o sujeito adolescente efectua na metamorfose de uma identidade subjectiva, sua, solitária, própria, separada e individualizada e que portanto remete para desconcertações e emoções que tentam albergar nos diferentes lutos pelos quais passam no caminho pela evolução, não estática como se requer, mas expressiva nesta fase da vida, pelas oscilações presentes nas (in)dependências intra e extra familiares: da família, ao

amigo, confidente, ao outro diferente, aos outros. De um Eu/outro a um Outro Eu, no qual tentámos salientar o mecanismo de identificação projectiva na relação *continente – conteúdo, Eu – Outro*, na reconstrução de um Eu próprio a partir da compreensão das extensões que outros, nestes sujeitos, representam, até à significação de distancias suficientemente boas, até, portanto à tensão entre um Eu e um Outro, na dualidade de desinvestimentos e (re)investimentos.

Em “ *Do Outro no Eu e em Si Mesmo ao Herdeiro da Adolescência*” tentámos compreender o papel do Outro no processo adolescente, no processo de construção e fundação de um Eu unificado e coeso, num tempo de re-significação e num espaço novo a integrar, a alargar, num *entre* que tanto serve propósitos de separação assim como de ligação, como também de função, a partir de um Outro – continente que assegura a integração de um Corpo projectado e leva à possibilidade da sua recriação e estabilização, a partir de um re-investir num Outro, pela transformação desse mesmo Outro, transformação esta também presente no processo adolescente. Este sub-capítulo possibilita-nos o pensar do uso da identificação projectiva através de uma explicitação da relação entre continente e conteúdo.

No capítulo sobre “*O Método Rorschach*” explicitámos o Rorschach não como instrumento de avaliação psicológica com vista a diagnósticos, mas sim como método de saber de e com um Outro, o seu papel na descoberta daquilo que expressa os movimentos e momentos de um sujeito na evolução e na adaptação, na descrição e compreensão do pensamento e do conhecimento, através das noções implícitas na sua conceptualização enquanto *situação intersubjectiva* e enquanto *processo – resposta Rorschach*. Compreendemos e explicitámos o *processo-resposta Rorschach* como processo que impõe uma actividade mental de ligação – relação – transformação – conhecimento – pensamento que leva à criação de sentidos, de significados, de símbolos construídos na união e integração *entre* dentro e fora, *entre* mundo interno e mundo externo, *entre* sujeito e objecto, *entre* Eu e Outro (mancha, psicólogo), seguindo uma linha estrutural de compreensão do Método Rorschach perto da autora Emília Marques, através de uma integração das suas conceptualizações sobre o Rorschach. Nos sub-capítulos sobre “*Os cartões Rorschach*” e “*Os Elementos de Cotação*” procedemos a uma explicitação sobre a constituição do Rorschach, neste trabalho, percebido na convergência entre

identificação projectiva, simbolização, adolescência e Rorschach com objectivos no assegurar o próprio *entre* deste trabalho e as teorias que expressam e fazem referência ao uso do mecanismo de identificação projectiva, ou seja, no assegurar de ligações que esboçamos como forma de proceder este estudo. No último sub-capítulo, “ *O Rorschach em Pré-adolescentes e Adolescentes* “ o objectivo cingiu-se ao captar e descrever dos estudos elaborados sobre o processo adolescente através do e no Rorschach, salientando as duas autoras Catherine Chabert e Emília Marques, as quais serviram de referência para construir os procedimentos que fazem parte deste trabalho.

Por fim, pensamos que este trabalho assenta numa digressão que se inicia no e pelo Rorschach e termina no e pelo Rorschach, sendo o ponto de ligação e incursão o estudo das características e das funções do mecanismo de identificação projectiva em pré-adolescentes e em adolescentes, realçando-se, através do Rorschach aquilo que se impõe e que se dispõe para a descoberta do saber sobre e com os sujeitos estudados a partir da sua exploração que remete para necessidades básicas na vida de um ser humano: a comunicação e a relação e que poderão ainda fazer salientar o que de melhor se encontra num sujeito pelo realçar dos seus movimentos progredientes com vista ao desenvolvimento e à adaptação. É pois neste objectivo geral que se inscreve todo este trabalho: uma reflexão sobre a importância que o mecanismo de identificação projectiva pode trazer quer à compreensão da dispersão quer à compreensão integração, pelo esclarecimento que pode dar à expressão dos processos mentais de um sujeito nas suas possibilidades de crescimento e evolução, através da sua constituição, a nosso ver, impar, que possibilita captar movimentos e momentos.

## ***2. A(s) Noção(ões) de Identificação Projectiva no e em Desenvolvimento***

De uma forma geral e em termos existenciais, concordamos com a perspectiva de Grotstein (1985) que nos diz que a identificação projectiva é o estado mental ou de desatenção no qual conduzimos a maior parte das nossas vidas pois todos somos mais sonâmbulos do que nos damos conta e, no acto de tentarmos existir no(s) nosso(s) eu(s) individual(ais) separado(s) esquecemos o quanto caminhamos na sombra ou até na substância(essência) do(s) outro(s).

Dentro de uma perspectiva de re-ver e re-pensar a noção dinâmica de identificação projectiva, propomo-nos neste capítulo, caracterizar e descrever este mecanismo através da sua importância na evolução e no desenvolvimento do sujeito, assim como na sua enunciação como mecanismo patológico ou mecanismo empático, tendo em conta o seu duplo movimento, um de projecção e outro de identificação, com sentido no procurar das suas características únicas e específicas. O objectivo deste capítulo é, então, relevar o mecanismo de identificação projectiva como mecanismo fulcral na comunicação que um sujeito estabelece consigo mesmo e com o(s) outro(s), a partir da noção de relação.

Pensamos que a noção de identificação projectiva sofreu grandes alterações e transformações ao longo do tempo especificando-se cada vez mais como um mecanismo de importância fulcral no desenvolvimento normativo do sujeito, pela sua participação no pensamento e na simbolização, assim como se foi estabelecendo e clarificando como predicado estático na patologia, na paragem da relação interna/externa na evolução e na maturidade.

Achamos importante então mencionar o propósito pelo qual o mecanismo existe e insiste na recriação simbólica do mundo interno e do mundo externo, tal como se encontra nas noções de integração, transformação e conhecimento que se clarificam e especificam na e pela inter-relação entre estes dois mundos num ser humano tido

como um ser psicológico. Assim, será dado um privilégio aos primeiros modos de considerar a identificação projectiva com Melanie Klein, Hanna Segal, passando e retendo sobretudo Wilfred Bion, com o objectivo de descrever e empreender as localizações e acções da identificação projectiva no desenvolvimento emocional de um sujeito: como se prendem e desprendem num caminho evolutivo, assim como perceber os elos e vínculos ao pensar e ao conhecer, pelo e no simbolizar.

Numa segunda etapa, e no alargar do espectro inicial para um esmiuçar do inter-relacional e com horizontes na acção da empatia e da comunicação simbólica, descrever e compreender o carácter patológico, não de forma exaustiva mas em que medida e com que peso influencia a saúde mental, a adaptação e o crescimento, seguindo a descrição, deste mecanismo, na empatia. Desta forma retemos a nossa atenção nas diferenças existentes entre identificação projectiva patológica e/ou defensiva e identificação projectiva empática, caminhando pela essência das suas diferentes conceptualizações e contribuições que esboçam e revelam este mecanismo, na nossa opinião, através das suas conjecturas assentes nos sentires de um Eu e de um Outro em relação.

Por fim, propomo-nos entender e agenciar a concepção de identificação projectiva como processo intersubjectivo no seu jogo pelo(s) espaço(s) e pelo(s) tempo(s) correlacionando-a com as suas vertentes patológicas e empáticas pelas suas características assentes na projecção e na identificação, tendo em conta a sua delimitação significativamente preenchida pela noção de continente(s)- conteúdo(s).

Assim, pensamos que a descrição reflexiva sobre o mecanismo de identificação projectiva que aqui se pretende dispõe-se em duas lógicas inter-relacionadas e inter-cruzadas pelas suas tensões e extensões: horizontais – patológico e regressivo versus empático e evolutivo – e /ou verticais – posição esquizo-paranoide e posição depressiva versus continente e conteúdo – a partir dos primeiros ensaios bem vinculados na participação deste mecanismo no desenvolvimento no qual se inscreve a sua descrição como um processo distinto e efectivo assente no afectivo.

Assim entendemos a identificação projectiva como um mecanismo pelo qual o Eu experiência a fantasia inconsciente de se transmutar ou transmutar aspectos de si

mesmo para um objecto com fins exploratórios ou defensivos. Seguindo uma linha mais ou menos evolutiva sobre o desenvolvimento deste conceito, pensamos a identificação projectiva como mecanismo intra-psíquico pois compreende e empreende em si dois mecanismos intra-psíquicos – projecção e identificação, sendo portanto a organização quantitativa e qualitativa de um todo pelas diferentes combinações das suas (inter)partes, das quais pensamos que o equilíbrio e a temperança permite definir a empatia e o desequilíbrio converge ao patológico; como modelo relacional na medida em que possibilita a expressão das diversas naturezas relacionais que o sujeito estabelece consigo próprio, com a percepção, com o real e com o(s) outro(s); como processo intersubjectivo na medida em que este mecanismo poderá ser percebido como modelo de leitura da inter-relação entre o real interno e o real externo, entre o eu e o outro que se contextualizam através da noção de encontro de um Eu e um Outro, sendo que este encontro deverá ser entendido na (ex)tensão dialéctica entre aquilo que a dois pertence num mesmo projectado num terceiro intersubjectivo e aquilo que a dois separados pertence individualmente num mesmo caminho de descoberta e criação mútua.

## ***2.1 A Noção de Identificação Projectiva no Processo de Desenvolvimento Precoce – As suas inter-relações com a Comunicação, Transformação, Conhecimento e Simbolização***

O conceito de identificação projectiva foi primeiramente descrito por Melanie Klein (1946) como uma fantasia onnipotente de que partes não desejadas da personalidade e dos objectos internos podiam ser dissociados, projectados e controlados no objecto exterior. Esta noção de identificação projectiva surge ligada aos processos que emergem a partir dos três primeiros meses de vida de um bebé, nomeadamente aos processos relacionais e desenvolvimentais que a autora descreve através das noções de *Posição Esquizo-Paranoide e Posição Depressiva*. Estas duas posições configuram uma especificidade de relacionamento – entre mãe e bebé – a partir de

ansiedades, relações objectais e defesas que se singularizam numa evolução emocional.

Na *posição esquizo-paranoide* (in Segal 1975), o conceito de identificação projectiva surge de forma distinta da projecção e pode actuar de várias maneiras, uma vez que, nesta etapa evolutiva, pela divisão do ego, estabelecem-se dois tipos de relação objectal parcial, pela projecção de partes más sobre o objecto (parcial) persecutório e a projecção de partes boas ao objecto tido como ideal, sendo que a par da identificação projectiva existem outros mecanismos de defesa tais como a projecção, a clivagem e a idealização.

Face ao impacto inicial com o mundo externo, e na polaridade entre o instinto de morte e o instinto de vida, o bebé, com a finalidade de conter a ansiedade despertada pelo instinto de morte, projecta-o sob o mundo exterior, assim como a libido é igualmente projectada com a finalidade de preservar a vida (Segal, 1975).

Em relação ao mecanismo de idealização importa referir que será este o propulsor, em certa medida, da passagem da *posição esquizo-paranoide* para a *posição depressiva*, pois deverá haver de alguma forma a prevalência do objecto ideal em relação ao objecto persecutório, estando o objectivo focalizado no adquirir, manter dentro (conservar) e identificar-se com o objecto ideal que (o sujeito) sente como algo que lhe dá vida, assim como pretende manter fora o objecto mau, perseguidor. “*A idealização é a base da crença na bondade de objectos e na própria bondade e é precursora de boas relações de objecto. A relação com um objecto bom geralmente contém um certo grau de idealização e essa idealização persiste em várias situações, tais como apaixonar-se, apreciar a beleza, formar ideais sociais ou políticos – emoções que, embora possam não ser estritamente racionais, aumentam a riqueza e a variedade de nossas vidas*” (Segal, 1975, p.48). Será então pela prevalência do objecto ideal que o ego adquire duas crenças, a da bondade do objecto – do outro – e a bondade do ego – do eu – pela identificação projectiva, adquirindo mais força e capacidade para enfrentar as ansiedades sem recorrer a defesas radicais, diminuindo assim quer os medos dos perseguidores, quer a divisão entre objectos maus e bons caminhando para a integração pela diferenciação crescente entre o que é o eu e o que é o objecto, entre ser e não ser. Desta forma, concordamos com a autora acima

citada, ao referir que na prevalência das más experiências sobre as boas, na *posição esquizo-paranoide*, incide a psicopatologia desta posição e convergentemente a identificação projectiva patológica e os seus combates cerrados contra a evolução e o desenvolvimento.

Segal (1975) refere que a identificação projectiva que emerge poderá então ter múltiplos objectivos: dirigida ao objecto ideal, a identificação projectiva utilizada pelo sujeito tem como finalidade evitar a separação; se for dirigida ao objecto mau é-lhe confinado o *poder mágico e onnipotente* de controlar a fonte de perigo e ameaça. Na perspectiva do sujeito, a projecção de várias partes do self pode igualmente ter várias finalidades, pois as partes do self sentidas como más podem ser projectadas a fim do sujeito se livrar das mesmas como também poderão ser projectadas para atacar o objecto sentido como mau; a projecção de partes boas podem igualmente ser projectadas para evitar a separação ou para manter essas mesmas partes a salvo de coisas internas sentidas como más, ou ainda para melhorar o objecto externo através de uma espécie de *primitiva reparação projectiva*.

Na nossa opinião, a grande questão aqui prende-se com a ansiedade sentida e com a idealização. Segundo Segal (1975) a clivagem está ligada à idealização crescente do objecto ideal, pois o objectivo é mantê-lo bem distante do objecto mau, extremando assim a idealização. A nosso ver será então pela identificação projectiva que as diferentes tonalidades da angústia inicial esboçam uma sintonia interna que se situa na intersecção entre bom e mau. Da *posição esquizo-paranoide*, importa ainda referir que é a divisão que possibilita ao bebé sair do caos em que mergulhou pelo sentir e ordenar as suas experiências, pois no início a ordenação pela divisão em objecto bom e objecto mau pode ser excessiva e massiva, contudo, ordena o universo das impressões emocionais e sensoriais e constitui uma pré-condição da integração posterior.

Pela identificação projectiva mesmo que se tratando, nesta fase da vida, de uma forma primitiva de empatia, em que a capacidade de se colocar no lugar do outro se começa a esboçar, e em que "*projecção de partes de si mesmo no objecto e pela identificação de partes do objecto com partes do eu (self), o ego forma os seus primeiros e mais primitivos símbolos*", (Segal, 1975, p. 48). A identificação

projectiva que ocorre com a clivagem do Eu e a projecção de partes boas e más do Self em objectos externos é necessária para que, de alguma forma, se comece a diferenciar, mesmo que de forma temporária o Eu do Não-Eu (Grotstein,1985). Ou seja, na projecção das partes más (ou boas) existe alguma negação do que é projectado, como não pertencendo ao Eu mesmo havendo uma identificação posterior ao que foi projectado. Nesta fase do desenvolvimento, o sujeito utiliza a identificação projectiva de forma relevante pois “ *em fantasia, projecta grandes quantidades de si mesmo para dentro do objecto que fica identificado com as partes do Self que se sente que ele contém. Do mesmo modo, objectos internos são projectados para fora e identificados com partes do mundo externo que vêm a representa-los. Estas primeiras projecções e identificações constituem o inicio do processo de formação de símbolos*”, (Segal, 1954, p. 170). Contudo, os primeiros símbolos não são sentidos pelo ego como substitutos mas sim como sendo o objecto original, o que faz com que a concretude impere sobre a liberdade do sentir o símbolo. Será importante na configuração de identificação projectiva enquanto dialéctica Eu – Não-Eu continuada no tempo para uma diferenciação efectiva entre o sujeito e o outro, assim como será a partir destas experiências que se inscreve a possibilidade do sujeito se colocar no lugar do outro num jogo entre o ser e não ser para que se chegue ao entendimento.

Segal (1954) difere os símbolos originais, – não sentidos como tal mas sim como objectos originais –, dos símbolos utilizados mais tarde através do carácter e função que estão correlacionadas com o carácter das relações entre o ego e os objectos, ou seja, relaciona “ *não apenas o conteúdo próprio do símbolo mas o próprio modo pelo qual os símbolos são formados e utilizados*”, (p.170). A autora sugere que sendo então o simbolismo entendido como uma relação entre três termos, os problemas da formação de símbolos devem ser apreendidos no contexto da relação do ego com os seus objectos (pela ponderação que se enuncia entre o desenvolvimento do ego e o seu modo de lidar com os seus objectos). Assim sendo, na *posição esquizo-paranoide*, e tendo em conta o desenvolvimento do ego, assim como a ansiedade tentada numa contenção pelo mundo externo, reinam as *equações simbólicas* entre o objecto original e o símbolo no mundo interno e no mundo externo. Nas *equações simbólicas* os substitutos dos objectos originais são sentidos e tratados (na comunicação) como se fossem idênticos aos objectos originais, não havendo

diferenciação entre a coisa simbolizada e o símbolo, o que compromete, na continuidade, a diferenciação entre o *Self* e o objecto, ou seja “ *uma vez que uma parte do ego é confundida como objecto, o símbolo – que é uma criação e uma função do ego – torna-se, por sua vez, confundido com o objecto que é simbolizado*” (Segal, 1954, p.172), não havendo diferenciação e separação entre o mundo interno e o mundo externo, entre o dentro e o fora.

Numa especificação, Steiner (1990) explicita que existem níveis de diferenciação dentro da *posição esquizo-paranoide*, sendo que da *fragmentação patológica* inicial emerge a *cisão normal* como medida de integração que possibilita que se desenvolva um bom relacionamento com um bom objecto ao excindir-se impulsos destrutivos que são dirigidos ao objecto sentido como mau. Refere ainda que esta *cisão* não é restrita à *posição esquizo-paranoide*, também ocorre quando o objecto bom é internalizado como objecto inteiro e total, quando os impulsos ambivalentes a este levam a estados depressivos.

Na *posição depressiva* ocorre uma alteração na percepção do objecto externo – na relação precoce, a mãe que contém o bom e o mau – e o curso para a integração do ego como um todo segue o seu caminho na evolução. A diminuição dos mecanismos projectivos juntamente com uma maior integração do ego leva a que a percepção sobre os objectos reais seja menos deformada, o que comportando, por sua vez, que a distância que era imposta à parcialidade em bom e mau diminua igualmente. Segal (1975) explicita que “*Quando falamos do facto de o bebé reconhecer a sua mãe como objecto total, comparamos isso tanto com relações de objecto parcial quanto com relações de objecto dividido (split); ou seja, o bebé se relaciona cada vez mais não apenas com o seio, mãos, face, olhos da mãe, como objectos separados, mas com ela própria como uma pessoa total, que às vezes pode ser boa, às vezes má, presente e ausente, e que pode ser tanto amada como odiada. Ele começa a ver que suas experiências boas e más não procedem de um seio ou mãe bons e maus, mas da mesma mãe que é igualmente fonte do que é bom e do que é mau. Esse reconhecimento de sua mãe como uma pessoa total tem implicações muito vastas e abre um mundo de novas experiências. Reconhecer a mãe como uma pessoa total significa também reconhece-la como um indivíduo que leva vida própria e tem*

*relações com outras pessoas. O bebé descobre seu desamparo, sua completa dependência dela e seu ciúme de outras pessoas”, (p. 81).*

Decorrente e concorrente desta e nesta situação, a identificação projectiva intensifica-se quando a mãe é percebida como objecto total e a partir daí desenrolam-se sentimentos desconhecidos relativamente à posição anterior: o luto e o anseio pelo objecto bom, assim como o sentido de ter perdido e destruído o bom objecto. Dentro da *posição depressiva* emerge a ambivalência e com esta o *desespero depressivo* (Segal, 1975), na ânsia de recuperar aquilo que o bebé sente que perdeu. No auge dos sentimentos depressivos, ocorre uma regressão sendo portanto que os outrora sentimentos persecutórios são novamente projectados e identificados com os perseguidores internos, em parte, segundo Segal (1975), o objecto bom -estimulando sentimentos de culpa e de perda – é, até certo limite, experimentado novamente como perseguidor. Ocorrem tentativas do sujeito se apossar do bom objecto e estas tentativas levam de novo ao emprego da cisão para impedir a sua perda e protegê-lo dos ataques (Steiner, J., 1990).

O conflito depressivo é uma luta constante entre a destrutividade do bebé e o seu amor e impulsos reparadores. O fracasso da reparação leva ao desespero, o seu sucesso à esperança renovada. Pensamos que esta noção de esperança guarda em si no início a identificação projectiva utilizada como veículo de comunicação suficientemente alcançada, a identificação projectiva empática. Steiner (1990) explicita que o ponto de viragem do conflito em causa ocorre quando a tarefa de renunciar ao controlo sobre o objecto é encarada, ou seja, quando o sujeito é confrontado com a sua incapacidade para proteger o objecto. Desta forma também é possível observar a continuidade na evolução da *posição depressiva* composta por uma fase de negar a perda do objecto e uma fase de experimentar a perda do objecto, (Steiner, 1990).

De forma gradual e moderada, a *posição depressiva* vai sendo recuperada alterando-se toda a relação com os objectos, “ *o bebé adquire a capacidade de amar e de respeitar as pessoas como indivíduos separados, diferenciados... torna-se capaz de reconhecer seus impulsos, de sentir responsabilidade por eles e de tolerar a culpa*”, (Segal, 1975, p. 87). O sofrimento do luto e os impulsos do bebé em reparar e

restaurar os objectos amados, internos e externos constituem a base da criatividade e da sublimação, sendo que esta última diz respeito à catarse dos impulsos sentidos como destrutivos, motivada pela preocupação na preservação do objecto externo o que é também a auto-preservação. Por uma espécie de repetição de experiências intercambiadas de luto e reparação e perda e recuperação, o ego do bebé vai-se enriquecendo pelos objectos que teve que recriar dentro de si mesmo e que se tornam parte dele, sendo que esta situação advém da sua auto-confiança na sua capacidade de reter e recuperar objectos bons.

Assim sendo, dá-se o mote para a simbolização propriamente dita, uma vez que se a realidade psíquica é sentida, experimentada e separada da realidade externa, o símbolo é diferenciado do objecto. Esta situação parece-nos em consonância com a distância necessária que caracteriza o lugar do objecto original e o lugar do símbolo, e a nosso ver esta distância relaciona-se directamente com a profundidade e o desconhecido, sendo o simbolismo compreendido numa relação tríplice entre a coisa simbolizada, a coisa que funciona com símbolo e o sujeito para quem uma coisa simboliza outra – o símbolo, “*Em termos psicológicos, o simbolismo seria uma relação entre o ego, o objecto e o símbolo*”, (Segal, 1954 p. 170).

No que concerne à reparação presente e necessária na fase depressiva, Segal (1975) explicita: A *reparação maníaca*, que se caracteriza por três sentimentos fundamentais: controlo, triunfo e desprezo, que surgem como resposta única à negação da *posição depressiva*, como recusa da dependência face ao objecto de amor, controlando-o e desprezando a sua importância pela recusa, a sua necessidade e falta, surgindo assim o sentimento de triunfo sobre os sentimentos depressivos; a *reparação obsessiva* que é caracterizada pela utilização igualmente do controlo do objecto embora difira da reparação maníaca pois existe respeito pelo objecto embora esteja interdito à liberdade; a *reparação simbólica*, o deslocamento e a substituição assim como a sublimação e a criatividade caminham juntos, motivados pela preocupação e o desejo de poupar o objecto de amor. Os sentimentos depressivos e o luto permitem – pelo superar da *posição depressiva* – ao sujeito a progressão pela restauração e recriação dos objectos de amor. A substituição por novos objectos reconhecidos a partir dos objectos de outrora e pela identificação projectiva empática possibilita a formação de símbolos.

Será através da reparação simbólica que a mudança desde os símbolos iniciais – *equações simbólicas* – para os símbolos propriamente formados atinge a plenitude no desenvolvimento inicial, “*quando um substituto no mundo externo é utilizado como um símbolo, ele pode ser usado mais livremente do que o objecto original, já que não é completamente identificado com este. No entanto, na medida que é distinto do objecto original, o símbolo também é reconhecido como um objecto em si mesmo. Suas propriedades são reconhecidas, respeitadas e utilizadas, porque não há nenhuma confusão com o objecto original que borre as características do novo objecto usado como símbolo*”, (cit in Segal, 1954, p.174).

A aquisição da *posição depressiva* explicita-se através da permanência e constância simbólica do objecto total. Segundo Grotstein (2003), o simbolismo do objecto total possibilita e pressupõe a transição de uma visão de mundo *ciclópica* para uma visão *dualística*, ou seja, uma dupla visão fantasmática ou mítica e realista, sendo que é sentida e vivenciada uma necessidade de interacção com os outros que é uma recordação (suportável) permanente de estar separado e numa impossibilidade do conhecimento último e impalpável do outro, que é, segundo o autor acima citado, o principio da alteridade, *o sentido subjectivo da acção*. Esta situação possibilita-nos então reflectir sobre a aprendizagem que por detrás da identificação projectiva inicial se contextualiza no experienciar as flutuações intensas entre vivências que o sujeito vai adquirindo no(s) seu relacionamento(s) inicial(ais) tornando-o apto a agir e reagir, a reconduzir e re-simbolizar, pela comunicação, uma panóplia de situações e contextos quando inserido num mundo estendido entre Eu(s) e Outro(s).

Por outro lado, podemos reflectir em que medida e com que tonalidade emocional e emocionante poderá ter (e ser) o continente materno, se exercitar a sua função como uma espécie de *reparação simbólica*, podendo, ou não, ser equiparada à *função alfa* explicitada por Bion (1959), numa sustentação emocional *suficientemente boa*, explicitada por Winnicott (1975), pela preocupação face a um objecto de amor – o bebé – uma vez que a profundidade necessária do continente no qual a projecção deverá ocorrer pré-supõe então uma ligação e afinidade significativa tripla “*entre a coisa simbolizada, a coisa que funciona como um símbolo e uma pessoa para quem um representa o outro*”, (Morris, 1983 cit in Segal, 1954/1991).

Bion (1961) explicita que no desenvolvimento, na relação entre mãe e bebé, este projecta no seio e na mãe parte do seu self e dos seus objectos internos, dando-se subsequentemente uma introjecção. Desta conjuntura relacional podem ocorrer duas situações no que concerne à natureza do receptor das projecções: numa inscreve-se a capacidade da mãe em tolerar as projecções do bebé, significando-as, noutra a mãe não tem capacidade para tolerar as projecções do bebé e estas voltam a si com mais força e violência. Estas duas situações compreendem-se através de um modelo para a identificação projectiva definido, na relação precoce e representando a origem do pensamento e da simbolização.

Na relação entre identificação projectiva com o pensamento e com a simbolização, explicita-se a definição deste mecanismo como uma actividade mental onde o outro se apresenta com capacidades que permitiriam ao sujeito pensar, conhecer e simbolizar através de uma delimitação significadora de conteúdos intoleráveis, sendo que, e segundo Grotstein (1985), a tentativa de pensar envolve trazer de volta à estrutura psíquica as partículas projectadas e os seus suplementos. Compreendemos estes últimos como a significação emocional que na relação precoce poderá ser a combinação do afecto da mãe mais a sua evolução emocional e mais uma intuição que se desenha no imaginar o lugar do outro.

Em "*Ataques ao Elo de Ligação*", Bion (1957) desenvolve o modelo para o mecanismo de identificação projectiva que apresenta a construção da realidade, a construção do mundo interno e do mundo externo nas suas inter-relações através da combinação dialéctica de *conteúdos* e *continentes*. O modelo representativo desta inter-relação entre *continente* (♀) e *conteúdo* (♂) reporta-se inicialmente, tal como foi já descrito, à relação entre mãe e bebé que podem crescer juntos através da experiência de conter e ser contido, embora, as suas derivações e ponderações sejam múltiplas.

O mecanismo de identificação projectiva explicitado no modelo *continente-conteúdo* compreende-se na base da significação acolhida e pela comunicação de conteúdos intoleráveis a um receptor continente capaz de modificar tais projecções, de modo a que os conteúdos já transformados (pelo outro) possam novamente ser apreendidos pelo sujeito de forma menos penosa. Posto de outra forma, Sandler (1989) esclarece

o modelo de identificação projectiva de Bion como a capacidade da mãe que cuida, que atende e tolera as necessidades e aflições e as raivas do bebé, transmitindo, cada vez mais, uma tranquilizante capacidade de conter esses sentimentos e respondendo de forma considerada e relevante, ou ainda de fazer identificações projectivas das identificações projectivas do bebé. Progressivamente, o bebé apreende que as suas aflições não são desastrosas, e pela internalização da função de contenção da mãe, conquista uma fonte interna de força e bem-estar.

As experiências sensoriais e emocionais muito primitivas do bebé – e que adquirem uma natureza de *coisas-em-si* (Bion, 1991b) – são concretas, são sentidas como algo intolerável e são projectadas num objecto externo – a mãe. Acolhidos e contidos estes elementos são compreendidos e elaborados, sendo então devolvidos já transformados. Tal torna-se possível através da *função alfa* (Bion, 1957), função transformadora das impressões sensoriais, dos elementos intoleráveis e concretos (*elementos beta*) em elementos mentais toleráveis, *elementos alfa* (Bion, 1957), adequados à armazenagem pela mente. A partir de um inter-cambio contínuo entre uma mãe continente e os conteúdos primitivos e fragmentados do bebé, será possível a este último introjectar a *função alfa* que a mãe colocou à disposição na relação precoce num desenvolvimento normal. Esta situação é possível pela função de *rêverie* explicitada por Bion (1961), como sendo a capacidade de sonhar com, na medida em que a receptividade emocional materna possibilitará a “pensabilidade”, pelo capacitar o bebé a introjectar um bom objecto essencial para o adquirir de uma segurança básica e evolução, por exemplo, da *posição esquizo-paranoide* para a *posição depressiva*. A *rêverie* refere-se a um tipo de receptividade da mãe – a sua capacidade de ser receptora suficientemente boa na sua compreensão o que lhe permite suportar as projecções, discriminá-las e agir apropriadamente (Grotstein, 1985). Esta inter-relação poderá ainda ser compreendida como *par pensante* (Grotstein, 1985) na medida em que estabelece um paradigma para a identificação projectiva enquanto modelo e processo comunicacional que leva ao crescimento, ao pensamento, à significação e ao crescimento.

Contudo, este inter-cambio também é modulado pela *capacidade inata do bebé*, (Bion, 1961) em tolerar a frustração aquando da ausência na falta e no não sentido, sendo então entendido o elo de ligação entre os dois como mecanismo de

identificação projectiva. Na relação precoce, “o elo de ligação entre o bebé e o seio depende da identificação projectiva e da capacidade de introjectar a identificação projectiva. O fracasso em introjectar faz com que o objecto externo pareça intrinsecamente hostil à curiosidade e ao método – a saber, identificação projectiva – através do qual o bebé busca satisfazê-la” (Bion, 1959, p. 107). Quando a função alfa falha, os elementos beta proliferam sem qualquer vinculação entre si, nem com o sujeito em si nem em relação com um outro, havendo um comprometimento ao significar das angustias e a partir daí, o não destrinçar, o não individualizar no pensar, nos e os pensamentos, constituindo-se então a *tela β* (Bion, 1991b). Esta assinala e exprime uma incapacidade para simbolizar, na medida em que falha alguma continuidade, alguma sequência, por exemplo, como no modelo da relação precoce mãe – bebé, da introjecção de um ♀ ↔ ♂ por parte do bebé. A frustração e o sofrimento que não são possíveis no confronto com a realidade para assim serem ultrapassados, são afastados, dominando o caos e a confusão. Nestas situações não existe a separação de fenómenos mentais em funções conscientes e inconscientes, não existe separação entre mundo interno e o mundo externo, entre o dentro e o fora, assim como, imperativamente não existe uma verdadeira separação entre o sujeito e o objecto e/ou o outro, assemelhando-se a um sonho ou a uma alucinação (Symington, J. & Symington, N., 1999).

Quando ocorre a introjecção da função  $\alpha$ , pela continuidade de elementos significados, que (se) envolvem internamente, forma-se a *barreira de contacto* (in Symington, J. & Symington, N., 1999), sendo esta descrita como dotada de uma semi-permeabilidade entre o mundo interno e o mundo externo, inconsciente e consciente, entre o eu e o outro, pois ao mesmo tempo que delimita e separa, possibilita a comunicação entre o dentro e o fora, isto é, impede que haja uma invasão massiva dos fenómenos mentais inconscientes nos conscientes e vive-versa pelo inter-cambio que poderá existir e “é enquanto esta membrana está a ser produzida que existe uma correlação em curso dos elementos conscientes e inconscientes os quais após abstracção resultam em compreensão da experiência emocional” (Symington, J. & Symington, N., 1999, p. 68). Na relação precoce, será através desta *barreira de contacto* que se dão os primeiros movimentos comunicacionais entre o sujeito e o exterior e posteriormente entre o sujeito e o

mundo interno e o mundo externo. Neste mesmo sentido, Bick (1967) autora que nos refere que a função interna de conter partes do Self como uma *pele primordial* que, igualmente tal como Bion afirma, dependeria da introjecção de um objecto externo inicial, sentido como capaz de cumprir a função de continente, de limite e de delimitador pelo ancoramento na significação.

Ainda no seguimento da relação *continente-conteúdo* e do lugar da *função  $\alpha$*  no desenvolvimento do sujeito através do significar e simbolizar pelo pensar, Bion (in Zimmerman, 1995) considera que existe uma relação entre pensador – o sujeito que pensa os seus pensamentos – e os pensamentos. Neste sentido refere três tipos de vínculos entre  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ , ou seja entre *significante*  $\leftrightarrow$  *significado*, que se traduzem pela descrição da *relação parasitária*, da *relação comensal* e da *relação simbiótica*.

Na *Relação Parasitária*, quer o pensador quer o pensamento se destroem mutuamente e se nutrem utilizando a mentira como forma de fugir às verdades que assentam na dor, numa intolerância à dúvida, à descoberta, ao desconhecido, à separação, à individuação e à parcialidade intrínseca de ser impar. Na *Relação Comensal* na qual o pensador convive com os seus pensamentos sem grandes atritos também não existem grandes evoluções. Na *Relação Simbiótica*, existe um benefício mútuo, possibilitando, dessa forma, o crescimento do sujeito, assim como uma possibilidade de abstracção dos próprios pensamentos, pelas relações entre continentes e conteúdos que se vão renovando e transformando constantemente. Sobre esta questão, e ainda numa abstracção maior, renovando-se esta teoria sobre o mundo interno e o mundo externo e entre o eu e um outro, Bion (1970, in Amaral Dias & Flemming, 1991) explicita que na *relação comensal* e na coexistência  $\text{♀} \text{♂}$  que integra outros, há uma relação de dois objectos e um terceiro com proveito para os três. Na *relação simbiótica* e na estimulação do progresso, existe a dependência de um objecto a um outro com proveito mútuo, na *relação parasitária* onde o reinado pertence à destruição de ambos, a relação em que um depende do outro para produzir um terceiro, é destrutiva para todos.

Da relação e inter-cambio continente-conteúdo Bion (1991c) refere a relação dinâmica entre a *posição esquizo-paranoide (PS)* – *posição depressiva(D)* para explicitar a formação e utilização dos pensamentos através da conceptualização da

noção de transformação e das suas relações possíveis com o conhecimento, sendo que os pensamentos dependem do modo de passagem de PS para D, ou seja da amalgama de *elementos beta* ( na sua coesão) para *elementos alfa*, da passagem da *equação simbólica* para o *símbolo propriamente dito* e da capacidade em tolerar e significar as perdas e os lutos, a tolerância à duvida e ao desconhecido numa relação dinâmica  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ .

Desta forma pensamos ser útil, de alguma forma, compilar aquilo que se destaca, igualmente, na relação *continente-conteúdo* – como descrição da identificação projectiva introjectada e internalizada por parte de um sujeito na sua relação entre o dentro e o fora, na sua relação entre o mundo interno e o mundo externo entre o Eu e os Outros – tal como foi feito com a *posição esquizo-paranoide* e a *posição depressiva*, na medida em que nos possibilitará perceber de que forma existe e é possível a inter-acção entre PS  $\leftrightarrow$  D e  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ , embora pensemos que a primeira inter-relação se baseie na organização e a segunda na significação dessa organização, pela vinculação.

A relação *continente-conteúdo* participa na organização da mente e do espaço mental em expansão, antes de mais na relação precoce mãe-bebe e depois pela introjecção da *função alfa*, que a mãe coloca à disposição do sujeito, assim como a introjecção do modelo; não serve só para apoiar a *função alfa* mas também está presente na união de uma pré – concepção com uma impressão sensorial que leva à criação de uma *concepção*, a uma compreensão, pela apreensão de um conceito, ou seja, participa na passagem de elementos sensoriais sem-nome nem abrigo (*elementos  $\beta$* ) a elementos que por serem nomeados e contidos (*elementos  $\alpha$* ) permitem a sua livre utilização; pode ser visto como modelo de transformação desintoxicador das angustias primarias desde as relações mais precoces até às relações presentes, assim como “ *na e pela sinapse vinculativa deve possuir em ♀ e em ♂ algumas características fundamentais: em continente deve ser concebido como retículo em que “as mangas” costuradas pelas emoções se “oferecem” como espaços vazios (ou em branco) para os conteúdos. Estes, provenientes de uma base desconhecida, aí poderão encontrar o seu lugar transformado*”( Amaral Dias, C. & Flemming, M, 1991, p 24). Da mesma forma que serve como modelo na relação precoce, este

modelo interactivo entre continente e conteúdo serve a relação analítica, daí algumas considerações serem feitas no contexto da psicanálise e da situação analítica e não na relação precoce, ou em ambas.

O continente deve manter algumas qualidades contínuas no tempo para que possa evoluir, não só enquanto continente mas também enquanto conjunção  $\text{♀♂}$  de forma a que haja cada vez mais evolução. Esta evolução poderá ser representada pela notação de  $(\text{♀♂})n$  (in Amaral Dias, C. & Flemming, M, 1991) e é composta pelo continente tolerante à dúvida e um conteúdo tolerante ao infinito, interagindo com a dor mental, as transformações em, e dentro da realidade original na verdade e em conhecimento só se podem conceber a partir da existência simultânea de  $\text{PS} \leftrightarrow \text{D}$  e  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ , que descrevendo uma evolução, caracterizada por alterações e flutuações entre o presente e o passado, possibilita o progresso e a adaptação. A partir do modelo continente-conteúdo, o sujeito -através da identificação projectiva que está na base da comunicação- evolui e progride pelas diferentes passagens de um modo de sentir desintegrado a um modo integrado, coeso e significado de ser, através do pensamento sintonizado num dinamismo implícito e intrínseco em si mesmo e com os outros e para os outros, pois a formação de símbolos na articulação entre  $\text{PS} \leftrightarrow \text{D}$  e  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$  descreve-se, especificamente, pelo balizamento de um objecto total -  $\text{PS} \leftrightarrow \text{D}$  - e pela nomeação desse mesmo objecto total -  $\text{♀♂}$  - . Ou seja, segundo Bion “ *duma função  $\text{PS} \leftrightarrow \text{D}$  adequada surge o delineamento do objecto total...(...)... enquanto que de  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$  depende o significado do objecto total*” ( cit. in Amaral Dias & Flemming, M, 1991, p. 15).

Ainda sobre a interacção *continente-conteúdo* e a progressão entre *elementos beta* e *elementos alfa*, Bion (1957) considera que a dinâmica que caracteriza o psiquismo poderá ser explicitada em duas partes em todos os sujeitos, embora as suas variações e proporções sejam específicas de sujeito para sujeito. Essas duas partes, Bion (1957), denominou de *personalidade psicótica* e *personalidade não psicótica* que correspondem nomeadamente à parte não simbólica e a parte simbólica e que têm ainda correspondência ao funcionamento mental característico da *posição esquizo-paranoide* e da *posição depressiva*.

Daqui podemos pensar que no reflectir sobre a actuação da identificação projectiva, quer quando a personalidade psicótica se afasta da personalidade não psicótica num sujeito ou o contrario, quando a personalidade não psicótica se destaca da personalidade psicótica, tidas na totalidade enquanto experiência emocional, ou ainda como facções fazendo parte de um todo que engloba parcialidades que se conjugam, as modalidades de intra-comunicação pré-dispõem, ao mesmo tempo que especificam o modo relacional entre sujeito e outro a partir do modo relacional entre sujeito e objecto, pelo e no uso do carácter patológico e/ou empático da identificação projectiva.

Assim, pela variação dos movimentos progredientes e integrativos com movimentos regredientes e desestruturantes, sucedem-se processos de transformação e de revelação necessários ao desenvolvimento do pensar e do crescer pela descoberta do *facto seleccionado* ( in Amaral Dias, C & Flemming, M, 1991). Este consiste numa experiência emocional que emerge e é assinalada e que liga, que dá coerência, significa e simboliza factos conhecidos à priori mas dispersos pois a (inter)relação entre os mesmos ainda não tinha sido descoberta. Através do modelo *continente-conteúdo*, Bion (1991a) explicita como em diversos contextos – na mente, nos grupos, na sociedade – há sempre uma *conjunção constante* de factos ou acontecimentos específicos que ocorrem regularmente juntos. Quando esta ocorrência é observada pode ser nomeada, simbolizada, podendo então estabelecer-se como facto psicológico, quando não é nomeada poderá perder-se a sua significação, pois os elementos dispersam.

Sempre que uma *conjunção constante* se confronta, numa situação de transformação necessária ao re-pensar, re-conhecer, re-simbolizar, ou seja ao crescer, ao evoluir, a situação altera-se instalando-se um clima de catástrofe que Bion (1991a) denominou de *mudança catastrófica*. Este conceito diz respeito ao conjunto de acontecimentos aquando do aparecimento de uma ideia nova, sendo esta entendida como algo disruptivo, disperso numa continuidade de ser até então, e que se inter-relaciona e se equilibra entre o estático e o dinâmico entre o invariante e o que varia. Assim, aquando de uma *ideia nova* que se apresenta como uma experiência emocional de beleza do mundo (Meltzer & Harris ,1994) o caos instala-se pois é sentida pelo sujeito na agitação de toda uma estrutura a ser assimilada, conduzindo a uma

necessidade de pensar e simbolizar as experiências emocionais. Na relação precoce entre mãe – bebe, Meltzer e Harris (1994) explicitam a noção de *conflito estético*, que se relaciona ao de *mudança catastrófica*, sendo o “*estético do exterior da “linda” mãe disponível aos sentidos e do enigmático interior que precisa de ser construído por meio da imaginação criativa*” (op. cit. p. 44).

Indissociado do conceito de *mudança catastrófica* e dos processos que levam ao pensar e simbolizar – as relações dinâmicas entre continente  $\leftrightarrow$  conteúdo, inter-cruzadas com a posição esquizo-paranoide  $\leftrightarrow$  posição depressiva – Bion, (1991c) descreve os processos de transformação para compreender a evolução da experiência emocional contida numa inter-acção entre dois sujeitos, contextualizando a sua explicitação na relação entre paciente e analista. Em todo o processo de transformação (T) quer do Paciente (Tp) quer do analista (Ta) existem quatro elementos: *um estado inicial (O) um mecanismo de acção que produz a transformação ( $\alpha$ ), um produto final ( $\beta$ ) e a permanência de algum grau de invariância.*

Assim, podemos reflectir que das manifestações produzidas do encontro entre duas subjectividades numa intersubjectividade, e sabendo nós que cada um a vivencia na sua própria forma singular, representando-a para si primeiro e depois para um outro, temos um processo de transformação ( $T\alpha$ ) e um produto final ( $T\beta$ ) – que pode ser observado por outro- e no qual se condensam a *realidade original e incognoscível (O)*, um mecanismo de acção que produz a transformação e um produto final e a estabilidade e/ou permanência de algum grau de invariância que possibilita , através da ligação entre determinados elementos, reconhecer a transformação como “*uma representação da situação original*” ( cit in Symington, J & Symington, N., 1991, p. 131)

Bion (1991a) considera que as transformações que ocorrem num contexto, numa experiência emocional, que se encaminham para um processo de conhecimento, se processam através de três modalidades diferentes, mas que se podem conjugar igualmente, não sendo portanto estático o conhecimento e o saber assim como a evolução. Explicita então as *transformações rígidas ou de movimento*, as

*transformações projectivas* e as *transformações por alucinação*. Dentro das primeiras é fácil para o analista encontrar o *facto original* (O) dado que a invariância existe está lá e é pouco distorcida quer no espaço quer no tempo. Segundo Zimmerman (1995) este tipo de transformações encontram-se mais quando um certo mecanismo de defesa prevalece sobre outros, que é a repressão, que operacionaliza um afastamento da percepção, da realidade, contudo existe um grande número de elementos não variantes. Nas *transformações projectivas* é possível ao analista encontrar o facto original pela invariância de novo, mas existe algum atirar pelo espaço e pelo tempo dados elementos que se tentam conjugar numa relação dinâmica continente-conteúdo, subsistindo alguma distancia que é desmedida, assim como a época dos factos se encontra distorcida. Contudo, é possível a interpretação, na medida em que os invariantes podem ser reconhecidos e sustentam e mantêm alguma união entre os elementos. Esta situação decorre quando os pacientes estão no limite do analisável e as deformações acontecem quando existe um emprego precoce de defesas muito primitivas ou/e tendo por fim impedir ou dificultar a percepção de uma realidade. As *transformação em alucinação* consistem numa deformação de tal grandeza que a constante das ligações e desligações prolifera sem sentido. Associam-se às sensações e aos *proto-pensamentos* impregnados de uma ansiedade aterradora, e por não encontrarem uma boa capacidade de serem contidos são re-introjectados sob a forma de *terror sem nome*, sendo depois evacuados, através da projecção, para o exterior. Neste tipo de transformação existe uma intolerância à dor, à ausência do objecto, à frustração pela não significação, anterior que podemos relacionar com a não introjecção da *função alfa* que na relação precoce corresponde ao *rêverie* da mãe em relação ao seu bebé, nem tão pouco à introjecção dos *functores* ♀♂. Este tipo de transformação processa-se na área psicótica da personalidade e compromete a capacidade de formação de símbolos, dado que a abstracção necessária não se realiza pela não distancia necessária entre concreto e simbólico.

Assim, e indissociável de todos os conceitos abordados anteriormente, a teoria do conhecimento, vincula-se à teoria das transformações, aos processos inerentes ao pensamento ( $PS \leftrightarrow D$  e  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ ). A formação do conhecimento encontra-se intimamente ligada à formação dos pensamentos e ambas se originam como reacção à experiência emocional primitiva decorrente da falta, da ausência do objecto, na qual a tolerância à dor trilha o caminho. A este propósito, e ainda sob a luz da

significação e da simbolização na sua relação com o mundo interno e o mundo externo, Bion (1961) diz-nos que a promoção ao pensar advém da pressão da ausência e da falta sobre o sujeito, resultando o pensamento da união de uma *pré-concepção* com uma *realização negativa* (Bion, 1961), compreendida esta, tal como na relação precoce mãe-bebé, como não encontrando este último o seio disponível para a satisfação, vivida a ausência como uma presença negativa. A *pré-concepção* é explicitada como um pensamento vazio que espera uma realização, que na relação precoce corresponderia a uma expectativa inata do seio.

De modo contrário, quando a uma *pré-concepção* se junta uma *realização positiva* forma-se uma *concepção* com uma qualidade sensorio-perceptiva (Bion, 1961). Assim, pensamos que a esta situação o pensar – pela ligação entre mãe-bebé que se desenvolve continuamente subjugada a vínculos que possibilitam as oscilações e as integrações gradativas, – os pensamentos estão e são indissociados das emoções, tal como é necessário que haja uma função vinculante que dê sentido às experiências. Desta forma o autor acima citado descreve o vínculo como resultado da experiência emocional pela qual duas pessoas ou duas partes da mesma estão relacionadas uma com a outra.

Para o vínculo – emocional – entre dois objectos, Bion (1991d), fala em três emoções básicas: o *amor (L)*, o *ódio (H)* e o *conhecimento (K)*. Estes três vínculos estão intimamente ligados entre si e dependem directamente tanto da criança como e principalmente da capacidade de *rêverie* da mãe. Se essa capacidade for adequada, a criança terá oportunidade de aprender com as experiências impostas pela privação e frustração. Neste caso, a criança desenvolverá uma função *K* que a “armará” para enfrentar novos desafios, para aprender com as experiências, à medida que introjecta a *função K* da mãe, a partir do vínculo *K*, a partir do desejo da mãe compreender o bebé que será igualmente estimulante para o desenvolvimento.

Se a capacidade de conter por parte da mãe for insuficiente, as projecções – conteúdos – da criança, retornam a esta sob a forma de terror sem nome, gerando mais dor e angústia, pois não foi alcançado um continente acolhedor, estabelecendo-se um círculo vicioso nocivo que impedirá a introjecção da *função K*. Desta situação, e na incapacidade da significação, da nomeação e na continuidade da dor desligada

do sentido, forma-se um vínculo -K. Assim, no caso de se formar um vínculo -K, a mãe é vivenciada como alguém que retira as coisas boas ao bebê e o deixa cheio de maus objectos. O vínculo -K forma-se nos casos em que a mãe não é capaz de dar nome, de conceituar as angustias que o bebê projecta nela, obrigando-o a fazer uso duma identificação projectiva maciva, na medida em que recebe de volta todos os terrores que inicialmente projectou, e a única solução será projectá-los, de volta, para o real, com a diferença na inexistência dum continente, conduzindo portanto a um atrofiamento das capacidades do ego de perceber, pensar e conhecer.

Segundo Meltzer e Harris (1994), é ainda o vínculo K que conduz à saída de impasses criados pela ambivalência derivados dos vínculos L e H. Com o conhecimento do objecto, o sujeito descobre uma saída pelo *conflito estético*. É pelo conflito *estético* que surge o desenvolvimento, através da dor mental. O conflito estético promove interrogações sobre se a beleza exterior do objecto é acompanhada por uma suposta incerteza sobre a bondade interior, sendo a procura duma resposta a protagonista da motivação para o conhecer, (Meltzer & Harris, 1994). É a partir do vínculo K, colocado na descoberta da e na ligação entre o harmonioso exterior e o que no interior corresponde, que, na nossa opinião, se reforça a distancia entre símbolo e simbolizado, pois conhecer é um acto de partilha, de vinculação entre a consciência e a experiência emocional, entre um sujeito que quer conhecer e um objecto que quer ser conhecido.

De acordo com Bion, o vínculo que se estabelece em -K em nada favorece o processo de formação de símbolos, apenas o perturba, uma vez que este processo (-K) leva à formação das falsificações, mentiras e fantasias que não tomam em conta a realidade, a frustração, a dor e a privação. Ao vínculo K atribui-se a (re)descoberta duma realidade, até então tida como desconhecida, "O", podendo representar o (re)conhecimento de si próprio, do outro, do objecto. O conhecimento, (K), não é mais do que o (re)conhecimento das verdades já existentes, mas desconhecidas, assim, poderíamos falar aqui duma aproximação a "O". Segundo Grotstein (2003), "O" é a obscuridade e a ausência de configuração, que na dispersão, encontra "K" e evolui até um ponto onde pode ser (re)conhecido.

## ***2.2. Identificação Projectiva Patológica Versus Identificação Projectiva Empática – As Suas Totalidades e Parcialidades***

Não nos parecendo importante marcar assertivamente as diferenças existentes entre a projecção, a identificação e a identificação projectiva, pensamos que será, no entanto, de realçar aquilo que diz respeito ao que é e não é identificação projectiva, contendo, no entanto dois movimentos: um de projecção e outro de identificação, não considerando esta ordem, de acontecimentos, absoluta mas sim como se processam os momentos de projecção e de identificação na sua dupla configuração de identificação projectiva, dado ainda este mecanismo não ser a soma de dois mecanismos mas sim de um todo intra-psíquico, que, na nossa opinião, se torna inter-pessoal na medida em que está na base da comunicação e permite o pensar e conhecer, sustentado pela sua definição relacional em ♀♂.

Pensamos que a diferenciação fundamental entre identificação projectiva patológica e identificação projectiva empática caracteriza-se, na concepção de relação Eu – Outro, no respeito pelo outro enquanto sujeito separado e desconhecido assim como o conhecimento vivenciado pelo próprio sujeito de ser e estar separado e distinto em si mesmo. Nessa demarcação conseguimos distinguir alguns indicadores que agrupamos da seguinte forma: uma definição diferenciada e diferenciadora na e da relação sujeito/objecto, mundo interno/mundo externo, eu/outro, ou seja, os limites inter-delineados, a expressão do conteúdo projectado e a expressão do continente assim como a angustia que lhe está associada que, na nossa opinião, pré-determina a natureza da identificação projectiva. Desta forma, achamos que as diversas e distintas formas de identificação projectiva armazenam em si estes invariantes nos seus evidentes e manifestos formatos de relação.

Pensamos, igualmente, que, e tendo em conta a sua definição assente num inter-jogo (continente ↔ conteúdo), conseguimos distinguir, dentro da identificação projectiva, o movimento de identificação como sendo o “*assimilar-se ao outro num movimento de fora para dentro* (Milheiro, J., 1990, p.50), havendo, portanto um movimento de

aproximação do outro a si, e a projecção como sendo o “*assimilar (atribuir) ao outro aquilo que se recusa, num movimento de dentro para fora*”, (Milheiro, J., 1990, p.50), havendo, assim um movimento de afastamento. Desta forma, e tomando à letra o que é descrito, a identificação projectiva será um jogo entre o aproximar e o afastar, entre o ligar, unir e o desligar e separar entre dois movimentos aparentemente antagónicos entre o mundo interno e o mundo externo, e, igualmente, no mundo interno e no mundo externo mediado pela desintegração e a integração.

Torna-se assim possível depreender o carácter total e parcial, quer da identificação projectiva patológica, quer da identificação projectiva empática, nas suas conjugações com os movimentos de projecção e de identificação.

Pensamos que as noções de continente e conteúdo guardam em si a caracterização de identificação projectiva, a sua descrição pausada em limites significados, guardam em si a definição de comunicação entre o sujeito e objecto na sua inter-ligação e significação. Achamos, igualmente, que a noção de identificação projectiva poderá ser representada por uma tentativa de conhecimento e entendimento da e na relação interpessoal, da e na ligação entre fenómenos psíquicos e fenómenos da realidade do sujeito, da realidade do outro na sua interacção e intersecção. Nesse sentido vários autores distinguem projecção e identificação projectiva, o que a nosso ver apresenta alguma relevância pois pensamos que contendo esta primeira a noção e natureza de conteúdo dentro das conceptualizações de identificação projectiva, enquanto conjunção ♀♂, interessar-nos-à a sua reflexão.

Wolheim (1969, cit in Grotstein, 1985) distinguiu a identificação projectiva da projecção pela natureza do conteúdo projectado assim como pelos objectivos, referindo que nos conteúdos da projecção se expõem as propriedades ou qualidades mentais, enquanto que na identificação projectiva o que é projectado são substancias ou coisas, ou seja, partes dissociadas de um Eu, não se libertando, na projecção, o sujeito, de nada enquanto na identificação projectiva ocorre a libertação de um pensamento ou substancia que foi evacuada e permanece dentro do objecto externo. Esta situação representa uma fantasia e na identificação projectiva a fantasia da projecção é seguida de uma outra, visto que o sujeito que recebe a projecção pode ser

controlado ou incorporado juntamente com o conteúdo que foi projectado, (Grinberg, 2001).

Meissner (1989) também distingue a identificação projectiva da projecção afirmando esta última como mecanismo de formação do sintoma, ligando-a a Freud, aos quadros de paranóia e aos sofrimentos incapazes de serem contidos serem projectados sobre objectos exteriores, distorcendo a percepção. Explicita que a projecção juntamente com o mecanismo de introjecção exigem um certo grau de diferenciação entre um sujeito e o objecto, ou seja, existe algum tipo de diferenciação na estrutura intra-psíquica, pois quer a projecção quer a introjecção são responsáveis em parte pela diferenciação entre *self* e objecto afirmando que “*a projecção envolve uma atribuição de partes da representação do self a uma representação objectal enquanto que a introjecção envolve uma atribuição recíproca de partes das representações objectais à representação do self. Ao mesmo tempo são em parte responsáveis pela diferenciação emergente entre self e objecto* (Meissner, 1989, op.cit. p.40). Do resultado dessa interacção surge um padrão ou tela através da qual o sujeito se liga com o mundo dos objectos, assim como se desenvolve a sua capacidade de se relacionar e identificar-se com os objectos do mundo externo, com os outros, determinando, por sua vez, a qualidade das suas relações objectais. Quanto à identificação projectiva o mesmo autor refere, e no seguimento de uma linha kleiniana, que, enquanto mecanismo intra-psíquico, este emerge como parcela de uma parte psicótica no qual o *self* ou partes do *self* são projectadas para dentro de um objecto e o *self* se torna identificado com o objecto. Contudo, propõe uma diferença fundamental na identificação projectiva, que relacionamos com o facto de ser um mecanismo que ocorre num só sujeito ou entre vários sujeitos, e nesse sentido diz-nos que na comunicação do sujeito para consigo mesmo, a projecção dá-se em relação à própria representação objectal do sujeito e a identificação que se segue ocorre como mecanismo intra-psíquico. Num contexto inter-pessoal a projecção “*se dá numa mente enquanto que a(s) identificação(ões) se dá ou dão noutras mentes*” (op. cit. p. 53).

Desta forma parece-nos que enquanto a projecção segue um caminho junto da introjecção, a identificação projectiva surge tanto como mecanismo intra-psíquico, na medida que possibilita a comunicação do sujeito consigo mesmo, como pode seguir

um trilho com vista ao inter-pessoal, na medida em que possibilita a comunicação do sujeito com os outros através de si-mesmo. Pensamos, então, que o que aqui se coloca em pano de fundo terá a ver com os limites sujeito/objecto, pois enquanto que na projecção se esbatem as fronteiras, e em certa medida a distorção da realidade se torna relevante, embora na relação ao exterior a ligação não seja mantida, na identificação projectiva a diferenciação sujeito/objecto tem que existir para que, por exemplo, ocorra em termos interpessoais, dado que entre o Outro e o Eu tem que haver algum tipo de entendimento, que, na nossa opinião, se relaciona com a operacionalização da identificação projectiva ao serviço das relações interpessoais: a compreensão, a contenção, a empatia.

Kernberg (1980) distingue a projecção da identificação projectiva a partir da separação entre mundo interno e mundo externo, entre o eu e o outro, explicitando que na projecção não existe empatia com o é projectado inicialmente, enquanto que na identificação projectiva, entendido como mecanismo primitivo de defesa, existe uma acção inconsciente de induzir no objecto o que é projectado na interacção real com o mesmo.

Assim, temos que na projecção ocorre um distanciamento ou alienação quanto ao objecto como finalização, eficaz no esforço defensivo enquanto na identificação projectiva, e seguindo uma linha kleiniana, existe a propensão para tentar controlar o objecto como continuação dos esforços defensivos contra uma experiência intrapsíquica intolerável, o que faz com que haja uma ligação que é mantida nesses mesmos esforços, na nossa opinião pela ligação deste mecanismo ao pensar, conhecer e significar.

A identificação projectiva, na sua oposição à projecção, reflecte um conteúdo projectado sob outra pessoa, de partes cindidas do self ou de um objecto interno, (Kernberg, 1980). Contudo e embora, considere a projecção um mecanismo mais evoluído que a identificação projectiva, Kernberg (1980) considera que o sujeito que utiliza a identificação projectiva tem que atingir algum grau de desenvolvimento, na medida em que há uma diferenciação entre o Eu e não-Eu, entre a realidade psíquica e a realidade externa, embora afirme que uma das diferenças entre projecção e

identificação projectiva assente na fluidez de limites na identificação projectiva, enquanto que na projecção as fronteiras entre self e objecto são mantidas.

Concordamos com a perspectiva dada à identificação projectiva explicitada por Sandler (1989) que refere que na identificação projectiva, quando utilizada defensivamente, o movimento de projecção pode ser parcial ou total. Quando a projecção é parcial, o sujeito projecta no objecto apenas aspectos de si, sendo que o objectivo é livrar-se dos aspectos indesejados de si próprio. Quando a projecção é total, o sujeito projecta-se na totalidade dentro do objecto, sendo o objectivo desaparecer no outro ou controlar o outro para fugir ao desamparo. Moses (1972) também distingue a projecção em parcial e plena, embora afirme que o contacto com o objecto não é suficiente para designa-lo como identificação projectiva.

Contudo, e pensando na conjunção entre projecção e identificação, esta situação também merece a nossa atenção, no sentido em que explicitamos também a natureza da projecção na identificação projectiva nas suas diferentes contextualizações de relação entre o sujeito e o objecto, entre o mundo interno e mundo externo, entre um Eu e um Outro. Assim temos que na projecção parcial os autores referem que há atribuição de material que é projectado noutra pessoa, mas não há retorno dessa projecção sob o sujeito que projectou; na projecção plena existe um elo de ligação com o objecto receptor e com o conteúdo projectado sob o mesmo.

Num mesmo caminho de distinção e reflexão do que acima é descrito, Grotstein (1985) refere que a diferenciação do conteúdo da projecção e do conteúdo da identificação projectiva esbate-se na prática clínica, uma vez que as qualidades mentais são um modo de expressão sobre os objectos internos além de que a projecção, para um objecto externo, de um conteúdo é uma negação da identificação implícita na projecção. Segundo este autor, não se faz projecções nos objectos do mundo externo, faz-se projecções nas imagens que se tem dos mesmos, afirmando que qualquer projecção é identificatória nalguma medida. O que nos leva, de certa forma, a reforçar um pensamento já anteriormente inscrito neste texto, que é o de que na concepção de identificação projectiva existe a priori a noção de ligação entre o sujeito que projecta e o receptor dessa projecção como fundamento para o desenvolvimento, para a transformação, pela significação. Nessa noção de ligação

presente no mecanismo de identificação projectiva, a nosso ver, inscreve-se a noção de conteúdo, uma vez que este transporta a identificação projectiva utilização como método de ligação entre o sujeito e objecto.

Assim e no seguimento de uma linha operacionalizadora sob a qual esboçamos a conceptualização de identificação projectiva – a relação continente↔ conteúdo – Grotstein (1985) refere que não pode haver identificação projectiva no vazio, uma vez que precisa de haver a concepção de um objecto que seja receptor/continente do conteúdo que se projecta e essa concepção pressupõe à priori a localização do mesmo. É preciso que haja um objecto dotado de profundidade que seja capaz de conter a projecção (Grotstein, 1985), o que entendemos como característica do continente, para que ocorra a significação.

No que concerne à angústia presente na utilização do mecanismo de identificação projectiva, Grotstein (1985) e Grinberg (2001) falam de dois tipos de angústia: a angústia original que a experiência de separação estimula na mente do bebé ou no paciente e a angústia que é resultante do emprego da identificação projectiva, que é, por exemplo, a ansiedade claustrofóbica ou a resultante da crença de que se está aprisionado na substância ou na influência do objecto, o que, pela sua qualidade, poderemos afirmar que é directamente proporcional à qualidade da identificação projectiva, que vai de um sentido mais comunicativo e interpessoal, mais empático, até um estado de não separação total entre o sujeito e o objecto.

Por fim e ainda para caracterizar e descrever do mecanismo de identificação projectiva, tendo em conta as suas definições, a expressão continente e conteúdo, e os seus limites inter-delineados, pensamos que as classificações de Grinberg (12001) assim como de Grotstein(1985), especificam a variabilidade composta das características deste mecanismo .

Grinberg (2001) para classificar a identificação projectiva, fala de uma disposição na qual o acento é posto sobre a qualidade da mesma, percorrendo um caminho que vai do mais empático até ao patológico. Desta forma explicita que existem identificações projectivas normais ou realistas (ou seja dissociações normais) e identificações

projectivas patológicas (que caracteriza através da onnipotência, hipertrofia de múltiplas fragmentações, de objectos bizarros, explosivas e do tipo hipérbole.

A orientação da identificação projectiva é descrita pela direcção a um objecto externo, à superfície de um objecto externo, a um objecto interno, e dirigidas ao corpo. Os objectivos da identificação projectiva seriam: a comunicação, a preservação, a reparação, a evacuação, controlo e destruição. A natureza do conteúdo projectado seriam aspectos do self, ideias, impulsos ou afectos, enquanto que por outro lado, teríamos a projecção total de objectos internos. Quanto aos efeitos no sujeito que utiliza a identificação projectiva, Grinberg (2001) descreve a empatia, o alívio, a confusão, a dependência e a claustrofobia, a onnipotência e a onisciência. E sobre os seus efeitos no objecto, o autor descreve a empatia, a reactivação de sensações de contra-transferência e reacção de contra-identificação projectiva, definindo esta última, e num contexto entre paciente e analista, como a reacção do analista face à identificação projectiva que pertence ao paciente, podendo esta ocorrer de acordo com várias tonalidades.

Grotstein (1985) também subdivide as diferentes formas de identificação projectiva incidindo sobre o sujeito que utiliza a identificação projectiva, embora, na nossa opinião, esta caracterização recaia particularmente sobre os objectivos pelos quais um sujeito utiliza determinado formato de identificação projectiva. Assim temos que o Eu que utiliza este mecanismo pode: 1) retornar a um estado indiferenciado de unidade fusional com o objecto, escurecendo a distancia e distinção entre sujeito e o objecto e entre o dentro e o fora (*Identificação projectiva fusional*); 2) invadir o objecto para controla-lo ou ser controlado por ele, assim eliminando os sentimentos de desamparo (*Identificação projectiva simbiótica*); 3) evacuar ou recusar aspectos de si mesmo e depositá-los num objecto para alcançar a divisão; 4) externalizar aspectos de si mesmo, de modo a reconhecer os objectos análogos como familiares e identificar-se com eles (*percepção e pensamento incipiente*); 5) vasculhar o ambiente em busca de objectos que se vinculem com aspectos de si mesmo (*exploração*); 6) comunicar-se com outros aspectos intra-psíquicos de si mesmo, bem como com objectos externos (*Identificação projectiva interpessoal a serviço das relações objectais*). Desta forma, fala que existem duas categorias de identificação projectiva separadas e distintas: a) a externalização que refere como sendo a identificação

projectiva no ou com o objecto sem transformação do sujeito ou do objecto; b) a identificação projectiva defensiva que resulta numa transformação do sujeito e do objecto. Pensamos, contudo, que a identificação projectiva defensiva nem sempre apresentará no inter-jogo entre o sujeito e o objecto uma vertente patológica cerrada e estática, assim como achamos que a identificação projectiva empática poderá acarretar uma transformação quer do sujeito quer do objecto, uma vez que concordamos com premissas explicitadas por Bion que o crescimento e o amadurecimento só poderão ocorrer quando a transformação ocorre.

Desta forma, pensamos que a estruturação de identificação projectiva tal como se encontra descrita acima poderá ser pensada dentro da estruturação descrita por Sandler (1989) que explicita a identificação projectiva de 1º estágio, 2º estágio e 3º estágio, seguindo uma linha evolutiva do conceito de acordo com Klein e Bion.

*A identificação projectiva de 1º estágio* surge inscrita numa conceptualização a semelhança à da adoptada por Melanie Klein (1946) e é nomeada como uma fantasia inconsciente na qual ocorre a identificação com partes dum objecto sendo esta considerada como “absorção” de aspectos da representação objectal pela representação do self e a projecção sendo um deslocamento na direcção oposta, na qual aspectos da representação do self são deslocados para uma representação objectal.

*A identificação projectiva de primeiro estágio* envolve uma projecção, por ser uma identificação do objecto com partes clivadas e expelidas do self (Sandler, 1989), ou seja, o objecto real – externo ao sujeito – neste tipo de identificação projectiva não é afectado, pois as partes do self colocadas no objecto são-no no objecto da fantasia e não no objecto externo. Na *identificação projectiva de 2º estágio*, ocorre uma extensão e/ou mudança na relação entre mundo interno e mundo externo, na medida em que na relação entre um Eu e um Outro, este último se identifica com o objecto representado em fantasias por um sujeito, o suficiente para reagir à projecção efectuada. Na *identificação projectiva de 3º estágio*, o mecanismo explicita-se como uma externalização de partes do self ou do objecto interno, como se ocorresse directamente para dentro do objecto, passando a projecção a ser percebida como uma forma de alcançar uma significação ou de expulsar algo intolerável ou ainda de

evacuar uma não-significação. Nesta definição encontramos a noção de continente, pela função de significação.

Pensamos então que existem diferenças acentuadas na identificação projectiva defensiva e/ou patológica e a identificação projectiva empática e estas a nosso ver, vão além das características dos limites entre dentro e fora, entre mundo interno e o mundo externo, entre sujeito e objecto. Estas diferenças, a nosso ver prendem-se com a estruturação e amadurecimento do Ego, com o adquirir, ou não, da *posição depressiva*, da utilização ou não do símbolo na sua função de restauração e, por conseguinte, do pensar e conhecer como evolução, adaptação e desenvolvimento.

Desta forma, podemos reflectir em que medida a identificação projectiva patológica e a identificação projectiva empática não poderão se sub-dividir em parcial e total, - tendo em conta que este mecanismo está na base da formação de um símbolo -, pois surge como modelo para o pensar e pode descrever a inter-ligação entre o sujeito e as suas diversas partes assim como habita a comunicação de um sujeito para um outro, estando, portanto, presente na intra-comunicação e na inter-comunicação. Assim, e na ligação à noção de *functores* ♀♂, pensamos que a identificação projectiva patológica pode dividir-se em identificação projectiva patológica total e identificação projectiva patológica parcial. A identificação projectiva empática seguirá portanto o mesmo caminho: identificação projectiva empática parcial e identificação projectiva empática total. Pensamos que esta questão de parcialidade e totalidade, de certa forma, poderá ser diferenciada pelo carácter comunicativo que este mecanismo apresenta, ou seja a sua diferenciação ao nível do intrapsíquico e/ou interpessoal, os limites entre o mundo interno e o mundo externo, a separação entre sujeito e objecto, o movimento de ir e vir comunicacional, que pressupõe a fusão e o envolvimento e depois a restituição e/ou recuperação.

A identificação projectiva patológica total poderá então ser caracterizada à semelhança da conceptualização de *relação parasitária* (♀↔♂), pela intoxicação presente na relação, na não delimitação entre dentro e fora, entre mundo interno e mundo externo e pelo não alcançar da separação entre sujeito e objecto.

A identificação projectiva patológica parcial poderá ser descrita, por exemplo numa relação interpessoal que tal como Ogden (1994) explicita através do *terceiro intersubjectivo*, sendo a sua característica principal e diferenciadora descrita na não recriação mútua dos sujeitos implicados numa intersubjectividade. Ou seja, a re-apropriação em si mesmos, por parte de um dos sujeitos recai, pela intolerância, na incapacidade que albergar um conteúdo (significado) antes de um continente capaz de o conter.

Na identificação projectiva empática parcial, a intoxicação não se rege pela dispersão de elementos não significados mas sim na re-apropriação após a simbolização, após significação, na dificuldade de separação. A intoxicação surge como conteúdo específico que é a não separação e individualização, por parte de um dos sujeitos, pela não passagem da *transformação projectiva* à *transformação rígida*, pela não significação no momento de re-apropriação por parte de uma das subjectividades, num processo intersubjectivo. Podemos pensar que esta situação se pode assemelhar à *relação comensal* na medida em que existe proveito para dois e para um terceiro, embora a evolução não traga acréscimos significativos em termos de evolução mútua.

Por fim, a identificação projectiva empática total poderá ser descrita como aquela que ocorre numa dada intersubjectividade e que contem a noção de relação entre continentes e conteúdos. Ambos os participantes são projectores e receptores, havendo a possibilidade de recriação de ambos assim como da própria intersubjectividade. Esta situação poderá assemelhar-se à conjunção de *relação simbiótica* e *relação comensal* descritas por Bion (1991).

Parece-nos que Rosenfeld (1988) explicita a identificação projectiva patológica quer total quer parcial de uma forma clara e concisa, especificando seis formas da identificação projectiva a partir de uma conceptualização dentro de uma linha kleiniana, na qual se distingue a cisão do Ego no qual partes boas e más do *Self* são projectadas sob a forma de amor ou ódio para dentro dos objectos externos, ocorrendo uma fusão das partes do *Self* projectada sobre o objecto externo. Segundo este autor, a identificação projectiva faz parte duma relação narcísica com a mãe dado que qualquer separação (entre sujeito e objecto externo) é negada, sendo que

uma das principais ansiedades da identificação projectiva onnipotente é a ansiedade paranoide. Compreende a identificação projectiva, na relação transferencial entre paciente e analista explicitando-a a partir de seis modos de actuar que percorrem um caminho do mais evoluído para o mais patológico como: a) método de comunicação; b) como negação da realidade psíquica; c) como controlo onnipotente no corpo e a mente do analista, representando portanto um relacionamento transferencial; d) utilizada com propósitos defensivos; e) como uma espécie de parasitismo; f) como uma espécie de delírio.

Em todas as formas, refere-se à identificação projectiva utilizada quando o ego ainda não se encontra totalmente desenvolvido numa estruturação única e a uma relação objectal precoce, comparando-a em termos evolutivos à relação simbiótica inicial mãe – bebé.

Relativamente à identificação projectiva utilizada como método de comunicação, Rosenfeld refere que a significação devolvida das projecções anteriores que continham impulsos, ansiedades ou partes do *Self* retornam ao sujeito que se encontra mais capaz de lidar com as suas angústias, o que é fundamental para o desenvolvimento do ego, seguindo de certa forma, o modelo continente-conteúdo explicitado por Bion. Decorrente desta situação, parece-nos então que falamos de identificação projectiva patológica uma vez que não há separação entre o sujeito e o outro contudo, uma identificação projectiva parcial na medida em que a contenção pela significação é possível na devolução, sendo no entanto a transcrição não significada de uma angústia que persiste na incoerência desvinculativa dos diferentes elementos que compõem a projecção e não a significação do próprio conteúdo.

Na segunda forma de identificação projectiva, parece-nos que a tolerância do continente (mãe da relação precoce, analista na descrição do autor) é a questão relevante, pois “ *nesta situação, o paciente excinde partes de seu self, além de impulsos e ansiedades e projecta-as para dentro do analista com o propósito de evacuar e esvaziar o conteúdo mental perturbador, o que leva a uma negação da realidade psíquica... (...) quer que o analista tolere os processos de evacuação e a negação de seus problemas..*” (Rosenfeld, 1971 p. 129,). Esta situação, na nossa opinião, assemelha-se mais à projecção visto que na devolução significativa parece

existir uma recusa identificatória daquilo que pertence ao *self* o que implicaria a ordenação inscrita no sentir da individuação.

A terceira forma de identificação projectiva é explicitada por este autor como a projecção intensa de partes do *self* nas quais o movimento de identificação no outro (o analista, segundo Rosenfeld) remete para uma localização total, isto é, é identificado totalmente com essas partes projectadas, “*frequentemente predomina a projecção das partes loucas do self para dentro do analista. O analista é então percebido como tendo se tornado louco, o que suscita extrema ansiedade, pois o paciente teme que o analista, em retaliação, force a loucura de volta para dentro do paciente, privando-o completamente de sua sanidade*” (Rosenfeld, 1991, p. 129). Desta situação decorre o perigo de desintegração dado que a comunicação entre o sujeito e o outro fica comprometida pela interferência, da identificação projectiva utilizada, na capacidade de pensamento verbal e abstracto o que produz uma concretude dos processos mentais na (con)fusão entre a realidade e a fantasia. A diferenciação e a distância entre o simbolo e o objecto é estreita sendo que as palavras e os seus conteúdos são experimentados pelo sujeito como objectos concretos não-simbólicos, parciais.

Quanto à utilização da identificação projectiva patológica utilizada como método defensivo, o autor refere que a defesa é mais contra a inveja do que propriamente contra a separação, explicitando que “*enquanto o paciente está a viver um estado de fusão com o analista (pela identificação projectiva) atribui a si próprio todo o valor do analista; corresponde a um estado de narcisismo onnipotente* (Rosenfeld, 1991, p. 89)), pois tudo o que de valioso é sentido na relação analítica é considerado por si mesmo como sendo parte do seu próprio *self*. Esta situação segue o modelo de identificação projectiva de Melanie Klein, uma vez que ocorre a projecção de partes más do *self* (inveja) sob o objecto externo considerado bom, fazendo uso de uma identificação projectiva defensiva intensa e total.

No uso da identificação projectiva como forma de parasitismo e como forma de alucinação, Rosenfeld (1988) clarifica dois tipos similares de relações de objecto. No parasitismo, o sujeito tem a fantasia de viver inteiramente dentro do objecto e comporta-se como parasita que vive das capacidades alheias. Podemos pensar que se

trata de uma identificação projectiva total igualmente como a anterior existindo contudo uma diferença, pois a inveja também existe mas trata-se mais de uma combinação entre a negação da primeira e a agressividade e /ou hostilidade, configurando um quadro de grande inércia por parte do sujeito, em parte como defesa contra toda a emoção dolorosa. O sujeito “ *suga o amor e a benevolência do hospedeiro para extrair conhecimento e poder que o habilitem a envenenar a associação e destruir a indulgência da qual ele depende para a sua existência*” (Rosenfeld, 1971, op. cit. p. 134). Nesta situação, e aquando da identificação projectiva defensiva e total, o combate contra a desvitalização completa de um mundo interno apoia-se num continente revigorado e revigorante do mundo externo não para se identificar com as partes boas (do objecto) mas sim para projectar e corroer (des-identificar) essas mesmas partes boas do outro.

No uso de identificação projectiva patológica como uma espécie de delírio, numa relação objectal delirante, o que nos leva a pensar numa espécie de identificação projectiva patológica e total descreve-se a completa ausência de dor e de liberdade, sendo que o sujeito, similarmente à forma de utilização de identificação projectiva anterior, vive inteiramente dentro de um objecto, através do qual se separa do mundo externo que se torna extremamente irreal, “ *este mundo ou objecto delirante parece dominado por uma parte onnipotente e, algumas vezes, onnisciente do self*” (Rosenfeld, 1991, p. 134).

No mesmo sentido de Rosenfeld (1991) embora com diferenças acentuadas no que diz respeito ao intercambio entre continente-conteúdo, Ogden (1994) descreve a identificação projectiva através da *intersubjectividade* implícita no processo inter-relacional entre um Eu e um Outro, entre receptor e projector, afirmando que o grau de patologia associada à experiência de identificação projectiva não pode ser medida pelo *grau de coersividade* envolta na fantasia inconsciente de subjugação, mas sim que a patologia na identificação projectiva é um reflexo do *grau de inabilidade* ou pouca vontade dos participantes (no processo de identificação projectiva) em se libertarem um ao outro ou um em relação a outro da subjugação de um terceiro pelo acto de reconhecimento da sua própria unicidade, individualidade separada de um outro. Pensamos que neste caso podemos falar de identificação projectiva patológica parcial na medida em que a dificuldade de reconhecimento do processo de separação

– individuação de um dos participantes torna o grau de identificação projectiva patológica de uma forma parcial, na medida em que apenas um dos participantes do processo de inter-relacionamento poderá não ter uma capacidade de se negar e ser negado num processo mútuo de subjugação e de recriação de uma nova entidade, pela sua incapacidade de não separação e individualização.

Ao falar de Identificação projectiva patológica, Grotstein (2003) explicita que quando, no seu uso, ocorre a projecção de aspectos infantis da personalidade com fins na invasão do objecto ou numa re-apropriação deste, a identificação projectiva que toma lugar envolve um retrocesso na diferenciação entre *self* e objecto.

Pensamos de igual forma relativamente à identificação projectiva empática parcial, uma vez que existe uma separação que poderá ser possível de observar e reflectir sobre a mesma, através da intersubjectividade e das características quer do continente e do conteúdo, ou seja no *entre* dinâmico que caracteriza a intersubjectividade e o inter-relacional que qualifica a relação entre o receptor e o projector da identificação projectiva, contudo, pensamos que a diferença entre identificação projectiva patológica parcial e identificação projectiva empática parcial é proporcional à intensidade da angustia ligada à capacidade, ou não, de separação e individualização após a ligação e fusão e à passagem de uma *transformação projectiva* a uma *transformação rígida* que pressupõe um trabalho de “alfabetização”, à capacidade de ser continente num mesmo tempo que é contido.

Por fim, pensamos através da conceptualização de *terceiro intersubjectivo* (Ogden, 1994), se poderá explicitar a identificação projectiva total empática, numa relação interpessoal, através do *terceiro subjugador*, a partir duma dialéctica entre a intersubjectividade e duas subjectividades, ou seja, a partir da explicitação que Ogden faz sobre o mecanismo de identificação projectiva. Pensamos que a sua explicitação poderá ser percebida pela descrição da dialéctica ( $\leftrightarrow$ ) existente entre continente e conteúdo. Assim, Ogden (1994) propõe-nos um conceito de identificação projectiva visto como uma qualidade discreta da experiência intersubjectiva que não ocorrendo de uma forma isolada do resto da vida emocional tanto serve como pano de fundo à experiência assim como toma um lugar de destaque. O autor explicita a identificação projectiva como uma dimensão de toda a

intersubjectividade, afirmando que todo o ser humano tem necessidades profundas de estabelecer construções intersubjectivas (incluindo identificações projectivas) de forma a descobrir uma saída, uma resposta ao sem fim de imaginações no seu mundo interno, da mesma forma e com a mesma intensidade de satisfazer a sede ou a fome.

Pelo olhar de Ogden( 1994) sobre a identificação projectiva, reconstrói-se toda uma maneira de re-pensar a identificação projectiva com duas subjectividades aliadas inconscientemente na projecção dos recursos das suas próprias individualidades e a intersubjectividade partilhada para escapar ao solipsismo das suas próprias existências. Esta forma de entender a identificação projectiva pode ser pensada como comportando um paradoxo, pois os sujeitos envolvem-se de uma forma inconsciente subjugando-se a eles mesmos numa mutualidade gerando um terceiro – *sujeito da identificação projectiva* – com o propósito de se livrarem a eles mesmos dos limites do que tinham sido até aquele ponto. Esta situação na nossa opinião implica o exercício e a tolerância à mudança, ao infinito e à dúvida enquanto tolerâncias características quer do conteúdo quer do continente.

O autor acima citado, explicita a identificação projectiva entre o receptor e o projector ambos abafados e vitalizados no processo inter-relacional de inter-cruzamentos de identificação projectiva através da criação de uma nova entidade intersubjectiva. Assim num projecto intersubjectivo, entre projector e receptor, o projector entra num processo de negação de si-mesmo como um eu-separado e ao fazer isso torna-se outro para si-mesmo, num momento, a nosso entender, de fusão e envolvimento com um Outro.

O receptor é e não é ele próprio a uma certa distancia, ou seja, numa relação entre um *Eu* e um *Outro*: o *Outro* (receptor da identificação projectiva) é o *Eu* (projector) até à extensão que o *Eu*, em si-mesmo, necessita para experienciar, através do *Outro*, aquilo que não consegue experienciar em si-mesmo ou o *Outro* não é a extensão que o *Eu* necessita para retirar uma parte de si e em fantasia esconder-se a si mesmo (distinto do não-Eu).

Uma das facetas interpessoal da identificação projectiva explicitada por Ogden( 1994) envolve a transformação do receptor por parte do projector assim como do

projector por parte do receptor. Pensamos que neste processo entre duas subjectividades tanto receptor e projector são ambas as subjectividades num mesmo espaço e em tempos diferentes que se conjugam, associam e sintonizam, através e na intersubjectividade e na criação do *terceiro sujeito* (conjunto e a meio) deste processo contido imaginariamente, na intersubjectividade, pois o inter-jogo das subjectividades não tem uma só faceta nem tem apenas um lado (Ogden, 1994), cada pessoa esta ser negada pelo outro enquanto sendo novamente recriada numa tensão dialéctica única gerada pelos dois.

Segundo Ogden (1994) não é suficiente dizer que a identificação projectiva representa uma forma poderosa de identificação e de projecção ou o somatório das duas mas antes deve ser compreendida como uma mutua negação e criação assim como preservação dialéctica de sujeitos em que cada um se permite ser subjogado pelo outro, isto é negado de tal forma que através do outro se transforma num terceiro sujeito (o sujeito da identificação projectiva), que não sendo o sujeito da intersubjectividade, é pois um novo sujeito, pela integração da criação na qual esteve envolvido com um outro, através da recriação de uma intersubjectividade. Isto é, a nosso ver, e na sua expressão de relação  $\text{Eu} \leftrightarrow \text{Outro}$ , a integração da criação conjunta para cada um dos sujeitos: *Eu/Terceiro/Outro*.

Dentro do contexto analítico, no qual o autor descreve todo este processo intersubjectivo, diz-nos ainda que a identificação projectiva envolve um tipo de colapso parcial do movimento dialéctico da subjectividade e da intersubjectividade, resultando na subjugação das subjectividades de analista e analisando. Ambos são abafados assim como vitalizados e a nova entidade intersubjectiva é criada, isto é o *3º analítico subjogado* (Ogden, 1994) e que se torna um veículo através do qual pensamentos podem ser pensados, sentimentos sentidos, sensações podem ser experienciadas.

O sucesso deste processo constitui-se na re-apropriação, re-significação e re-criação transformada das subjectividades pelos participantes como sujeitos separados (contudo inter-dependentes) e individuais. Parece-nos assim, desta forma e num processo complexo e duplo entre continentes e conteúdos que a identificação projectiva empática total poderá ser explicitada pelo resultado da re-criação não só

da intersubjectividade que existe entre os dois participantes deste processo mas também dos dois participantes.

Pensamos que estas duas recriações, sendo uma delas faz referência aos dois sujeitos, às duas subjectividades, se descrevam pela inter-dependência conjunta e equivalente, das duas subjectividades, na re-criação de si mesmos através de micro-processos de projecção e negação e identificação assim como de subversão sem no entanto pudermos falar de invasão do e no objecto mas sim de uma mútua intimidade, reciprocidade e ressonância responsiva por parte de cada um dos participantes, a partir da intersubjectividade investida e recriada pelos dois participantes, sendo esta a mobilizadora do processo de recriação de dois.

Neste mesmo sentido, Grotstein (2003) fala-nos da *transidentificação projectiva* explicitando que a projecção neste mesmo processo de *terceiridade* explicitada por Ogden (1994) diz respeito à projecção na imagem, fantasiosa ou simbólica de uma outra pessoa. A nosso ver, este tipo de identificação projectiva e/ou *transidentificação projectiva* poderá se caracterizar pela relação dinâmica entre um Eu e um Outro, num balanceamento entre opostos que se equilibram, entre o ser sendo e não sendo o outro, entre o(s) eu(s) e não eu(s), e na qual a tónica é colocada numa dinamização de identificações projectivas cruzadas num processo duplo para cada um dos sujeitos, numa dialéctica entre continentes-conteúdos, suportada e sustentada pela intersubjectividade ,antes e a meio, que possibilita e mobiliza a recriação conjunta num jogo de ligação, união, transformação, cisão, desligação e integração contida num micro processo de separação-individuação renovado em si-mesmo e nos outros: os dois sujeitos envolvidos neste processo de evolução.

### ***2.3. As Dialécticas e Dinâmicas da Identificação Projectiva no(s) Espaço(s) e no(s) Tempo(s)***

Ainda sobre o processo de identificação projectiva definida a partir dos *functores* ♀♂, as suas inter-relações e as suas expressões, compete-nos agora conceber a sua natureza pelos espaços e pelos tempos que se unem e se aliam aos conceitos de desintegração e integração, inter-cambiados pelas noções de comunicação, transformação, simbolização, amparadas pela dialéctica entre *posição esquizo-paranoide* e *posição depressiva*, assim como *continente* e *conteúdo*. Estes conceitos possibilitam então especificar a identificação projectiva como a capacidade de conter, empatizar e compreender, assim como descrevem a noção de continente como uma malha emocional que filtra, depura e mundifica, sem universalizar, o conteúdo, dando-lhe sentido e coerência, que na relação expressa entre um Eu e um Outro compreendemos como a curiosidade sobre si, sobre o outro, sobre o mundo interno, sobre o mundo externo, no pesquisar, no explorar, no desejo de encontrar – no e o mundo e nas e as suas relações – e na vontade de procurar – o (des)conhecido, o familiar, no (des)envolver e (de)volver- entre aquilo que é e /ou não é.

O nosso objectivo neste capítulo passa então pelo entendimento da noção de identificação projectiva – condensando os seus diversos ramos significantes e significadores de si mesmo que se enredam e que se abrangem entre si, dando lugar a *factos seleccionados* – pelo espaço e pelo tempo, suspendendo estas duas noções entre Bion, Kant e Grotstein, numa espécie de criação de um *terceiro analítico* (Ogden, T., 2004) com propósitos na sua apreensão da sua movimentação pelas diferentes dimensionalidades e na sua captação emergente e que acontece e se sucede na expressão da relação entre um Eu e um Outro. Como da criação de um *novo objecto* surge na sua interioridade, facções de um Eu e de um Outro, como da combinação entre mundo interno e mundo externo, entre o dentro e o fora, se mobiliza e movimenta a identificação projectiva num caminho que parte de um sujeito para um outro, num Eu/**Outro** para um Outro **Eu** que não Outro mas sim um Eu/Outro transformado e significado em si mesmo, um *Eu/Terceiro/Outro*, (Ogden, 1994).

Este capítulo, apresenta como objectivo a conceptualização de identificação projectiva na sua complexidade e pensando-a como um meio através do qual um sujeito se encontra apto em testar e sustentar a sua vida psíquica pela projecção de aspectos de si-mesmo sobre o ambiente, sobre o outro e perceber a reacção desse a essas mesmas partes projectadas, (Malin, A. & Grotstein, J. S., 1966), é pois a

explicitação da identificação projectiva como um processo *intersubjectivo*, dando seguimento ao que inicialmente se esboçou como noções a apreender neste capítulo.

A identificação projectiva é vista, então, como processo de comunicação alicerçado precisamente pela fusão entre o sujeito e o objecto e que desdobra a recriação no desprender pela diferenciação, ou não, de um novo sujeito e novo objecto pela conflitualidade entre opostos que se complementam numa dupla combinação de inter-relações entre a ligação e a desligação, entre a desintegração e a integração, entre sujeito e objecto, entre mundo interno e mundo externo, partindo do caos num caminho até à ordenação, movendo “ *as representações que adquirimos mediante a atenção, com a imaginação, cuja actividade consiste em suscitar ao lado da intuição de um objecto, a imagem de um outro objecto que de qualquer modo está ou estava ligado ao primeiro*” (Hegel, 1989, p. 268), e accionando transformações pelo reconhecer possível das constantes das ligações e desligações entre os diferentes elementos que compõem um objecto, leia-se invariantes, efectuadas num processo contínuo de ser em desenvolvimento e evolução.

Tendo em conta as noções dialécticas que levam à formação de um novo objecto ( $PS \Leftrightarrow D$ ;  $\text{♀} \Leftrightarrow \text{♂}$ ) na sua junção semelhante à *tese* enquanto situação inicial, *antítese* definida como seu contrário e a *síntese* como o resultado entre tese e antítese (Hegel, F., 1989), num processo de conhecimento, Sandler (2003) comprime a teoria de Bion da seguinte forma:

Tese		Antítese	Síntese
PS	$\Leftrightarrow$	D	PS $\Leftrightarrow$ D, a vida mental (uma explicitação gráfica mais precisa, da formulação de Melanie Klein)
Contidente	$\Leftrightarrow$	Contido	A Mente
Transformações em alucinação	$\Leftrightarrow$	Transformações em K	Transformações em O (percepção da realidade)
Mentira	$\Leftrightarrow$	Verdade	Transformações em O
Personalidade neurótica	$\Leftrightarrow$	Personalidade Psicótica	Personalidade
Hipótese definitiva (elemento $\beta$ )	$\Leftrightarrow$	Elemento $\alpha$	Sonhos, mitos, pensamento

Dentro desta perspectiva, e tomando em conta o que antes foi descrito, pensamos que as diferentes dialécticas fazem parte de um processo de simbolização e por conseguinte de conhecimento, no qual a identificação projectiva joga um papel importante nas dinâmicas implícitas ao crescer na e em relação entre sujeito e objecto, entre mundo interno e mundo externo, entre o eu e o outro, pois constitui-se, – desde o início da vida- e constrói-se simultaneamente. É unidade a partir dos *functores* ♀♂ e, também, função interna continente que é igualmente o modelo que permite a internalização da mesma. Exprime e expressa-se como uma teoria de relação que comporta operações complexas de posse, perda e reencontro simbólico, reproduzindo a capacidade que o sujeito vai adquirindo em se fundir e se separar e re-individuar, decorrida pela e na necessidade de conhecer e vinculando e veiculando emoções e afectos num caminho de redescoberta e na re-des-coberta em “O”, pela capacidade subjectiva, crescente e progrediente, de ser e de conter a diferenciação estendida entre símbolo, simbolizado e sujeito que simboliza.

De acordo com Ogden (1985) o processo dialéctico – que está na base da criação subjectiva - é um processo no qual dois conceitos opostos são criados, informados e preservados na negação do outro, cada um permanecendo numa relação dinâmica com o outro caminhando em direcção à integração que nunca está completa pois a cada nova integração se impõe uma nova oposição dialéctica ( desintegração) e uma nova tensão dinâmica ( desintegração↔ integração). A manutenção desta dialéctica, segundo ainda o mesmo autor, só é possível na transformação da unidade mãe-bébé - que não precisava de símbolos- para uma espécie de *terceiridade* caracterizada por três entidades separadas: o símbolo entendido como pensamento, o simbolizado, que é o que é pensado sobre e o sujeito que interpreta, o pensador que cria os seus próprios pensamentos e interpreta os seus próprios símbolos. Esta realidade interna só se torna possível quando existe a possibilidade de um sujeito se situar num *espaço potencial* entre o mundo interno e a realidade externa, num espaço que está entre o objecto subjectivo e o objecto objectivamente percebido, entre as extensões do Eu e o não-Eu (Ogden, 1985). Será então importante notar que serão precisamente as oscilações, e a capacidade do sujeito para as manter, que é possível, na bidireccionalidade que descreve a identificação projectiva, jogar com a ideia de ser outro embora sabendo que não é, o que torna possível experienciar uma identificação e depois outra pois o lado oposto da dialéctica – igualmente mantido – diminui o

perigo de estar preso no outro ou em ultimo caso de se perder no outro, como no caso de uma espécie de identificação projectiva patologia total.

Pensamos, então, que as oscilações – e dialécticas – decorrentes do processo de identificação projectiva caracterizado como acima se descreve, poderão ser pensadas em termos de dimensões espaciais e temporais se pensarmos nas características do sujeito e do objecto nas suas intra e inter-ligações que promovem alguma circularidade através das diferentes experiências iniciais e constantes até determinado momento – momento de captação das mesmas – na mudança e no caso, necessárias ao (re)pensar, renovar e (re)simbolizar.

Na descrição das experiências de espaço interior, Grotstein (2003) explicita as diferentes facetas da dimensionalidade psíquica através das quais nos é possível dar algum relevo à identificação projectiva na sua evolução e como expressão da evolução do sujeito em relação às características da *posição esquizo-paranoide* e *posição depressiva* dentro das quais se inscrevem modalidades relacionais entre *continente e conteúdo*. Assim temos que a identificação projectiva é um fenómeno que ocorre na primeira e na segunda dimensão mas também pode ocorrer na terceira dimensão que é perceptível através do mecanismo de deslocamento.

Na *primeira dimensão* surge a identificação projectiva na (con)fusão entre o mundo interno e o mundo externo, entre o eu e o outro, que pela condição entre espaço e tempo, faz predominar a concretude na procura de um continente externo, que desintensifique e seleccione o tempo sentido como “intensamente específico” e polarizado (Grotstein, 2003) e contenha um espaço sentido como universal. A *unidimensionalidade* é característica da *posição esquizo-paranoide* e existe uma *visão ciclópica* do mundo pela fusão de dois.

Na *segunda dimensão*, a identificação projectiva refere-se, principalmente, à diferenciação e separação entre self e objecto, embora de uma forma superficial ou de superfície, na qual não é tomada em consideração a profundidade do sujeito nem dos outros, pois esta é experienciada no limite sentido como catástrofe. A *bidimensionalidade*, segundo Grotstein (2003), assume a operacionalização de formatação para a terceira dimensão com a criação de espaço significado, o que na

nossa opinião se assemelha à noção de espaço que existe entre dois, não sendo nem um nem outro, mas sim o que a meio existe, também sentido como limite. O que se pode assemelhar à construção de uma *pele e/ou barreira de contacto* que possibilitará o mergulho na profundidade tolerando o infinito e o desconhecido pela elasticidade da significação da(s) emoção(ões), assim como um bailar psíquico, num meio entre a fantasia e realidade que transporá o sujeito para a intersubjectividade.

Na *terceira dimensão*, a identificação projectiva assume a sua vertente empática, tal como descrita anteriormente. O espaço continente da mente alcança os objectos em e na sua profundidade, dado que se encontram no domínio da sua representatividade, (Grotstein, 1978), perante a aquisição de um espaço e de diferentes tempos pelo *pensar assimétrico* que impõe a noção de ordem. Pelas suas características, a *tridimensionalidade* caracteriza a *posição depressiva* e as relações nas quais o temor ao desconhecido e à incerteza não constitui impasse na evolução, pelo desempate proporcionando pelo vínculo K, que coloca num “tripé” de vinculação (L – K- H) as transformações em “O”.

Na detenção da conceptualização da identificação projectiva como *terceiro intersubjectivo*, e na inter-relação entre *continente* ↔ *conteúdo* e *espaço* ↔ *tempo*, pensamos que o *entre*, o *meio*, entre dois, poderá ser descrito por um tempo-espaço, contínuo que leva à significação pela possibilidade da extensão existente entre a *equação simbólica* e a *representação simbólica*. Ou seja, transporta a própria relação continente – conteúdo, como conjunto.

Entendendo a noção de espaço como a forma da experiência e/ou percepções externas, (Kant, 1988) e a noção de tempo como a forma de vivências ou percepções internas considerando no entanto o seu privilégio, uma vez que o tempo é a forma de sensibilidade externa e interna com referência a objectos exteriores e acontecimentos internos, abrangendo assim a totalidade das vivências possíveis (Kant, 1988), pensamos que, à semelhança de um *espaço potencial* no qual se inscreve a função de ligação e de desligação, a identificação projectiva poderá ainda ser, – através da sua conceptualização na intersubjectividade - explicitada entre um Eu, um Outro e um espaço intermédio entre os dois e como tal, comportando-se nesta tridimensionalidade, a interacção entre as três dimensões descritas acima.

Assim na relação continente – conteúdo, pensamos que o conteúdo enquanto contido, pelo apresentar de características de outrora, não poderá se ligar a um outro conteúdo, pela(s) sua(s) representação(ões), levando portanto ao alargamento de um espaço psíquico, à passagem da *unidimensionalidade* à *bidimensionalidade* até à *tridimensionalidade*. Isto, é pela função de ligação do continente, podemos reflectir em que medida a ligação entre um contido e um conteúdo, não levará ao aumento da capacidade de ligar, pelo “tecido” que se forma da conjunção de conteúdos dentro de continentes, estendendo-se dessa forma a capacidade de ligações que se podem estabelecer assim como a capacidade do continente conter. Pensamos pois, que a identificação projectiva utilizada no deslocamento, na tridimensionalidade psíquica poderá também explicitar, pelo conter, a função de contenção, na relação eu– outro.

Pensamos, então que podemos reflectir até em que medida o conteúdo enquanto contido, que apresenta características de outrora, pela função de ligação do continente, não se poderá ligar a um outro conteúdo, pela sua representação, levando a um aumento da capacidade de conter de um sujeito, pela conjugação de conteúdos dentro de continentes, pelo tecido que se forma da conjunção de conteúdos dentro de continentes, estendendo-se a capacidade de ligações que se podem estabelecer, assim como a capacidade do continente conter.

Assim, pensamos que a identificação projectiva poderá ainda ser pensada tal como explicitada por Ogden (1994), na integração de um Eu, um Outro e um espaço intermédio entre dois como comportando as três dimensões descritas acima, se tomarmos em conta que a identificação projectiva é, antes de mais, um processo complexo de recriação de dois e de um terceiro que a meio se encontra, e se integra, envolvendo-se, neste processo, *relações comensais* e *relações simbióticas* entre sujeito e objecto, entre sujeito e sujeito, entre sujeito e intersubjectividade.

Assim, a identificação projectiva poderá ser pensada através das dimensões que se transportam no Eu e no Outro, enquanto mecanismo intra-psíquico assim como mecanismo interpessoal, na primeira, segunda e terceira dimensão se contermos num todo a definição de processo tal como explicitada por Ogden (1994) e/ou se pensarmos no processo de evolução, como que de um todo se tratasse, no qual encontramos três tipos de identificação projectiva que se assemelha às definições de

Sandler (1989), já mencionado no capítulo anterior, sobre a *identificação projectiva de 1º estágio* – que remete para a relação entre a representação objectal e a representação do *self*, através da movimentação de identificação e projecção, *identificação projectiva de 2º estágio* – que remete para a explicitação de co-acção e reacção entre um sujeito e um Outro – e a *identificação projectiva de 3º estágio* – que remete para a função de continente –.

Por fim, pensamos que a identificação projectiva poderá ser explicitada como processo intersubjectivo, e implica na criação quer da função de contenção assim como pode ser percebida como conteúdo numa relação entre dois, na criação de um terceiro. Assim, pensamos que durante este processo intersubjectivo se inscreve a fusão entre dentro e fora, entre o sujeito e o objecto, entre um Eu e um Outro pela reunião de processos de negação e subjugação, clivagem e projecção com identificação, numa relação combinada de conteúdos e continentes com possibilidade de ser e não ser através da extensão da representabilidade.

Na recriação de si mesmo e do Outro, na experiência de ser receptor e projector, pensamos que o que Ogden (1994) nos explicita, através do *3º sujeito subjugado*, que se esboça dentro da intersubjectividade, ou seja, no espaço entre dois num mesmo tempo que é de dois, faz referência, precisamente ao espaço potencial. Este espaço potencial vai ser recriado, quer pelo projector quer pelo receptor, e serve de continente e suporte aos conteúdos projectados, quer do receptor quer do projector, através da negação de cada um da subjectividade do outro, sendo esta operação o mote para a recriação de cada um dos participantes neste processo de fusão e envolvimento.

Nesta co-acção conjunta, pensamos que existe o estabelecimento de uma *relação simbiótica* (Bion, 1991) entre as duas subjectividades ao mesmo tempo que se estabelece uma *relação comensal* (Bion, 1991) entre três (as duas subjectividades e a intersubjectividade), formando-se um *par pensante* (Grotstein, 1985) sobre um continente momentâneo, um *espaço-tempo*, que é o sujeito e a intersubjectividade.

Ogden (1994) diz-nos que a identificação projectiva pode ser entendida como uma criação mútua, negação mútua e preservação da dialéctica dos sujeitos, cada um

permitindo-se ser subjogado pelo outro ou seja negado de tal forma que através do outro se torna num terceiro sujeito, que podemos entender na aquisição da identificação projectiva na tridimensionalidade psíquica e que dentro desta existe a possibilidade – pelo jogo entre o um Eu e o espaço potencial entre dois- uma dinâmica entre a primeira, segunda e terceira dimensões na construção do sujeito assim como do objecto, do mundo interno e do outro pelo seu inter-relacionamento com a realidade externa, pela preservação e renovação da dialéctica entre fantasia e realidade.

Dentro deste contexto, pensamos, então, que podemos falar em identificação projectiva na primeira dimensão pelas características presentes na projecção de aspectos de um sujeito num outro, o que é possível pela fusão entre si e o outro, assim como nessa fusão, o sujeito se torna outro pela negação de si-mesmo. A identificação projectiva de segunda dimensão estaria presente na extensão da *equação simbólica* e do símbolo propriamente dito, experienciada como tensão, limite e delimita entre um Eu e um Outro. A terceira dimensão da identificação projectiva, na nossa opinião, encontra-se implícita na aquisição permanente de subjectividade dos dois sujeitos, presente na faculdade de se situarem num *espaço potencial* mantendo a sua configuração entre símbolo, simbolizado e o sujeito ao mesmo tempo em que se envolvem numa relação com um outro, mantendo uma outra relação na intersubjectividade, desenvolvidas estas duas relações, na significação da tensão, numa interacção que sustenta a criação de um novo sujeito, como um *Eu/Terceiro/Outro*.

Assim pensamos que tal como a identificação projectiva pode ser descrita no primeiro estagio, segundo estagio e terceiro estagio, como uma forma não continuada no tempo e como descrição do desenvolvimento do espaço interno entendido como continente, também pode ser explicitada contendo três conjunturas cada uma comportando as suas características únicas e que possibilitam num contexto interpessoal e intersubjectivo a preservação das diferentes dialécticas que ao longo do tempo se vão complexificando, entre dentro e fora, entre sujeito e objecto, entre mundo interno e mundo externo, entre um Eu e um Outro e possibilitam o alargamento do espaço interno significado pelo uso da identificação projectiva enquanto continente-conteúdo e enquanto modelo da função continente.

### ***3. Ao Encontro da Identificação Projectiva no Processo Adolescente***

Para compreendermos o papel, as características e as funções do mecanismo de identificação projectiva no processo adolescente, assim como entender de que forma este mecanismo se torna útil e eficaz neste *processo de hominização* (Mendes Leal & Brito Garcia, 1997), pensamos que uma breve descrição sobre o desenvolvimento do corpo e da mente adolescente em novos despertares de pensamentos e formas de Ser e de Estar, assim como de reafirmar e co-firmar de um “eu” e de “uns” outros, nos possibilitará perceber as missões adolescentes, os seus apelos a si próprios e aos outros, assim como – e tal como nos propomos – perceber o como e para quê do uso da identificação projectiva nesta etapa dura, nova e tantas vezes revoltada e revolucionária na vida de um sujeito. Perceber nos seus desejos, nas suas consciencializações, na sua formação de valores, nas suas lutas por e para ser diferente e ser igual ao mesmo tempo e numa conquista de um novo espaço, perceber a narrativa dos seus (com)passos ora silenciosos ora embaraçosos que se inscrevem num processo que vai da Pessoa ao Eu.

Será neste nicho que nos propomos falar do processo adolescente como um processo de transformação simbólica, no qual faremos surgir a identificação projectiva como mecanismo intra-psíquico e inter-psíquico que ora desliza, ondula e flui por entre limites que irão se encontrar, afirmar e conter, ora graceja, releva e revela conteúdos, que preenchem e enchem esvaziando os sentires, renovando e reciclando dobras, duplos, abandonos, lutos e estações ainda despovoadas mas desejadas e onde, pelo adolecer florescem carris de inúmeras primaveras que se vão espalhando pela estrada de novas emoções, pelo agasalhar de orlas de novas noções. Na adolescência, do regresso à mudança, do mergulho no desencontro ao nascer de si, envolvem-se e permutam-se, entre desertos e paraísos, vazios impulsionantes e dores desconcertantes, janelas para um novo mundo: o lugar próprio.

Sabemos que a adolescência não é uma simples transição da infância à idade adulta, possui características próprias. Propomo-nos a uma procura aqui, na composição das

diferentes tonalidades da identificação projectiva, a sua musicalidade pelo espaço e pelos tempos adolescentes, mediadas por vértices, ora extremos, ora de extremidades dignas de morosidade, ora aceleramentos ligeiros mas inquietos e ansiosos. Pensamos que a identificação projectiva joga um papel importante neste tempo de redescoberta, no espaço interno e externo habitado e frequentado pelo sujeito e pelos outros, num caminho tantas vezes íngreme, tantas vezes inócuo, ainda que *“há um lugar do entre que se entre-abre ao sujeito na relação sujeito-objecto e sujeito consigo mesmo que sustentando pela descoberta essencial da identificação projectiva nos reenvia a outras dimensões do saber/não saber, ir sabendo – não sabendo”* (Amaral Dias, op cit. in Mendes, Leal, M., R., & Brito Garcia, 1997). No limiar do assombroso e do espantoso, pensamos que a adolescência é o encontro solene, no espaço, entre a construção, o limite e o construtor, que sonha um projecto, esboça outro e cria um a meio, o seu. Projecto esse animado e acalorado num tempo existencial único em que só pode ser se estiver disposto a perder.

A Adolescência apresenta-se ao mundo como retículos que sem serem fechados – pois assim como se liga à infância também se conecta com a idade adulta que vem depois – re-organiza e organiza-se segundo o(s) seu(s) próprio(s) movimento(s) e ensejo(s). Quando pensamos na palavra adolescente pensamos *“... no crescimento do corpo que se acelera e nas transformações internas que vão tomar o organismo capaz de realizar as tarefas da maturidade... (....) ...a sensibilidade renova-se pelo despertar...”* (Debesse, M., 1976, p. 29).

Os diversos aspectos do mundo adolescente sugerem-nos falar nas suas relações com pais e amigos, as suas relações ao mundo interno e ao mundo externo assim como os seus diferentes momentos e movimentos num alargamento no qual o objectivo primordial, na adolescência, será alguma espécie de depuração com condensação de dois mundos que se encontram num *entre*, uma exploração que configura as suas (re)actualizações nem sempre presentes nas perdas, nos lutos, nas suas renovações e re-transformações em e para si-próprios e nos e para os outros, nos grupos que se escolhem, nos amores e desamores que neste mundo esculpem os bordadores que se entre adivinham e se entre avizinham.

Parece-nos então plausível perceber onde e como se situam os adolescentes e quem são os adolescentes, que definição descreve a adolescência tal como enunciação, tal como conceptualização aceite, e neste trabalho assente sobre a simbolização, sobre a adaptação, sobre a evolução, sobre a integração e a renovação. Pautando o caminho através da identificação projectiva pensada como estando na base da simbolização, pensamos a adolescência como um processo de transformação que da/na insuportabilidade contínua de um limite sentido e vivido, nesta etapa da vida, conduz e promove, na singularidade, um caminho num Outro como passatempo e jogo de similaridades no qual o empenho intenso de ser outro(s) implica uma íntima fusão sustentável, pois assenta numa (sua) frequência de conservar para/e Ser.

Concordamos com a perspectiva de Braconnier e Marcelli (2000) no que diz respeito a uma noção mais ou menos concreta sobre adolescência, englobando esta a conjunção para reconhecer a importância dos problemas de espaço, de tempo, de identidade. Um espaço psíquico a amplificar, a aumentar e a adensar, tempo de ameaças, de conquistas e de escolhas, tempo sub e sobre-vivido, dominado por um presente suspenso, atirado, submergido, revoltado, impulsionado, recomeçado e renovado. Tempo colocado entre o passado, sinalizado na nostalgia e na mágoa, e o tempo futuro, marcado pela esperança sem desesperança, que por vezes sorratamente angustia o espaço de uma nova re-instalação. É este “adolescente” que procuraremos descrever, o adolescente do tempo da espera, que espera pois o todo o desenvolvimento psíquico se inscreve num história de um antes, da espera e pela e na apreensão, que se configura no passado, presente e futuro.

Propomo-nos, então a focalizarmos a nossa atenção para perceber e descrever o processo adolescente como um processo de transformação simbólica, distinguindo neste a falha como promotora do desenvolvimento percebendo onde e como se desenrolam as relações que se estabelecem, privilegiando os seus encontros na noção de relação eu – outro(s), com objectivos no captar e destacar do mecanismo de identificação projectiva, que dá voz ao processo de (re)simbolização.

### ***3.1. O Processo de Transformação Simbólica na Continuidade de Ser***

Da descrição da adolescência como um *segundo nascimento* ( in Amaral Dias & Nunes Vicente, 1984), numa perspectiva idealista e tal como na infância se partiria para o bem, como uma segunda edição da infância ora como uma fase de transição entre o mundo infantil e o mundo adulto (Blos, 1985) se inscreve o adolescente, “*um pensador atento*” ( Coimbra de Matos, 2002, p. 21), no seu *Ser sendo* contínuo, crescente e na progressão, traduzindo-se em processos de desapego da infância e que são acompanhados por uma espécie de revisão da relação. Esta será a nossa perspectiva esboçada no texto que se segue. Os objectivos desenrolam-se na procura do papel e das características da identificação projectiva na adolescência como um todo (pré-adolescência e adolescência propriamente dita) dando algum relevo àquilo que consideramos condensador de todo um processo de reconstrução adolescente: a variação entre o abandono e o (re)encontro, entre o infantil e adulto, entre o mundo interno e o mundo externo, entre o igual e o diferente, entre o eu e o outro, tendo como pano de fundo a urgência e a turbulência existente entre o familiar, o estranho e o desconhecido.

Das várias teorias que nos falam sobre o processo adolescente, como que numa continuidade de ser, descontínua, com algumas rupturas ou com crises sucessivas, sabemos que o estatuto dado à adolescência confere-lhe um desenvolvimento marcado por alterações e transformações não menos importantes de outras fases e de onde se destacam necessidades de negociação de tendências opostas e contraditórias (Marques, 1991). Esta autora considera que estes processos de transacções e permutações mobilizam grandes quantidades de energia, sendo o mundo interno adolescente e o externo vivenciados num rodopio de grandes intensidades, tomando a instabilidade o “terreno”, o que coloca as capacidades de adaptação quer a si mesmos quer aos outros precárias, sendo portanto estas inquietantes pela sua indeterminação, oscilando numa regressão, digressão, incursão também e progressão nem sempre seguras mas capazes, eficazes e muitas vezes dando conta de extraordinárias flutuações inter-cruzadas e embrulhadas entre si mas que apresentam um objectivo

comum: a continuidade em e no Ser. Certo é que o adolescente sente dificuldade em representar a continuidade dentro da pessoa que foi antes, imatura, assexual e não responsável, com a actual representação madura, sexual e responsável, (Dias Cordeiro, 1988). Mas serão precisamente essas dificuldades, numa mobilidade intensa de viver, impetuosa, intranquila e inquietante, que o fazem avivar, revolucionar e crescer.

A partir destas dificuldades, surgiu uma ideia de descontinuidade – presente nas noções de crise e de ruptura – para descrever o processo adolescente. Contudo parece-nos que esta ideia traduz a qualidade evolutiva adolescente, se se tomar em conta os movimentos temporários pelos mesmos adoptados, assentes na intensa turbulência e premência emocional que nesta fase da vida atinge o sujeito numa instabilidade psíquica, na demanda de uma nova estruturação implicada na reconstrução de um corpo novo.

A ideia de descontinuidade, ao traduzir e significar a confusão entre normal e patológico, pode ser vista dentro do próprio desenvolvimento, traduzindo uma ideia fecunda e inovadora que obedece ao princípio da progressividade e da evolução, sendo o seu inverso a fragmentação ou ruptura que assinala o fracasso do processo adolescente. Fragmentação esta que contraria e é distinguível das noções de clivagem e de desarticulação necessárias nesta re-organização psíquica.

Do ponto de vista de uma sequência progrediente, será necessário uma continuidade para o adolescente, mas também tolerar a descontinuidade, numa “ *auto-representação estável para que as experiências contínuas de descontinuidade sirvam ao reforço dum sentimento de permanência e não criem fractura. O problema dos limites é naturalmente posto em jogo na adolescência.....(....), não pode solucionar-se senão na ausência de ruptura*”, (Ladame, 1985, p. 157). Contudo, segundo Ladame (1985) este conceito de ruptura torna-se pertinente apenas no plano da psicopatologia da adolescência.

Esta questão da descontinuidade e continuidade aparece-nos explicitada por Marques (1994), que nos diz que a caracterização da adolescência surge através de teorias que ora valorizam quer dimensões externas, e aí podemos falar em rupturas, ora noutras,

nas quais o privilégio é dado ao mundo interno, e aí falamos de continuidade em ser, e talvez igualmente, em estar, embora a referida autora explicita que estas noções e definições não descrevem o espaço real em que vive o adolescente, na medida em que nos diferentes períodos ou fases que atravessa neste processo de *adolescere* existem estratégias ocasionais, que se poderão assemelhar a crises ou rupturas, na procura de (re)soluções dum conflito interno com vista à adaptação, sendo que “entre o que pode e deve permanecer ligado e o que pode e deve desfazer-se para ser ligado e re-ligado de novo, inaugura-se um tempo a ser vivido, experienciado e inaugura-se também a necessidade dum novo espaço”, ( op. cit. p. 476). Parece-nos então que o que aqui se descobre e se apura é a atribuição de sentidos para o que é, conjugando-se aquilo que foi e aquilo que será num “*trilho tortuoso, hesitante, custoso; trilho a construir num labor imenso, num cenário às vezes despovoado, outras vezes habitado por personagens mágicas, potentes, onipotentes, mas também, e ao mesmo tempo, por personagens maléficas, aterradoras, eventuais representantes da desertificação e da castração. Conviver num tal cenário privado, interno, obriga muitas vezes a procurar no exterior, uma delimitação e uma definição que não se sente existir dentro, podendo surgir, então, as condutas externas, que podem corresponder a múltiplas soluções ensaiadas, a ensaiar*”, (Marques, 1994, p. 476)

Alain Braconnier (1985) também refere que os conceitos de crise e de ruptura são muito ambíguos, isto na medida em que estes conceitos podem ser utilizados quer como exposição dos aspectos mais profundos e intensos das transformações que caracterizam o viver adolescente, assim como, por outro lado, sugerem uma paragem, uma interrupção ou uma mudança brusca e decisiva na continuidade psíquica do sujeito; um rompimento no sentido de si mesmo, da organização das identificações, do mundo fantasmático e do sistema de ideias. Para este autor, a rapidez das substituições provoca, frequentemente, uma espécie de amnésia do estado precedente e leva o adolescente a crer que vive sempre no presente. Mas o que está aqui em jogo é o rompimento da *memória psíquica* e não o da *continuidade psíquica*. Assim, mediante tais perspectivas, este autor propõe que tais termos sejam substituídos pelo conceito de processo de transformação. Este processo caracteriza-se por vários sistemas de acção, uns continuando a desenvolver-se e outros formando-se pela primeira vez. A adolescência poderia ser definida, então, através de

acontecimentos, tais como o acto de pensar, que num desenvolvimento contínuo, passariam do desligamento ao ligamento, e num movimento que vai da clivagem à integração. Outros acontecimentos que, objectivando-se pela genitalidade, implicariam um novo limite, entre o masculino e o feminino e pela constituição do ideal do eu. Estes acontecimentos ou acções, se conservariam num movimento activo de actualização, o qual teria como responsável para tal, o choque ou confronto entre as acções que continuam a desenvolver-se e as novas que serão formadas, (Braconnier, 1985).

Concordamos com a perspectiva de Braconnier, pois tomando a adolescência como um processo de transformação, nela ocorre a ligação dos elementos que surgem alternadamente do mundo interno e do mundo externo, dando vazão à confusão, à desordem, criada principalmente pelo surto pubertário e conseqüente tensão pulsional interna, o que implica significa-la de nova ordem num processo que envolve uma relação comunicacional com o outro, onde a identificação projectiva tem um papel importante no estabelecimento não só de limites que progressivamente se instalam, novamente, assim como na construção do próprio sujeito. Este processo poderá assemelhar-se ao que Bion chama de *mudança catastrófica*.

Num reforço deste pensamento, Salgueiro (1990), encara o processo adolescente à luz da mudança catastrófica, o que compreendemos através duma relação entre a *posição esquizo-paranoide* e a *posição depressiva*. Compreendemos a noção de *mudança catastrófica*, dentro do processo adolescente, como noção que poderá expressar a relação entre a desintegração e a progressão com vista à renovação, que poderá expressar, na adolescência, o crescer, transformar e criar novos objectos com novas características, novas relações, desenvolvendo, crescendo e expandindo o seu pensamento sem resistência ao conhecimento, e pela desistência do passado, co-existindo e promovendo todo um desenrolar de novas mudanças e adaptação a uma ideia nova a integrar : um novo corpo que se enlaça e alcança nas novas relações que se estabelecem no sujeito consigo mesmo e com os outros.

Nesta fase do desenvolvimento podemos ver o uso da identificação projectiva pela sua intensidade. Ou seja, a identificação projectiva é utilizada duma forma excessiva na pré-adolescência, revelando-se na pouca diferenciação entre self/objecto, o que se

traduz na dificuldade em pensar e simbolizar pela impossibilidade de articular, significar as suas inquietações. Na pré-adolescência assiste-se a um surto pulsional – libidinal e agressivo – que sem novos objectos de amor e sem novo fim pulsional impossibilita novos processos de ligação, de introjecção e de significação.

Esta situação, referida por Amaral Dias (1989), sugere também que este facto inabilitará a utilização do pensamento e esta dificuldade verte na utilização da acção em detrimento da linguagem, como forma de expressão das suas inquietações. Progressivamente e mediante a abertura ao exterior com o(s) outro(s) exterior(es) ao núcleo familiar, o sujeito, ainda imaturo, esboça-se internamente embrulhado numa relação *continente - conteúdo* na direcção do crescimento e da maturidade, criando e recriando pontes e avenidas de comunicação, de ligação entre a realidade interna e a realidade externa e de onde realçamos, mais uma vez, o papel da identificação projectiva como veículo para a ligação – comunicação – transformação – simbolização. A identificação projectiva apresenta-se nesta fase da vida, como uma via normal que visa a integração das diferentes angústias e face à corpo em mudança e face à procura de um self próprio, (Amaral Dias & Paixão, 1986).

Nã adolescência propriamente dita, a questão das relações objectais passa para primeiro plano, pois ocorre um abandono – não completo mas tornado possível – da posição regressiva adoptada na pré-adolescência e a organização hierárquica e o seu carácter irreversível representam uma inovação que influi e afluí até à genitalidade. O grupo emerge, nesta fase, de uma forma preponderante, e apresenta, do ponto de vista do sujeito, a função principal de substituição da dependência emocional em relação aos pais, e ponte de ligação até à aquisição de uma identidade sexual definitiva e estável que se encontra na saída da adolescência.

Pensamos então, que enquanto na pré-adolescência, nas suas múltiplas conjugações, a identificação projectiva se insere na integração de um corpo ainda não significado, e sobre o desejo no futuro, na adolescência ela assume um sentido mais empático, no qual a comunicação interna serve os propósitos do relacionamento com e para um outro exterior e complementar.

Embora consideremos que qualquer divisão por fases na adolescência será mais uma abstracção do que uma realidade concreta, uma vez que não nos parece existir no devir de uma continuidade requerida uma compartimentalização assim tão nítida e pensando nós que as transições poderão ser vagarosas e lentas, marcadas tanto por movimentos de oscilação rigorosa e rígida mas eficaz, assim como por transformações rápidas e marcadas por uma oscilação extenuante e pouco rigorosa. Pensamos contudo que existe uma grande diferença entre a pré-adolescência e a adolescência propriamente dita e esta reside na riqueza da vida emocional que se torna mais ampla e ao mesmo tempo mais (a)guardada, pois existe uma tendência para a fixação de uma meta e uma tentativa implacável de auto-definição e auto-entendimento contida na resposta à questão: quem sou eu? Em toda a sua amplitude matricial da estrutura de personalidade, num todo.

Podemos dizer que o processo de transformação simbólica que caracteriza a adolescência nasce de laços encetados já anteriormente, assim como nasce duma relação com o(s) objecto(s) num inter-cambio continente-conteúdo, o que faz emergir a construção de novas significações, desintoxicadoras, permitindo o pensar, o conhecer.

Assim, na adolescência, a – necessária – construção duma (re)nova(da) imagem de si, integrada, delimitada passa por um tempo e um espaço, onde os movimentos oscilatórios entre a dispersão e a integração, entre a desligação e a ligação se intensificam, resultando num sentimento de ser incerto, numa solidão manifesta e comportada por um vazio e/ou perda, o que, encarada numa perspectiva kleiniana e bioniana, se torna propícia à transformação e à simbolização.

### ***3.2. Na Renovação da Perda ao Reencontro do Eu pelo***

#### ***Outro***

Nesta fase de metamorfose, na busca de uma identidade subjectiva, o sujeito adolescente passa por diversas e diferentes perdas que, pelo caminho que traçam,

levam a necessárias renovações e integrações, assim como captáveis e distintas formas de ligações e desligações com vista à coerência e adaptação, pelo desprender daquilo que já não serve e pelo voltar a aliar aquilo que se pode renovar. Estes desprendimentos relacionam-se essencialmente com a noção de luto e de abandono assim como de encontro e reencontro, produzindo-se ecos no ego, -sendo o ego por vezes um eco de si e/ou do outro – que levam a mudanças e transformações que influenciam tanto a auto-representação quanto a representação dos outros, do mundo interno e externo na sua junção comunicacional.

Marcelli (2002) é um dos autores que assemelha o processo adolescente à depressão, falando das perdas e separações, nas quais engloba a perda da quietude do corpo, a perda da estabilidade da imagem do corpo, a perda da bissexualidade potencial e a separação do vínculo infantil com os objectos edipianos. Estas situações relaciona-as com o corpo que irrompe e interrompe uma estabilidade de ser, procurando-se um rearranjo incisivo e expressivo da dor proclamada na ausência que o nada induz e a perda produz. No mesmo sentido, Amaral Dias e Nunes Vicente (1984) referem que o luto pelo passado que o adolescente atravessa e trespassa, se realiza através de lutos parciais obrigatórios: o *luto pela fonte de segurança* que se trata do primeiro luto e explicita-se pelo abandono do refúgio materno acompanhado da culpabilidade que desse movimento de abandono emerge, pois fere e frustra a posse da criança por parte da mãe, sendo aligeirado e compensado no deslocamento do investimento da imago materna sobre um outro, par, vedeta ou herói, o *luto renovado do objecto edipiano* que se refere a um desinvestimento dos aspectos edipianos dos pais na presença destes e um reinvestimento numa nova relação quer interna quer externa com os objectos parentais, o *luto pelo ideal do Eu* que se explicita no desinvestimento dos pais idealizados e de um novo investimento remodelados pela prova da realidade e pela reordenação possível entre o Super-Eu e o Ideal do Eu, o *Luto pela bissexualidade potencial* que vivida como potencial na infância e fonte normativa das identificações é agora vivida na escolha de um novo objecto de amor, como verdadeiro organizador do psiquismo juvenil na dupla pressão interno-externo, coexistentes no desenvolvimento e, por último, e no seguimento das escolhas, o *luto pelo grupo* que evidencia a escolha do objecto exogâmico e sinal da capacidade de estar só.

Estes lutos evidenciam as mudanças importantes a serem efectuadas no aparelho psíquico arrastando profundos sentimentos de perda, geradores, obrigatoriamente, de afectos depressivos, e nesse sentido concordamos com a perspectiva dada por Amaral Dias e Nunes Vicente (1984) de que não existe adolescência normal sem depressão sendo as formas anormais no fundo decorrentes de um deficit da capacidade de tolerância do eu ao luto.

Amaral Dias (1984) defende que o problema central da depressão adolescente reporta-se a um retorno da *posição depressiva* descrita por Klein, dentro de uma perspectiva evolutiva, na evolução e na maturação. O luto das imagens parentais – como primeiro organizador psíquico – no decurso da adolescência seria uma das situações que levaria inevitavelmente ao ressurgimento da posição depressiva. As vicissitudes consequentes de tal, poderiam ir no sentido duma reparação normativa, pela assimilação gradual pelo eu do bom objecto, com resultante enriquecimento através do processo de luto, ou, pelo contrário assumir uma forma patológica com retorno à clivagem do objecto e do eu.

Nesta perspectiva, e na viragem da ponderação pelo exterior e os outros (extra-familiares) em detrimento do intra-familiar, Jeammet (1994) considera que o luto na adolescência será mais do tipo de relação do que de personagens reais, ou seja, a problemática do luto é coexistente com o deslocamento dos investimentos objectais, o que, quando bem sucedidos, permite um alargado enriquecimento e diversificação dos próprios investimentos, não sendo acompanhados por uma vivência de perda. Segundo este autor, a progressiva autonomização do adolescente não é necessariamente uma separação dos investimentos da infância, o trabalho de separação será mais uma virtualidade do que uma realidade, pois quando a ligação aos objectos parentais e aos suportes narcísicos estão suficientemente estabelecidos, torna-se possível o deslocamento dos investimentos para novas figuras – exteriores, por certo – mas sem confronto com a angústia de perda concreta. Estas novas figuras não serão mais do que os substitutos dos objectos infantis investidos e para sempre imutáveis.

Neste sentido, Jeammet (1994) defende que a necessidade dum verdadeiro trabalho de separação surge mais pela ameaça que o adolescente sente sobre a solidez e a

qualidade das ligações e aquisições da infância do que propriamente pelas exigências da puberdade, que não serão mais do que reveladoras das falhas narcísicas existentes. Assim sendo, para este autor o luto é fruto dum trabalho fantasmático de destruição de objectos internos arcaicos danificados.

A. Freud (Cordeiro, D., 1988), também descreve o processo adolescente como um processo de luto, como um esforço do sujeito adolescente em aceitar um facto presente nesta etapa da vida: a perda do objecto investido, o que o move para realizar sob o mundo exterior as correspondentes alterações.

Deste movimento, emerge a autonomização face às figuras parentais, (Blos, 1967, cit in Flemming, 1993) inscrevendo-se esta num segundo processo *de separação-individação*, - processo descrito por Mahler a propósito da primeira infância -, e que faz acentuar a perda das dependências familiares de natureza emocional e afectiva colocando em relevo a mudança nas relações objectais. A progressão no desenvolvimento que marca e diferencia esta etapa das outras e as suas construções simultâneas internas e externas, podem ser percebidas também pela *perda do Eu parental* (Blos, 1985) que até então formava uma extensão do Eu infantil, o que deixa a descoberto a integridade de base do Eu e os seus defeitos de organização primitiva.

Contudo, as mudanças no self e nas representações objectais, e seguindo num mesmo pensamento acima descrito por A. Freud, seguem uma linha de continuidade relacional, *“contribuindo para estas mudanças os aspectos infantis e contemporâneos da relação”* (cit in Flemming, 1993, p. 46). Assim, tal como ocorreria na infância, agora também ocorre um deslocamento sob o exterior daquilo que era considerado interior, colocando-se ao serviço das novas relações aquilo que até então foi construído pelo e no sujeito como sendo ele próprio na(s) vivência, no(s) aprendizado(s) e no (des)conhecido, que servirá ao mesmo tempo de continente e de ligação com o que de novo se vai estabelecer e integrar.

Salgueiro (1990) também não corrobora com a concepção de desinvestimento das figuras parentais durante o processo adolescente, defende que pelo contrário estas ganham complexidade e ajudam a re-estruturar os objectos internos primordiais, os

quais serão o suporte e a sustentação necessária para atingir o estado adulto, possibilitando assim em paralelo a consolidação narcísica.

O desinvestimento e a desidealização dos pais são acompanhadas pelo desejo de autonomia e expõe o desejo de se chegar, pelo desenvolvimento, a objectos novos enriquecidos, (Flemming, 1993) e este desejo de conhecimento pode descrever-se como operando através dos vínculos descrito por Bion: L, H e K, permitindo a ultrapassagem do impasse gerado pelo amor e pelo ódio às figuras parentais pois está ao serviço do vínculo do conhecimento. O amor pelos pais, L+, é frequentemente substituído na adolescência por ódio, ligado precisamente à desidealização e à decepção. Contudo, segundo Salgueiro (1990) este ódio é um ódio positivo o que facilita os investimentos no mundo exterior e de alguma forma é um património contra o sofrimento provocado pela *mudança catastrófica* que descreve a adolescência, no surgimento de ideias novas que interrompem e amotinam o quieto estabelecido, o designado como certo. Entendendo-se, desta forma, que o conflito com os pais, segundo Salgueiro (1990), seria mais uma reivindicação genérica de autonomia, uma aceleração imprimida ao processo de *separação-individação* do que a procura duma solução específica para a sua evolução psicosexual.

Pelo caos imposto, na aflição indigente de voz, as ordenações e organizações estruturais anteriormente conhecidas podem tomar o lugar de continente aos novos elementos ainda não significados, assim como os limites passados servem de ancorador dos novos que se irão instalar, desenrolando-se num entanto e num entretanto(s) um jogo entre o agora dispensável e um outrora imprescindível, o que serve validado e o que serviu caducado, nas novas aquisições e integrações que balanceiam o antigo e o novo num conjunto dançante. A frustração sentida e vivenciada nas relações intra-familiares fomenta o desenvolvimento de uma renovada *função K* num sujeito que se presta a conhecer e a se reconhecer, fomenta, mesmo que envolvida numa solidão lancinante – ateadada e inflamada também na existência de um sentir banhado na incompreensão que mesmo sofrida na certeza, fortalece-se pois ainda não encontrou em si a convivência e confiança suficiente para ser amortecida por/num outro-, uma (re)solução, reparação e restauração, como desafio, como prazer, como reivindicação. A viragem de um externo que constrói um interno é retomada, agora num espaço mais alargado, há um passado procedido e

agido que é retomado enquanto que a importância dos outros é colocada num oposto: os outros exteriores são preferidos aos outros interiores. Será esta a iniciativa por parte do adolescente que toma voz nesta quadratura com objectivos de se individuar, rejeitando activamente os objectos parentais, continentes saturados e insuficientes para as exigências físicas e psíquicas do momento. É pois, dentro desta perspectiva de não convivência e confiança que o adolescente, procura um Outro –continente – que ao mesmo tempo que significa serve de ligação entre a delimitação e a significação.

Note-se, no entanto que a identificação projectiva é massivamente utilizada nas transacções familiares (Amaral Dias & Nunes Vicente, 1984) e esta situação poderá ser percebida se tomarmos em conta que a família é como um pequeno grupo onde as trocas comunicacionais se dão (Zinner, 1972). Famílias com adolescentes têm como tarefa primária facilitar o desenvolvimento da autonomia e individualização do sujeito o que nem sempre acontece, levando por vezes a patologias de separação e individuação se pensarmos no uso da identificação projectiva excessiva. As três formas principais de patologia de separação são distinguidas (in Amaral Dias & Vicente Nunes, 1984) e dizem respeito ao encadeamento, a delegação e a expulsão. O encadeamento resulta da impossibilidade de obtenção das satisfações fundamentais e das seguranças essenciais fora da família. A tentativa de separação dos pais fica então comprometida pela transmissão por partes dos pais de angústias, comportamentos ou pela palavra, a sua própria impossibilidade de viver sem ele, dando-se como consequência uma “*verdadeira violação do pensamento*” (in Amaral Dias & Vicente Nunes, 1984, p. 42), comprometendo os limites já em ebulição nesta fase da vida e todo o processo de maturação. Na delegação, o adolescente é encarregado duma missão exterior da família, levando a este não se autonomizar na medida em que se representa como uma extensão do self parental. Na parentificação o adolescente fica encarregue do papel do pai dos pais e segundo Amaral Dias e Nunes Vicente (1984) a uma contra-identificação que corresponderia à depressão adolescente. No processo de expulsão, o desaparecimento e anulamento do físico ou emocional do adolescente é julgado necessário para a resolução da crise parental, comprometendo definitivamente a sua própria autonomia assim como a evolução e a individualidade.

Estas situações descritas poderão ainda ser compreendidas à luz da noção *continente* – *conteúdo* na medida em que como processo inter-relacional, no processo de separação - individuação, existe uma necessidade (ainda) de um continente que favoreça o processo de individualização do jovem, podendo esta necessidade ser traduzida como um conteúdo preciso na relação entre adolescente e pais. De um continente que, na não-saturação, signifique a angústia da sua ausência emocionalmente preenchida. No caso da intensificação dos processos descritos acima, pensamos que ocorre uma invasão e não reconhecimento do adolescente em si mesmo como separado, comprometendo desta forma a sua própria demanda face a um viver próprio.

Concordamos com a perspectiva de Flemming (1993) na caracterização do processo adolescente como um modelo que segue uma espiral dupla composta por duas linhas de desenvolvimento: a separação – individuação e a vinculação, sendo que esta espiral dupla cria o paradoxo gerador de mudança: para se poder separar e individualizar o sujeito precisa de sentir ligação aos pais através de um vínculo seguro, não estando contudo seguro (e suficiente) dos laços que o unem aos pais e temendo a perda do amor pelo facto de desejar separar-se deles, o adolescente pode retrair-se na sua tarefa de se individuar dando lugar ao impasse ou à paragem do desenvolvimento psicológico.

Esta situação poderá ainda ser compreendida através da noção de *barreira de contacto* na medida em que o que é requerido poderá traduzir-se na procura de um novo espaço entre si e as representações parentais dentro de si mesmo a partir da comunicação de um modelo exterior que reflecta, motive e signifique uma nova modalidade de troca, agora não na extensão mas sim na separação e individualização, no afastado sentido como emocionalmente abastado, na vinculação segura sentida como conteúdo interno.

Nesta altura, a dos referidos processos de desinvestimento, desidealização e conseqüentemente maior diferenciação e integração dos imagos parentais, a energia libidinal é desviada para o próprio adolescente, que progressiva e conscientemente adquire a necessidade dum princípio unificador dos seus impulsos, bem como a necessidade duma avaliação dos seus recursos internos.

Pensamos que além e aquém dos lutos, decorrente e precedente destes, o sujeito adolescente enfrenta uma preocupação que floresce na pré-adolescência e se prolonga na evolução da adolescência propriamente dita, que não comporta só a evidência da perda pelo passado: o corpo e a sua auto-representação.

Esta condição dupla e os seus pré-requisitos acolhidos no desenvolvimento da distancia, na tensão, possibilita um meditar sobre a importância da transgressão do/no pensar adolescente, no esclarecimento e elucidação que a oscilação intensa entre interno e externo atinge nos propósitos do discernir e do escolher, do pertinente, sendo mais (muito mais) do que um cabide de roupas ou ideias alheias, e que o situa além (muito além) da invariabilidade aparente, por vezes numa expressão exacerbada, -e porque trai e desvirtua o mutismo emocional que muitas vezes é a demanda do dote de uma maturidade, surda, que alberga o soluço, desbotado, na/da existência -, mas que cumpre objectivos preci(o)sos e muitas vezes sigilosamente coerentes: a sua interioridade diferenciada. Estando a sua possibilidade de reflectir e aquietar-se para/no sentir contida no espectro em (re)construção e em expansão, de tolerância à ausência da gratificação, no receber, reter e dar.

Na pré-adolescência, principalmente, põe-se em questão a imagem corporal, quer externa, quer interna que a criança tinha até então construído, esboçando-se a partir de alterações morfológicas toda uma panóplia de expressões e conflitos que rodopiam entre o interno e o externo. Marcelli (2002) descreve três dimensões ligadas à questão do corpo e às suas alterações, que durante esta fase da vida emergem como importantes: dimensão estática, dinâmica e interactiva. Na primeira, o autor acima citado realça precisamente as alterações morfológicas que levam muitas vezes a interrogações ansiosas que podem levar a queixas hipocondríacas, ou preocupações dismorfofóbicas assim como o retraimento sobre si próprio ligado a uma imagem de corpo sentido como insatisfatório e imperfeito. O corpo com o qual terá que lidar transpõe-se para além das mudanças corporais e percorre um caminho limite na procura duma nova imagem psíquica integrada e coesa. No plano dinâmico, o autor refere precisamente a perda das coordenadas espaciais e por conseguinte as coordenadas sociais, salientando-se como consequência a renúncia e/ou ruptura relativamente a algumas actividades da infância mudando a interacção do sujeito consigo mesmo e com o outro uma vez que o suporte do outrora nas trocas

interactivas simbólicas não serve nas novas trocas desejadas, perante uma coerência face a si mesmo. Na dimensão interactiva reflecte-se a função social do corpo que agora se traduz em jogos de espelhos face a si, face ao outro, com objectivos no apreender e reconhecer a sua imagem.

Segundo Matos (2005), nesta fase de forte dependência e imaturidade, o sujeito adolescente representa-se, ainda, como o representam, pois “*cada um de nós sente-se primeiro, e obrigatoriamente o outro e constrói a imagem desse outro simultaneamente à descoberta de si mesmo, o espelho reflecte apenas o sujeito.*” (p.23).

O corpo novo com o qual o adolescente tem que lidar transpõe-se para além das transformações físicas e dispersa-se nas diferentes procuras na tentativa de alcançar uma imagem de si, psíquica integrada e coesa. Independentemente do sujeito o corpo altera-se, as vivências seguintes vividas na confusão leva-o à procura de limites, pois encontra-se face a uma realidade interna que não domina, e por consequência, numa realidade externa agora desconhecida. Os atributos referentes à sexualidade que afloram tornam-se desajustados e estranhos num corpo que será posto à prova no confronto entre o real interno e o real externo. Do empurrado ao desejado um adolescente caminha agora na direcção ao exterior, pois aquilo que era não serve para o que é assim como aquilo que anseia ainda não o é. Nestas reorganizações internas e na aceitação dolorosa da perda e transformação das representações infantis, o mundo externo torna-se o foco principal da sua busca por si. A necessidade de perder e largar aquilo que era torna-se imperativa para aquilo que vai ser. Acompanhado pelo luto, no abandono e porque os reconhece e que serão os moldes de um conhecer, o fechamento sobre si é motivo de revisão, de procura de suporte mas principalmente de procura de igualdade, nas solidões não arrastadas mas identificadas. A necessidade do adolescente passa por um período transitório de movimento narcísico (Blos, 1985), indispensável à manutenção da sua auto-estima, antes que lhe seja possível o regresso ao mundo objectal e o começo da progressão. A individuação do adolescente é acompanhada de sentimentos de isolamento e solidão (Blos, 1985), mas trata-se duma solidão acompanhada e acolhida – porque reconhecida - num grupo e por todos os seus elementos.

Perante um retraimento narcísico em que vive o adolescente, perante o desinvestimento das representações objectais infantis, num quase destacar, desfalcar e desembaraçar-se de uma parte da própria personalidade ( in Dias Cordeiro, 1988), na procura de si, a procura do outro torna-se igualmente importante, mas já não se trata do amigo da infância mas sim dum parceiro/confidente, que o acompanhe, oferecendo-lhe oportunidades para se conhecer. Neste retraimento, o sujeito procura o outro igual a si próprio, não na diminuição na sua relação ao que não conhece mas sim face a um confronto com as suas próprias vivências perturbantes de falha, falta – de um objecto onnipotente gratificante- . O extra-familiar (re)forma-se então como mundo a explorar, a encontrar, a substituir e a significar, a re-integrar num projecto de vida que passa, no estabelecimento de novas relações, pela ligação e pela sexuação, a partir da liquidação das imagos parentais. No vendaval intenso das emoções, que a atmosfera da incompreensão motiva nas nomeações, nas designações, entre as figuras e as paisagens, face às (inter)nacionalidades do amor, do ódio, da afeição, da raiva, da revolta e da reivindicação, a substituição e representação, advindas do entroncamento da incerteza e suspensão que o calcam, encontram caminho pelas identificações no/do(s) outro(s).

A adolescência impõe simultaneamente ao adolescente a tarefa de se representar como independente e narcisicamente suficiente e de se afirmar ao nível objectal. Esta mudança torna-se num momento único, onde todo o passado vai não apenas ser recapitulado, mas revivido e actualizado.

É-nos possível pensar na acção da identificação projectiva se a considerarmos não só como fundamento da significação e simbolização através do modelo continente-conteúdo mas também a partir das suas diferentes modalidades de actuar, desde um patológico no qual é preferível viver na sombra e dentro do outro na anulação da dor, do sentir, até a uma empatia dupla que se joga, quer num reflexo, quer num desenvolvimento complexo de complementaridades, dependendo, na nossa opinião, da elasticidade, da resiliência e fluidez de cada sujeito, assim como depende de como o desenvolvimento do sujeito se processou até então, enquanto sujeito separado e suficiente em si mesmo, o que leva à individualidade mergulhar e beber pelo sentir nos e dos seus elementos estruturantes e estruturais, primeiro na igualdade exterior procurada no interior como fonte segura e depois na diferença complementar,

percorrendo um caminho junto de um Outro – enquanto noção interna, enquanto promoção externa que sustenta um interno – que igualmente sofre alterações.

A perda do corpo infantil e as renúncias que são induzidas, realizam-se numa forma progressiva e sofrida, com movimentos de avanço e recuo, de clivagem e integração. Segundo Birraux (1990) é necessário um longo período de familiarização para o adolescente reconstruir o seu narcisismo e reconhecer-se numa imagem estável e em continuidade com a sua história infantil.

Todo o tipo de comportamentos declarados na adolescência, sobretudo a oscilação entre movimentos pulsionais não objectais e objectais, entre a realidade interna e a externa, tem como função a possibilidade de integrar o passado “ *num espaço psíquico a construir na afirmação, afirmação e confirmação de si e do outro*”, (Marques, 1991, p.476). Este espaço psíquico a construir decorrerá em pleno na oscilação entre a turbulência e a dispersão (Matos, 2005) ou seja decorrerá entre as desarticulações a serem efectuadas, numa ruptura na continuidade de ser, na qual a identificação projectiva tem lugar assento cativo e a dispersão caracterizada na presença da unidade psíquica e descrita como uma desconcentração ou uma retirada momentânea do real, sem que os elementos que o compõem na unidade se percam ou extravasem de sentido e do sentido de uniformidade. Esta situação é ainda descrita por Steiner (1990) e explicitada no capítulo anterior como a situação decorrente da saída da posição esquizo-paranoide para a posição depressiva e que inscreve a cisão normal como medida para a integração. E pode ser ainda compreendida como aquela descrita por Grotstein (2003) no que se refere à segunda dimensão psíquica em termos espaciais, na qual ocorre um tempo de espera para a formatação da terceira dimensão, da superficialidade das relações para a profundidade de si e do outro. E poderá ainda ser pensado como o espaço psíquico a alargar num *entre* que se *entre-abre*, pela identificação projectiva.

A problemática central do adolescente está directamente ligada às transformações na relação dos/com objectos internos e externos, às (in)dependências intra e extra-familiares. O equilíbrio do adolescente dependerá das suas capacidades e potencialidades individuais para efectuar a inter-acção e ligação entre suportes externos e recursos internos, isto é, para se apoiar sobre os suportes identificatórios

que foram interiorizados ou largamente actualizados nas relações concretas com os representantes externos, sendo que a separação se efectuará na segurança suficientemente satisfatória para ser posta em causa, e será re-ilustrada e reescrita para/na a bidireccionalidade que novas relações impõem para a descoberta do novo e desconhecido, sentido e nomeado.

Face a isto, aquilo que de mais importante acontece nesta altura ao nível do espaço relacional interno e externo do jovem, joga-se no confronto com os pares. Estes vão constituir-se em referências muito importantes para o adolescente, pois é na relação estabelecida com esses que o adolescente vai poder recriar e criar as modalidades de relação e identificação. Assim, e tal como no processo da infância, o adolescente começa por se relacionar com aquilo que reconhece como igual, como “seu” – é o confronto com o outro igual, especular numa procura de si, – no outro –. Mais tarde, irá integrar aquilo que não reconhece inicialmente porque o teme – é o outro diferente –. Neste percurso, assinalado pela diferenciação e delimitação, o adolescente vai finalmente poder confrontar-se com o igual e com o diferente, com aquilo que o delimita a si e ao outro, sem estranheza, sem se sentir ameaçado – é a integração da complementariedade.

### *3.3. Do Outro no Eu e em Si Mesmo ao Herdeiro da Adolescência: o Eu*

Da disponibilidade para o exterior emerge o outro no restabelecer do narcísico, na reorganização de um sistema relacional, no re-edificar da própria troca externa e social. Da inexistência e da invisibilidade, do abandono ao retraimento, da vontade ao desejo, o sujeito adolescente planifica-se no e pelo outro, pelo espelho, pelo duplo, pelo complementar, num tempo de reconstrução e resignificação, onde o novo capta o antigo na sua renovação, possibilitando seguir um percurso onde é possível “*amar o que se é, quer o que se foi, quer o que se gostaria de vir a ser*” (Marques, 2001, p. 277), onde é possível a integração e significação de si mesmo.

O adolescente construir-se-à a si próprio pela emergência da experimentação emocional impregnada numa relação privilegiada e comunicacional entre o interno e o externo, no qual o papel do outro se torna principal pelas suas qualidades contentoras e acolhedoras. A procura dum continente, dum (re)construtor de significados, percorre longitudinalmente a vida adolescente, na exploração dos múltiplos caminhos com sentido na identidade e na identificação. Do outro familiar, surge o outro igual num caminho até ao outro complementar.

A identificação projectiva, orientada para a construção, transformação e evolução, aparece na adolescência, assegurando a integração do corpo projectado parcialmente num continente, o que leva à permissão na manutenção e integração dum Eu unificado e coeso. O adolescente procura então o outro como construtor na fundação de si, construtor delimitador dos seus limites, assim como transformador da sua tensão interna e externa. Num tempo de reconstrução e num espaço novo a integrar, o assumir no outro daquilo que o inquieta possibilita-lhe a integração de novos elementos com sentido e direcção a si mesmo num plano de edificação e consolidação psíquica de uma interioridade frágil que se desmascara num processo de desenvolvimento de um corpo estranho desconhecido num outro corpo. Nestas experimentações, entre o ir e o vir entre o eu sendo um outro e sendo o mesmo, descobre-se e expressa-se uma modalidade de saber e ir sabendo de um outrora infantil, agora repetido, mas que permite a partir das mesmas relações estabelecer novas relações a serviço do eu sendo que agora já não é projectado um continente mas sim um *continente conteúdo* (Amaral Dias, 1986), que poderá ser compreendido pelas funções de contenção que o outro, na *ligação*, no uso da identificação projectiva, representa. Numa dinâmica interno e externo, num registo comunicacional continente  $\leftrightarrow$  conteúdo, ocorre a projecção de elementos não significados (elementos  $\beta$ ) num outro continente e significador dos mesmos. Nesta troca, é então dada a oportunidade ao sujeito adolescente de aquisição daquilo que projectou mais os elementos de um outro ligados e significados entre si, o que lhe possibilita a integração e a sua mentalização de forma unificada num processo semelhante ao que terá ocorrido na infância mas que agora, nas exigências que se apresentam ao sujeito, não está em causa a construção de um Eu mas sim de um *EuOutro* (Cahn, 1991, cit in Marques, 1994). Exigindo-se todo um trabalho de transformação, integração e criação num conflito permanente entre a permanência

(do passado, do antigo) e a mudança (para o futuro, o novo), entre a desintegração e a integração, entre a cisão e a união, numa dialéctica que descreve o (re)pensar, (re)conhecer e o (re)simbolizar.

Neste campo fértil de identificações projectivas cruzadas, é possível ao adolescente, no manejo das suas diferentes formas, reinvestir e reatualizar a sua representação, uma ideia nova, pelo prescreve-la num tempo de espera e num espaço indiferenciado interno-externo, nos quais as relações continente-conteúdo podem induzir a manifestações próximas das identificações nos estados esquizoides mas igualmente podem ser colocadas ao serviço de uma empatia dupla, com trocas recíprocas, enriquecidas e íntimas entre receptores e projectores, se pensarmos que assim como um sujeito se descreve como conteúdo também o outro (continente) poderá ser conteúdo ao mesmo tempo, desenrolando-se todo um aprendizado de diferentes selecções e localizações que o capacitam ao pouco integrar e sustentar os processos de cisão, de dispersão e de desarticulação que ao longo desta etapa, se vão gerando e desmoronando estabilidades adquiridas outrora.

Sendo imprescindível o papel do outro no investimento e conseqüentemente na construção do corpo, torna-se importante, também, a avaliação e apreciação desse sobre o sujeito. Segundo Salgueiro (1990), “ *quando o adolescente erotiza o próprio corpo é como se do corpo do outro se tratasse, com quem fantasia em intensa identificação projectiva*”, (op.cit. p. 74).

Pode falar-se, aqui, numa segunda organização do *objecto estético* (Meltzer & Harris 1994). Nesta reconstrução revive-se um conflito mais complexo entre a beleza exterior e a bondade interior pois joga-se também como importante, os limites, a *pele* (Salgueiro, 1990) e da *segunda pele* – o vestuário – e da música – reveladora de bondade e força interior. Assim, “ *a relação do adolescente com o corpo, com o vestuário e com a música - música intensa e ritmada e de elevada sonoridade que atinge a pele - implicam sempre uma relação com o outro, que se aprecia como objecto estético. Por outro lado, o adolescente projecta/deseja ser o objecto estético do outro*”, (Salgueiro, 1990, p. 74), ser considerado como um objecto estético válido para o outro. O outro integra e assegura uma continuidade e permite a manutenção de uma imagem que se vai totalizando e compactuando, num processo assegurado pela

identificação projectiva que possibilitando a nomeação, denominação do desligado, do desarticulado mas não desmembrado, possibilita o simbolizar num movimento, sem tempo percorrido, que vai do desconhecido porque (ainda) não apre(e)ndido para o experienciado conhecido, desenhando pela senda adelgada da sensibilidade e da profundidade, numa associação e sucessão ora comensal ora simbiótica entre o que liga -significado e significador- e o que vai ser significado pelo ligado, entre continentes, conteúdos e os espaços potenciais entre os dois, num intercambio ora estendido ora abreviado.

O adolescente está voltado para o exterior, para o outro que aprecia como objecto estético. E Será, também esta experiência estética que desperta o sujeito da incerteza ao mesmo tempo que o motiva no desejo do conhecer e de ser -para um/com outro- aceso também pelo próprio desejo nomeado, intuído e expresso internamente, que nasce na convergência da ligação e da integração do corpo físico e do corpo psíquico.

O adolescente refugia-se na vida de grupo, onde as diversas partes clivadas do self e dos objectos podem ser externalizadas sobre os diversos membros do grupo, em que não existe o receio de retaliação ou rejeição, suportado por um jogo complexo de identificações projectivas cruzadas. Pela colisão, transgressão e desrealização, há uma procura e submissão ao olhar do outro, “ *outro que poderá acolher, conter, e mesmo transformar os efeitos dessa colisão*”, (Marques, 1994, p. 475), delimitando e conferindo significado à realidade interna e externa.

Apoiado no grupo, no desespero de se perceber e na regalia de sentir ser- se um Eu e não um Eu/Outro, o adolescente integra o igual e o diferente, num meio fértil em identificações projectivas entrelaçadas entre os indivíduos que partilham uma mesma solidão harmoniosamente entendida.

É o grupo que funciona maioritariamente como continente das angústias do adolescente, possibilitando a elaboração daqueles sentimentos geradores de inquietude e que permite a constituição da integridade dos objectos introjectados. Segundo Bégoïn-Guignard (1991), “*o grupo é um instrumento de pensamento*” (op.Cit. p.35), na medida em comporta a função  $\alpha$ . O grupo proporciona um bom acolhimento aos conteúdos intoxicados (elementos  $\beta$ ) do adolescente, não os

suprimindo mas tornando-os toleráveis. As identificações inter-cruzadas que daqui nascem podem ainda ser compreendidas através da noção de *identificação adesiva* descrita por Meltzer (in Grinberg, 2001) contudo segundo Bégoïn-Guinard (1991), este tipo de identificação comporta atitudes de mimetismo, caricatura e adesividade não se reportando ao registo das identificações narcísicas conhecidas mas constituem uma adesividade imediata com a superfície do grupo, o que na nossa opinião se encontra relacionado com o facto do sujeito, neste processo apresentar um objectivo específico e uma interioridade orientada para a resolução da questão: quem é. Sendo que a profundidade agora descentrada naquilo que era, adquire um novo formato pela espera do tempo que espera, que a selecção e a transgressão possibilita no discernir, sendo que a faculdade que se vai adquirindo molda-se e focaliza-se no caminho daquilo que deseja. O receio e a rejeição empalidecem na regulação e modulação de uma existência própria.

Pensamos igualmente e na origem do pensamento de Ogden (1979 cit in Amaral Dias, 1986) que a identificação projectiva, comportando sempre uma relação com o outro poderá ser pensada nestes movimentos grupais como: um tipo de defesa pela qual é possível um sujeito distanciar-se de uma parte do self que é não desejada ou sentida como um perigo, mantendo simultaneamente essa parte viva em imaginação no interior de outro sujeito; um modo de comunicação que consiste em levar o outro a sentir sentimentos semelhantes aos seus, um tipo de relação objectal na qual o que projecta reconhece aquele que recebeu a projecção como sendo suficientemente separado dele mesmo e ao mesmo tempo suficientemente indiferenciado para poder manter a ilusão de partilhar um sentimento particular com outra pessoa; uma via psicológica pela qual, sentimentos semelhantes àqueles dos quais o próprio pretende-se libertar, são processados por outro sujeito. Assim, o projector pode em seguida identificar-se com o processo de elaboração do receptor dos sentimentos que nele engendrou. Esta situação, na nossa opinião poderá ainda estar ligada com a identificação projectiva utilizada outrora na medida que o sujeito numa panóplia de escolha à sua disposição terá agora oportunidade, contido pelo outro, renovar o próprio modo de se reconhecer e conhecer, a partir do uso da identificação projectiva quer de forma intensa e com objectivos no entranhamento no outro assim como de forma empática com sentido no crescimento, dado que o inter-cruzamento destes processos não se dão só de um lado, assim como a necessidade de auto-representação

se conjuga numa necessidade grupal, entre os seus diferentes elementos, onde a aprendizagem se contem no sentir uma nova distancia, recriando-a, pela introjecção de uma renovada função alfa assim como a possibilidade de um novo re-pensar respira nos conteúdos significados por um outro, processo que tal como terá ocorrido na infância se traduz agora, nesta fase da vida. Isto é, a nosso ver, é a possibilidade de fazer uso da identificação projectiva quer de forma empática quer de forma excessiva que o sujeito adolescente se renova, se recria, sendo conteúdo e ao mesmo tempo continente, desenvolvendo-se sobre e com um outro. Contudo as possibilidades de ligação estendem-se para além de uma simples novidade experienciada, vão pois serem integradas com a experiência “simples” revisitada, entre o passado e o futuro num presente.

Segundo Matos (2005) o salto mais evolutivo surge quando o sujeito atinge a distinção suficiente entre a representação de si mesmo (nas suas dimensões e no seu sentir) construída através do modo como o objecto o representa e lhe devolve essa imagem e a representação de si mesmo construída através de experiências mais autónomas e individuais em relação aos objectos formadores. Podemos pensar que esta situação se liga à possibilidade, dentro da utilização da identificação projectiva, do adolescente recriar a sua função continente, requerida a um Outro.

Segundo Amaral Dias (1986), a identificação projectiva utilizada na adolescência, comporta três estádios que, no seu conjunto constituem uma unidade psicológica. No estado inicial, o sujeito que projecta a fantasia, que se desembaraçou dum aspecto dele próprio, coloca-a, então no outro numa forma dominante. Em segundo lugar, através da relação interpessoal, o que projecta leva o receptor a experimentar sentimentos ajustados à projecção. Finalmente, em terceiro lugar, o que recebe a projecção transforma, construindo uma versão modificada, que pode em seguida ser interiorizada de novo pelo projector.

A identificação projectiva pode ser definida deste modo, e segundo Ogden (1972, cit in Amaral Dias 1986), com a compreensão dos processos que se desenrolam no interior dos adolescentes, como também, certas interacções específicas entre estes, onde o papel do outro, o jogo entre o eu e o outro são claramente importantes, para o pensar e o simbolizar.

Segundo Salgueiro (1990) neste período da vida, para além do segundo conflito estético, também ocorre um segundo conflito edipiano que tem como pano de fundo o ambiente extra-familiar. No alargamento das questões internas que agora, na impossibilidade de regressar, se colocam ao adolescente na demanda de um devir rico e vivo, articulam-se tarefas conjugadas com, num e para um outro, que além da significação simbólica na construção de ideais e crenças, emergem, pela ligação de amor a uma (re)nova(da) relação, possível de ser compreendida na substituição objectal do vínculo L+ parental. O adolescente transforma-se progressivamente num Eu autónomo, diferenciado de um Outro, sexualmente activo e na aceitação durável e estável de si próprio. Dias Cordeiro (1988) diz-nos que, à medida que os conflitos sexuais e narcísicos, bem como as flutuações de auto-estima e do sentido de identidade se regulariza, o adolescente pode atingir novas metas, nomeadamente nas relações de amor heterossexual e nos interesses intelectuais e profissionais.

O adolescente projecta sobre o outro imagens difusas do seu Eu e reencontra-as clarificadas após esta reflexão sobre o objecto do amor (Erikson, cit in Dias Cordeiro, 1988), no abandono da posição bissexual das fases precedentes. A existência de um estado amoroso em que o adolescente é capaz de entabular relações heterossexuais estáveis é o índice de realização do estabelecimento daquilo que se considera o segundo organizador da adolescência, na integração da bissexualidade psíquica, na autenticidade do sentir pois confiante perante um interno que o possibilita a descoberta do desejo, o seu, o outro, do sentimento de realização e complementação, do/no/com/para outro. Esta situação designa o fim da adolescência e marca o início da idade adulta.

O adolescente é um sujeito que enreda um conto – o seu próprio – a si e aos outros intra e extra-familiares, elaborado e complexo, na procura da verdade – a sua –, onde se entre mostram ora em sombras envolvidas numa mimese e/ou entrançamento nas quais a nuvem da existência emerge sobre um céu aberto ao sonho que embacia as constelações de novas emoções mas num mesmo tempo no qual as sentinelas estrelares despertam as manhãs de novas relações, ora em familiaridades suaves que completam e complementam puzzles psíquicos num esplendor serpenteado ora de um, ora de um grupo, ora de dois, nas transformações, nas extensões e alargamentos

de espaços potenciais que se conduzem, reproduzem e recriam, ao encontro de si mesmo, numa assiduidade de ser que caracteriza o sujeito que vive e convive consigo e com outros a elaboração da utopia e as suas capacidades de realizar em ser e existir.

## 4. O Método Rorschach

O Rorschach surge, neste trabalho, como instrumento que possibilita revelar e relevar a expressão e funcionabilidade de um sujeito. Expressão e funcionabilidade essas que procuramos neste estudo, através das noções de desenvolvimento, adaptação e evolução, clarificando-se nos objectos e objectivos e que se descrevem nas características e funções do mecanismo de identificação projectiva, estudadas a partir da sua expressão na natureza da(s) relação(ões) que o sujeito estabelece consigo mesmo e com o(s) outro(s), isto é, estudadas a partir da noção de relação Eu ↔ Outro, na pré-adolescência e na adolescência propriamente dita.

Apreendemos o Rorschach como método de estudo do funcionamento psicológico de um sujeito, assente em concepções de *relação, comunicação, transformação, pensamento e conhecimento* operacionalizadas na noção de *simbolização* e que nos permite, com assento nessas concepções teóricas, partir ao estudo dos processos de *ligação – desligação – desintegração – integração – significação e criação* que descrevem a actividade mental envolvida na produção de uma resposta Rorschach. A descrição e operacionalização do Rorschach enquanto método segue uma linha de pensamento junto das concepções da autora Emília Marques, conjugadas na concepção de *simbolização e processo de formação de símbolos*, a partir das quais existe uma grande ênfase sobre os processos que conduzem ao *pensamento* e ao *conhecimento*, aos processos mentais constituintes do mundo interno de um sujeito, aos processos que o inscrevem no *desenvolvimento e crescimento* nos quais se realçam os movimentos de *cisão e ligação, de desintegração e integração, de transformação e de criação* que emergem na relação – e comunicação – entre o mundo interno do sujeito e a realidade externa que o rodeia. Relação essa compreendida como estando na base de uma resposta Rorschach entendida como símbolo e que portanto nasce de um processo de formação desse mesmo símbolo.

Assim, seguimos um caminho teórico junto das concepções de Marques (1994) que num reformular do método Rorschach, considera importante o estabelecimento de eixos que se inscrevam em dimensões ligadas aos processos que “*ocorrem no sujeito e nas relações que ele estabelece com os objectos, podendo apreciar-se, então, não*

*só o nível a que um sujeito acedeu, mas também às possibilidades que expressa em criar, recriando novos objectos” (op. cit. p. 46).*

A autora acima citada, descreve o Rorschach enquanto método através de um novo reflectir sobre a resposta dada por um sujeito, a partir do *processo-resposta Rorschach* e da *situação intersubjectiva* que constitui e caracteriza a situação Rorschach. Este modo de actuar assenta sobre o estudo dos *“processos mentais que fundam e expressam as relações de objecto, as relações com o objecto: a relação de sujeito a/com objecto, mas também de sujeito a/com sujeito e de objecto a /com sujeito”* (Marques, 1996, p.40), e procura estabelecer a natureza e as características que melhor permitem a definição do como o sujeito vive e se vive na relação que estabelece consigo mesmo e com o(s) outro(s). Outro(s) este(s) pertencentes ao mundo interno e ao mundo externo, pois esta perspectiva assim configurada pré-supõe uma base na noção de relação, de pensamento e portanto no estudo dos processos de ligação-transformação-integração-criação, e confere e é conferida – numa significação e coerência duplas - por outras formas de explicitar a situação de avaliação psicológica, a situação de teste e a situação projectiva no seu conjunto, de forma a *“ conter os problemas colocados pela necessidade de estabelecer novas modalidades de escuta, novos processos de interpretação, no sentido de melhor perseguirmos o conhecimento, o saber”* ( Marques, 1994, p.432).

Esta descrição e modo de actuar sobre e com um outro, sobre e com um sujeito, sobre o qual iremos construir um saber (um outro saber), construir um (uns) sentido(s) de outro(s) sentido(s) esboça-se na busca e na tentativa de realçar aquilo que se impõe, antes de mais como uma tentativa de aproximação o mais fiel possível daquilo que é o trabalho de construção e pensamento de um sujeito em estudo mas também, na procura de dimensões de adaptação e integração, que se descobrem como movimentos progredientes, não na subestimação de dimensões patológicas mas o que dentro destas se pode manifestar, mesmo que de forma ténue, como expressão com sentido e direcção ao dinâmico e à evolução explicitadas por Marques (2001) nas noções de desenvolvimento e expansão mental.

Desta forma, numa nova atitude e com objectivos sinalizados e ancorados em concepções teóricas que giram em torno da simbolização, o captar da(s)

expressão(ões) de um sujeito, *“obriga a que se elabore sobre ele um discurso que vai além e aquém do próprio discurso que o sujeito produz...(..)o discurso que nós produzimos, nunca coincidindo com o discurso do sujeito, encontra-o, reelabora-o, recria-o, em síntese, dá-lhe sentido..”*(Marques, 2001 p.406). A acção de interpretação planeia-se então na atitude clínica e tentativa de ir ao encontro de um outro, de um sujeito que se pretende estudar. Esboça-se na tentativa de pensar sobre uma subjectividade com a nossa subjectividade. O dar um sentido com e sobre um outro é dar um outro sentido sobre aquele já conferido, *“é deixar que a nossa própria subjectividade intervenha na sua função de conter e dar sentido”*, (Marques, 1994, p.474).

O Rorschach é entendido como instrumento que expressa e revela o espaço de mediação, ligação, transformação e recriação entre o que é interno e o que é externo, entre o que é presente e o que é passado, pois na infinidade de ser tudo, pelo pensar e criar, dentro de um espaço e tempo, onde o imaginar é contido pela própria situação, a finitude impõe-se na demanda e na necessidade de escolha, de processos de perda e reparação (simbólica). Ou seja, nesta forma de olhar o Rorschach é possível o explorar arquitectónico de uma actividade mental envolvida na situação projectiva e que *“ leva à emergência de uma resposta, uma imagem-conceito e é através do processo-resposta Rorschach que se pode ver como operou o trabalho de transformação, ligação e recriação entre o interno e o externo, o sujeito e o objecto, o qual, através da identificação projectiva, nos permite ver emergir a expressão da simbolização e portanto do pensamento”* (Marques, 2001, p. 195)

A situação Rorschach enquanto situação inter-pessoal é caracterizada na intersubjectividade, é constituída por duas entidades que se encontram numa situação de interacção e criam a partir dessa uma intersubjectividade. Nesta, cada interveniente – no decurso da interacção que decorre – é implicado numa descentração de si, do seu universo privado, adoptando mais ou menos o modelo de vida do outro, nas suas respostas e nos seus pontos de vista, ou seja, o encontro dá-se quando cada um dos sujeitos se coloca na posição do outro e pensa naquilo que serão as respostas e pontos de vista de um outro. Captar então o objecto de estudo, só é possível mediante um espaço e tempo recriados pelos dois sujeitos implicados

mutuamente nas próprias subjectividades, numa interacção que só um contexto e saberes respectivos delimitam (Marques, 1994).

Assim, trabalhando na intersubjectividade mas sempre com objectivos no intra-subjetivo, pretende-se que da participação de dois, decorra um processo de *“reconciliação e reunião dos elementos significativos para os dois intervenientes no processo de conhecimento, na procura do sentido o mais próximo possível da subjectividade daquele que pretendemos avaliar”* (Marques, 1994, p. 474).

A intersubjectividade que descreve a situação projectiva pode ainda ser compreendida à luz da noção de conhecimento explicitada por Bion, pois as aproximações à compreensão e conhecimento que se opera sobre um outro ocorrem num contexto preciso, constituído por dois. Assim e ao contrário da neutralidade do psicólogo no processo de construção de sentido(s), *“devemos ter sempre presente que interferimos clara e fortemente no processo de conhecimento, de saber e que, se disso tivermos consciência, nos podemos apropriar desse facto e constitui-lo como um motor de saber, no sentido em que concebemos o desejo como representação do objecto ausente, projectada em seguida sobre um objecto presente”* (Marques., 1994, 433).

Podemos pensar, e no seguimento daquilo que anteriormente foi descrito sobre a intersubjectividade, que do encontro entre as duas subjectividades onde se realça um jogo entre um sujeito e um outro, a identificação projectiva desenvolve um papel que possibilitará, pela sua descrição no modelo *continente-conteúdo*, que o sujeito adopte os pontos de vista do outro sem abdicar dos seus próprios, assim como na situação projectiva, desenrola-se uma tarefa a levar a termo pelo sujeito que projectando os seus conteúdos no exterior encontra no psicólogo, um continente capaz de os conter, desenvolvendo-se a partir daqui um trabalho com vista à resposta Rorschach, entendida, neste contexto e tal como temos vindo a explicitar como um conceito, um símbolo.

Ainda sobre este processo, Marques (1994) explicita que a situação Rorschach provoca no sujeito um sentimento de caos psíquico que o leva a clivar e depois a projectar essa parte sobre o exterior que será contida e elaborada pelo psicólogo

através das suas capacidades de *rêverie*. Ou seja, pela solicitação de imaginar, conferida pelo outro presente na situação – psicólogo – e face a uma infinidade de associações possibilitadas na configuração especial dada pelo material, estabelece-se a permissão ao sonhar acolhido e contido e esta situação pode ser compreendida pela segurança de base que possibilita um abandonar-se, confundindo-se momentaneamente dentro e fora, interior e exterior, e que permite um traçado mental na ligação, comunicação e integração entre dois numa dialéctica entre opostos que balanceiam e se escrevem emocionalmente na aliança simultânea da união com a separação, num processo semelhante ao de  *fusão e identificação de envolvimento* (Milner, 1991). A partir do momento que um sujeito tolera o caos temporário provocado pela fusão – pois impõe um pensamento, conhecimento e expressão de um a meio, pela ligação – o Rorschach enquanto situação caótica é significado emocionalmente pela ordem que o sujeito lhe impõe através da *reparação simbólica*, comunicada a um outro na forma de imagem-conceito, objecto-simbolo. O Rorschach enquanto material constituído por dez manchas de tinta, “*É um elemento da realidade exterior, uma percepção, mas tem características e qualidades psíquicas, isto é, ele é um objecto que deve ser investido e identificado e depois nomeado mas como algo de outro – de mancha ele passa a imagem, de coisa ele passa a palavra, conceito e símbolo*” (Marques, 2001, p 203). A mancha Rorschach suscita o comemorar no sonhar, no fantasiar do recordar que no (pre)ver é (re)criar, pelo ligar que é pensar, suscita o encontro, por excelência, do familiar com o não-familiar, do conhecido com o desconhecido (des)envolvido num impacto estético que “*vai (co)mover os objectos internos, desencadeando emoções e cognições e levando ao símbolo*”, ( Marques, 2001, p.203).

A situação projectiva, assente na evolução e portanto na *mudança catastrófica*, pode ainda ser compreendida através do modelo de transformações e como um processo de transformação, uma vez que será através deste que a possibilidade de restaurar e substituir se desenha no horizonte do sujeito, e porque inscrito (e acolhido) numa intersubjectividade.

As respostas Rorschach podem então ser vistas como o produto final de um processo de transformação que põem em destaque alguns *invariantes* e que possibilitam pela sua conjugação o reconhecimento do original agora transformado. Esta situação

parece-nos que se conjuga com o facto de haverem dois sujeitos implicados numa intersubjectividade, que contem por um lado uma tarefa a levar a cabo por um dos sujeitos na sua relação com a mancha Rorschach, no construir um sentido e a sua relação com o outro presente na situação, na comunicação imposta, e por outro lado um outro sujeito – psicólogo na sua relação entre os sentidos produzidos pelo sujeito e o dar um novo sentido tendo em conta aquilo que capta, dá e recebe, estando contudo a sua tarefa ainda na sua relação com a mancha Rorschach, o que nos leva a concordar com Gresson (1888, in Marques, 1994, p.160) ao dizer que uma vez que o psicólogo ao conferir significações ao objecto de estudo, torna-se ele mesmo objecto de estudo. Assim e na continuidade com o que é dito acima, compreendemos que nos dois parceiros da interacção e co-acção que se desenvolve, ocorre um “O” submetido a um  $T\alpha$  que dá lugar a  $T\beta$  para cada um, o que os conduz a um “O” assim como um original “O” para a situação que se descreve como situação intersubjectiva. Isto é, “*o que ocorre é que “O” psicólogo, submetido a  $T(\text{psicólogo})\alpha$  dá lugar a  $T(\text{Psicólogo})\beta$ . O mesmo acontece, claro, ao examinado, isto é o “O” examinado, submetido a  $T(\text{examinando})\alpha$  dá lugar a  $T(\text{examinado})\beta$ . É assim que se estabelece um novo original para cada um dos parceiros da interacção, bem como um original para a situação, que surge do entrecruzamento dos “O” dos dois parceiros. Dito de outra forma, aquilo que é verdadeiro ser das duas pessoas (“O” psicólogo e “O” examinado) encontra-se na situação projectiva, adquirem pontos em comum e cria um novo ponto original (“O”) que contem elementos dos dois parceiros transformados*”(Marques,,1994, p. 437).

A actividade levada a cabo pelo sujeito que interpreta, que atribui um sentido ao que vê, imagina e comunica a partir do material Rorschach, e inserido num contexto único – situação Rorschach – é desenvolvida na reunião e transformação dos elementos do todo, que pode ser entendido à luz da noção de *continente – conteúdo* e que pode ser descrita como sendo o sujeito enquanto contentor desse mesmo todo, entendido como conteúdo a apreender e a significar pela criação (e pela comunicação). A partir da actividade mental envolvida na situação Rorschach revela-se então a natureza do sujeito, das relações de e com objectos (internos/externos), “...*como cria e é criado, como gera e é gerado...*” (Marques, 2001, p. 303), como o sujeito contém e é contido, trilhando um percurso pela *conjunção constante de factos*

e. a partir da qual é possível perceber a invariância da situação e a do sujeito, na forma como a representa, pelas transformações que opera.

Da expressão emerge a resposta que o sujeito fornece e esta deve ser considerada como um produto da transformação de pensamentos e emoções que se referem a situações internas conjugadas, ligadas, integradas e recriadas a situações externas, a situações passadas e a situações presentes.

Segundo Marques, (1994) as transformações que o sujeito opera face à mancha, são transformações do tipo projectivo ocorrendo por projecção, clivagem e identificação projectiva, impondo, igualmente uma transformação simbólicas – dos pensamentos em palavras – que se descrevem como *transformações de movimento rígido*, uma vez que há a necessidade de comunicar, de expressar o que suscita o “imaginar” no “sonhar”. Quando ocorre a transformação em palavra da impressão sensorial, torna-se manifesto o encontro entre o dentro e o fora, entre o mundo interno e o mundo externo a partir da *barreira de contacto* e implica, naquele momento, a passagem da *equação simbólica à representação simbólica*, conseguindo-se – pela tolerância ou não à situação catastrófica sentida – uma certa coincidência com objecto mas também a sua recriação, na construção interna da distancia entre o objecto, o que é a sua representação e o sujeito que representa, o que possibilita, também a revelação do nível de separação e ligação entre a realidade interna e a realidade externa, o que num percurso caminhado por entre os cartões que constituem o método Rorschach e de resposta em resposta, faz pairar um ir e vir comunicacional no/para o sujeito também como sujeito contínuo em ser, crescer e se transformar, expressando nesta forma de actuar, um compromisso entre aquilo que demais significativo rege a sua realidade interna e aquilo que de mais significativo, para si, retém da realidade externa, assente na relação que estabelece consigo mesmo e com os outros.

Nesta aventura emocional e comunicacional, por excelência, o sujeito expressa-se num trabalho psicológico que irá revelar a natureza dos objectos internos suscitados pelos objectos externos, a natureza do próprio sujeito expressa nas suas relações com os objectos. E este caminho configura o *processo-resposta Rorschach* que opera, então através dum trabalho “*de transformação, ligação e recriação entre o interno e o externo, que através da projecção, impõe e faz emergir a expressão da*

*simbolização e portanto do pensamento*” (Marques, 1996, p. 46). O Processo-Resposta-Rorschach é então compreendido por nós como um processo que se revela (e releva) todo um percurso de comunicação – ligação – transformação – conhecimento – pensamento – significação e expressa a potencialidade inscrita nos diferentes movimentos (dialécticos) que o compõem e ainda manifesta o(s) caminho(s) efectuados pelo sujeito na descoberta do(s) sentido(s) da tarefa desenhada num quadro de encontro, de si, do(s) outro(s), pelo(s)/no(s) sentido(s).

Enquanto produto de um processo de formação simbólica, a resposta Rorschach, pode e deve ser ainda descrita no contacto entre o seu conteúdo latente (enquanto expressão do sujeito) e o conteúdo latente do cartão Rorschach, pois pode ser caracterizada como comportando o balanceamento entre a actividade perceptiva e a actividade projectiva, de acordo com Chabert (1998) e Raush de Traunbenberg (1978), entre o real e o imaginário, entre o virtual, transitivo e real. Como constituinte da inscrição no meio, o apelo à percepção constitui o precursor através do qual o sujeito irá, também delimitar a sua elaboração que traduzirá simultaneamente as suas preocupações essenciais e os modos como as organiza na sua relação aos objectos, fantasmas e afectos nas imagens-conceito que vai expressar (Chabert, 1998), na sua confrontação com os limites impostos pela realidade, na dupla exigência interno e externo expressa, também entre o dentro e o fora.

C. Chabert (1998) caracteriza a resposta Rorschach a partir de dois eixos: *a representação de si*, que remete para a noção de identidade, que se relaciona com um certo número de elementos que estão em relação com a diferenciação entre sujeito e o objecto assim como por outro lado, poderão se relacionar com a diferenciação sexual; e *a representação das relações*, que remete para a noção de identificação, para o registo conflitual e os níveis de desenvolvimento libidinal. A configuração do material Rorschach constitui-se como material privilegiado da representação de si a partir da sua estruturação simétrica ordenada em volta de um eixo, que convida à projecção do esquema corporal, em especial nos cartões ditos unitários, onde se assiste à solicitação da projecção dum *continente-conteúdo*, de um *continente* que albergue o desconhecido e o signifique face aos diferentes elementos dispersos suscitados mas que ao mesmo tempo, noutra perspectiva, é afinal um *conteúdo*, da representação da identidade de um sujeito. Esta situação é também atestada, pelo

facto, já mencionado, da solicitação imposta à separação/ligação entre interno e externo, entre sujeito e objecto, entre sujeito e um outro, que coloca à prova os limites, assim como o reconhecimento da pertença ao mundo humano a poderá igualmente atestar, na sua conjugação destes elementos mencionados. Os limites corporalmente vivenciados e experienciados são solicitados pelo contraste figura/fundo, dentro/fora que delimitam os contornos e a fronteiras ora respectivamente do e no mundo interno e nas suas relações com a realidade externa. A relação que o sujeito estabelece com o objecto esboça-se na mancha Rorschach e revela todo um trabalho interno de delimitação de fronteiras, a separação eu/não-eu, a relação eu/outro, da conservação de uma interioridade (a)firmada, única e fundamentada, não só mas também na noção de relação (de/com objecto) e integração, nos processo de separação e individuação. A representação das relações configura-se, principalmente nos cartões bilaterais que mobilizam a representação do sujeito face a um outro e esboçam essa mesma representação no investimento e a representação desse Outro. Não se trata agora do sujeito face ao mundo, como sujeito individuado mas o sujeito face ao outro e o papel desse outro na sua vida. A solicitação assenta no referencial simbólico das imagens paternas na sua inter-relação, também, ao feminino/masculino. Sendo, igualmente esboçado, na organização em duplo, das relações de/com objecto de amor e ódio na expressão das relações narcísicas ou objectais, agressivas e/ou libidinais. Sendo contudo, ainda possível, observar, no concreto da expressão *continente-conteúdo* as qualidades simbólicas referentes nomeadamente ao feminino e o masculino e a sua inter-relação, que no processo-resposta Rorschach implica igualmente e enquanto na base da actividade mental, do pensar sobre e com um Outro-Eu e um Outro em si mesmo.

Assim, pensamos que o Rorschach enquanto método cria uma especificidade e singularidade disposta na disponibilidade de percorrer um caminho de interpretação, comunicação e simbolização, colocada numa relação entre um Eu e um Outro, oscilante entre a tarefa de atribuir um sentido integrado e significado (entre sujeito, e outro(s)- mancha e psicólogo) e a tarefa de atribuir um sentido ao sentido comunicado. Trilhando um caminho por uma situação disruptiva, catastrófica, entre o sentido e o não-sentido, revela-se uma actividade mental conceptualizada na ligação-transformação e recriação que situa um novo objecto ( comunicado) entre o mundo interno e o mundo externo, entre a fantasia e a realidade, entre o eu e o outro,

construído na afirmação de limites e na sua significação (PS $\leftrightarrow$ D; ♀ $\leftrightarrow$ ♂), suportando-se, ou não, a união e a separação que visa, antes de mais, a integração na procura da estabilização, da restauração da completude e coerência.

Parece-nos por fim que o método Rorschach assenta sobre as conceptualizações de *comunicação, interpretação e simbolização* (Marques, 2001). A noção de *comunicação* possibilita o pensar sobre a resposta do sujeito como resultado da comunicação e ligação que ocorre entre as várias partes do sujeito em termos internos assim como a ligação e comunicação que decorre na situação projectiva da qual faz parte uma relação interpessoal, sendo que a resposta Rorschach emerge da reunião e intersecção dos diferentes elementos que se impõem na situação enquanto um todo e implica a transformação, desenrolando-se, em relações continente-conteúdo, um evoluir pela conjugação de diferentes elementos que formam objectos e diferentes ligações entre eles que possibilitam um caminho até a um todo, até a uma resposta comunicada. A noção de *interpretação* que nos possibilita aclarar a acção do sujeito até à resposta comunicada, sendo contudo que esta acção de interpretação tanto ocorre no sujeito na imposição de uma resposta assim como decorre no outro presente na situação projectiva – o psicólogo – dado que assim como um sujeito atribui um sentido assim também um psicólogo fará um trabalho de atribuição de sentido ao sentido criado, pela desconstrução desse mesmo sentido através do estudo do processo que se descobre na formação de uma resposta Rorschach, de um símbolo. Este processo (de construção) poderá ser compreendida pela noção de projecção que também contem a noção de identificação projectiva. Será, pois a partir da conceptualização da identificação projectiva, assente na relação continente-conteúdo que nos será possível entender o processo pelo qual o sujeito passa até à criação de um significado ordenada na própria subjectividade, no, e também, do adquirir por dentro certas significações que preenchem e que possibilitam a partir dessas procurar outras na evolução e na criação, através “ *das passagens que vão da dispersão à integração, da deformação à coloração, da falha ao símbolo, da desligação à ligação e da transformação à criação e simbolização* ” (Marques, 2001, p. 194). A noção de *simbolização* permite-nos perceber como o Rorschach pode ser visto como impondo todo um trabalho de simbolização e como por outro lado por ser visto como um símbolo em si, se pensarmos que impõe na

desestruturação o pensar o desconhecido e o mobilizar do familiar até ao significar da frustração que a perda de um objecto produz na criação e na substituição.

#### ***4.1. Os Cartões Rorschach***

Nesta perspectiva adoptada de *saber/não saber, ir sabendo/não sabendo*, competemos agora fazer uma breve descrição sobre a composição do material Rorschach: Os cartões Rorschach. Esta descrição serve os propósitos que temos vindo a clarificar, ao longo dos capítulos, a partir do objecto de estudo e dos objectivos nele inscritos, como sendo aqueles que traçam a partir dos processos de transformação que ocorrem na adolescência, nomeadamente, aqueles que se referem à/na relação entre sujeito e o outro, isto é à acção, função e características da identificação projectiva. Assim na convergência entre simbolização, adolescência e Rorschach, pensamos pertinente a breve reflexão sobre os cartões Rorschach pois a sua constituição simbólica fará parte de uma linha de pensamento sobre a identificação projectiva descrita nos procedimentos.

Numa análise descritiva dos cartões Rorschach, Raush de Traunbenberg (1990, in Chabert 1998) descreve alguns aspectos comuns aos 10 cartões organizando-os de acordo a sua constituição simétrica e a presença de elementos cromáticos e acromáticos que se configuram em duas dimensões: A dimensão estrutural e a dimensão sensorial, de acordo, respectivamente a construção formal dos cartões e a presença das cores. Assim temos que na dimensão estrutural, os cartões diferenciam-se pelo seu carácter inteiro e coeso ou numa configuração dupla, bilateral, sendo que quer os cartões unitários (I, IV, V, VI, IX) quer os cartões bilaterais (II, III, VII, VII, X) se organizam de acordo uma simetria mais ou menos evidente e visível. Nos primeiros, a solicitação inscreve-se na imagem do corpo, na representação de si e nos cartões bilaterais destaca-se a representação das relações, a representação do Outro em e na relação com um Eu. Também é possível organizar os cartões através do carácter aberto (I, IV, V, VI) ou fechado (I, II, III, VII, VIII, IX, X). Dentro desta organização, evidenciam-se determinações perceptivas e simbólicas que se

desenvolvem a partir do carácter aberto, oco, e que se pode expressar como continente em referencia ao feminino/materno tendo por oposição o aspecto fechado, compacto associado ao conteúdo, a, por exemplo, referências fálicas. Na dimensão sensorial, distinguem-se os cartões cinzento-escuro (I, IV, V, VI), os cinzentos (VII), os negros – brancos - vermelhos (II e III) e os pastel (VIII, IX e X). Os cartões cinzento-escuro ou num contraste branco - preto quando atingem a sensibilidade de um sujeito podem dar origem a expressões de inquietude, ansiedade mais ou menos intensas e que podem, numa correspondência cultural reenviar para o simbolismo de tristeza e luto assim como vazio implícito nestas cores. Os cartões com a presença do vermelho é determinante na solicitação manifesta em afectos brutos que o compõem na sua conjugação com o preto e o branco numa reactivação de movimentos pulsionais, agressivos e/ou libidinais. Os cartões pastel na sua apresentação numa tonalidade de cores filtradas na intensidade, induz ao seu papel nos afectos, tendo cada um destes uma solicitação diferenciada. No cartão VII apresenta-se no choque ocorrido pela mudança da factura do material para uma estrutura relativamente clara, não havendo invasão de cores. O cartão IX caracteriza-se na interpenetração das cores e acentua o esforço na sua delimitação. O cartão X pelas suas características estruturais que o situam num registo fechado e simultaneamente aberto também o tornam ambíguo.

Numa análise mais específica dos cartões a partir de três dimensões – características objectivas do material, tonalidade emocional e solicitação simbólica –, Raush de Traunbenberg (1990, in Chabert, 1998) descreve cada um dos cartões, através das quais se salienta as suas qualidades formais, a oposição figura/fundo, a cor e o esbatimento.

**Cartão I** – A tonalidade emocional é geralmente disfórica ou neutra, podendo ser camuflada pelo apelo ao banal. A solicitação simbólica deriva precisamente desta situação de apresentação, de entrada no material, na relação, acedendo-se, portanto, à imediata apreensão do sujeito face ao desconhecido. Põe à prova a força do sujeito nesta situação, quer numa conduta dependente passiva, quer na mobilização activa e no máximo, as suas forças defensivas. A um nível menos evoluído, este cartão reenvia para a relação com a mãe pré-genital nos seus aspectos positivos e/ou negativos, podendo originar imagens de segurança ou de ameaça. Será importante,

também, compreender o modo como o sujeito elabora o impacto com o desconhecido, que se desenha neste cartão, através do pensamento e da simbolização. Como é que a partir do caos provocado, o sujeito liga o mundo interno e o mundo externo, através da *barreira de contacto*, através da *função alfa*.

**Cartão II** – Emerge, de novo, uma nova situação, pelo sobressair do vermelho, suscitando uma carga emocional que, numa forma geral, é fortemente vivenciada no simples sentido do mal-estar, do desconforto, numa excitação positiva ou reacção negativa. A solicitação simbólica provém do conjunto de vermelho, branco e preto ou numa abordagem mais circunscrita das manchas vermelhas, do buraco branco ou do negro. Numa maneira geral, a circunscricção das manchas vermelhas reenviam para as diferentes pulsões agressivas e/ou sexuais. Num nível mais evoluído, o estímulo solicita a luta e a competição, e num nível menos evoluído, a explosão ou a dispersão. Apreendido globalmente, o estímulo dá lugar a fantasmas de nascimento, de relações precoces simbióticas ou destrutivas. A apreensão formal numa resposta global poderá subentender uma procura numa unidade face à dispersão dos elementos. O cartão II é bissexuado nas suas formas, podendo desencadear respostas específicas. Este cartão introduz a relação pela sua configuração bilateral e juntamente com a solicitação pulsional que apresenta, será importante perceber como o sujeito integra ou não, o pulsional na relação, como percebe e se liga, (ou desliga), ao outro, qual o papel e função desse outro.

**Cartão III** – A relação emocional é geralmente positiva, na medida em que permite uma certa descontração pela sua estrutura menos centrada e menos pesada, excepto quando a relação das personagens é problemática ou quando estas personagens pertencem a um mundo irreal. A disposição espacial das silhuetas humanas, que se dispõem neste cartão, impõe simbolicamente a necessidade de representação de si face ao outro, e o tipo de relação convergente ou divergente. A problemática da identificação também pode estar patente. Assim pela proximidade do estímulo às imagens humanas, a representação de si face ao outro, é claramente solicitada, podendo conduzir a imagens que dão conta da possibilidade do sujeito se representar em relação, separado, sexuado ou poderão ficar reduzidas a imagens especulares, em espelho, evitando assim a dinâmica relacional, ou poderão, mesmo, surgir imagens internas “*do interior do corpo*” ( Chabert, 1998, p. 69), em substituição da vivência

relacional. Podemos ainda acrescentar que a possibilidade do sujeito se representar como objecto total surge neste cartão pela solicitação simbólica, e subentende a elaboração da posição depressiva descrita por M.Klein, assim como, a delimitação clara entre o dentro e o fora. Quando o cartão é invertido, a imagem humana reenvia de imediato para o irreal poderoso e ameaçador, distorcendo, portanto, a imagem do corpo.

**Cartão IV** – A tonalidade emocional é quase sempre disfórica pois o negro pode provocar reacções de angústia ou de grande desconforto e mal-estar. O facto do estímulo ser negro grande e disperso com a forma humana em filigrana, a solicitação simbólica representa-se em imagens de potência, de força, de dominação e de autoridade, podendo gerar reacções positivas ou negativas, construídas numa imagem de si activa ou passiva. O suporte perceptivo propõe uma construção corporal humana, através da qual o sujeito experimenta movimentos de identificação. Deste modo, este cartão, pode reenviar para uma imagem super-egoica paterna ou para a imagem materna omnipresente. Estas imagens serão melhor ou pior organizadas consoante revelam a integração numa construção corporal delimitada e bem definida. Parece-nos que este cartão ao evocar uma reacção desconfortante, angustiante, pela sua solicitação simbólica ligada à representação de si, conduz a uma grande destabilização, a um caos psíquico, que poderá ser contido simbolicamente através da função alfa, que permitirá ou não, a elaboração desta situação.

**Cartão V** - A tonalidade emocional é geralmente neutra, uma vez que o cartão está próximo da realidade. Pode gerar sentimentos disfóricos, se há persistência da reacção ansiosa ao cartão IV, mas, poderá também, gerar um sentimento eufórico, quando está presente uma valorização narcísica, ou um alívio, no reconhecimento numa realidade objectiva. Devido à condução simbólica do estímulo à realidade objectiva, este cartão comporta, pela sua factura unitária e celular, um apelo ao sentimento de integridade, à unidade do ego e/ou ao conceito de si. Este sentimento de integridade pode corresponder à integridade psíquica ou somática. Na recusa deste cartão poderá se denotar uma luta contra a desorganização, perante a solicitação simbólica, ou por uma incapacidade mediante a realidade evidente a que apela este cartão. O sentimento de si poderá se tornar trepidante, quando surge uma oposição entre as duas metades da mancha, expressando a existência numa ambivalência. Uma

apreensão global adequada ao estímulo, permite, então, apreender a diferenciação clara entre o mundo interno e o mundo externo. Esta situação gera-se através da barreira de contacto e pelo uso da identificação projectiva que possibilita novas ligações e novas relações *continente-conteúdo* solicitando, desta forma a simbolização e o pensamento.

**Cartão VI** – A reacção emocional é normalmente negativa tal como ocorre no cartão IV. Este cartão é rejeitado com frequência. O cartão VI está muito carregado de implicações sexuais e apesar de apresentar um carácter bissexuado, é a dimensão fálica que é, maioritariamente, utilizada. A dinâmica actividade/passividade ou uma problemática de castração são elaboradas em respostas K ou em esbatimentos (respostas em E), independentemente das representações sexuais simbólicas ou não. Será importante referir que partindo da reacção que ocorre frequentemente na percepção deste cartão, poderemos pensar que as respostas, dadas pelo sujeito, transportam e revelam a capacidade do mesmo em significar o impacto emocional suscitado. Se é possível, ao sujeito, através da função alfa, transformar os elementos  $\beta$  em elementos  $\alpha$ , a partir da comunicação entre o dentro e o fora, encontrar dentro de si um continente acolhedor e desintoxicador.

**Cartão VII** – A tonalidade emocional reflecte o carácter inacabado e desarticulado do estímulo, acentuando quer uma reacção neutra, quer uma reacção negativa motivada pelo seu carácter frágil, inacabado e instável. Esta característica poderá determinar algumas dificuldades na delimitação entre o mundo interno e o mundo externo. Este cartão remete para um simbolismo feminino e/ou materno, o que leva o sujeito a situar-se em relação ao sexo feminino, à imagem feminina ou à imagem materna, em função da sua relação primária com a mãe, o que pode dar origem a cenários securizantes, abandonicos ou até mesmo destrutivos. Assim, num cartão que a relação às figuras femininas/maternas é solicitado, pensamos que será importante compreender onde se situa o sujeito face ao continente materno que outrora lhe serviu de base para o sonhar, para o pensar e simbolizar. Será também relevante perceber em como se desenham as capacidades do sujeito em se localizar num espaço transitivo entre o dentro e o fora. Apesar de em todos os cartões este espaço transitivo ser solicitado, pensamos que este cartão, pelas suas características se

marcarem pela interpenetração das cores, apela, de certa forma, para uma decisão clara, por parte do sujeito, em situar entre o dentro e o fora.

**Cartão VIII** – A tonalidade emocional é muito diferente, sendo muitas vezes positiva. Podem surgir também reacções disfóricas quando surgem imagens referentes ao interior do corpo, ao corpo deformado. A presença da cor é considerada como solicitadora da comunicação, da troca, apelando ao exterior, à afectividade, à relação com o outro. Este apelo ao exterior também poderá ser negado e evitado, num recurso à negação da cor. As respostas podem ir no sentido da valorização narcísica, ou no sentido das preocupações somáticas ou ainda, numa vivência de destruição corporal. Podem ainda, ser expressos sentimentos de fragilidade e de carência através da sensibilidade ao branco. As cores integradas numa resposta global podem possibilitar a criação de (con)fusões entre o dentro e o fora, perdendo-se a distância em relação ao impacto emocional suscitado pelo cartão.

**Cartão IX** – As reacções emocionais a este cartão são variadas, submetendo-se à capacidade e/ou resistência de regressão do sujeito para que apela o cartão. A própria estrutura do cartão, a sua abertura e o seu vácuo, a interpenetração das cores e os limites pouco claros, favorecem evocações por vezes tão regressivas que se pode denominar este cartão como o cartão “uterino” ( Chabert, 1998, p. 85). Devido à ausência de elementos rapidamente estruturantes, a ressonância a este cartão é frequentemente intensa e raramente neutra. A solicitação à regressão pode ser sentida de forma positiva ou negativa, reenviando sempre o sujeito para uma simbólica pré-genital, podendo aparecer associada a fantasmas de gravidez ou nascimento. Pela impossibilidade de integrar esses fantasmas, o sujeito pode expressar respostas sexuais cruas ou de desintegração corporal. A solicitação à regressão é dominante, podendo ser compensada ou substituída por uma polaridade pulsional manifesta. O pólo pulsional pode, então, ser explorado quer no seu aspecto asténico ou destrutivo. Assim, parece-nos importante tentar compreender as possibilidades do sujeito em simbolizar e pensar a partir do apelo regressivo que solicita a ligação e comunicação entre o mundo interno e o mundo externo.

**Cartão X** – A reacção emocional está ligada a dois aspectos: primeiro, trata-se do último cartão e por tal, a ruptura da situação pode ser sentida como alívio, satisfação

ou como ferida; segundo, a dispersão do cartão facilita ou bloqueia as associações. A solicitação simbólica depende da centração que o sujeito pode fazer, quer a partir das cores, pela dispersão ou pela importância do espaço branco. É um cartão de festa, euforia ou de fragmentação. Num nível mais primário, a dispersão perceptiva tem um eco doloroso na angústia de fragmentação, podendo se expressar em imagens mórbidas, em partes do corpo, tornando-se difícil a procura de referências, ou pontos de junção, em que as possibilidades se pulverizam. O facto de ser o último cartão, faz denotar um papel importante em termos transferenciais. Este cartão apela no sujeito, a um sentido e direcção numa linha imaginária de individuação. Uma vez que a integridade do Eu é posta em causa, pela sua dispersão, impõe-se a necessidade de conter os elementos provenientes quer do exterior quer do interior numa espécie de síntese, que permita a elaboração da angústia suscitada quer pela separação, quer pela individuação.

Será, ainda, importante compreender o modo de funcionamento predominante no sujeito que, perante as características do estímulo poderá circular entre o processo perceptivo e o processo projectivo, isto é, poderá passar dum simples reconhecimento da realidade objectiva até a um investimento mais pessoal de realização intelectual com valor defensivo, e terminando num nível mais regressivo, perto do sonho, ou poderá até mergulhar num despique invasor fantasmático. Este ir e vir nas diferentes modalidades irá se reger quer pelas implicações projectivas, invasões fantasmáticas, investimentos na relação objectal, modalidades defensivas e pela tomada de consciência dos conflitos e das pulsões, irá reger-se pelo trabalho de ligação e desligação, de desintegração/integração inerente ao processo simbólico e ao pensamento. Assim, numa análise inter e intra cartões, o sujeito desencadeia determinados movimentos oscilatórios que vão do distanciamento ao recurso ao imaginário contido ou à perda de distância e confusão entre o interno e o externo geradora da desrealização. Esta dinâmica que se desenrola no processo de resposta Rorschach, entre o sujeito, o material e o psicólogo, descreve-se numa dinâmica dentro/fora e desenrola-se ao nível de imagem de corpo fantasmaticizado e das relações que decorrem dessa imagem. O processo de simbolização e o pensamento desenham o sujeito a partir das suas respostas, das imagens-conceito, dos símbolos criados.

## ***4.2. Os Elementos de Cotação***

Os elementos de cotação são constituídos pelos modos de apreensão, os determinantes e pelos conteúdos. O estudo destes elementos é importante na medida em que nos permite compreender, numa resposta Rorschach, a oscilação entre a percepção e a projecção, *entre* a implicação pessoal e a realidade, *entre* o interno e o externo, complementando desta forma, a análise feita a partir da solicitação simbólica de cada cartão Rorschach.

O estudo dos elementos de cotação permite-nos aceder à forma como o sujeito cria uma resposta, como liga o dentro e o fora, como, através da comunicação e transformação, se processa a resposta Rorschach, a imagem-conceito, na qual a procura e o “descanso”, permitido num continente, concede o pensamento e a simbolização.

É num ir e vir entre a desintegração e a integração que o sujeito procura comunicar através da identificação projectiva- consigo próprio e com o outro, solucionando uma resposta que transmitirá a maneira como se vive e vive com o outro.

### **Modos de Apreensão**

Os modos de apreensão referem-se à localização, na mancha, da resposta do sujeito, traduzindo a estratégia perceptiva utilizada pelo sujeito para abordar os cartões Rorschach. Referem-se à tela perceptiva onde se molda o conteúdo duma resposta Rorschach, pondo em evidência as modalidades subjectivas da relação ao mundo dos objectos externos em correspondência com a relação que o sujeito estabelece com os objectos internos. A tomada de contacto com o cartão, através dos modos de apreensão, informa-nos de como o sujeito apreende o mundo, o real, o outro, como o sujeito articula aquilo que é de origem interna e de origem externa, como articula a figura e o fundo que lhe é apresentado, como se articula com o objecto, com o outro. Os modos de apreensão devem ser analisados conjuntamente com os outros elementos de cotação: os determinantes e os conteúdos, permitindo aceder ao encadeamento dos movimentos associativos do sujeito em situação de teste, e por

isso permite apreender de forma mais fiável a sua dinâmica interna. Nos modos de apreensão distinguem-se pelas respostas globais (**G**), que se referem ao conjunto do cartão, pelas respostas em grande detalhe (**D**) que se referem a partes da mancha facilmente localizáveis, pelos **DbL**, que são respostas localizadas nos espaços brancos intra ou inter- maculares, pelos **Dd** que são as respostas referentes a recortes raros e pelos **Do** ou detalhes oligofrénicos, que designam detalhes que pertencendo a um conjunto, são tratados isoladamente.

**Respostas Globais (G)** - As respostas globais surgem habitualmente como a primeira abordagem dum cartão. As respostas em G, expressam uma actividade associativa, compreendida num esforço de combinação de vários elementos. Testemunham uma adaptação de base à realidade objectal e operando uma descrição da mancha percebida no seu conjunto, revelam a necessária socialização do pensamento. Estas respostas anunciam uma elaboração mental que marca as capacidades de pensamento interiorizado, isto é, a capacidade do sujeito para a formação simbólica (a existência dum espaço psíquico). As respostas em G, servem de continente à projecção da imagem do corpo, uma vez que os G podem dar conta do reconhecimento dum objecto total no seio duma relação com o mundo, utilizando para tal a capacidade de diferenciação entre o sujeito e o objecto, entre o real e o imaginário. Por oposição, pode evidenciar a falta de tal distinção, uma invasão do mundo externo sob o mundo interno na estreita dependência do sujeito em relação aos cartões. A partir das respostas em G, o sujeito procura uma unidade, uma síntese dos vários elementos do cartão, pretendendo conter a angústia gerada pela entrada na situação “catastrófica”. Assim, a possibilidade de conter a mancha num todo, ou seja, distinguindo a figura do fundo, e firmando, portanto, os limites entre aquilo que é de ordem interna e aquilo que é de ordem externa, pressupõe a comunicação através da barreira de contacto, pressupõe que o sujeito dispõe de um espaço psíquico capaz de acolher e transformar (através da função alfa) os elementos que “a vez” surgem do exterior e do interior. É através da identificação projectiva que se torna possível, ao sujeito, pensar e simbolizar, partindo de novas ligações e novas relações continente-conteúdo, permitindo colocar os objectos uns dentro dos outros.

**G simples** - A partir dos G simples, o sujeito aborda o cartão através duma leitura simples, “fácil”. Este tipo de respostas aparece em particular nos cartões que os favorecem, ou seja nos cartões compactos. A sua presença num protocolo é

necessário na medida em que permite pensar que o sujeito possui capacidades para abordar o mundo social. Apesar de traduzirem pouco esforço na elaboração, uma vez que há uma certa colagem à realidade perceptiva, estas respostas são importantes na medida em que dão conta da capacidade de discriminar um objecto nos seus contornos definidos e precisos, denotando-se a possibilidade por parte do sujeito em se destacar do objecto, do outro. Quando associados a uma boa qualidade formal (F+), os G simples traduzem a existência dum self diferenciado e integrado, capaz de se relacionar com um objecto total. As respostas G simples evidenciam uma ancoragem correcta na realidade apesar de não haver uma tomada de conhecimento activo sobre o objecto, isto é, nestas respostas existe um predomínio da pólo perceptivo sobre o projectivo (o subjectivo), há predomínio do mundo externo sobre o mundo interno. Quando as respostas G simples aparecem com grande frequência, podem evidenciar uma atitude defensiva por parte do sujeito em não se implicar pessoalmente, quer numa tentativa de não aprofundar a sua procura, não se projectando, numa busca interior demasiadamente intensa, quer em, não se revelar muito ao objecto externo, ao outro, à relação interpessoal estabelecida na situação Rorschach. Quando as respostas G simples aparecem em número insuficiente, poderá indicar uma menor capacidade, do sujeito, em se discriminar perante o objecto e/ou perante o outro, uma vez que a imposição de limites se apresenta fraca e a diferenciação entre o eu e o outro, eu e o objecto poderá estar comprometida.

G vagos – Associando ao seu carácter formal pouco preciso (F+/-), os G vagos podem testemunhar um pensamento pouco asténico e pouco sólido. A abordagem do mundo é mal delimitada e frágil nas suas discriminações, encontrando-se, uma indefinição quer do sujeito quer do objecto. Estas dificuldades em delimitar o dentro e o fora, o objecto e o próprio sujeito podem indicar uma insuficiência do envelope, do continente onde se alojam os objectos, os conteúdos. Os G vagos podem também ser utilizados como defesa contra uma implicação, um compromisso que é sentido como inquietante ou mesmo perigoso. Neste sentido, o sujeito contenta-se a dar respostas imprecisas, evitando, desse modo, mergulhar no interior do cartão e projectar-se perante o outro, o psicólogo.

G impressionistas -Caracterizam-se pela sua associação aos elementos sensoriais (E, C', C). Este tipo de resposta pode testemunhar uma luta contra o surgir de representações, a partir da expressão dos afectos com tonalidade sobretudo lábil, mostrando a sugestibilidade do sujeito, a sua permeabilidade, face às qualidades

sensoriais do material. Por outro lado, este tipo de resposta pode revelar alguma fraqueza do Ego, que dá livre curso à invasão do emocional, fazendo emergir barreiras frágeis.

G elaborados – Os G elaborados ou combinados revelam uma operação mental dinâmica, uma vez que o sujeito não se contenta em apreender os dados perceptivos do estímulo, mas contribui com uma elaboração pessoal. Esta articulação harmoniosa entre a percepção e a projecção na resposta Rorschach, revela as capacidades criativas e dinâmicas do sujeito em não se redimir à percepção, à submissão do estímulo, do mundo exterior. Existe portanto, aqui, uma possibilidade de integração e comunicação entre o mundo interno e o mundo externo, testemunhando a presença dum espaço psíquico próprio, com a capacidade de elaborar as experiências emocionais, em ordenar e integrar o caos, através dum continente capaz de albergar e transformar conteúdos inquietantes. As respostas em G elaborado expressam a capacidade do sujeito em pintar o exterior com as cores do seu mundo interior, destacando-se o imaginário e o subjectivo elaborado e transformado.

G contaminados - Os G contaminados resultam da fusão de duas imagens numa apreensão global. Este modo de apreensão resulta da incapacidade de delimitar o mundo interno e o mundo externo. Duas imagens parciais são intrincadas no tempo e a sua combinação é absurda. Este modo de apreensão é característico da posição esquizo-paranoide, onde a diferenciação entre o eu e o não eu, entre objecto e o sujeito ainda não encontrou os seus limites. Parece-nos que nestas respostas, a identificação projectiva é utilizada com meta na expulsão de elementos  $\beta$ . Assim, neste modo de apreensão, revela-se a ausência duma barreira de contacto capaz de articular de forma mais ou menos harmoniosa o mundo interno com o mundo externo. Não parece existir, neste panorama, espaço psíquico capaz de transformar os conteúdos não elaborados.

G confabulados - Os G confabulados caracterizam-se por uma apreensão que é extrapolada a partir dum detalhe, revelando um pensamento com tendência para a generalização. Neste caso, o sujeito procura controlar uma situação angustiante através duma busca, sem sucesso, dum continente que abarque o estímulo, tentando, deste modo, a integração do eu e do objecto. Uma síntese transformada e transformadora dos elementos suscitados pelo exterior e provenientes do interior não é possível, pressupondo que o sujeito não consegue movimentar-se entre a desligação

e a ligação (PS $\leftrightarrow$ D), por intermédio duma fronteira que separe e ao mesmo tempo permita a comunicação do dentro e do fora, pondo a descoberto uma indistinção entre o próprio sujeito e o outro. Numa perspectiva biononiana, podemos assimilar que a distorção de “O” é muito grande, implicando o difícil reconhecimento dos elementos invariantes. Trata-se, portanto, duma transformação do tipo projectivo.

Respostas de Grande Detalhe (D) - As respostas D, são respostas em que o sujeito utiliza partes da mancha facilmente isoláveis, que se impõem perceptivamente. Existem cartões que favorecem mais este modo de apreensão, como é o caso dos cartões II, VII e X. Neste tipo de resposta, o sujeito descentra-se do todo, do global, para explorar, analisar uma parte da figura, dando conta duma vontade de aprofundando e investindo nos objectos da realidade exterior e do outro. Sucedem-se, habitualmente a um modo de apreensão em G, desenhando, assim, um movimento que vai do geral para o particular, tornando-se, portanto, mais pessoal. A abordagem em D, testemunha a presença dum ego suficientemente forte, isto é, que se pode submeter à prova da realidade. Denota-se uma capacidade de análise do particular, uma capacidade de cindir, de desligar, para depois ligar com vista no conhecer, no simbolizar. A partir da necessidade de explorar o exterior, podemos extrapolar que as respostas em D, associadas a uma boa qualidade formal estão relacionadas com o vínculo K, descrito por Bion. Partindo duma relação continente-conteúdo, suscitada pelos elementos constituintes da situação Rorschach - o sujeito, a mancha, o psicólogo - o examinando demonstra possuir uma capacidade e um desejo de conhecer, caminhando para “O”, para as suas verdades internas, para o conhecimento de si, através do outro. A capacidade de investir analiticamente no cartão indicia o desejo de procurar o outro, na situação relacional, estabelecida a partir da situação Rorschach. Ao explorar o seu mundo interno, o sujeito lida com o desconhecido e se acerca de si.

Este tipo de resposta dá, então, conta duma diferenciação afectiva decorrente da diferenciação perceptiva, duma discriminação clara de si e do outro. Quando aparecem associados a determinantes formais (F+), os D marcam a manutenção pela realidade objectiva, tomam essencialmente significados adaptativos e defensivos. Mas as respostas em D podem também servir como função para evitar o confronto contra um todo angustiante. Uma abordagem que privilegia um aspecto do cartão em

detrimento do todo, pode permitir o isolamento entre duas representações ou entre o afecto e uma representação. O domínio deste tipo de resposta pode manifestar-se numa dificuldade em apreender globalmente um objecto, em delimitá-lo na sua totalidade o que podendo mesmo expressar um self não unificado.

**Respostas em Pequeno Detalhe (Dd)** -Este modo de apreensão refere-se aos detalhes percebidos com menos frequência e que são muitas vezes os mais pequenos. A presença de Dd, num protocolo, pode ir no sentido dum pensamento original, dum sensibilidade perceptivamente fina e modulada, ou pelo contrário, pode evidenciar uma abordagem arbitrária revelando um pensamento confuso com perda de contacto com a realidade, em que a separação entre interno e externo dificilmente se encontra. Quando associados a partes do corpo humano, as respostas em Dd podem expressar uma procura desesperada para encontrar os fragmentos dum imagem de si estilhaçada, relacionada com a angústia de fragmentação. O sujeito tenta procurar-se, procurar uma imagem de si integrada, juntando pequenas partes. Neste tipo de resposta denota-se que o estímulo é relegado para segundo plano, prevalecendo uma atitude predominantemente projectiva na qual o sujeito prefere claramente o mundo interno e as suas angústias. A dificuldade em ligar e integrar de forma equilibrada os dois pólos subjacentes à situação Rorschach (projectivo e perceptivo) permite-nos extrapolar para a incapacidade do sujeito em confundir o real com o imaginário e a utilizar a identificação projectiva como meio de expulsão de elementos não significados, uma vez que existe uma impossibilidade em encontrar um continente capaz de os conter e os dotar de significado.

**Respostas Dbl** - As respostas Dbl referem-se às lacunas inter ou extra-maculares, em que o sujeito opera uma inversão figura/fundo. Esta centração sobre o branco remete para a incompletude, a falta, independentemente do registo conflitual, seja este primário, isto é, no desnudar de frustrações precoces, de integridade corporal ou num registo de castração, na dificuldade de ser confrontado com a ferida imposta, simultaneamente pelo reconhecimento da diferença dos sexos e pela impotência na situação edipiana. Este tipo de resposta pode também agir como defesa. O sujeito apreende o branco em detrimento da mancha, através dum movimento de deslocamento, com o objectivo de evitar lidar com a mancha sentida como ansiogénica. Este tipo de situação pode ser visível nos cartões II e III, em que o

sujeito se centrando no branco, evita lidar com as representações pulsionais suscitadas pelos detalhes vermelhos.

**Respostas Do-** As respostas em Do consistem em interpretações duma parte duma imagem, onde habitualmente se vê um corpo inteiro, um elemento é isolado do todo. Neste tipo de resposta depreende-se que existe uma limitação do quadro perceptivo compreendendo a impossibilidade de integrar/ ligar os elementos entre si e aceder dessa forma a um objecto total. Os Do também podem representar, de forma frequente, se a inibição for utilizada como defesa, um evitamento com uma representação ou afecto ansiogénico.

### **Determinantes**

Os determinantes revelam o modo de construção da resposta criada pelo sujeito, apoiado em determinadas características do estímulo. Expressam a forma como o sujeito aborda, molda e caracteriza os objectos. Os diversos determinantes (F,K,C, E) permitem-nos observar os mecanismos utilizados pelo sujeito na construção da resposta, a diferenciação do mundo interno com o mundo externo, a distinção entre o sujeito e o objecto.

### **Determinantes Formais**

Os determinantes formais dizem respeito ao identificar perceptivamente um engrama, afastando-se das implicações fantasmáticas ou emocionais. Não há atribuição de movimento ou sensibilidade às cores ou ao matizado das manchas. A delimitação interno/externo que é subentendido nas respostas formais surge a partir da capacidade do sujeito, em figurar um objecto num envelope perceptivo.

**Determinantes formais de boa qualidade (F+)-** Corresponde a uma boa forma, a uma forma adequada, o que expressa , num movimento realista, a delimitação entre interno e externo. Esta situação pressupõe uma diferenciação entre o Eu e o outro, mediante uma membrana de contacto que permite a separação e ligação, e a comunicação entre o dentro e o fora. Um excessivo número de respostas em F+ poderá revelar um controlo intelectual face a uma situação ansiogénica. A captação perceptiva operada para dominar o caos psíquico gerado pela situação, expressa-se pela procura excessiva de delimitar e circunscrever a realidade objectiva.

Respostas de má qualidade formal (F-)- Os determinantes F- expressam erros perceptivos que implicam um julgamento arbitrário, de inadaptação ao real. No caso de se encontrarem em número reduzido, poderão assinalar uma certa flexibilidade no arranjo do funcionamento mental, um escape interno que não se deixa submeter ao conformismo dos perceptos. Se se encontrarem em número elevado, a flexibilidade transforma-se em dificuldades de adaptação a um quadro perceptivo, ao meio envolvente, mantendo o cunho duma abordagem não socializada, desintegrada do material. O predomínio de respostas com má qualidade formal, expressam falhas importantes na relação com o real, revelando um uso excessivo da projecção o que leva a um enfraquecimento dos limites entre interno e externo, entre o eu e o outro. Esta indiferenciação remete para dificuldade em simbolizar, em pensar. Mais uma vez, a identificação projectiva é utilizada de forma excessiva, visando apenas a expulsão de conteúdos  $\beta$ . Podemos afirmar que, considerando as respostas F- como produto final duma transformação, ocorreu uma distorção intensa do facto original- mancha Rorschach impedindo dessa forma, o reconhecimento dos invariantes. Trata-se duma transformação do tipo projectivo. O necessário confronto com a frustração, com vista à transformação e ao conhecimento (K) não é possível, verificando-se, neste caso, uma inversão da função K. Forma-se o vínculo -K. Esta insistência na mentira, com o objectivo no evitar o conhecimento das suas verdades, pode pôr a descoberto uma dificuldade do sujeito, em se situar num espaço transitivo, num espaço que permita a comunicação entre a realidade e a ilusão, entre o sujeito e o outro. Pelo facto do real ser afastado, pelo sujeito, pois este está próximo da alienação, a possibilidade de transformar a realidade é quase nula. Esta situação assemelha-se à posição esquizo-paranoide descrita por M. Klein, na medida em que a fantasia reina, e a não diferenciação entre o sujeito e o objecto se encontra no seu plano mais concreto, levando à não diferenciação entre símbolo e simbolizado.

Respostas F+/- -As respostas em F+/- caracterizam imagens de conteúdos pouco definidos, sejam estas devido a dificuldades, por parte do sujeito, em circunscrever um engrama ou pelas suas hesitações. Podem revelar um pensamento vago com dificuldade em encontrar os seus limites, deixando a realidade exterior escapar a uma contenção precisa. Também poderão expressar um modo de funcionamento obsessivo, na medida em que reina a dúvida, a hesitação, a prudência face à implicação que suscita a tomada de decisão.

## Determinantes Sensoriais

Os determinantes sensoriais revelam a receptividade do sujeito às características objectivas do material, na ocorrência, às suas características cromáticas. A incidência deste estímulo sensorial na determinação da resposta testemunha a caracterização das qualidades perceptivas do estímulo-cartão pela sensibilidade à cor - respostas C, C' - ou pelo esbatimento - E- ou, também, através das respostas **Clob**. A sensibilidade do sujeito aos determinantes sensoriais reenvia para uma participação das emoções e dos afectos na vida do sujeito. A ausência total, por exemplo, de respostas que utilizam cor ou a sua omnipresença, podem ser compreendidos como testemunho duma "ausência de afectividade", e a sua omnipresença assinala uma invasão pela afectividade. O excesso ou falta de respostas cor podem expressar a presença de barreiras demasiado frágeis ou demasiado rígidas, na limitação do dentro e do fora, índice de protecção ou de abertura quer às estimulações externas quer aos ecos internos dessas estimulações.

Respostas Cor- A intervenção da cor na determinação da resposta dá conta da sensibilidade do sujeito às características da realidade externa, que poderá ser vivida num ambiente agradável ou desagradável, podendo mesmo levar a uma desorganização que põe em causa as barreiras entre o dentro e o fora.

Respostas C puro -Este tipo de resposta poderá expressar uma invasão pelos afectos, com perda de controlo, por parte do sujeito, que, na impossibilidade do pensamento simbólico, não associa a cor a qualquer representação. No entanto, pode ser utilizada como artifício para evitar o surgimento de representações incómodas, ou poderá ainda, deixar transparecer a impossibilidade de utilizar um continente capaz de conter a excitação que parece então, dispersar-se para lá dos limites. Interessa distinguir a utilização da cor nos cartões vermelhos e nos cartões pastel. Numa distribuição clássica, as respostas "sangue", por exemplo, são frequentes nos cartões II e III, remetendo para as pulsões sexuais e/ou agressivas, num contexto de angústia de castração ou de destruição. Nos cartões pastel, o registo é diferente, acentua-se uma dinâmica regressiva, podendo mesmo manifestar-se alguma dificuldade na delimitação entre o eu e o outro. A aptidão do sujeito para manusear as cores em diversos registos - agressivo e libidinal, libidinal e terno, dinâmico e regressivo - traduz-se em respostas diversificadas que surgem nos cartões vermelhos e/ou vermelhos. Segundo Chabert (1998/1998), quanto mais a diferenciação estabelece as

modulações e a variedade, mais os arranjos são delicados e, em geral, equilibrados. Existe a possibilidade de pensar sobre as representações associadas, pensar sobre a experiência emocional vivida na situação Rorschach. As respostas C puro, relembram os elementos beta de Bion, dado que em ambas as situações, não existe a possibilidade de simbolizar, de pensar, as representações, as experiências emocionais. Não há a possibilidade de encontrar um continente capaz de acolher e transformar, os conteúdos que pertencentes ao mundo interno e ao mundo externo, se misturam numa mística “analfabetizada”.

Respostas CF – Nas respostas CF há predominância da cor na interpretação. O factor formal apresentando-se num papel secundário, reveste a resposta em contornos vagos e pouco precisos. Neste tipo de resposta manifesta-se um enfraquecimento dos limites envolventes do engrama, mostrando que as forças defensivas são ineficazes para conter o impacto emocional ou fantasmático do estímulo. Podemos dizer que nas respostas CF, há uma procura em minimizar o impacto emocional ao material, pela presença da qualidade formal, no entanto, não é mais do que uma tentativa de adaptação à objectividade.

Respostas FC – Dão conta da predominância do elemento formal sobre a cor, não sendo esta vivida como desorganizativa. A cor, neste caso, facilita a articulação e enriquece a percepção formal. A centração sobre o colorido das manchas, permite ao sujeito a criação duma membrana perceptiva, delimitadora entre o dentro e o fora, entre a figura e o fundo, entre o objecto e o sujeito.

As respostas FC, permitem ao sujeito, o criar dum continente onde simultaneamente se integram afectos e emoções, numa apreensão sensível ao mundo externo, mantendo-se desta forma, uma distância temperada, pelo sentir, suficiente face ao objecto, de maneira a que este seja percebido e pensado. A integração da cor numa apreensão formal, permite, que num processo simbólico de ligação e comunicação entre o eu e o outro, se crie um conceito-símbolo. Este processo torna-se possível pelo uso da identificação projectiva, como modo de comunicação entre o sujeito e o outro, numa relação continente-conteúdo. Apreender e pensar no seio dum continente, tendo uma distância relativamente ao objecto, testemunha a abertura, a permeabilidade e a receptividade requeridas para ir de encontro, pelo outro, ao conhecimento de si, para se acercar de si, com sentido e direcção a “O”. Será importante analisar os conteúdos que estão associados às respostas C uma vez que a

partir destes se podem confirmar ou infirmar as direcções que cada resposta poderá ter. As respostas mórbidas, por exemplo, que remetem para o interior do corpo humano, e que surgem numa ligação ao factor cor, mostram que as fronteiras entre o eu e o não-eu, desaparecem, perdendo-se a distância entre o sujeito e o objecto, pela excitação, sentida como intensa, das estimulações exteriores. A demasia ou falta de respostas cor, subentende pela sua extremidade (por excesso ou defeito), uma dificuldade no que diz respeito à delimitação sujeito/objecto, uma barreira de contacto insuficiente nas suas funções, que independentemente da sua rigidez ou permeabilidade que não permite a comunicação entre a realidade interna e a realidade externa, não permite o pensar, o simbolizar o emocional. O uso excessivo deste tipo de respostas, pode emergir como defesa, numa espécie de atracção pelo exterior e desinteresse num mundo interior percebido como pobre ou problemático. A ausência deste determinante, poderá nos guiar até a uma incapacidade em lidar com as emoções, a um desinvestimento do mundo externo e dos seus objectos, reflectindo um sujeito que se fecha em si e deixa de comunicar com o mundo, com o outro.

*Respostas de Cor Acromática (C')* - As respostas de cor acromática (C') apresentam-se em três tipos específicos de resposta: C' puro; C'F; FC' As respostas de cor acromática são muitas vezes testemunho de um humor depressivo, de inquietude e de ansiedade difusa e, muitas vezes, o sujeito não tem consciência de tal. As respostas C' testemunham estados depressivos que não comprometem sentimentos de tristeza ou de desgosto associados a representações de perda, luto ou decepção.

*Respostas C' puro* - Expressam uma sensibilidade ao preto, uma sensibilidade depressiva e/ou uma ansiedade difusa sem probabilidade de contenção. As respostas C' associadas ao modo de apreensão em Dbl, expressam uma sensibilidade ao visual e ao táctil. Este tipo de respostas pode reenviar às relações precoces, denotando-se com frequência o seu aparecimento em cartões cuja simbólica apela ao materno (II;VII;IX). Estas respostas também podem revelar um retraimento pulsional, narcísico, que tende a gelar os movimentos objectais, ao neutralizar a excitação libidinal ou agressiva. As associações ao neutro, ao vazio e ao imóvel, ancoram a recusa ao dinamismo inerente à mudança, à vida, ao conhecimento.

Respostas C’F - Tal como nas respostas CF, as respostas C’F testemunham uma tentativa de controlo do impacto originado pelas cores negras, cinzentas ou brancas, no interior dum continente. Existem, portanto dificuldades na demarcação de limites dentro/fora, que advém do confronto com um sentimento disfórico, suscitado pelas qualidades do estímulo sentido como inquietante.

Respostas FC’ - As respostas FC’ tais como “*uma borboleta preta*” testemunham a delimitação dum humor disfórico, num continente que permite que esse seja pensado, conceituado. Através da comunicação, ligação e integração entre o interno e o externo, é permitido ao sujeito alojar conteúdos disfóricos num continente, possibilitando a transformação e a significação da falta.

Respostas Estompagem -As respostas de estompagem testemunham uma sensibilidade aos tons e às suas matizes. Duma maneira geral, este tipo de resposta surge nos cartões escuros mas poderá, eventualmente, aparecer nos cartões pastel. Distinguem-se três categorias de esbatimento ou estompagem: esbatimento de textura, esbatimento de difusão e esbatimento de perspectiva. Os esbatimentos ou estompagens de **Textura**, caracterizam-se pela sensibilidade táctil, pela referência ao tocar, tal como surgem nas respostas do tipo: “*pele de animal*”. Esta referência ao toque dá conta duma sensibilidade muito precoce, reenviando mesmo, para os cuidados na 1ª infância, para as carícias maternas. Este tipo de resposta expressa a procura do toque, do suporte, dum continente, capaz de alojar conteúdos contemplados pela insatisfação, carência ou por uma angústia. Numa interpretação clássica, prevalece aos esbatimentos de textura, uma dimensão regressiva. Nesta perspectiva, parece-nos válido dizer, que na ausência de respostas de estompagem de textura, poderá existir uma dificuldade por parte do sujeito em deixar-se ir até posições regressivas, quando estas são solicitadas. Estas posições nem sempre estão associadas a reminiscências agradáveis, podendo representar situações muito angustiantes (“*lama*”, “*visco*”). As estompagens de **Difusão**, são características em respostas vagas, imprecisas, podendo apresentar um lado defensivo, na medida em que desempenham um papel de ecrã relativamente às emergências fantasmáticas, através dum “suporte” no vago. Por outro lado, a apetência por imagens vagas e instáveis denota a existência de fragilidades de identidade, falta de referências estáveis e a um aspecto desfiado do envelope. O sujeito está assim impossibilitado de se alicerçar a partir dum continente sólido, capaz de alojar conteúdos. Esta ausência

de consistência, assinala uma friabilidade de assentos narcísicos e da fraqueza do Eu nos sujeitos que não se conseguem construir em torno dum núcleo sólido. As estompagens de **Perspectiva** são mais raras e são utilizadas num sistema tridimensional do esbatimento. Assinalam as insatisfações narcísicas dum sujeito, sublinhando um esforço para as remediar, precisamente, através duma conduta activa, numa articulação perceptivo-sensorial que condensa a expressão e as tentativas para a compensar. Pelo recurso a uma dinâmica regressiva, a estompagem de perspectiva, permite, ao sujeito, reajustes, ao voltar a pontos de fixação, talvez mais fiáveis, para fazer face às insuficiências narcísicas e objectais.

Respostas E - Caracterizam-se por uma impressão vaga, indiferenciada, seja essa uma reacção ao sensorial, difuso ou de profundidade. Tal como nas respostas C puro, existe aqui uma impossibilidade por parte do sujeito em delimitar tais impressões. Não existe possibilidade em alojar a estompagem num continente, dada a inexistência de limites precisos e definidos da imagem percebida.

Respostas EF - Expressam uma resposta dominada pelas matizes e sombras mas que se apoia no aspecto formal, apesar de pouco sólido e delimitado. As respostas EF de textura, testemunham sentimentos de falta, insatisfação e carência numa demonstração de avidez afectiva. As respostas EF de perspectiva estão relacionadas com a avaliação do Eu em relação ao outro, o que pressupõe a falta de segurança do sujeito, e expressa falhas narcísicas. Os EF de difusão testemunham a ansiedade do sujeito face a ausência dum continente sólido, de objectos internos estáveis e protectores. Comportam uma carência na firmeza de solidez, transportando uma ansiedade sem objecto preciso. Mostrar-se sensível ao carácter instável, móvel e fugidio do objecto exterior é provar a sua sensibilidade interior e a sua própria fragilidade.

Respostas FE - A sua utilização supõe uma sensibilidade face ao outro, numa referência às relações. Pela sua delimitação formal, pressupõe também a existência duma ansiedade controlada num continente sólido, face a representações sentidas como ameaçadoras.

Respostas Clob - Este tipo de resposta é determinada pelo contraste claro-escuro do material. Sendo a sua aparência, preferida nos cartões mais escuros, poderão, no entanto, aparecer nos cartões pastel. As respostas Clob definem-se em função dos modos de apreensão, do efeito no sujeito, do carácter escuro da mancha e dos

sentimentos disfóricos tais como o perigo, a ameaça ou a destruição. Nas respostas Clob, participa, de forma intensa, a projecção do sujeito, na medida em que existe, uma angústia que é projectada nas imagens. Estas respostas assinalam uma grande receptividade a tudo o que é emoção dolorosa e angustiante. A projecção, do sujeito, é tanto mais visível quanto menos estruturada for a resposta. As respostas Clob assinalam uma fragilidade estrutural do indivíduo, mostrando uma certa mobilidade do afecto angustiante. Parece-nos que através da resposta Clob, o sujeito indica uma dificuldade em pensar o emocional. As respostas Clob dão conta dum choque face ao material original- "O"- sendo incapaz de simbolizar, pensar o caos psíquico e a vivência emocional experimentada na situação Rorschach. Do confronto com o desconhecido, resulta, então, a experimentação de sentimentos de catástrofe, que induz à paragem do processo associativo, conduzindo o sujeito, numa vivência similar ao terror, à incapacidade de pensar, de simbolizar.

*Respostas ClobF* -Caracterizam-se por uma tonalidade disfórica, que é um pouco atenuada pela tentativa, por parte do sujeito e num julgamento intelectual, recorrer a um continente formal. A intervenção do aspecto formal pressupõe que a invasão pelo fantasma, que provoca a angústia, é combatida se nas respostas seguintes surge uma resposta com boa qualidade formal.

*Respostas FClob* -Nas respostas FClob, em que o aspecto formal domina a evocação ansiosa, surge uma intervenção eficaz do pensamento controlado sobre a angústia, (no caso de lhes estar associado uma boa qualidade formal). Desta maneira, a angústia evocada é contida e conceituada pelo recurso à simbolização, (função alfa).

### **Determinantes Cinestésicos**

As respostas cinestésicas (K) são produzidas quando o estímulo desencadeia no sujeito, impulsos que exprimem uma atitude interior. Pela atribuição de movimento a uma imagem, relata-se um compromisso entre os elementos perceptivos e os elementos projectivos que, em conjunto, são integrados e transformados, resultando a criação de movimento numa imagem que não o contém. Este tipo de resposta permite perceber as capacidades do sujeito em separar o dentro do fora e, por consequência positiva, a sua possibilidade comunicativa, através de construção da realidade externa a partir do contributo da realidade interna. As respostas cinestésicas situam, então, o sujeito, num espaço intermédio entre o interno e o externo, num espaço

transitivo, descrito por Winnicott, de comunicação e integração. Expressam-se motivações, temores e desejos e defesas contra a angústia sustida pelo afloramento desses sentimentos, possibilitando, ao sujeito, separar e ligar o interior e o exterior, ao comunicar através da barreira de contacto e numa relação continente-conteúdo, conjugando o seu mundo exterior e o seu mundo interior, com vista à representação simbólica. Esta capacidade de pensar e integrar emocionalmente as experiências, apresenta-se directamente proporcional à função alfa, descrita por Bion, assim como ao vínculo K, o vínculo do conhecimento, na medida em que, assinala a capacidade de pensar e transformar a dor psíquica resultante da situação catastrófica experimentada na situação Rorschach. Existem três critérios que definem uma cinestesia: O *critério formal*- que caracteriza os limites do recorte perceptivo e cuja qualidade é testada; O *critério de conteúdo*- do qual depende a cotação em Kmaior ou Kmenor; O *critério de projecção*- dada a assimilação dum movimento atribuído a uma imagem. Do critério formal, destacamos o elemento formal que revela uma conduta ligada ao reconhecimento duma imagem adequada, ou não, perceptivamente. Quando uma cinestesia é sustentada por um percepto de boa qualidade demonstra-se então um compromisso harmonioso entre a percepção e a projecção. Quando uma cinestesia surge associada a uma má qualidade formal, este compromisso não se mantém, dominando as produções arbitrarias, surgindo, por vezes, cinestésias delirantes ou persecutórias. Neste caso, denota-se que o objectivo é confundido com o imaginário, perdendo-se a distância à prova, ao real e ao outro. A Identificação projectiva é, aqui, tomada não como veículo de comunicação entre o interior e o exterior, mas como via de expulsão de elementos Beta que o sujeito não consegue integrar e/ou pensar. Apesar de não estar representado nos cartões, o sujeito traz a dimensão projectiva à percepção através do movimento dado a uma imagem. Como sinal de recurso ao imaginário, as respostas cinestésicas vêm enriquecer o funcionamento cognitivo na medida em que dinamizam as imagens percebidas, vinculando-se no real e permitindo o pensamento coerente e a reflexão. Procede-se a operações complexas na organização dos dados perceptivos pelos dados pessoais, subjectivos, afirmando as potencialidades criadoras do sujeito que não se submete a uma simples constatação do real. Não se trata apenas de recorrer ao imaginário, mas de se situar num sistema de pensamento em que a interiorização domina. A possibilidade de diferir acção permite que a descarga não arraste o agir mas que se desloque através duma imagem motora. Este deslocamento é possível pelo jogo

interiorizado, pela comunicação proporcionada pela identificação projectiva entre o interior subjectivo e o exterior objectivo permitindo que estes sejam transformados, pensados e conceituados. Por fim, o critério do conteúdo também se torna importante porque se expressam várias cinestésias com significados diferentes. As grandes cinestésias tratam da atribuição de movimento a uma forma humana inteira, só ou numa atitude ou intenção de relação. As pequenas cinestésias compreendem as cinestésias animais, que se referem à atribuição de movimento a uma forma animal; as cinestésias de objecto, que assinalam a atribuição de movimento a um objecto e as pequenas cinestésias que se referem à atribuição de movimento a partes do corpo humano.

Grandes Cinestésias(K) - As grandes cinestésias possibilitam a compreensão do tipo de relações objectais do sujeito, na medida em que expressam duas dimensões importantes: os processos de separação-indivuação e os processos de identificação sexual. Quando o K está associado a uma boa forma, encontra-se a possibilidade do sujeito se vivenciar inteiro e separado do outro, assim como pertencer à espécie humana. A pertinência na abordagem da representação de si, que poderá ser expressa pelos K, joga-se num duplo movimento no qual se articula a identificação e a relação com o outro. A manutenção estável dum percepto humano apreendido sem ambiguidade, num reconhecimento manifesto do que pertence respectivamente ao sujeito e ao objecto, assinala o carácter operante dos processos de diferenciação e de individuação, isto é, expressa a utilização da separação sujeito/objecto no decurso da posição depressiva, que permite justamente a distinção do Eu em relação ao outro. Para além de expressarem os processos de separação-indivuação, este tipo de respostas também possibilita a expressão dos processos de identificação sexual, pela hipótese do sujeito fornecer representações humanas sexuadas. Quando as identificações se apresentam problemáticas, é muito corrente, que apreensão das cinestésias sejam delicada, podendo ocorrer a não atribuição duma identificação sexual ou ainda surgirem hesitações quando ao sexo da representação. Algumas cinestésias põem em evidência uma delimitação pouco clara entre o sujeito e o outro, traduzindo-se por conteúdos ambíguos tais como, a dupla pertença, ao reino animal e humano, por exemplo. Também podem pôr em evidência relações simbióticas tais como em respostas do tipo: “*Dois gémeos*”. Esta pouca delimitação entre o eu e o outro também podem assumir a forma de cinestésias de valência narcísica, em que transparecem em configurações bilaterais temas de espelhamento.

Para além da dificuldade de individuação, estas respostas também se tornam evidentes nas dificuldades em atribuir o sexo à personagem, uma vez que esta dificuldade também remete para a falta de expressão, por parte do sujeito, em se impôr como diferente. As grandes cinestésias podem expressar um movimento de inibição das relações interpessoais como é visível nas respostas K recalcadas ou nos K reprimidos. Nas primeiras surge uma recusa inconsciente em reconhecer as qualidades humanas na expressão de respostas do tipo “*marionetas*”. Nas K reprimidas, revela-se o receio do envolvimento com o outro através da anulação do vivo (“*estátuas*”).

Kan -Caracterizam o fabulário e as fantasias imaginárias da infância. Entendidas no sentido clássico, remetem para o deslocamento dos movimentos pulsionais para as imagens animais. O engrama animal autoriza a expressão de movimentos pulsionais, ao negar a pertença a uma representação humana, que favorece a identificação. No entanto, as respostas Kan, possibilitam, antes de mais, a compreensão de como o sujeito se vive e vive, como se representa e representa o outro, não sendo, portanto, apenas sinónimo de manifestações regressivas e pulsionais não assumidas por parte do sujeito. O deslocamento para conteúdos animais desempenha um papel defensivo e protector que limita a perda de distância em relação ao material. Os Kan servem de mediadores e de lugar de expressão de afectos que atribuídos a personagens humanas, tomariam de imediato uma conotação sensitiva

Kob -Aparecem, frequentemente, na adolescência, na violência das forças juvenis acordadas pelo apelo pubertário, num desequilíbrio pulsional que possibilita a ligação de pulsional à representação dum objecto. O seu carácter explosivo não deve ser sempre apreendido numa dimensão destrutiva, pois podem ser a expressão de vidas ricas, testemunhando a persistência dum certo dinamismo interior. As respostas kob assinalam, antes de mais, uma descarga bruta, do que uma procura dum objecto contentor dessa pulsão. Assim, estas respostas emanam duma força interna, duma excitação corporal, em que a sua emergência visa a supressão duma tensão que se manifesta no protocolo através das respostas que precedem a resposta Kob. Têm uma relação directa com o pulsional - pulsões de vida/morte e pulsões sexuais ou agressivas.

Kp -Compreendem as projecções de movimentos em imagens humanas parciais ou a projecção de movimentos mínimos em imagens humanas inteiras mas

implicadas parcialmente. As respostas Kp, são frequentemente interpretativas. Estas respostas são usualmente suportadas pela identificação projectiva utilizada de forma maciça e evacuativa, isto é, na emergência de cargas fantasmáticas intensas, as partes más, não aceitáveis pelo o sujeito, são literalmente expulsas para o exterior, continente desses conteúdos projectados. A simbolização não é possível uma vez que o sujeito não diferencia objecto do seu símbolo, não delimitando o interior do exterior. O não conseguir lidar com os conteúdos  $\beta$  leva ao sujeito a despejá-los no exterior, num continente que outrora, parece que, não existiu ou foi insuficiente na sua capacidade de transformar e significar os elementos  $\beta$ .

### Conteúdos

A análise dos conteúdos deve ser realizada juntamente com o corpo da resposta, tal como todos os elementos de cotação anteriormente abordados. Assim, os elementos de cotação devem ser analisados e integrados uns com os outros para não se cair em correspondências simbolicamente previamente (mal) estabelecidas, acabando por aumentar a estereotipia. É na integração, inter-ligação e combinação entre os modos de apreensão, determinantes e conteúdos que será possível perceber a modalidade construtiva de um símbolo, de uma resposta Rorschach. Passaremos revista apenas aos conteúdos específicos (conteúdos animais, conteúdos humanos) visto o seu alcance simbólico se evidenciar para além de outros conteúdos mais variados.

Conteúdos Animais - Compreendem as respostas **A**, que se referem a um conteúdo animal inteira; as respostas (**A**), que assinalam um conteúdo animal inteiro, sobrenatural; as respostas **Ad**, descrevem parte(s) dum animal sobrenatural ou (**Ad**), que são respostas que se referem a uma parte dum animal. Este tipo de conteúdo assinala a capacidade que o sujeito revela ter em relação à adaptação à realidade, adaptação a um pensamento colectivo, inserindo-se, portanto, na mentalidade social. Esta situação é reforçada pelo facto da maioria das banalidades serem respostas animais. Um número muito baixo de respostas animais não é sinónimo de inadaptação ou falhas na socialização do sujeito, pois este último pode investir noutra tipo de conteúdos. Por vezes uma socialização sólida pode se fazer acompanhar de interesses originais, traduzindo-se em inúmeros conteúdos ( culturais, artísticos, etc). Um número muito elevado de conteúdos animais poderá assinalar uma

carapaça social, utilizada para evitar o contacto, para evitar a relação autêntica com o outro. Esta hipersocialização poderá mesmo servir para anular a subjectividade do sujeito, mantendo-a numa linha rígida de condutas morais e sociais. O investimento e envolvimento para lá de uma espécie de superficialidade pode ser temida.

**Conteúdos Humanos** - Compreendem as respostas H, (H), e Hd, que numa linha semelhante aos conteúdos animais, referem-se nomeadamente, a um conteúdo humano inteiro, a um conteúdo humano inteiro sobrenatural ou irracional, e a um conteúdo humano parcial. O surgimento dum número mínimo de respostas humanas, num protocolo, é necessário, uma vez que estas respostas dão conta da capacidade do sujeito se identificar com uma imagem humana. Assinalam a aptidão do sujeito para reconhecer a sua identidade subjectiva. Testemunham a possibilidade do sujeito se reconhecer a si, num sistema de relações e reconhecer o outro, assinalando as suas semelhanças e diferenças. Será, também, de realçar que é importante que o número de respostas H seja superior ao de respostas Hd, uma vez que expressa a possibilidade do sujeito se reconhecer como total e em relação.

**Respostas Humanas Irreais (H)** -Remetem para personagens míticas ou irreais. O aparecimento deste tipo de conteúdo não é preocupante se não for em número excessivo, uma vez que podem ser integradas numa vida imaginária, rica em fantasia. Contrariamente, se as respostas (H) constituírem no essencial, o número de respostas humanas, então verifica-se o refúgio por parte do sujeito, num mundo à parte da realidade relacional, onde reina o irreal ou até mesmo o delírio. A impossibilidade de inserir imagens inscritas numa realidade de encontro ou conflito intra ou interpessoal, conduz ao retraimento num universo próprio sem delimitação entre o real e o imaginário.

**Respostas Humanas fragmetárias (Hd)** – Podem traduzir-se numa dificuldade ou incapacidade do sujeito em se vivenciar como inteiro, podendo se constituir num contexto de angústia de castração em que a fragmentação remete para a “diferença “ e a ausência, sem que seja posta em causa a essência existencial, ou poderá ainda surgir mediante um contexto de angústia de fragmentação em que as partes já não podem participar na reconstrução sintética da imagem do corpo.

### **4.3. O Rorschach em Pré- Adolescentes e Adolescentes**

Num estudo sobre as relações de objecto na sua relação com o narcisismo, Chabert (1993) sublinha, a partir do Rorschach em Adolescentes, a representação de si e a representação das relações como dois eixos que incidem sobre as problemáticas adolescentes, indo para além da representação corporal e incidindo um estudo sobre a importância do investimento que o sujeito adolescente faz em si mesmo, uma vez que a unidade narcísica, nesta etapa da vida, se encontra seriamente fragilizada pelas modificações duma imagem corporal atacada e atingida pelas forças pulsionais e pela extrema sensibilidade aos objectos.

Chabert (1993) considera o Rorschach meio privilegiado no estudo das problemáticas adolescentes, pois destaca – se como instrumento que possibilita a expressão da representação de si. Nesse sentido propõe um estudo sobre as problemáticas centrais que ocorrem na adolescência: a reactivação dos processos de separação-individuação e os seus efeitos na manutenção de uma identidade subjectiva; a reactivação da problemática edipiana e as suas consequências na escolha de objecto e nas identificações sexuais, expondo a partir destas, diversas características derivadas tais como: a representação de si mesmo e o seu investimento, as capacidades de contenção da excitação pulsional, o narcisismo e as relações objectais, a idealização e o pensamento, assim como a problemática de perda de objecto.

Do estudo efectuado pela autora acima citada, destacamos, a projecção da imagem corporal, enquanto eixo nuclear dos protocolos adolescentes, que irrompe, principalmente nos cartões I e V. O trabalho que surge no eixo do investimento de si, manifesta uma centração sobre si próprio e inscreve-se na busca duma identidade particularmente sensível na procura de novas referências. Esta identidade sensível descreve-se na fragilidade da integridade narcísica, de uma imagem atingida pela força dos movimentos pulsionais, sendo que, a proveito dos investimentos narcísicos assiste-se a um retraimento dos investimentos pulsionais.

O conflito entre os movimentos pulsionais e a preservação narcísica é descrita como intensa sendo que se observa frequentemente numa mesma sequência de respostas um transbordo pulsional de origem destrutiva a par de um contra-investimento narcísico como tentativa de anular as emergências pulsionais ordenadas pelo recurso a condutas objectivas – mesmo que desobjectalizantes – mas que marcam um objectivo assente na negação dos afectos e da ligação aos objectos que os contêm, sendo acompanhadas na retirada de posições relacionais e especulares.

Estas situações tornam-se visíveis principalmente nos cartões II e III, cartões por excelência que solicitam a representação das relações, representação do sujeito com um Outro, embebidas na expressão pulsional. Dentro da versão objectal, assiste-se à projecção de cinestésias humanas marcadas no especular.

Chabert (1993) afirma que a relação evocada emerge em espelho uma vez que nega o impacto que o objecto tem sobre o sujeito adolescente, sendo ainda vincada no controlo severo, testemunhando a fragilidade e a instabilidade, e traduzindo a ausência da interacção num cenário relacional. A autora defende que a qualidade das defesas narcísicas constituem um elemento muito importante na análise dos protocolos adolescentes sendo que a passagem pela centração narcísica conduz à interrogação sobre a solidez dos seus alicerces e a eficácia dos seus suportes sendo contudo a garantia para a contenção dos movimentos pulsionais intensos nesta etapa da vida, o que assegura a coesão psíquica e permite manter o sentimento de continuidade e existência.

A par desta especularidade, emerge o recurso à idealização descrita nos movimentos de valorização e desvalorização do percepto construído. O que se torna fundamental para a verificação da sua própria imagem através da imagem que o espelho reflecte, como se o adolescente não pudesse existir senão através do olhar-espelho dos seus objectos. Segundo Chabert (1993) o adolescente e os seus objectos existem pelos atributos idealizados, marcados pelo pente fino da idealização sendo contudo que as imagens fornecidas reenviam para a aparência, com referência à periferia, ao contorno, ao envelope que serve de suporte às representações humanas e que os adolescentes se esforçam por habitar esses mesmos envelopes, utilizados como

modelos de identificação, continentes transitórios cuja prótese é necessária no momento.

A par dos movimentos que temos vindo a descrever, Chabert (1993) salienta o sobreinvestimento do pensamento como medida de uma procura activa de combinações e sínteses que visam o controlo dos movimentos pulsionais que se expressa, também, na excitação do pensamento. Esta expressão exacerbada visa o preenchimento da representação, do vazio, da perda do objecto ou perda narcísica. Este sobreinvestimento surge, em particular, na construção de cenários relacionais, na produção cinestésica.

Ainda nalguma delimitação a efectuar neste capítulo sobre o método Rorschach, e aqui com incidência sobre os estudos sobre o processo adolescente no Rorschach, cabe-nos ainda, apresentar os resultados do estudo efectuado por Marques (1991) sobre a pré-adolescência e a adolescência propriamente dita, comparadas e analisadas de acordo eixos que concordam nos processos que ocorrem no sujeito, na relação que estabelece consigo mesmo e com os objectos, com o(s) outro(s), expressando-se, deste modo, todo um trabalho de ligação que se estabelece entre o mundo interno e o mundo externo e de onde se evidencia o nível de envolvimento e separação entre o sujeito e o objecto, o balanceamento entre o afecto e a percepção e revela também como o sujeito se encontra e se reconhece e encontra e reconhece o outro, igual e diferente.

Neste estudo, a análise dos protocolos assenta nas relações que o sujeito estabelece com o seu mundo interno e mundo externo – identidade subjectiva – e as relações paterno/masculino e o materno/feminino – identificações – e é efectuada junto dos sujeitos distribuídos equitativamente em duas faixas etárias e pela diferença sexual (feminino e masculino). A apresentação e discussão dos resultados são expostas por duas vias: análise do psicograma e análise das expressões pelos cartões que conjugam o processo de resposta-Rorschach e a situação projectiva.

Do estudo efectuado por Marques (1991) salienta-se, nos pré-adolescentes, o numero de respostas ( R ), o recurso formal (F%) e o recurso ao conformismo (Ban) que apoiam o investimento na realidade perceptiva, delimitando a intensidade de um

subjectivo. O exterior é utilizado como apaziguador e organizador do interno, existindo uma grande insistência na objectividade que evidencia o trabalho de enquadramento preciso na figuração de objectos e que se joga na diferenciação sujeito/objecto. O recurso a esquemas adaptativos configura maior expressão no grupo das pré-adolescentes, uma vez que e na relação entre a reacção à cor (RC%) e o recurso formal (F%), a expressão dos pré-adolescentes reenvia para noção de forte pressão pulsional que induz a um menor recurso adaptativo. Esta situação avoluma-se qualitativamente nos cartões IV, II e III, onde, a autora acima citada, faz referência à diferença entre as raparigas e os rapazes. Relativamente aos modos de apreensão, as respostas D dominam sobre os G em ambos os sexos, embora se diferenciem na sua relação ao modo de apreensão em DbL, revelando-se neste tipo de respostas, no que concerne à expressão pré-adolescente feminina, nos cartões de carácter simbólico materno (II, VII, IX), uma atitude de colmatar a falta e o vazio.

Na expressão pré-adolescente masculina, a expressão DbL vinca as falhas de integridade corporal uma vez que emergem integradas em G e D, e conjugam-se com o somatório das respostas de estompagem de perspectiva que revelam as insuficiências narcísicas, combatidas por tentativas, ou imagens restauradoras, imagens ideais.

Na análise dos cartões, a autora salienta que nos cartões compactos e que reenviam para a representação de si (I, V) há uma dominância de respostas em G, que quando comparados com a adolescência propriamente dita e com a expressão feminina pré-adolescente, revelam maior inquietação ao nível da integridade corporal o que os leva à não exploração do estímulo. No grupo das pré-adolescentes surge a particularidade da sua expressão ser marcada pela projecção da imagem de si valorizada, mesmo onnipotente.

No cartão V, ocorre um aumento da expressão em D, no grupo dos pré-adolescentes, sendo esta expressão caracterizada nalguma agressividade ou então nas imagens de junção, que na sua co-relação demarcam uma vivência subjectiva assente nalguma indiferenciação e reagida na agressividade sustentadas no isolamento.

No cartão IV ainda existe uma diferenciação a nível do modo de apreensão: G no grupo das raparigas e D no grupo dos rapazes, sendo contudo que essa diferenciação esmorece no cartão VI. Nestes dois cartões emerge na pré-adolescência uma extrema variabilidade de imagens que atesta um extremo balanceamento entre imagens activas pulsionais e restauradoras que denotam uma fragilidade narcísica, a passividade. No grupo masculino dos adolescentes a ocorrência emerge na sua impossibilidade de recuperação. Quer nas adolescentes quer nas pré-adolescentes assiste-se a um recurso ao conformismo mais acentuado que dá conta de uma conduta mais adaptativa, havendo contudo uma diferenciação marcada no cartão IV, onde a angústia, nas pré-adolescentes leva a um aumento de respostas FClob, enquanto nas adolescentes assiste-se a um aumento das respostas C'.

Nos cartões de configuração bilateral, a autora diz-nos que se assiste a um aumento da expressão em D, na exploração do outro. Esta expressão é acompanhada da reacção ao vermelho e conduz à construção do surgimento do pulsional. Nas pré-adolescentes, o impacto do vermelho é submetido ao isolamento com o objectivo de circunscrever a expressão da agressividade, juntamente com o recurso ao conformismo. O relacional emerge na neutralidade e na impossibilidade de integrar o pulsional na relação. Esta situação ocorre em todos os grupos.

No cartão VII e ainda numa solicitação simbólica perto do materno/feminino, denota-se uma procura de objectivação quer nas pré-adolescentes quer nos adolescentes rapazes, emergindo nas respostas Hd nas raparigas e Ad no grupo dos adolescentes rapazes. Esta situação dá conta que enquanto no grupo feminino este cartão facilita a representação de si, mesmo que configurando a parcialidade. No grupo masculino, principalmente nos adolescentes, surgem imagens no limite do persecutório. No que diz respeito à caracterização das imagens humanas, assiste-se no grupo dos rapazes pré-adolescentes imagens especulares que cumprem funções no procurar do outro, duplo exacto de si para restituir a completude, para o sujeito se situar face à própria vivência de passividade, situação que ocorre igualmente nos adolescentes. Nas pré-adolescentes e nas adolescentes, expressa-se alguma confusão sobre a própria expressão feminina, entre o valorizado e o desvalorizado.

No cartão III o recurso à forma e à adequação de julgamento domina mais no grupo masculino, sendo que nos adolescentes masculinos existe alguma insistência em D associada ao número de imagens anatómicas, revelando importantes preocupações hipocondríacas. O Recurso a imagens humanas em interação, no grupo feminino pré-adolescente está próxima do seu par masculino e é caracterizada na busca da representação sexuada embora ocorram algumas confusões ao que descreve o feminino e o masculino. Na adolescência existe a mesma busca de identificação contudo esta descreve-se num nível mais elaborado.

No seu conjunto, e partindo de organizadores psíquicos (Corpo, Outro), a autora Marques (1991) refere que na reconstrução da coesão de si, para o estabelecer de fronteiras entre o dentro e o fora, o Outro surge como ponte através do qual o sujeito se reconhece e se sente inteiro com os riscos de “morte” que esse conhecer-se acarreta. E, será precisamente a partir deste sentimento que nasce a dispersão, a indiferenciação e o exagero das expressões nos pré-adolescente e a regressão, o retraimento e a passividade na adolescência. Na expressão feminina, a autora refere que as vivências de incompletude das pré-adolescentes desacentuam-se nas adolescentes e cedem a uma busca consistente nos atributos referentes ao próprio sexo, contudo no excessivo ao banalizado, socializado.

## 5. *Formulação do Problema*

Da elaboração de um corpo teórico conceptualizado na inter-acção entre a simbolização, o pensar e o conhecer na sua relação com o mecanismo de identificação projectiva, esboçamos agora o problema onde descreveremos o nosso objecto de estudo, com os objectivos que o compõem num todo. Expõe-se a compreensão dentro da expressão adolescente e nas suas vicissitudes do crescer, das modalidades da identificação projectiva, na pré-adolescência e na adolescência propriamente dita, no que se refere à transformação de um Corpo e de um Outro. A Adolescência é considerada neste trabalho comportando duas etapas que se poderão complementar, sendo contudo o primeiro objectivo deste estudo, a caracterização da identificação projectiva quer dentro da sua vertente patológica quer dentro da vertente empática mediadas na noção relação Eu – Outro.

Será, portanto, na expressão adolescente, enquanto expressão renovada e em constante renovação e integração que será possível perceber as modalidades inscritas na representação de si e do outro (e a procura dessa representação pela e na renovação) através das diferentes naturezas de relação que o adolescente estabelece consigo e com o(s) outro(s), através dos organizadores descritos no primeiro capítulo e que conjugamos nas noções de simbolização, transformação, pensamento, conhecimento, crescimento e evolução. A noção *eu*  $\leftrightarrow$  *outro* conceptualiza-se na relação *contínente*  $\leftrightarrow$  *conteúdo* e esta segue uma linha teórica junto das concepções bionianas, como modelo para a identificação projectiva e justifica-se - na base da formação de um símbolo -, como um processo de transformação e significação que possibilita o pensar, conhecer e simbolizar, a partir da projecção de elementos não elaborados (*elementos  $\beta$* ) num continente que os contem e transforma em elementos que possibilitam o pensar (*elementos  $\alpha$* ), através da *função  $\alpha$* . O mecanismo de identificação projectiva pode então ser descrito como modelo relacional - a partir dos *functores*  $\text{♀♂}$ , que participam na organização da mente e do espaço mental em expansão - possibilitando o estudo da expressão da relação que um sujeito estabelece consigo mesmo e com os outros, com a percepção, com o real externo, com o(s) objecto(s) interno(s) que mobilizam os objectos externos, numa interacção entre o

familiar e o desconhecido, e os dotam de qualidades que possibilitam o conhecimento, a adaptação e o evoluir.

A noção de Outro, neste trabalho, segue uma linha de raciocínio semelhante àquela abordada por diferentes autores dos quais destacamos Ogden (1994), Amaral Dias (1986), Flemming (1993), Marques (1991, 1994, 2001), que referem que no processo adolescente, o outro, igual e diferente, exterior à família, cumpre funções precisas na reconstrução e re-simbolização de um novo corpo que irrompe, face às inquietações que o acompanham nas diferentes transformações e nos processos de significação necessários à mudança e evolução.

O mecanismo de identificação projectiva surge, então na base da re-simbolização através de um Outro. Este Outro, na construção adolescente, localizado num tempo turbulento e tumultuoso e num espaço entre o limite e o que para além do conhecido reside, um espaço novo a criar, traça, num jogo entre ser sendo num mesmo tempo que é um outro, um caminho com vista ao que vai ser, à evolução transformada e transformadora de si mesmo. O Adolescente construir-se-á, na emergência da experiência emocional impregnada numa relação comunicacional entre o interno e o externo, de forma a, numa continuidade de ser, assegurar as ligações emocionais e significativas (e significadoras de umas outras) entre as suas diversas partes, num registo comunicacional de si para si mesmo, assim como na sua ligação ao outro enquanto representante da significação da sua própria separação e individuação, através de novas relações que imprimem em  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ , uma renovada *função alfa*. Será portanto, entre a desintegração e a integração ( $\text{PS} \leftrightarrow \text{D}$ ) nas suas interacções entre continentes e conteúdos, que a delimitação e significação de si nasce, que dentro da amotinação,- entre o pulsional objectal e o pulsional não objectal -, necessária, que as diversas desarticulações suscitam diferentes descentrações e deslocamentos, não desmembrados, mas numa procura de novos limites e ligações que assegurem um novo corpo a integrar. Serão pois estas desintegrações, diligentes na e da inquietude face à transformação, à mudança, que compelem ao esbatimento dos limites, e das ligações, entre o dentro e o fora, o sujeito e o objecto, entre o eu e o outro, entre o adulto e o infantil, o feminino e o masculino, mas que mediatizadas em  $\text{♀} \text{♂}$  impõem, no constituir e erigir, novas delimitações e novas diferenciações, resultando num espaço psíquico a fundar, a inaugurar, a criar e no futuro a solicitar.

A especificidade de utilização do mecanismo de identificação projectiva na adolescência surge precisamente no seu uso pleno – patológico/empático-, pela importância e relevância que um Outro apresenta na nova estruturação psíquica e física a integrar, nas trocas e mudanças relacionais que emergem como imperativo num processo de metamorfose. É, pois, pela definição continente ↔ conteúdo que percebemos os movimentos de aproximação, fusão, envolvimento, cisão, separação e individualização, presentes na relação Eu ↔ Outro, na adolescência, que se compactua a noção de identificação projectiva enquanto função psíquica de comunicação e relação e enquanto modelo de inter-relação entre o mundo interno e o mundo externo que promove pelo e com o Outro uma trajectória, assente na reciprocidade, intimidade e enriquecimento mutuo, significadora e significativa no desenvolvimento, integração, evolução e expansão.

É a partir das características da identificação projectiva patológica e empática que surge o estudo das características que na e da relação continente ↔ conteúdo expressam a natureza do continente, do conteúdo e da bidireccionalidade que está inscrita e inscreve ambos em relação. Pensamos a noção de continente como *mundo com limites*, como lugar, espaço (com características próprias) que alberga, entesoura e dá sentido a um conteúdo, sendo também considerado como conjunção ♀♂ que possibilita a ligação entre conteúdos, dando-lhes forma e limites seguros, pela transformação e significação dos mesmos. Pensamos a noção de conteúdo como tempo, duração de tolerância ao desconhecimento, como teor que adquire norma e ordem na significação, como contido onde pode ser encontrado o sentido do contexto que o contém, pelo proporcionar que se ligue a um outro sentido.

Assim, pensamos, que partimos à descoberta no carácter patológico e empático da identificação projectiva, das particularidades quer do continente quer do conteúdo e da ligação entre ambos, sabendo que este mecanismo se estabelece como veículo para o pensar e que portanto alberga os três tipos de relação entre pensador e pensamentos (*parasitária, comensal e simbiótica*) face ao que se impõe (neste estudo enquanto situação projectiva e enquanto conteúdo latente de cada mancha Rorschach, entendido enquanto objecto detentor de qualidades psíquicas que motivam e impõem

uma actividade mental que trilha um caminho que vai do caos à ordem, da *equação simbólica* à *representação simbólica*).

Ainda com sentido daquilo que se impõe na adolescência e que caracteriza o adolescente, pensamos, então, e no seguimento do capítulo sobre adolescência, que esta se assinala como uma *mudança catastrófica* pois assenta numa situação disruptiva, caótica da qual emerge todo um trabalho emocional de co-relação entre o passado e o futuro, entre a perda e a posse, as dependências e independências intra e extra-familiares, mas na qual a mudança e o conhecimento encontram caminho, pelo pensamento, pela aproximação que o reconhecimento confere ao conhecer pela ordem que a transformação faculta, pelo *acercar-se a ser de* (Amaral Dias & Flemming, 1991).

Com sentido numa reflexão que assenta na comparação (identificação projectiva nas suas diferentes vertentes na pré-adolescência e na adolescência propriamente dita), pensamos que o que aqui temos vindo a descrever possibilita igualmente a expressão de uma relação entre o passado, presente e futuro, entre um Eu (pré-adolescente) e um Outro Eu (Adolescência propriamente dita), pois na retenção das características da identificação projectiva de cada fase estudada, apreenderemos essa mesma relação entre o antes e o depois e o que a meio se encontra, quer na pré-adolescência quer na adolescência propriamente dita, quer na passagem de uma a outra. Ou seja, o nosso objecto de estudo insere-se na compreensão da relação Eu – Outro na pré-adolescência, assim como na adolescência propriamente dita, sendo que a caracterização da relação Eu-Outro se descreve mediante certos parâmetros ou organizadores:  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ ,  $\text{PS} \leftrightarrow \text{D}$ , que transportam em si especificidades em termos relacionais. Estas especificidades possibilitam a caracterização das diferentes movimentações que acabamos de descrever: A identificação projectiva empática e patológica na pré-adolescência e na adolescência propriamente dita, o como e para quê do seu uso, as características do continente, conteúdo e as suas ligações permitem um caminho comparativo entre a pré-adolescência e a adolescência propriamente dita, conjugando as duas noções (Eu – Outro) estudadas, formatadas numa só.

Da explicitação efectuada sobre o mecanismo de identificação projectiva, enquanto mecanismo patológico e enquanto mecanismo empático, destacámos no primeiro capítulo, o mecanismo de projecção da identificação projectiva com objectivos na compreensão deste último como conteúdo (♀♂) projectado que caracteriza, - mediante o método que vai possibilitar o seu estudo, método Rorschach - a resposta Rorschach, num mesmo tempo da sua existência a meio que se descreve no processo-resposta Rorschach. Esta situação permite-nos pensar ainda, e à semelhança da noção ♀↔♂, na resposta Rorschach como conteúdo e o processo-resposta-Rorschach como continente.

Parece-nos que destas situações é possível perceber um *terceiro intersubjectivo* (Ogden, T, 1994) como ligação, criação e ao mesmo tempo como invariância (transformada) que sustenta os limites pensados enquanto conteúdos (continente e conteúdo) se compreendermos o mecanismo de identificação projectiva como processo intersubjectivo, no qual se delimita um terceiro intersubjectivo, sendo descrito como modelo de leitura que nasce da interacção entre real interno e real externo e destaca e faz destacar (na noção Eu↔Outro, um Eu/Terceiro/Outro composto num só), mediante uma tensão dialéctica entre aquilo que a dois pertence num mesmo projectado, num terceiro intersubjectivo e aquilo que a dois separados pertence individualmente num mesmo caminho de descoberta e criação mútua. Esta situação é igualmente descrita na criação que nasce das relações entre pensador e pensamento já sinalizadas acima, e que se constituem igualmente como objectivo componente do objecto de estudo.

A concepção de terceiro intersubjectivo pode ainda ser compreendida como a relação que se estabelece entre sujeito e mancha Rorschach, da qual nasce a leitura das movimentações do sujeito num espaço transitivo, num espaço potencial, no qual os limites são colocados na fusão, envolvimento, separação e individuação. Esta *terceiridade* expõe, portanto, a relação entre símbolo enquanto pensamento criado, o simbolizado que é o que é pensado sobre e o sujeito que interpreta, o pensador que cria os seus próprios pensamentos e interpreta os seus próprios símbolos, que nos dá conta da capacidade subjectiva de ser e de conter, pela diferenciação estendida entre símbolo, simbolizado e sujeito que simboliza, num mesmo tempo que nos permite perceber as ligações entre símbolo, simbolizado e sujeito. Desta situação e mediante

o que foi referido antes, parece-nos que dois objectivos se desenham no horizonte desta formulação, e que são, por um lado, o estudo dos processos de ligação e desligação efectuados pelo sujeito adolescente (pré-adolescente, adolescência propriamente dita) a partir do estudo das diferentes transformações em face de determinado contexto a apreender, reter e significar. Assim como nos possibilita perceber a constância desses processos de ligação e que esboça a invariância neles contida.

Pensamos que daqui também se alcança um outro objectivo que possibilita dar continuidade à composição do nosso objecto de estudo, e esse objectivo descreve-se na relação entre um Eu e um Outro Eu, sendo este contido na noção de Outro que na adolescência assume um papel preponderante na sua reconstrução interna. Esta situação é pensada por nós através do processo de transformação simbólica que caracteriza a expressão adolescente nos seus diferentes movimentos, motivados num corpo em transformação e evolução assim como uma relação com um outro em mudança. Assim, pensamos que esta situação poderá ser estudada através das diferentes transformações que o sujeito opera face à actividade que lhe é imposta. Podendo-se portanto conjugar dois momentos: o conteúdo da expressão do sujeito que transporta a invariância específica face à mancha Rorschach (enquanto outro) pela transformação que opera, a invariância – elementos constantes – das ligações e desligações que os sujeitos operam quer na pré-adolescência e adolescência (que expressámos inicialmente dentro da conceptualização Eu – Outro), pelas transformações presentes que vão de um momento a outro.

É importante igualmente perceber na transição entre a pré-adolescência e a adolescência propriamente dita o papel e a transformação desse Outro enquanto *significação externa que promove e integra o interno, ou seja, enquanto continente externo que modifica e significa quer o conteúdo a ser integrado, quer os limites a ser delineados, enquanto noção externa, enquanto outro em si mesmo e que também sofrerá alterações.*

Esta será então a nossa pesquisa, ou seja, dentro da noção de identificação projectiva, no qual o envolvimento desenrola a significação e a delimitação, perceber os vários movimentos entre um Eu e um Outro que o sujeito efectua a caminho do

conhecimento que vai da assimilação de um outro (com as suas características) até à sua integração e comunicação interna e externa.

Com este trabalho pensamos então que se descrevem um objecto de estudo e vários objectivos que pretendem se aproximar dos processos descritos na simbolização, na transformação, no pensamento e no conhecimento, a partir de um objectivo geral que se inscreve no conseguir realçar – dentro de toda uma potencialidade de desenvolvimento (e no desenvolvimento) que o mecanismo de identificação projectiva apresenta –, algumas perspectivas, enquanto mecanismo basilar na formação de um símbolo e por conseguinte de um pensamento, possível a partir de, com, e para um outro – Adolescente – e passível da sua expressão traçada na acuidade sensível do método Rorschach trabalhado como espaço de relação, comunicação, transformação, simbolização e conhecimento.

## 6. Procedimentos

A partir de um quadro teórico que sustenta a descrição do mecanismo de identificação projectiva – na evolução, pelos caminhos que vão da equação simbólica à representação simbólica, no pensamento e no conhecimento; nas características que distinguem o seu carácter empático e patológico ou defensivo assim como a sua passagem e inter-passagem pelas dimensões espaciais e temporais – estabeleceram-se três definições que, de certa forma, acompanham o modo de revisitar e estudar este mecanismo, ao mesmo tempo que se inter-ligam para a descoberta das características da identificação projectiva, continente, conteúdo e ligação entre estes na pré-adolescência e na adolescência propriamente dita.

Assim, pretende-se estudar a identificação projectiva como mecanismo intra-psíquico que se constitui por dois movimentos, um de projecção e outro de identificação, ficando a sua configuração ao nível do equilíbrio e desequilíbrio – na triangulação da subjectividade – a cargo do seu esclarecimento como patológico ou empático; pretende-se, ainda, estudar a identificação projectiva como modelo relacional, pois expressa as diversas naturezas relacionais que um sujeito estabelece consigo mesmo e com o(s) outros, especificando – se na relação  $Eu \leftrightarrow Outro$ ; pretende-se, por fim, estudar a identificação projectiva como processo intersubjectivo que descreve a relação entre a projecção de cada um de dois num outro (terceiro) e identificação em cada um de dois daquilo que lhe pertence na sua conjunção de significação mútua, resultando para cada um a criação de um  $Eu/terceiro/Outro$ , sentido como um  $Outro$   $Eu$ . Isto é, pretende-se estudar a identificação projectiva a partir da sua definição geral que remete para a conceptualização de um mecanismo pelo qual o  $Eu$  experiencia a fantasia inconsciente de se transmutar ou transmutar aspectos de si mesmo para um objecto com fins exploratórios ou defensivos, embora esta definição, possa, de alguma forma, ser especificada, pelas acima descritas.

Assim a partir destas três definições que contextualizam o mecanismo de identificação projectiva tendo portanto, em conta, a sua organização na conjugação entre projecção e identificação, a sua configuração na relação  $Eu \leftrightarrow Outro$  e a sua

especificação como processo intersubjectivo, estrutura-se então este trabalho da seguinte forma :

- Estudo das características da identificação projectiva empática e patológica que se esboça no estudo deste mecanismo utilizado na pré-adolescência e na adolescência propriamente dita, através da noção de Outro que na adolescência emerge como fundamental num processo de re-estruturação;

- Da ligação da primeira definição à segunda definição, encontramos a relação Eu  $\leftrightarrow$  Outro como norma e ordem para o entendimento das características do continente, conteúdo e ligação entre ambos, que dentro do carácter empático ou patológico fazem destacar as movimentações que se dão no jogo entre receptor e projector – especificando-se então aqui a estruturação do pensar sobre as características da identificação projectiva;

- Ainda dentro da segunda definição, encontramos o estudo comparativo entre a pré-adolescência e a adolescência propriamente dita, naquilo que se destaca como expressão das diferentes relações que o sujeito estabelece consigo mesmo e com o(s)outro(s), tendo em conta que trabalhamos dois espaços de/em transformação: Corpo, Outro.

- Da ligação da segunda definição à terceira definição, e no seguimento do que é dito, encontramos na relação Eu – Outro, o estudo da constância das ligações e desligações efectuadas quer na pré-adolescência, quer na adolescência propriamente dita, estabelecidas primeiro e depois reflectidas na comparação das duas.

Estas situações foram pensadas por nós com o objectivo de firmar e confirmar as características da identificação projectiva como mecanismo complexo, pois assim como exhibe uma regularidade relacional e comunicacional entre sujeito e objecto também é método de significação e criação, sendo, ao mesmo tempo, um mecanismo composto por dois outros mecanismos e apresentando uma bidireccionalidade entre dois.

A operacionalização, no Rorschach, do nosso objecto de estudo e dos seus objectivos estruturantes, irá realizar-se a partir de duas directrizes de análise. Estas são: a *situação intersubjectiva* entendida como processo de relação e transformação e o *processo-resposta Rorschach* como a actividade mental que leva à criação da resposta Rorschach, entendida como imagem-conceito, como símbolo.

O processo-resposta Rorschach, como processo, impõe uma ligação – transformação – criação entre o dentro e o fora, entre o mundo interno e o mundo externo, entre o sujeito e o objecto, concebida dentro de uma relação que assenta e se fundamenta na intersubjectividade. Esta intersubjectividade é composta por duas subjectividades presentes na situação projectiva (psicólogo e sujeito) e descreve-se pela e na relação que o sujeito desenvolve com um Outro – mancha Rorschach e psicólogo – e através da qual expressa a ligação e integração mobilizadas entre os objectos internos e objectos externos. Esta mobilização poderá ser descrita na capacidade do sujeito se situar num espaço transitivo, a meio caminho entre o real objectivo e o imaginário subjectivo, que dará origem à resposta Rorschach, como resultado de um processo de reconhecimento, de ligação e desligação, de cisão e integração, que ocorre pela solicitação que lhe é imposta.

Pensamos que este espaço potencial pode ser nomeado na tridimensionalidade psíquica, se tomarmos em conta que esta pode ser representada pela interacção entre três: o símbolo entendido como pensamento, o que é simbolizado, que é o que é pensado acerca de, e o sujeito que interpreta os seus próprios símbolos, que pensa os seus próprios pensamentos. A tridimensionalidade psíquica pode ainda ser explicitada como jogo entre o sujeito e o espaço entre mundo interno e mundo externo (Ogden, 1985). É, portanto, o jogo relacional que se estabelece entre o sujeito e um objecto criado entre o mundo interno e o mundo externo. Assenta no ir e vir relacional entre o Eu e o não-Eu que sustenta as tensões dialécticas entre o imaginário e o real dando origem a uma *visão dualística* (Grotstein, 2003) pelo *pensamento assimétrico* (Grotstein, 2003).

A partir desta forma de estruturar o estudo, partimos, com assento nos parâmetros de análise da Escola Francesa (que consistem no investimento e representação de si -a partir da vivência corporal- e da representação das relações – a partir das

características e qualidades das identificações primárias e identificações secundárias) para depois estabelecermos a sua relação com as conceptualizações inerentes à situação projectiva (intersubjectividade, relação, transformação) e ao processo-resposta Rorschach (relação – transformação - simbolização – pensamento - conhecimento), resultando, desta forma de olhar os protocolos, toda a análise e interpretação dos protocolos, baseadas nos elementos de cotação, análise cartão a cartão e análise resposta a resposta. Esta situação possibilita-nos pensar a resposta Rorschach como resultado de um processo de criação, que pela participação da identificação projectiva, é perceptível como um processo de significação entre o dentro e o fora, entre o mundo interno e o mundo externo, entre o eu e o outro, e como tal nos levará à compreensão da actividade mental de transformação, criação e significação, mobilizada pela ligação entre objectos externos e as suas solicitações nos objectos internos. Será este processo que, apresentando o mecanismo de identificação projectiva como inter-relação comunicacional entre continente e conteúdo, nos possibilitará o estudo das características da identificação projectiva, tendo em conta vários conceitos que consideramos facilitadores da tarefa objectivada acima e que passaremos a explicitar.

A identificação projectiva apresenta como característica principal e diferenciadora de outros mecanismos, a sua presença no pensar e no criar. O movimento determinante para a reconstituição e recriação simbólica assenta na fusão e no envolvimento que ocorrem entre um sujeito e um objecto, entre um Eu e um Outro. Será pois a partir deste movimento de ligação entre sujeito/objecto, entre sujeito/outro, que é possível observar a criação de um objecto (Eu/Terceiro/Outro) que apresenta características do dentro e do fora, do mundo interno e do mundo externo ao mesmo tempo que é um novo objecto. Na relação  $\text{Eu} \leftrightarrow \text{Outro}$ , esta situação é possível de ser descrita como uma situação de partilha entre dois, pela possibilidade de um e de outro se renovarem pelo adquirir de características de ambos, num caminho de conhecimento e descoberta mútua.

Pensamos que a diferença principal entre identificação projectiva patológica e identificação projectiva empática reside na capacidade de suportar a fusão e o envolvimento num mesmo tempo que a individuação se mantém. É portanto a possibilidade resiliente de ir, renovar, recriar a meio e nos limites e voltar a si num

movimento que assimilamos a um processo de simbiose em conjunto com um outro semelhante ao processo de separação-individuação. Esta questão é então transportada para a maneira como iremos abordar os protocolos Rorschach, através da interligação entre o processo – resposta Rorschach, resposta Rorschach e mancha Rorschach. Sendo esta situação pensada por nós, como aquela que está presente nos elementos de cotação utilizados na construção e comunicação de uma resposta Rorschach, pois pensamos que aí reside a base da nova criação, de /numa resposta Rorschach, pelos limites e pela significação como princípios que compõem a apreensão, abordagem e forma de ser em relação, em criação, de um sujeito.

Assim, na explicitação do que acima é descrito, ou seja, a partir da conceptualização dentro do processo-resposta Rorschach, no qual encontramos a noção de identificação projectiva como processo fundamental na criação de um símbolo, de uma imagem-conceito, de uma resposta pensamos que os elementos de cotação nos possibilitam perceber, numa resposta Rorschach, a oscilação entre a implicação pessoal e a realidade, a formulação constitutiva da criação de um novo objecto.

A partir dos elementos de cotação, os modos de apreensão, determinantes e conteúdos, poderá reflectir-se de que forma estes, no seu conjunto, apresentam características que possibilitam firmar e especificar o uso da identificação projectiva. Esta situação é pensada por nós tendo em conta que na sua integração conjunta, estes expressarão dois “limites” (como continente e contido) representados nos modos de apreensão e conteúdos, sendo que os determinantes expressarão a especificidade das ligações que o sujeito opera entre dentro e fora, entre interno e externo, entre sujeito e objecto, na sua apresentação e representação como junção ♀♂.

Será, pois, o modo de ligar e as ligações efectuadas que nos permitirão perceber a invariância nas relações entre continentes e conteúdos, tendo em conta os dois espaços em mudança e em interacção na pré-adolescência e na adolescência propriamente dita: Corpo e Outro.

Será, a partir desta forma de proceder que nos é possível distinguir e caracterizar a identificação projectiva patológica e a identificação projectiva empática através da atenção dada aos limites na relação dentro/fora, interno/externo, sujeito/objecto,

Eu/Outro, à expressão do conteúdo projectado e à expressão do continente. Isto é, que nos será possível perceber os movimentos que os sujeitos efectuam na criação de um símbolo, perceber os movimentos da dimensão – corpo e na dimensão – relação, tendo em conta as características da mancha Rorschach, dos cartões Rorschach.

Os cartões Rorschach, tendo em conta as três definições de identificação projectiva e a forma como através destes iremos efectuar a análise das respostas Rorschach, importa ainda referir, no seu agrupamento através do seu carácter unitário e bilateral, a maneira pela qual nos propomos a perceber o uso e as características da identificação projectiva utilizada pelos pré-adolescentes e pelos adolescentes. Assim temos,

Cartão I / Cartão V/ Cartão IV/ Cartão VI : Remetem para a representação de si, para a integração corporal, remetem pois, na criação de um símbolo, para a inter-relação entre PS  $\leftrightarrow$  D ;  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ , para o uso da identificação projectiva entre um Eu e um Outro, na re-significação e reconstrução corporal. No primeiro cartão será dada alguma atenção à integração da intersubjectividade, visto ser um cartão, embora descrito no capítulo sobre o Método Rorschach, que remete para a entrada em situação relacional. Assim, será dada atenção à integração e significação da identificação projectiva como terceiro intersubjectivo, ( $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ ). No *cartão V*, pensamos que a facilidade de captação perceptiva poderá de alguma forma remeter directamente para o investimento que o sujeito faz sobre si, sobre a sua identidade subjectiva, não retirando a importância da relação que se estabelece entre continente e conteúdo. No *cartão IV e VI*, será igualmente remetida a sua análise à relação continente /conteúdo, a qual se encontra presente a definição de identificação projectiva. Será então dada atenção, ao uso da identificação projectiva por parte destes sujeitos na representação e investimento de um outro diferente ou igual.

Cartão II/Cartão III/Cartão VII/Cartão VIII/Cartão IX/Cartão X : Remetem para a integração e significação da intersubjectividade que no carácter bilateral está inserido, isto é pelo seu reenvio à significação de um símbolo que, na ressonância com as características específicas de cada cartão e a sua solicitação simbólica, contem ( $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ ). No *cartão II e cartão III* iremos tomar em atenção para a

integração do relacional com o pulsional na relação sujeito/objecto, sujeito/outro, sendo ainda que a facilidade de captação perceptiva se realiza na elaboração e significação do relacional entre dois. *No cartão VII*, será tomado em conta que a troca relacional com o materno e o feminino poderá remeter para o processo de separação – individuação, para o descanso num continente materno ou para a reelaboração deste, ou ainda na significação de *um limite entre* dois, o que a nosso entender, poderá ser explicitado como o uso da identificação projectiva na relação entre Eu e um Outro, com vista a uma delimitação de uma identidade subjectiva. *No cartão VIII, Cartão IX e Cartão X*, embora com características e solicitações simbólicas diferentes, e já referidas no capítulo sobre o Método Rorschach, pensamos que a relação entre estes três cartões poderá reenviar para um esboço da identificação projectiva utilizada como terceiro intersubjectivo, pois a relação entre estes cartões, a nosso ver, remete para a elaboração da relação que o sujeito estabelece com os outros, sendo essa relação dotada de um preenchimento afectivo, seguindo-se a relação que o sujeito estabelece consigo mesmo, sendo que nessa relação se insere um outro, e no último cartão a saída da intersubjectividade, da situação projectiva, da situação relacional.

Sobre os elementos de cotação, e ainda no seguimento do que acima é dito pensamos: Os Modos de Apreensão (G, D, Dbl, Dd, Do) enquanto estratégia perceptiva, tela na qual se localiza e molda o conteúdo da resposta, possibilita-nos pensar na qualidade continente pelo impor um limite, uma delimitação no envolvimento entre sujeito e objecto, entre mundo interno e mundo externo, na subjectividade da relação ao mundo dos objectos externos em correspondência à relação que o sujeito estabelece com os objectos internos.

Possibilita-nos a reflexão acerca da *função de contenção* de um sujeito em relação a um outro – com características próprias – que deverá ser apreendida na distinção entre a representação de si mesmo, construída através da interacção entre a representação efectuada pelo objecto e a devolução dessa imagem por este, e a representação de si mesmo na autonomização e individuação em relação aos objectos. Isto é, deve incluir a sua capacidade de se situar num espaço potencial entre dois (dentro/fora, interno/externo, sujeito/objecto, eu/outro) e manter e conservar uma interioridade distinta e individual mas que pelo captar do outro, seja possível a

sua recriação, a recriação dessa mesma interioridade, ou seja, remete para a utilização da identificação projectiva como terceiro intersubjectivo, para a utilização da identificação projectiva na tridimensionalidade psíquica, ou seja remete para a relação  $Eu \leftrightarrow Outro$ , na profundidade de si mesmo e dos outros.

Os Determinantes (F, C, C', K, E, Clob) nas suas diferentes combinações levam à reflexão da sua definição assente no conferir e conferido da modalidade construtiva acolhida e que acolhe a relação que se estabelece entre dentro/fora, interno/externo, sujeito/objecto e Eu/Outro. Expressam o modelo relacional (*functores* ♀♂) através do qual um sujeito aborda, molda, modifica, significa e caracteriza os objectos. É, para nós, entendido como o envelope compreensivo, simbólico e de significação, utilizado como forma de ser, apreender e compreender, de um sujeito. É o seu passaporte num espaço transitivo entre a realidade e a fantasia. A invariância da actividade mental antes do encontro do pensador com a elaboração de um pensamento, a impressão da actividade mental que se impõe no confronto com um outro. É a expressão da receptividade re-agida na coexistência do investimento entre continente e conteúdo, a maneira como o sujeito investe e constrói. Esta expressão poderá ser pensada como *função de ligação* na *distensão*, *extensão* ou *tensão* entre o continente (definido nos Modos de Apreensão) e o conteúdo (Conteúdos). É pois da combinação entre os determinantes utilizados que nos é perceptível a mediação entre afecto e cognição, entre realidade e imaginário, do símbolo criado (continente – contido), na aproximação ou afastamento no/ao conhecer. Seguindo o que é descrito no capítulo acerca do Método Rorschach e sobre os elementos de cotação, pensamos que as combinações efectuadas pelos sujeitos (por ex.: FC, FClob, K, ) expressarão o investimento que o sujeito, num outro, efectua e o suporte, ou não, desse investimento, na direcção de um continente que o sustente ou na continência de uma angustia reconhecida num/pelo outro mas significada em si, articulando-se, ou não, os limites e a significação num mesmo espaço entre o afecto e a cognição, o real e a fantasia, ou ainda condensando a coexistência entre projecção e identificação numa possibilidade dinâmica e comunicacional ( no caso, por exemplo de uma resposta K com valência positiva) entre sujeito e o espaço potencial entre dentro e fora, interno e externo, ou ,ainda, por exemplo nas respostas C o derrame de si na impossibilidade de significar dado o movimento de evacuação de elementos dispersos, não elaborados.

Os Conteúdos (animais, humanos, de valor sexual, com valência agressiva, com valência regressiva) enquanto contido num continente, possibilitam – nos perceber as características do contido enquanto contexto limite da dupla pertença ao sujeito e ao objecto. Enquanto objecto delimitado, significado e ancorado, e que apresenta uma ressonância entre o conteúdo latente do cartão Rorschach e o conteúdo latente da resposta.

Na Análise a efectuar sobre os protocolos, pensaremos então a presença da identificação projectiva, quer como num processo de ligação entre interno e externo, quer como conteúdo projectado pois é um *entre* dois, num mesmo tempo que transporta em si a *junção* ♀ ♂ na criação de um e de outro. É, a nosso ver, continente e contido aquilo que se expressa pela e na resposta Rorschach, num mesmo tempo que a actividade mental que leva até esta a função continente que alberga um processo de transformação, caracterizada no processo-resposta Rorschach. Os elementos de cotação possibilitarão considerar a resposta Rorschach enquanto contido, num continente pensado como o processo-resposta Rorschach e que poderá explicitar, os processos de transformação face ao conteúdo, simbólico, específico de cada cartão.

A situação projectiva provoca no sujeito um sentimento de caos que impõe uma disrupção que, na tolerância, promove uma mudança. Esta situação pode assemelhar-se à passagem da *posição esquizo-paranoide* (PS) à *posição depressiva* (D) na medida em que comporta, num processo transformacional, a necessidade de ordem pelo atravessar de um caminho que vai da perda à posse, da dispersão à integração, sendo que a representação do ausente incide na sua reconstituição sobre um outro presente, pela substituição, deslocamento e pela reparação simbólica.

Esta constituição, no uso da identificação projectiva empática, remete-nos para o *sentido subjectivo da acção* (Grotstein 2003), uma vez que comporta a noção de distância (entre símbolo, simbolizado e sujeito) e a separação (entre Eu – Outro). O uso da identificação projectiva patológica remete para a não separação entre sujeito e objecto, entre mundo interno e mundo externo, perdendo-se a distancia entre sujeito e espaço potencial, e expressando na dispersão, de elementos figurados no não-sentido, a incapacidade de simbolizar.

Daqui surge então um outro parâmetro para análise e interpretação dos protocolos: os processos de transformação que ocorrem nas respostas Rorschach. O processo de transformação implícito na resposta Rorschach leva-nos a tomar em conta na sua análise os três tipos de transformação: *Rígida, Projectiva e em Alucinação* e estas situações convergem e inter-ligam – se, nas características da ligação na tensão, extensão e distensão (dialéctica do sentido, entre a ordem e o caos, entre o finito e o infinito). Será importante, então, perceber se as transformações que operam na resposta Rorschach são transformações do tipo projectivo, ocorrendo por projecção, clivagem e identificação projectiva e, se na imposição de comunicação a um Outro, ocorre uma transformação simbólica de pensamentos em palavras – *transformação de movimento rígido* – pela necessidade de “alfabetizar” os pensamentos para o entendimento com um outro presente na situação projectiva, isto é, se na relação eu – Outro, da situação projectiva, há possibilidade ou não, do sujeito significar o pensamento e conduzi-lo até à comunicação com o outro, também presente.

Estas transformações permitem aceder a certas características – pela sua expressão que representa as alterações face ao facto original – reveladoras não só do índice de tolerância do sujeito a uma situação catastrófica, assim como a sua mobilidade na resolução da tarefa que se situa no todo da situação projectiva e se apresenta com características próprias conceptualizadas pelas noções de relação – comunicação – transformação – pensamento – evolução. Será pois na comparação entre a resposta do sujeito e o conteúdo para o qual cada cartão remete que estas possibilidades se tornam efectivas.

Ainda a partir do que acima é descrito estrutura-se também a possibilidade de estudo das dimensões que fazem parte do e no uso da identificação projectiva (patológica ou empática) como aquelas que se encontram na *unidimensionalidade*, *bidimensionalidade* e *tridimensionalidade*, e que são possíveis de perceber nas relações entre espaço e tempo, expressas na diferenciação e (re)construção ou não, entre sujeito e objecto, no evoluir, ou não, na fusão, formatação e reparação, na indiferenciação, superficialidade e profundidade. Isto é, as dimensões que caracterizam um novo objecto podem ser pensadas à semelhança da passagem (e relação) da *posição esquizo-paranoide* para a *posição depressiva*, havendo entre estas uma fase intermédia, a de formatação. Podendo-se, portanto, perceber, o nível

de investimento que um sujeito suporta na construção e criação de si, do outro, pois invariavelmente esta actividade de criação implica o pensar inserido numa relação entre um sujeito que quer conhecer e um objecto que esta prestes a ser conhecido.

Tendo em conta que a resposta Rorschach emerge dum processo criativo que se inscreve na formação de um símbolo, esboçando um tracejado triangular e vinculativo na ligação ♀♂ e que mobiliza relações entre pensador e pensamentos, pensamos que será pertinente, igualmente, estudar os tipos de relação pensador/pensamento, significante/significado (*parasitária, comensal e simbiótica*) pela sua inscrição em *continente/conteúdo*, como a actividade que possibilita pensar as movimentações de um sujeito no conhecer e crescer. Esta situação é formulada por nós, como aquela que ocorre na análise resposta a resposta e na análise cartão a cartão. Parece-nos importante perceber como se dão esses movimentos de evolução e adaptação face ao desconhecido, à separação e individuação, face a si e ao outro em relação.

Através de uma actividade de significação da mancha Rorschach vemos operar um processo de pensamento e de simbolização, que nos permite compreender as passagens que se desenrolam entre as diversas partes do sujeito, entre o sujeito e o objecto, entre o dentro e o fora, de forma a poder criar-se um novo objecto. O trabalho de ligação – *o entre que se entre-abre* – impõe e revela a intensidade qualitativa relacional entre o sujeito e o objecto, a partir do qual age um trabalho de transformação que caracteriza a resposta Rorschach como detentora de elementos do interno e elementos do externo (situação projectiva, mancha Rorschach, psicólogo) ligados e recriados. É pois, com base no processo-resposta Rorschach que as possibilidades de focalizarmos a nossa atenção sobre os processos de relação, ligação, transformação e de pensamento se explicitam, assim como efectuar um repensar sobre os elementos de cotação através da identificação projectiva. Esta possibilidade fundamenta-se igualmente na configuração dos cartões Rorschach, tendo em conta as noções inerentes à situação projectiva e ao processo-resposta Rorschach.

Na síntese do que acima foi descrito, pensamos que os procedimentos aqui expostos se clarificam no estudo das características da identificação projectiva a partir,

principalmente, das noções de pensamento, transformação e simbolização, a partir da conceptualização de identificação projectiva na relação e ligação entre continente /conteúdo, na base da significação e criação. Assim o nosso objecto de estudo significa-se numa articulação com a noção de relação  $Eu \leftrightarrow Outro$ , sendo esta uma noção importante no processo de transformação simbólica na adolescência, convergindo, depois numa operacionalização dentro e no Rorschach a partir da sua definição constituída pela Situação Rorschach e processo-resposta Rorschach.

## 7. Análise e Interpretação dos Protocolos

De acordo com os objectivos aos quais nos propomos, neste trabalho, apresentamos, neste capítulo, a análise qualitativa de 4 protocolos, seleccionados a partir da sua pertença à pré-adolescência ou à adolescência propriamente dita, sendo recolhidos dois de cada faixa etária, de acordo a diferenciação sexual. Foram estabelecidos outros parâmetros de selecção que se enquadram no estatuo socio-económico e a não reprovação escolar

### 7.1. Protocolo 1

A Carolina tem 13 anos na altura em que participa neste estudo. Anda no 8.º ano de uma Escola Secundária. Tem tido um percurso escolar sem problemas, é boa aluna e diz que gosta da escola e de estudar mas não em demasia, acha que ser adolescente é poder ter tempo para estar com os amigos e fazer coisas divertidas.

Apresenta uma estatura média para a sua idade, tem uns olhos castanhos bastante expressivos e os cabelos castanhos com um corte bem na moda, veste-se de uma forma vistosa, combinando diversos acessórios como as pulseiras e os brincos. O pai tem 46 anos e a mãe 48. A Carolina é a filha mais nova tem uma irmã mais velha com 20 anos.

Nunca recorreu a consultas de Psicologia ou de Psiquiatria até à data da realização deste estudo.

Nos tempos livres gosta de ir à praia, de estar com os amigos e de jogar computador. Aceita participar no estudo, revelando algum nervosismo e ansiedade por não saber do que se tratava.

## Cartão I

Resposta 1 – Numa entrada directa na expressão, na e em relação, pelo equilíbrio e pela simbolização, surge um “*pássaro*” numa boa qualidade formal, o que tendo em conta o conteúdo simbólico para o qual este cartão reenvia, estabelece-se, nesta primeira resposta a possibilidade de manter uma integração corporal. A delimitação interna/externa é feita no procurar e achar de um continente acolhedor da angústia suscitada face a um outro, face a si, solicitada na dispersão, na fusão e envolvimento na situação projectiva, no confronto com uma situação “catastrófica” na qual a completude do objecto e do sujeito são postos em causa.

A reparação e restauração trilham um caminho difícil, no qual a Carolina, na necessidade de um equilíbrio e liberdade, reconstrói-se, acrescentando um apoio extra “*três asas*”, que, se por um lado possibilita a sua integração face à realidade na qual está inserida, por outro retira a sintonia entre a adaptação e o real, pelo excesso de fantasia.

Enquanto produto de um processo de transformação, observa-se uma transformação rígida, pela pouca distorção face ao facto original. A passagem da desintegração (PS) à integração (D) necessária na contenção, ligação e significação dos elementos exteriores com os elementos interiores é possível na capacidade da Carolina se situar num espaço transitivo e a partir desse criar um objecto que apresente características quer do mundo interno, quer do mundo externo.

Resposta 2 – Nalguma manipulação que adivinha o excesso anterior tentado na colmatação da falta, da falha na restauração de si, surge, num movimento regrediente “*uma mosca*” com “*uns dentinhos à frente*” numa apreensão global que na má qualidade formal descreve a indiferenciação entre dentro e fora, mundo interno e mundo externo, entre sujeito e objecto. Não segura e no forte impacto deste cartão que vai além e situa-se no relacional que caracteriza a situação Rorschach, Carolina desarticula-se, na incapacidade de encontrar um continente seguro. Na relação sujeito/objecto, sujeito/outro, observa-se a fusão entre dois no desequilíbrio entre o desejo de construção mútua entre um Eu e um Outro e a necessidade de um Outro na

construção de si, mas a impossibilidade de articular uma “*barreira de contacto*” que limite e ao mesmo tempo que permita a comunicação significadora entre interno e externo ocorre uma projecção do não sentido, na qual a desrealização surge na relação consigo mesmo, com a realidade e com um outro.

Esta situação permite-nos pensar no processo de formulação da resposta Rorschach como um processo de transformação projectiva pela distorção extensa do facto original, interrompendo, portanto, na sua passagem, à comunicação com um outro (transformação rígida) pela investimento simultâneo no mundo interno e no mundo externo, na realidade e na fantasia, sem que haja estabilidade nos limites que os separam, ao mesmo tempo que permitem o seu envolvimento na recriação, num caminho ao crescimento pelo conhecer.

Da relação entre continente (G) e conteúdo (A) percebemos a fusão entre os dois, aguentada pela distorção extensa entre a realidade e a fantasia que se inscreve na distorção face ao facto original, como forma da Carolina se distanciar do conhecimento.

## Cartão II

Resposta 3 – Numa espécie de recusa em aceder ao cartão na posição entregue pelo outro – presente na situação Rorschach- e depois de uma asa suplementar que a libertou, na primeira resposta, da angustia vivenciada na entrada em situação relacional, surge “*um rato que tem pés e asas, resumindo e concluindo*” como procura de alguma síntese na apreensão deste cartão, pegando ainda num movimento próximo da primeira resposta que a equilibrou.

Face ao impacto forte do pulsional embutido num relacional a desorganização vincula-se a fragilidades narcísicas de um corpo atingido, onde “*os pés ao contrário*” cortam o estabelecimento da relação (no bilateral, com um outro - mancha, da intersubjectividade da situação projectiva) sendo ainda “*espalmados*” como forma de enraizarem no seu lugar a distância movediça face ao outro. As “*asas*” da primeira resposta arrastam-se até aqui com propósitos na integração de si própria. A descrição

de detalhes surge como uma espécie de conjuntamento de uma integridade desarticulada mas ligada, não conseguida na significação pelo sentido perdido sentido como concreto e não substituído, (PS – PS). O investimento simultâneo em figura e fundo, percebido como continente (que nasce da junção entre sujeito e mancha) testemunha a desordenação que implica a intensidade vivenciada entre recuar e procurar remeter na protecção à securização de fragilidades narcísicas, ou destacar-se, separar-se e individuar-se e confrontar-se com o pulsional e seguir um trilho na diferenciação sexual. Contudo o tempo, sem espera, interno confunde-se com o externo e a impossibilidade de diferenciar-se como individual, no pensar, confunde-se com a diferenciação sexual, levando a uma amálgama de ligações entre as diferentes emoções (branco, vermelho, negro) e diferentes representações, na qual um todo surge atingido.

Pensamos que esta resposta se situa mais perto da unidimensionalidade do que na bidimensionalidade, embora a luta da Carolina, a nosso ver seja feita para alcançar (e /ou manter) o limite entre dentro/fora, interno/externo, sujeito/objecto e um Eu/Outro. Desta forma, pensamos que esta resposta se assemelha mais à posição esquizo-paranoide do que ao tempo de espera, que espera, na formatação, para a posição depressiva.

### Cartão III

Resposta 4 – Acolhimento do pulsional suscitado pelo vermelho, no banal, com a possibilidade, pelo fechamento do campo perceptivo, da significação, o que impõe um trabalho na cisão, algo não possível na resposta anterior, e que nesta resposta permite à carolina testar a sua capacidade de análise de um outro (D). Pensamos que a Carolina consegue, na passagem do cartão II para o cartão III, reorganizar-se da desestabilização provocada pela situação Rorschach, operando na desligação – ligação – desligação a formação de uma imagem – conceito, com a marca do isolamento, por certo, e com acento no corrente, no habitual, no social banal, contudo um símbolo que marca claramente a sua possibilidade de recriação, pelo pensamento, a caminho do conhecimento.

Verifica-se, portanto, um movimento progrediente na medida em que se trata da primeira resposta na qual a sintonização entre a percepção e a projecção encontram um caminho na realidade, na adaptação. Opera-se uma transformação do tipo rígido, na qual a comunicação eu – outro (mancha, psicóloga) é possível no entendimento e na significação. Pensamos então que a possibilidade de passar de uma unidimensionalidade para uma tridimensionalidade se estabelece através das qualidades da mancha (outro), da facilidade perceptiva, que possibilita, no uso da identificação projectiva, a significação.

Resposta 5 – Na tentativa de aceder ao relacional, surge, numa localização onde habitualmente as respostas ligam, em interacção, as duas personagens correntemente apreendidas, “*um sapo aqui com uns dentes à frente*”. Num movimento regrediente com a marca da desarticulação corporal que o relacional na Carolina suscita, aparece de novo a desligação entre fantasia e realidade numa projecção de elementos  $\beta$  pela impossibilidade de se sentir inteira na relação. Esta situação na nossa opinião arrasta o impacto ansiogénico e desestabilizador da entrada na situação, observável pelo arrastar do não sentido de “*uma mosca com dentinhos à frente*” para “*um sapo com dentes à frente*”, dando conta do desconhecido, que à sua frente se situa (futuro), temido. Esboça-se portanto uma tentativa de encontrar o seu lugar firme, um ponto de equilíbrio e integrado face a um outro, antes de uma entrada em relação com esse mesmo outro.

Resposta 6 – Na procura de um continente que albergue a inquietação vivenciada em termos corporais que o movimento regrediente que o relacional em si desarticulou, Carolina, procura desembaraçar-se do enleado projectivo que desenrolou nas respostas anteriores. Pensamos que esta resposta não é considerada a procura de um objecto mas sim a procura de limites, que separem o mundo interno do mundo externo à semelhança do movimento progrediente efectuado na primeira resposta a este cartão.

Nestes dois últimos cartões, com solicitações relacionais, a Carolina deixa transparecer uma grande angústia da relação, sendo incapaz de se representar como inteira e separada face a um outro. A identificação projectiva utilizada nestas respostas caracteriza-se como excessiva, pela procura de uma integração corporal, de um continente que signifique e albergue a angústia que o corpo maduro suscita. O uso da identificação projectiva ultrapassa a comunicação empática e descreve-se no esbatimento de limites entre um Eu e um Outro, na projecção de elementos desligados pela não sustentação em si de si mesma.

#### Cartão IV

Resposta 7 – Da grande receptividade à angústia e numa tonalidade emocional disfórica face ao impacto deste cartão, Carolina procura localizar-se face a um outro (mancha) na separação e individuação. Numa apreensão global surge “*uma pessoa, um gigante e estou a vê-lo de baixo para cima então parece muito grande*”, na indiferenciação sexual que pressupõe pelo outro igual, a não sexuação, contudo diferente pelo desequilíbrio de posições/localizações que assegura a contenção da evocação ansiosa. A sua resposta no conjunto parece indicar que a solicitação simbólica ligada ao poder e à força são apreendidas e transformadas (transformação rígida) em imagens que puderam ser pensadas e comunicadas. E que sendo colocadas numa apreensão global, na ressonância com um outro (mancha) possibilitam a integração da Carolina. Da participação da dinâmica entre projecção e percepção pensamos que a projecção ganha terreno, pelo avanço da fantasia sobre a realidade visível pelo determinante Clob e resultando num conteúdo perto do imaginário, contudo esta operação, a nosso ver, subentende um esforço de manutenção de si, no qual o labor de significação que mesmo arrastando uma intensidade imensa é alcançado. É possível perceber nesta resposta, a ligação entre um continente (G) e um conteúdo (H) suspenso na tensão dialéctica que sustenta a distancia entre sujeito mundo interno e mundo externo, pela relação entre uma cinestesia e um Clob, o que na nossa opinião, permite que a distorção ao facto original não se desadeque pela projecção.

#### Cartão V

Resposta 8 – Num “*aqui*” que distingue o eu do não-eu, surge “*uma borboleta*” numa referência habitual que testemunha a capacidade da Carolina em cercar um objecto total num pensamento social. A identificação projectiva aparece na significação e na simbolização pela capacidade de aproximação a um outro (mancha), recriar e desligar. A imagem global apreendida assegura a representação de si inteiro e separado, o que pressupõe a passagem da equação simbólica à representação simbólica, pela delimitação rígida entre o dentro e o fora, entre o mundo interno e o mundo externo, na ligação e comunicação entre o sujeito e o objecto.

### Cartão VI

Resposta 9 – Numa entrada directa que marca uma posição entre si e o material, descrita num “*aqui*” insistente, assegurado no agido da divisão, Carolina contém a representação disfórica que assenta na dinâmica actividade/passividade face ao simbolismo do cartão que se esboça na bissexualização. Entre “*pele*” que separa e delimita o interno e o externo de um corpo diferente de um outro e a profundidade de uma “*cabeça*” que pensa e simboliza, Carolina liga – se a si e separa-se de um outro num tacteado sensível pelo desconhecido, onde se regista a narcisização de um corpo frágil, contido, numa boa qualidade formal.

Sobre o processo de construção da resposta Rorschach vê-se surgir lentamente uma transformação rígida na comunicação de um outro pela pouca distorção da imagem criada em relação ao estímulo (Mancha).

### Cartão VII

Resposta 10 – Do carácter inacabado, surge a delimitação entre o dentro e o fora sustentada na qualidade formal do engrama numa ligação entre continente e conteúdo mantida no necessário aperto do campo perceptivo que sustenta a diferenciação entre o preenchimento desconhecido de uma “*cabeça*” e a superficialidade de uma “*cara*” acrescida do anonimato de “*uma pessoa*” Da solicitação simbólica deste cartão imprimida num relacional, no confronto da Ana Sofia com o feminino, o

materno, e na situação projectiva – psicóloga – promove-se o confronto consigo própria individuada e sexuada, assegurada pelo pensamento que oscila entre a profundidade desejada na descoberta e o limite vivenciado a nível corporal.

Resposta 11 – Num pedido de envolvimento e significação e após alguma manipulação do cartão que volta à sua posição inicial, surge *a cara de uma pessoa*, num registo semelhante à resposta anterior mas na fixação do apreciar (olhar) emerge “*um coelho*” numa integração total, assegurada no não relacional pois “... *em vez de estar com as patas para a frente, está com as patas para trás*”, semelhante ao registo utilizado pela Carolina no cartão II, inscrevendo-se portanto, a nosso ver na dialéctica das relações com o primeiro objecto, com o materno e o feminino, intensificado ao mesmo tempo que é significado, pela presença da psicóloga na situação projectiva. Entre o parecer e o ser, Carolina segura-se na ligação, de novo entre a profundidade que compromete a fragilidade pela aproximação ao carácter humano do engrama, ao projectivo, e o deslocamento sobre um engrama animal que possibilita a distância entre a equação simbólica e a representação simbólica e permite uma mobilidade das tensões internas.

### Cartão VIII

Resposta 12 – Numa precaução verbal, a mudança de cor é mediada pela divisão e pela separação de um todo em dois, sendo apenas um nomeado, “*parece que cortaram qualquer coisa ao meio, um bicho qualquer e depois espalmaram*”. Num cartão, onde por excelência é solicitado a partilha, a relação que o sujeito estabelece consigo mesmo e com os outros, surge a cisão como forma de assegurar a integridade ferida na não especificação de si face a um outro.

Resposta 13 – Na procura de um ponto de equilíbrio, Carolina procura-se a partir de “*uma borboleta*” na interpenetração das cores, das emoções mas com a possibilidade de cercar e delimitar um objecto total na representação de si, assegurando a passagem da posição esquizo-paranoide à posição depressiva, pela restauração do sentido como perdido na resposta anterior. Podemos estabelecer nesta resposta uma transformação de movimento rígido pelo reconhecimento no não familiar, do

familiar, que possibilita a comunicação consigo própria e com o outro, no uso da identificação projectiva empática.

Resposta 14 – Na segurança da resposta anterior, Carolina insiste na primeira localização à procura do corrente e banal, como forma de assegurar para recriar e especificar a insatisfação sentida na relação a um outro (mancha). Surge, então “*um bicho com três patas e uma cauda*” no desequilíbrio da falta comparado no excesso do preenchido, na sua semelhança ao “*pássaro com três asas*” da primeira resposta, o que remete para a grande sensibilidade à situação relacional da situação Rorschach vivenciada num linha ténue entre a percepção e a projecção.

### Cartão IX

Resposta 15 – Após um tempo de latência ligado à insistência verbal cujo exercício apela à distancia entre si e o outro (mancha) surge “*a cabeça de um elefante visto de cima*”, onde a Carolina tenta posicionar-se e posicionar as emoções dispersas e interpenetradas que alargam e estendem a ligação entre o eu e o outro, e sobre a qual a impossibilidade de significar-se, em si, nas suas emoções e perante um outro leva à projecção de elementos  $\beta$ , na procura de um continente que sustente a fragilidade narcísica sinalizada a nível corporal. A construção desta resposta reenvia para a sua preocupação em preencher o vazio, de imediato sinalizado, através da procura de um objecto de cerque e preencha largamente a falta, que dê sentido ao turbilhão de emoções que se impõem e se confundem umas com as outras na angústia sentida ainda não significada.

Resposta 16 – Numas “nuvens”, Carolina aligeira o pensamento como tentativa de significação das tonalidades emocionais dispersas e angustiantes que o impacto da solicitação simbólica a que este cartão apela suscita em si. Em limites vaporosos sintoniza-se de si para si a nomeação numa sintonização entre o conceito e o objecto, na não relação com um outro mas, pensamos nós, como asseguramento da sua interioridade.

Resposta 17 – sob o signo da distancia, “ *dois bichos*” surgem na ligação a um continente vaporoso que transporta uma angustia que esfuma na não contenção e assusta o aprofundar num específico.

### Cartão X

Resposta 18 – A dispersão do pensamento na sua ligação à dispersão no material (mancha) embala a Carolina na fusão das emoções com os limites, perdendo-se a coerência de forma parcial, no estabelecer de equivalências entre a imagem e a construção de um conceito. O enfraquecimento dos limites que se arrasta das respostas anteriores persiste na construção de um símbolo nesta resposta contudo sinalizada, na procura em minimizar o impacto emocional que as solicitações simbólicas para as quais este cartão reenvia.

Resposta 19 – dentro de uma temática oral surge “*uma cenoura*” que possibilita uma correspondência entre a solicitação regressiva a que este cartão apela e a angustia transportada na resposta, contudo salienta-se a má qualidade formal da imagem-conceito criada pela não criação de uma membrana perceptiva entre dentro e fora, entre mundo interno e mundo externo. Esta situação recai no uso da identificação projectiva observável na fusão entre si e o objecto, entre si e o outro, na procura da significação mútua, contudo a possibilidade de encontrar um continente seguro, leva à projecção do não sentido pela não significação de si.

Resposta 20 – Na continuação do que é dito a cima, pensamos que da fusão entre si e outro, na procura do familiar no não familiar, surge na desarticulação a necessidade de construção, a partir de um outro. Nesta resposta “ *parece que tenho umas bochechas, parece que tenho uns olhos. O nariz, a boca*” surge a tentativa de integração pela nomeação das suas diferentes partes, inserida num outro – continente – que signifique – a fragilidade vivenciada na desligação entre um corpo físico e um corpo psíquico.

Resposta 21 – Da significação num outro, surge “ *uns caranguejos*” numa boa qualidade formal o que atesta a renovada capacidade de dar um novo sentido ao

perdido mas recuperado, restaurado. É possível, portanto aqui falar da passagem da equação simbólica à representação simbólica, na operacionalização da ligação significadora entre um continente e um conteúdo. A Carolina termina a tarefa que lhe foi proposta na estabilidade, numa correspondência entre o conteúdo latente do cartão e o conteúdo latente da resposta, na sintonização em si, de um corpo frágil mas total. Esta imagem, mesmo que inserida num pensamento social, habilita a Carolina num movimento incrível de significação e adaptação face a um outro, na qual sustentou a ligação concreta e não condensada a um outro, na procura de si, na procura de uma representação estável.

## 7.2. Protocolo 2

O Paulo tem 13 anos, anda no 8.º ano de uma Escola Secundária. Tem tido um percurso escolar sem problemas mas, em relação aos estudos diz que gosta pouco de estudar, prefere os jogos de computador, no entanto, é um aluno médio da turma o que considera ser suficiente.

O pai tem 41 anos e a mãe tem 43 anos, ambos estudaram até ao antigo 4.º ano e possuem profissões onde a experiência prática surge como uma mais valia. Têm uma irmã mais nova, com 12 anos, de quem gosta e com quem se dá bem. Nunca recorreu a consultas de Psicologia ou de Psiquiatria até a este momento.

O Paulo tem uma estatura baixa para a sua idade, é magro e tem os olhos e o cabelo castanhos. Penteia a “poupa” levantando-a com gel, o que lhe dá um certo estilo. Veste roupas largas de marca e calça ténis a combinar.

Algum do seu tempo livre é passado em família, em passeios que envolvem os vários membros, mas sempre que pode gosta de praticar desporto, um pouco de tudo mas, futebol em especial.

Aceita participar no estudo, revelando alguma curiosidade em saber do que se trata, mostrando vontade de colaborar. No decorrer da prova mostra um ar interessado, como se fosse um investigador que inspecciona todos os detalhes da mancha.

## Cartão I

Resposta 1 – A entrada em situação expressa-se numa forte tensão emocional, relata uma incapacidade de segurar os limites e de significar na distância requerida entre equação simbólica e representação simbólica, que inscreve o sujeito num espaço transitivo. Num “*olho*”, Paulo aperta o campo perceptivo, numa tentativa de fazer face ao impacto ansiogénico que a situação, na cumplicidade simbólica com um outro, contextualizada numa temática de integração corporal, suscita. A entrada no desconhecido, perante o caos psíquico, leva-o na projecção de elementos não significados, à junção mundo interno e mundo externo, na insuficiência de unidade física e psíquica. Esta situação é testemunhada na referência ao branco intra-macular que se inscreve numa fragilidade narcísica. A entrada na situação, na relação ao feminino (psicóloga) e ao materno, acentua a desadequação do controlo e coloca na profundidade do latente a inquietação intensa, pois a procura de um continente revela-se muito perturbante, perto do persecutório.

Nesta resposta, pensamos que a relação entre pensador e pensamento é uma relação parasitária, na medida em que leva à intoxicação quer de um quer do outro. A tentativa de envolver um conteúdo na intensidade da sua angústia, leva Paulo ao desencontro com um outro, pela vaporosidade de um continente (Dd bl) vincado em fragilidades narcísicas, num mesmo movimento de procura de um continente protector suficientemente bom capaz de receber as partes desligadas das emoções pela dispersão suscitada pela ansiedade.

## Cartão II

Resposta 2 – Após um tempo de latência que arrasta o impacto ansiogénico da situação projectiva surge a procura de um continente sólido, firme e seguro que sirva de cercadura a um conteúdo afirmado e impulsionado na angústia do não sentido, na angústia de uma vivência corporal frágil e atingida onde vazio tem lugar na falha. O movimento de desvitalização na criação da resposta aponta para uma necessidade

que fica além da sua localização num contexto relacional, e se situa na procura de limites duros que fechem, na separação entre sujeito e objecto, e possibilitem a integração corporal. Nesta resposta “*uma rocha*” assiste-se a uma tentativa de enquadramento formal que segue uma linha estrutural semelhante à primeira resposta, contudo na sua construção denota-se o alargamento do campo perceptivo, que se inscreve na procura de um reconhecimento mútuo (entre si e o outro) que possibilite a delimitação da angústia pelo outro.

Resposta 3 – Ainda sob o peso de uma fragilidade, a dispersão vagueia na procura de algum conforto significativo num outro, ao que ligamos à passagem de um D bl da resposta anterior a um EF na presente construção, o que na nossa opinião liberta o sujeito em si pela projecção num outro, num movimento progrediente, com vista à integração. Da desvitalização surge então a desintensificação como forma do Paulo transportar a ansiedade que a sua sensibilidade e fragilidade desmantela em si face ao objecto exterior.

Na construção da resposta percebemos uma ligação (EF) entre continente (D) e conteúdo (Nuvens), assente no conforto, o que lhe possibilita algum respirar se compararmos esta resposta com as anteriores. Contudo salienta-se a não possibilidade de encontrar uns limites bem definidos entre si e o outro (mancha).

Resposta 4 – Da não reparação e num localização no vermelho, surge “*um cavalo, a cabeça do cavalo*” onde a tentativa, não conseguida, parte de um todo para uma apreensão parcial, num investimento num outro – mancha – que não deixa de ser um investimento em si mesmo, enquanto representação de si tentada na representação sexual. Desta forma surge uma resposta na confusão entre realidade interna e realidade externa, no desequilíbrio pulsional que não possibilita o pensamento e o crescimento, pois no abalo da função continente, as possibilidades de integração de si diminuem a possibilidade de fazer face a uma angústia localizada numa identificação sexual.

Parece-nos que nesta resposta ocorre uma transformação projectiva dada a elevada distorção do facto original.

### Cartão III

Resposta 5 – Após um breve tempo de latência surgem “*duas senhoras com salto alto*”, numa clara ressonância entre o conteúdo latente do cartão e o conteúdo da resposta. A banalidade sinalizada assinala o reconhecimento e a capacidade de representar o relacional embora este reconhecimento implique, na configuração habitual, um enquadramento nalguma valorização que se liga aos adereços para sustentar a figuração. O envelope delimitador entre si e um outro (mancha) diferente, arrasta em si a superficialidade da aparência como premência na diferenciação. Pensamos que a facilidade em aceder a esta representação, de certa forma implica o reconhecimento de si como diferente, contudo pensamos que a representação do outro feminino, possibilita ao Paulo o não pensar sobre si, em se afirmar no masculino, dado que é no outro (mancha, psicóloga) que se situa esta representação. Pensamos que esta resposta inscreve o Paulo numa relação comensal, com os seus pensamentos, pela possibilidade de recriação com proveito para três, contudo não existem grandes evoluções, dado que na fragilidade sobre a delimitação entre si e um outro, uma relação na dependência entre dois (relação simbiótica), não é possível, pela perda de limites que essa situação desencadearia.

Resposta 6 – Ainda sob a nota do relacional e sentindo-se seguro, surge no vermelho intermédio “*um laço*” numa boa qualidade formal que dá conta da separação entre interno e externo pela possibilidade de conter o pulsional inserido no relacional. Contudo salientamos a função do laço que liga as duas personagens e permite, de novo pela valorização, manter a separação entre sujeito e objecto ao mesmo tempo que acede, pela ligação, ao relacional, nalguma estreiteza entre a segurança que o coloca num espaço transitivo num tempo que a diferenciação sexual entre si e o outro se começa a distinguir. Pensamos que este “laço” não serve só para ligar e unir as duas personagens em relação mas também servem para ligar o Paulo ao outro (mancha, psicóloga). Pensamos que nesta resposta se opera uma transformação de movimento rígido, pela possibilidade de comunicação entre si e o objecto, entre si e o outro presente na situação projectiva.

Resposta 7 – Nos “*olhos de um monstro qualquer*” Paulo dá largas à projecção que os investimentos anteriores não seguros suscitam face a uma inquietação corporal, a lembrar a primeira resposta deste protocolo. Esta resposta coloca-o de novo na relação com o feminino presente na situação Rorschach – psicóloga – acentuado face aos engramas recriados, que o coloca face a si mesmo à maturação de um corpo genitalizado mas não integrado, visível na impossibilidade de simbolizar, assim como é visível o desencontro entre si e a integração de um continente materno que exerça a sua função de significação.

Salienta-se, quer nesta resposta quer na primeira resposta, no cartão I, a impossibilidade de simbolizar, pelo funcionar num registo perto da posição esquizo-paranoide, o que coloca o uso da identificação projectiva, entre sujeito e objecto, na expulsão de elementos intoxicados e a sua devolução na intensidade dessa intoxicação. Contudo, parece-nos que na tarefa e pela presença de um outro, essa expulsão é significada e acolhida por um outro (mancha e psicóloga), proporcionando alguns limites tão procurados pelo Paulo, na devolução.

Esta resposta, então, inscreve-se, numa relação entre pensador e pensamento como parasitária, na medida em que da relação entre dois, a destruição é mútua. A transformação presente na construção desta resposta insere-se na impossibilidade de operar um movimento rígido, em direcção à comunicação, estabelecendo-se, portanto como uma transformação de tipo projectivo.

#### Cartão IV

Resposta 8 – Na evocação de um imagem de poder, surge “*um javali*”, nalgum eco que o estímulo sobre o Paulo exerce, contudo, no impacto fantasmático que essa imagem-conceito em si suscita, leva a que a diferença entre a percepção e a projecção aumente pela intensidade de projecção. Esta resposta é construída na procura de uma unidade física e psíquica a partir de um outro (mancha) atestando, nessa procura de reconhecimentos, o mau enquadramento do conteúdo. Nessa situação é possível então falar uma transformação projectiva, na medida em que testemunha a expulsão de elementos  $\beta$  sobre um outro.

Os detalhes apreendidos e descritos “ *as orelhas...os chifres...a parte do focinho*” levam-nos a pensar que a impossibilidade de integração, que num balanceamento equilibrado entre projecção e percepção permitiria, se fique a dever a uma angústia face a um corpo diferenciado e sexuado ainda não reconhecido totalmente, pois a desligação necessária para que ocorra a significação, nesta resposta reside na não integração de um todo.

Sobre o processo de construção da resposta, verifica-se uma transformação do tipo projectivo pela distância que distorce o facto original, embora seja reconhecível, pelos elementos invariantes nomeados.

Resposta 9 – Num investimento em detalhe surge “ *um cão*” na distância face ao outro e na precaução verbal. Esta resposta situa-se na representação simbólica, no significar da angústia de castração numa representação total alcançada. Pensamos, no entanto, que esta resposta pelo afastamento que lhe é imposto, se situa mais na representação da sua função, pela procura de algum conforto do que no alcançar de um propósito confirmativo de si enquanto sujeito diferenciado na sexuação. Esta resposta, no encontro com um continente seguro, permite, a figuração num enquadramento formal, na separação e ao mesmo tempo ligação entre si e o outro, na comunicação do Paulo consigo mesmo, na relação entre objectos internos e objectos externos. A construção desta resposta, a nossa ver, inscreve-se num mesmo movimento da resposta anterior, contudo, na relação entre sujeito e outro (mancha), é possível observar a progressão, pela significação tentada numa primeira abordagem ao cartão, conseguida na segunda resposta.

Observa-se a projecção de elementos intoxicados num outro que serve de continente na primeira resposta, a uma integração corporal, e na devolução observa-se a passagem “*javali*” → “*cão*”. Pensamos que a imposição de comunicação a um outro, presente na situação projectiva, a significação que ocorre, ao abrigo do pensar, facilita um movimento de “alfabetização” e essa situação é possível na sua constatação pelo inquérito, na descrição de detalhes fálicos que suscitaram a ansiedade : “ *as orelhas...os chifres...a parte do focinho*”

A dinâmica activo/passivo dá conta portanto da problemática de castração perante uma representação de si frágil, contudo na dinâmica interno/externo, denota-se um movimento progrediente, que possibilita através do outro a passagem de uma transformação projectiva a uma transformação de movimento rígido, que vai de uma resposta à outra, pelo uso da identificação projectiva ao serviço da comunicação do sujeito consigo próprio.

### Cartão V

Resposta 10 – A partir duma formulação eficaz para lidar e significar a angústia suscitada no cartão anterior, e que de alguma maneira também aparece face à solicitação simbólica para a qual esta cartão reenvia, Paulo dá uma resposta que aponta no mesmo sentido: “*a cabeça de um crocodilo*”, possibilitando o descrever-se do impacto que o cartão anterior provoca no Paulo ao nível da diferenciação sexual e na sua integração e a possibilidade na expressão de uma relação entre si e o outro – mancha – encenar essa angústia contida, dando conta do uso da identificação projectiva empática na qual a comunicação entre um Eu e um Outro, possibilita a recriação mútua. Na construção da resposta é possível observar a relação entre continente (D) e conteúdo (Ad) numa sintonia perfeita entre localização e representação, sendo que a ligação entre ambos se inscreve numa tensão dialéctica que possibilita uma síntese dos diferentes elementos.

Resposta 11 – assegurando um caminho percorrido na representação si, na integração da diferença, pelo trilho colocado no futuro, Paulo assegura-se na representação de si, num movimento alargado face a um outro, a partir de uma apreensão global, na delimitação e separação entre dentro e fora, entre mundo interno e mundo externo, entre o eu e o outro, o que nos dá conta, pela banalidade, da sua inserção num pensamento social e corrente como medida de confirmação de si. Observa-se portanto uma relação entre pensador e pensamento como comensal, na qual a tridimensionalidade é possível na intersubjectividade contudo a evolução não se distingue como num mergulho simbiótico na relação.

Resposta 12 – Na recriação e comunicação entre continente e conteúdo, na possibilidade que uns objectos sejam colocados dentro de uns outros, surge “ *um pássaro tipo águia*” na recriação da resposta anterior, num ir mais além, do perceptivo para o subjectivo, da separação à individuação recreativa. Pensamos que esta resposta dá conta do desejo do Paulo sobre o futuro, pela capacidade de se descentrar do acolhimento no corrente e libertar o símbolo.

A nosso ver estas três respostas dão conta de uma transformação rígida, numa ligação entre continente e conteúdo que se pode descrever entre a relação comensal e a relação simbiótica.

### Cartão VI

Resposta 13 – Num “*tapete feito por...pode ser um lobo*” emerge a integração e a delimitação de uma resposta na qual a transformação rígida distingue o pensamento e o conhecimento, pela pouca distorção do facto original. A dinâmica activo/passivo é perceptível entre o lobo e o tapete que arrasta alguma dúvida, complementada no inquérito: “*como está espalmado pode ser um tapete*”, intercambiada num movimento que *espalma* e divide ao mesmo tempo que liga e possibilita a comunicação entre interno e externo, entre o sujeito e o objecto. A inserção no habitual surge provida de criatividade o que nos possibilita afirmar, nesta resposta, a possibilidade do Paulo se situar num espaço transitivo, espaço onde emerge a recriação de si e do outro, num processo que vai da desligação – ligação – desligação. Contudo, pensamos que esta resposta se inscreve no afirmar de uma “*pele*” que marque claramente a separação entre si e o objecto, entre si e o outro.

### Cartão VII

Resposta 14 – face a um cartão materno e feminino e em presença do feminino – psicóloga –, surge, nalgum afastamento agido, pelo virar do cartão, *a cabeça de um*

*elefante*” no excesso de projecção que introduz a distorção e a invasão do mundo interno sobre o mundo externo. Esta resposta, leva-nos a pensar, na dificuldade do Paulo se assegurar numa representação de si com acento no masculino confirmada no relacional com o feminino. Sobre o processo de transformação que ocorre verifica-se uma transformação do tipo projectivo dado que a passagem da equação simbólica ao símbolo propriamente dito ocorre na distorção entre a imagem-conceito criada e o estímulo (mancha). No aproximar à solicitação do materno, emerge a tentativa de afastamento e separação, contudo na problemática reactivada na separação/individuação, surge, na fragilidade, o esbatimento de limites (F -) entre continente (D) e conteúdo (Ad) pelo reacender da problemática edipiana, o que coloca o Paulo no impasse entre o desejo de se assumir numa representação de si individuada e sexuada ou assegurar a sua autonomização em relação à figura materna. Pensamos que esta resposta se inscreve na procura de um outro igual que na relação suporte a separação face ao materno, pelo reconhecimento do familiar no não familiar.

Resposta 15 e 16 – da manipulação excessiva do cartão que leva ao confirmar da sua angústia face ao feminino, ao materno e à problemática edipiana, o sentir-se inteiro face a um outro presente na situação – psicóloga – na diferenciação, surge “*uma saia*” num apelo a envelope narcísico de um outro que na fusão o integre a si igualmente. Na má qualidade formal, verifica-se a impossibilidade de significar os elementos  $\beta$  o que o leva a devolver o não sentido e procurar a delimitação entre o dentro e o fora, entre o mundo interno e mundo externo, através de um “*casaco*” que separe e ligue num mesmo tempo. Pensamos que estas duas respostas se inserem na procura de uma segunda “*pele*” que separe a representação do objecto. A emergência do feminino e do materno, no impacto fantasmático, leva à emergência do igual como forma de atenuar a diferença ainda não significada, não substituída, e portanto que não possibilitam a representação simbólica de um todo.

Neste cartão, mesmo na diferença de elementos invariantes que se impõem ora como constante de uma representação de si diferente ora na representação do materno no relacional, emerge uma transformação projectiva na impossibilidade de comunicar, pela procura de um limite, na invariância da problemática inserida no processo de

separação-individação. A ligação entre continentes (D) e conteúdos (Ad) e (Vest.) apresenta-se na extensão (F -) entre o eu e o não- eu, pela impossibilidade de manter uma dialéctica entre o sujeito e o símbolo, e o objecto representado no símbolo, dado que num espaço potencial o sujeito perde a distancia quer aos objectos internos quer aos objectos externos, na sua inter-relação.

### Cartão VIII

Resposta 17 – no acendear do tempo de latência face à mudança, declaradamente no choque às tonalidades do estímulo, Paulo constrói uma imagem – conceito “*uma hiena*” perto do banal, do habitual, o que lhe permite assegurar um movimento progrediente face ao cartão anterior. Esta resposta dá-nos conta da possibilidade de inserção num pensamento colectivo o que conduz à possibilidade de criar uma imagem formal, um continente adequado que lhe permitiu controlar a angústia manifesta no agir inicial. Numa configuração bilateral assiste-se à nomeação de apenas um, o que nos leva a pensar que entre iguais e na não diferenciação, a sustentação de um implica o trabalho de significação do outro. É pois no uso da identificação projectiva, na relação eu – outro (mancha) que se insere a possibilidade de encontrar um continente e integrar numa imagem, a projecção de uma unidade psíquica e física.

Resposta 18 – a imagem criada “*a cabeça de uma zebra*” expressa-se a tentativa de elaboração de si mesmo no confronto com o relacional, assente no feminino, assente na diferenciação entre o Paulo e o outro – Psicóloga – que configura o relacional no estímulo. Nesta resposta expressam-se fragilidades narcísicas que remetem de novo para a ligação e integração de um corpo físico e psíquico no relacional e remetem à não delimitação entre dentro e fora, entre mundo interno e mundo externo e caracteriza a procura de um outro que sustente e signifique a sua angústia, à semelhança da resposta anterior, contudo, nesta resposta, pensamos que a tentativa do Paulo vai no mesmo sentido de procura de um outro que signifique um corpo na diferença. Opera-se portanto um movimento regrediente, contudo o desejo de evolução é patente nesta resposta, não assegurado em si, por certo, mas o ir mais

alem, embora não seguro, de certa forma, começa a fazer-se notar neste protocolo. Pensamos que esta questão prende-se com o acolhimento no banal, sendo que este acolhimento, a nosso ver se insere na bidimensionalidade que não toma em conta a profundidade da individuação.

Resposta 19 – na “*mão de uma pessoa*” Paulo guarda o desejo de apoio de um igual, na indiferenciação sexual, que ligue e possibilite a desligação na separação e individuação de um corpo perdido no caminho regrediente que desde a primeira resposta se adivinha, na impossibilidade de sozinho fazer face à angústia suscitada, na impossibilidade de encontrar dentro de si um continente que o segure e suspenda a dispersão que a angústia nele suscita.

### Cartão IX

Resposta 20 – Após um tempo de latência manifesto da angústia face a um cartão onde a solicitação simbólica reenvia para o interior do corpo, Paulo sinaliza “*uma rena*” no balanceamento desequilibrado entre o pólo perceptivo e o pólo projectivo, numa má qualidade formal que leva ao esbatimento de limites e à invasão do interno sobre o externo. Pensamos que esta situação se liga a vivências primitivas, que de alguma forma, neste protocolo surgem associadas a uma grande angústia e inquietação. No não achar de um continente que signifique a dispersão que a convivência em si suscita, surge o esbatimento de limites, na projecção de elementos  $\beta$ , na procura de um outro que os signifique. De novo numa localização bilateral surge apenas a nomeação de um, quando dois estão presentes. Pensamos que a nomeação do plural inscreveria o Paulo directamente no relacional, pela fragilidade de limites que neste protocolo é notório, e na fragilidade sentida face a essa inscrição vivenciada numa impossibilidade de distância, leva a que apenas um seja reconhecido e nomeado.

Resposta 21 – Na procura de um suporte, Paulo tenta uma renovação na sustentação e representação de si a partir de um continente duro, “*um osso*”, pelo encontrar num outro (mancha) de um eixo que o sustente num mesmo tempo em que se desfaça a ligação o que leva por sua vez a um pensamento vago, sem limites bem definidos,

entre ser e delimitar e estar e significar. Parece-nos que esta resposta se inscreve num movimento de aproximação e de afastamento sem vez, sem ordenação nas prioridades, pela não contenção de um tempo de consolidação, primeiro em delimitar e depois em significar, -por um especificar e portanto, um diferenciar-, depois uma angustia vivenciada ao nível da integração corporal vivenciada em dificuldades de separação-individação.

Resposta 22 – no seguimento de uma ligação à solicitação simbólica para o qual reenvia o cartão, surgem “*uns olhos*” na projecção do interno sobre o externo, pela falta de contenção e no re-assegurar dos limites, que emergem aqui com a nomeação de fragilidades narcísicas não contidas, não significadas. À semelhança de respostas ao cartão I e III, na eminência de ligação e fusão com um outro, surgem respostas que reenviam para uma inquietação intensa ao nível de um vivência corporal atingida, frágil nos seus movimentos de separação, de delimitação, como se um envolvimento no pensar, que pressupõe a relação continente – conteúdo fosse mergulhada num abismo, na intolerância ao infinito e na intolerância à dúvida, pela não delimitação presentes quer em continente, quer em conteúdo. Pensamos que esta questão se explicita na forte pressão interna vivenciado pelo Paulo e a sua luta incansável deste o primeiro cartão em delimitar o interno e externo, mesmo na sua necessidade de um externo que contenha um interno.

Na construção desta resposta, observamos a ressonância pela identificação de fragilidades narcísicas sinalizadas num continente que alberga um conteúdo parcial num conjunto permeável à angústia dispersa.

### Cartão X

Resposta 23 – Ainda na desarticulação, surge “*uma rã*” o que de alguma maneira faz sobressair uma maneira de *ser* que caracteriza o Paulo, pois nas localizações bilaterais onde existem dois, a nomeação recai apenas para um, como se o outro não existisse. Pensamos que esta situação recai sobre as dificuldades evidentes de

encontrar os limites entre a projecção e a realidade, entre o mundo interno e o mundo externo, na caracterização de continente pouco seguro e de alguma forma invasivo e que faz transbordar as angústias sobre a realidade externa, deformando e distorcendo o facto original, o que remete para o vínculo k-, como forma de fugir às verdades, à dor.

Na construção da resposta percebemos uma ligação situação na distensão entre continente e conteúdo (enquanto *functores* ♀♂) o que leva a que entre a continência na mancha (D) e o seu contexto (A) mesmo que colocado sobre o deslocamento num engrama animal se desfaça no seu intercambio, dado que esta resposta não se enquadra nem no sujeito nem num outro (mancha), pela não separação entre estes. Caracteriza-se portanto uma relação parasitária entre pensamento e pensador, entre um Eu e um Outro, pela não significação mútua.

Resposta 24 – Ainda sobre o bilateral, de novo emerge a nomeação de um “*cavalomarinho*” expressando-se numa boa qualidade formal o que dá conta, na representação simbólica, da comunicação entre dentro e fora, entre mundo interno e mundo externo, mobilizada no uso da identificação projectiva como veiculo de comunicação entre continente e conteúdo. Esta possibilidade esboça-se contudo na não nomeação de um outro quando a sua apreensão para assim reenvia. No lugar de dois, surge apenas um, o seu lugar, ainda na preocupação em se assegurar da relação de si para si.

Resposta 25 – Face a um distanciamento visível na apreensão do estímulo, surgem “*umas folhas*”, o que dado a bilateralidade para qual a cor do estímulo e a sua localização reenvia, sugere um movimento progrediente, face às respostas anteriores, na representação simbólica e num processo de transformação que culmina num movimento rígido na comunicação entre o sujeito e o outro.

Contudo é de salientar a vaporosidade do continente que sustenta a evocação, na delimitação fraca que sugere uma passagem entre a posição *esquizoparanoide* para a *posição depressiva* algo embaraçada na restauração do perdido, da falta. Pensamos que esta situação e no seguimento do que é dito acima, está em conformidade com a

nomeação do plural (que inclui outros), quando entre estes o preenchimento é notório em termos perceptivos. Pensamos que esta resposta nasce de um trabalho de significação implícito nas duas respostas anteriores. No apelo à unidade e na relação com um outro (mancha) o Paulo trilha um caminho pela extensão dialéctica entre si, o símbolo e o simbolizado, numa sinalização bilateral, significando-a, ainda sem a presença de um outro nomeado (na resposta 24) e na última resposta, surge o plural, numa sintonia entre si e o outro, contudo numa fraca delimitação entre dois. Desta forma, pensamos que nestas respostas, pela identificação projectiva a serviço da comunicação, o sujeito ensaia pelos limites, a separação e a individuação, na tentativa de integração de um outro em relação e estando a sua integração na resposta intermédia.

### 7.3. Protocolo 3

A Ana Sofia tem 17 anos na altura em que participa neste estudo e anda no 12.º ano de uma Escola Secundária. Tem tido um percurso escolar sem problemas, e encontra-se a frequentar a área de animação cultural; confia com um ar tímido que de estudar não gosta muito e por isso optou por esta área que imagina ser mais dinâmica e interactiva.

O pai tem 48 anos e a mãe 39. A Ana Sofia é a filha mais nova, tem um irmão mais velho, com 19 anos, com quem diz ter uma boa relação.

Nunca recorreu a consultas de Psicologia ou de Psiquiatria até a este momento.

A Ana Sofia é uma rapariga de estatura média para a sua idade, tem os cabelos e os olhos de um castanho tão escuro que se aproxima do preto. Tem um aparelho nos dentes, que tenta esconder mesmo quando sorri. Veste-se de uma forma informal, o que contrasta com a sua postura séria.

Nos tempos livres gosta de jogar computador, sendo o jogo que mais gosta um de futebol, também gosta de ver TV, um pouco de tudo, desde dos programas mais sérios aos de divertimento. Também gosta de sair com os amigos, em especial à noite, embora essas saídas não sejam muito frequentes e estejam mais associadas a comemorações de aniversários.

Mostra-se curiosa em participar no estudo, no início da passagem da prova está um pouco nervosa, mas depois das primeiras respostas descontraí-se e mostra-se mais ligada à tarefa de nomear o desconhecido que lhe é apresentado em cada um dos cartões.

## Cartão I

Resposta 1 – Após um tempo de latência baixo, a entrada em situação, no desconhecido, descreve-se nesta resposta pelo recurso ao conformismo, ao corrente, no qual Ana Sofia repousa os limites de uma apreensão total e sobre a qual opera um deslocamento que autoriza a expressão dinâmica de um interno recriado entre o mundo interno e o mundo externo, entre o sujeito e o objecto, num espaço potencial, aguentado na distancia face à situação nova, na qual a dispersão é colocada numa imposição de ordenação da vivência corporal em e no relacional intersubjectivo acedido na referência bilateral “*asas abertas*”. O destaque criativo de uma “*borboleta a voar*” descreve a relação dinâmica entre continente e conteúdo como simbiótica, na qual o intercâmbio comunicacional possibilita a liberdade de utilização de um símbolo com características próprias, distintas do objecto original.

Nesta resposta observa-se uma transformação de movimento rígido pela pouca distorção do estímulo, na ressonância entre o conteúdo latente do cartão e o conteúdo latente da resposta, na qual os elementos invariantes se ligam a partir duma tensão dialéctica entre um sujeito com capacidades de se situar num espaço transitivo e manter a tensão entre símbolo e simbolizado na recriação de si e do outro. Esta tridimensionalidade é transportada, pela Ana Sofia, na comunicação a um outro presente na situação projectiva – psicóloga –.

Pensando na utilização da identificação projectiva como processo de construção de um símbolo e estando este representado pela integração entre modos de apreensão, determinantes e conteúdos, percebemos uma relação (ligação) entre continente (G) e conteúdo (A) inscrita numa dinâmica entre projecção e a percepção (kan), estabilizada pela banalidade que habilita o acolhimento desta dinâmica num pensamento social.

## Cartão II

Resposta 2 – No desequilíbrio, Ana Sofia dispersa-se face a uma solicitação simbólica assente numa forte pressão pulsional, reactivando na sua força a procura de

um continente suficientemente bom que albergue uma apreensão global, na procura de uma síntese dos diferentes elementos, que expõe uma marca no fusional, onde o lugar da projecção assume a ligação dialéctica entre eu e não – eu, na desarticulação. Na resposta a “*cara de um homem*” expressam-se as dificuldades que impõem o reconhecimento da diferença, o “*esquisito*” do seu espantamento confunde-se pela sua presença num eu (Ana Sofia) e num outro (mancha), num mesmo tempo em que tenta a sua expulsão pela palavra – inserida na projecção – e recolher um interior sentido na falta. Esta resposta projectiva é tentada numa organização de diferentes conteúdos dentro de continentes mas o insucesso é notório pela impossibilidade de estabilizar vez às diferentes ordenações que a Ana Sofia tenta alcançar, na separação, na individuação, na regressão ao materno para colmatar uma fragilidade, num mesmo tempo que tenta sustentar uma integração corporal face a um outro diferente. Contudo, os diferentes *elementos*  $\beta$  não encontram uma função  $\alpha$  suficientemente boa para alcançar o “feito” ao qual a Ana Sofia se propõe, resultando uma amálgama de conteúdos que se assemelha à relação de objecto parcial da *posição esquizo-paranoide*, numa semelhança fusional entre si e o outro (Mancha).

Esta situação dá conta de uma fragilidade nos limites, na barreira de contacto entre consciente e inconsciente, na possibilidade de separar o sujeito do objecto, a realidade da fantasia.

Na construção da resposta opera-se uma transformação projectiva (na sua transposição para a relação entre a Ana Sofia e a Psicóloga) e caracteriza-se na distância alcançada só através da distorção do facto original. Pensamos que esta situação se pode relacionar com os elementos de cotação utilizados na construção da imagem-conceito. A ligação entre um continente já trespassado por fragilidades e um conteúdo humano parcial ligado a uma angústia corporal, em que nem um nem outro se conseguem manter na significação, pela não delimitação. A sua ligação (entre os *functores*  $\text{♀}$  $\text{♂}$ ) é inquieta e estendida, geram-se uniões ansiosas que não alcançam a significação, pelo seu carácter inconstante, pela impossibilidade de colocar uns objectos dentro de uns outros, tentada na construção desta resposta, na procura da síntese. Pensamos que a relação entre pensador e pensamento se inscreve no parasitismo pela intoxicação mútua, num investimento vicioso de *PS* para *PS* que corrompe a ligação e a passagem pela formatação para *PD*, na bidimensionalidade.

Pensamos que a identificação projectiva, nesta resposta, é utilizada ora na figura ora no fundo, sendo este fundo o branco intra-macular, e sendo esta a figura nomeada na bidimensionalidade. Pensamos que este uso, não permite então, encontrar a separação entre dois.

### Cartão III

Resposta 3 – Ainda sob o efeito da dispersão do cartão anterior e face a uma grande angústia surge, numa tentativa de colmatar a fragilidade narcísica reacentuada neste cartão, “*uma máscara feia com aqueles homens esquisitos*”. O impacto do relacional na forte pressão pulsional reenvia-a para o julgamento no qual o esquisito aguarda guarida contudo a necessária passagem entre a *posição esquizo-paranoide* para a *posição depressiva* não se realiza pelo impacto da falta, da falha. Surge então a expulsão de elementos  $\beta$  à semelhança dos movimentos realizados na resposta anterior. Contudo pensamos que existe uma diferença na procura da significação, pela centração na procura de limite inscrita na construção da resposta (F) que se distingue da resposta anterior (Kp). Pensamos que esta distinção se deva ao conteúdo “*mascara*” que possibilita a entrada na bidimensionalidade pela ligação entre um continente não delimitado (G bl) e um contido apaziguado (Masc.) na não profundidade. A não concretização desta relação, a nosso ver, fica-se a dever ao facto da Ana Sofia, já fragilizada, transpor, pela identificação projectiva patológica, “*o esquisito*”, ou seja a intoxicação da resposta anterior. No seguimento do que é dito, podemos pensar que a falha do continente na sua função de contenção, se deva à não passagem de PS a D.

Opera-se uma transformação do tipo projectivo pela distorção do estímulo.

Resposta 4 – Ainda sob a tensão que percorre as respostas da Ana Sofia desde o cartão II, de novo, na diferenciação sexual, entre si e o outro, surge “*um homem a rir-se*” numa apreensão global com a clara marca da projecção intensa e eficaz na dispersão. A fusão entre dentro e fora, entre mundo interno e mundo externo especifica-se, neste cartão, nas dificuldades de reconhecimento da diferenciação, do assumir-se num corpo físico e psíquico integrado na sexuação. O outro diferente

impõe-se como um desconhecido temido, no qual a regressão no relacional entre iguais parece ser uma medida de manter uma integridade, contudo não é alcançada pela intensidade da dor vivenciada na expulsão de *elementos β*.

Nestas respostas expõe-se um vínculo ao conhecimento de valência negativa, onde a triangulação entre amor – conhecimento – ódio não é mantida para a criação de uma imagem-conceito, na formação de símbolo.

#### **Cartão IV**

Resposta 5 – Sob a precaução verbal que vai caracterizando este protocolo e face a um cartão que remete imediatamente para a integração corporal, dado o seu carácter unitário, surge uma “*mancha preta*” num pensamento vago e que não encontra limites. Esta resposta da Ana Sofia, a nosso entender, inscreve-se nalguma recusa de aprofundamento num outro (mancha) que não deixa de comparecer no aprofundamento de si. O vaguear através e por um outro surge como tentativa de espaço e de tempo, tempo que espera, necessários para fazer face à angústia suscitada nos cartões anteriores. Desta forma surge uma identificação perceptiva de um outro (mancha) num movimento de distância, pela não implicação, face a si e face a um outro, sentido como necessário na co-habitação da Ana Sofia em si mesma.

Pensamos que esta resposta se situa, portanto na relação comensal entre um eu e um Outro, pois a não delimitação na imagem criada acompanha de alguma forma uma identificação perceptiva do estímulo, e não assenta na fraca delimitação na recriação da mesma. Embora contudo pensemos que a receptividade da Ana Sofia à dimensão sensorial do cartão também possa apresentar alguma relevância na sua não implicação.

#### **Cartão V**

Resposta 6 – Após um tempo de latência no qual o silêncio possibilita o respirar de um novo investimento, surge um “*bicho*” que é uma “*andorinha*”, uma andorinha

que é “*um bocadinho defeituosa*”. Num compasso que vai da pessoa ao eu, inscreve-se a recriação de si, numa mediação pausada entre interno e externo, entre o eu e o outro (mancha) que liga o sem nome, à delimitação, à significação, da significação à recriação, da recriação à sua estabilização (na representação de si) no defeito que retira, que anuncia a falta mas ao mesmo tempo que assegura a diferença que a separação e individuação declara por dentro, numa relação entre pensamento e pensador simbiótica, entre um Eu e um Outro intersubjectivo (mancha) comensal, inter-cruzadas pela/na situação Rorschach.

Na construção desta resposta observa-se a passagem de uma transformação do tipo projectivo a uma transformação de movimento rígido, transposta na comunicação, pausada a um outro – psicóloga –. A tridimensionalidade existente assenta na capacidade da Ana Sofia, numa relação consigo própria, se situar num espaço transitivo e criar um objecto (total) que apresenta características do interno e do externo.

### **Cartão VI**

Resposta 7 – Acolhida numa apreensão global que remete à unidade, surge “*um gato deitado, num tapete daqueles que as pessoas têm na sala, que é de peles*”. Nesta resposta é possível observar a projecção da ligação entre continentes e conteúdos expressa pela Ana Sofia, que se inicia num “gato” e termina num “tapete”. Esta resposta dá conta, mesmo, na insistência sobre a qualidade formal que possibilita o apaziguamento da receptividade ao estímulo, da passagem da equação simbólica à representação simbólica, pela capacidade de se situar num espaço potencial e recriar um objecto total com características do mundo interno e do mundo externo, e sobre esse exercitar, na comunicação entre pensador e pensamento, numa relação entre três, a contenção de um outro objecto. A nosso ver nesta resposta ensaia-se a tentativa de síntese, que acaba por sê-lo, à semelhança de uma relação entre a tese e a antítese

se, num intercruzamento entre ♀♂ e ♀♂, na ligação entre dois símbolos.

### **Cartão VII**

Resposta 8 – Face a um cartão no qual as relações se descrevem na relação ao materno, ao feminino surge “*uma mancha*” nalguma recusa em aceder ao simbólico, ao pensamento suscitado no movimento regressivo reconhecido. No inquérito a justificação: “*parecem daquelas pinturas que os meninos fazem, aquelas em que dobram a folha e fazem tipo uma mancha*”, inquérito: “*fez-me pensar porque eu trabalhei com crianças e eles pintavam, dobravam a folha e aquilo aparecia eram manchas.*”. Pensamos que esta recusa se detenha no assumir-se como adulta e portanto nessa condição, o investimento numa regressão ao materno que a levará a passar o vago dos limites não contidos, e manifestos no tempo de latência mais alto em comparação com o de outros cartões, é recusado. De alguma maneira, podemos assemelhar esta resposta àquela que foi dada ao cartão IV, pela sua não implicação.

### Cartão VIII

Resposta 9 – Na mudança de cores e face a um cartão onde a partilha e a afectividade solicitam à relação com os outros, surge “*uma floresta*” na mistura das emoções com o desconhecido não investido. O factor formal, ou seja, os limites, aparecem numa fraca clareza entre interno e externo, demonstrando uma ineficácia sobre o impacto emocional suscitado nas cores pastel. Contudo da ligação a um outro (mancha) inscreve-se a localização que delimita e possibilita a passagem da dispersão à integração, à significação. É, pois, no uso da identificação projectiva como processo intersubjectivo entre um eu e um outro (mancha) que nos é possível perceber a função desse outro, na reconstrução de um símbolo pela Ana Sofia. Esta situação na nossa opinião é reforçada pela presença do psicólogo na situação Rorschach que de alguma maneira reforça e impõe a comunicação, num processo conjunto de conhecimento.

Resposta 10 e 11 – Numa apreensão corrente surgem “*dois camaleões em cima duma montanha*” dando conta de boa uma qualidade formal, a partir da qual é possível uma elaboração subjectiva assegurada pela localização de um continente suficientemente duro para possibilitar a manutenção da imagem criada. Esta resposta no seu conjunto dá conta de uma capacidade de se situar num espaço potencial e na

tridimensionalidade psíquica ensaiar uma transformação rígida com vista ao conhecimento de si e do outro, numa relação entre um sujeito que quer conhecer e um objecto que está prestes a ser conhecido. Reenvia portanto ao abrigo do uso da identificação projectiva empática, num exercício pleno iniciado na resposta anterior e continuado, na capacidade de análise de um outro.

### **Cartão IX**

Resposta 12 – Para fazer face ao impacto suscitado na solicitação simbólica para o qual este cartão reenvia, surge uma “*cascata numa floresta*” pondo em evidência a sensibilidade da Ana Sofia à interpenetração das cores e ao branco, notória na construção da sua resposta “KobC”. Nesta resposta emerge numa descarga de uma pressão pulsional que não encontra limites num continente sólido, pois a expressão de uma fragilidade narcísica, confirmada pela sensibilidade ao branco, expõe na projecção a procura de um continente, arrastando de alguma forma, o continente do cartão anterior. Pela *floresta*, a Ana Sofia procura uma ligação a um outro que dê passagem ao seu encontro com os limites entre si e o objecto, numa relação entre a emoção e a representação.

Da construção desta resposta salientamos um continente (G bl) insuficiente para fazer face a um conteúdo colocado perto do infinito. Pensamos que a ligação (KobC) de alguma forma alivia a relação, pela projecção de uma tensão interna descrita pelas emoções. N’uma “*cascata numa floresta*”, percebemos a colocação de um conteúdo num continente, sendo portanto que aquilo que é projectado é uma ligação (KobC) de um contido dentro de um continente.

### **Cartão X**

Resposta 13 – Nesta última resposta, surge “*uma praia*” na imensidão sentida da tensão interna que neste protocolo se destaca na impossibilidade de conter um Eu Frágil (G bl) reactivo no branco, no vermelho pulsional e nas cores pastel. Esta resposta surge como tentativa, por parte da Ana Sofia em agrupar todos os elementos

dispersos da mancha numa apreensão global que assegure a sua unidade psíquica e física, contudo a imagem nomeada (conteúdo) não pode ser circunscrita num continente, sendo este próprio trespassado por fragilidades o que resulta numa ligação entre dois exercitada na expulsão dos afectos não modulados sobre um outro, na procura de limites, face a uma amalgama de inter cruzamentos entre formas e cores, visíveis no inquérito onde *“o cor-de-rosa tem o formato da ondulação”*.

Pensamos que as respostas a estes dois últimos cartões mostram a insistência de investir nos limites, que permitem a significação, numa relação entre continente e conteúdo assegurada numa ligação na tensão. Por fim, pensamos que estes limites se situam na relação eu – outro, na delimitação de dois que possibilite a criação de um terceiro intersubjectivo, contudo o envolvimento e a fusão que a tridimensionalidade requer, no uso da identificação projectiva, leva a que os limites extravasem, pelas fragilidades presentes num Eu, no não sustentar de uma relação simbiótica, na recriação mútua. Assim, perante a dispersão inscrita no emocional e na necessidade de uma unidade psíquica e física, a necessidade inscreve-se no processo de separação e individuação, a partir de relações comensais, na qual a distância à evolução e ao conhecimento é maior.

## 7.4. Protocolo 4

O Tiago, na altura em que se submete à prova Rorschach, tem 17 anos. Anda no 12.º ano de uma Escola Secundária. Tem tido um percurso escolar sem problemas.

O pai tem 47 anos e a mãe 45. É o filho mais novo, tem um irmão com 19 anos, com quem, segundo diz, não se dá lá muito bem porque têm idades muito próximas, diz que ambos querem fazer as mesmas coisas e por isso zangam-se com frequência.

Nunca recorreu a consultas de Psicologia ou de Psiquiatria até à data da realização da prova.

O Tiago apresenta uma estatura alta, é magro, tem os cabelos e os olhos castanhos-escuros e um tom de pele morena. No rosto evidencia-se a barba, já serrada, que lhe dá um ar de homem.

Quando sabe que foi seleccionado para participar na prova fica um pouco desconfiado e reage de uma forma ansiosa, dizendo para ir outro, mas acaba por aceitar participar sem ser necessário insistir. Nos minutos antes da passagem da prova fala sobre o gosto que tem pelo basquetebol e da equipa local onde joga. Para além do desporto, o seu passatempo favorito é a Internet onde pode conversar com os amigos.

Durante a passagem da prova mostra-se tranquilo entregando-se à actividade que lhe é proposta, a de nomear o desconhecido que lhe é apresentado.

## Cartão I

Resposta 1 – Numa entrada directa na expressão surge uma resposta banal: “*um morcego*”. Perante a solicitação simbólica relacionada com a entrada na intersubjectividade, no relacional, no desconhecido, Tiago confere no banal, no corrente, a expressão do relacional, na referência bilateral, como primeira nomeação da sua expressão. Na separação e integração entre figura/fundo, dentro/fora, mundo interno/mundo externo, emerge a integração corporal no não aprofundamento de um outro (mancha, psicóloga), sem grandes elaborações subjectivas de si. O sujeito face a uma situação catastrófica, integra os elementos dispersos, sintetizando-os de forma a assegurar uma imagem de si na unidade física e psíquica.

Como produto de um processo de transformação, nesta resposta, verifica-se uma transformação rígida face a um outro, na comunicação e no uso da identificação projectiva empática, na reparação simbólica, na recriação, na possibilidade de significar e simbolizar. Na projecção de uma relação continente-conteúdo é possível observar uma ligação entre dois caracterizada na tensão dialéctica entre o símbolo e o simbolizado e o sujeito, podendo este, no surgimento de uma “ideia nova” se situar num espaço potencial e criar a meio um objecto total com características do interno e do externo. Contudo, salientamos, nesta resposta única ao cartão, algum afastamento imposto pelo Tiago para se assegurar numa contenção sólida, por certo, mas pouco investida. A possibilidade de figurar um objecto total liga-se à possibilidade de o esboçar num envelope perceptivo, ao qual se conjuga o socialmente apreendido.

Por fim, pensamos que o facto desta resposta se contextualizar na entrada em situação relacional com um outro (psicóloga) pensamos que a relação ♀♂ se descreve como comensal dado que o proveito na tridimensionalidade existe, contudo não existem grandes evoluções entre um sujeito que quer conhecer e um objecto que esta prestes a ser conhecido.

## Cartão II

Resposta 2 – Num cartão onde o bilateral, relacional, surge inserido no pulsional, Tiago acede aos caos psíquico na fusão com um outro (mancha). Na não contenção e na não significação destacam-se fragilidades narcísicas inseridas na impossibilidade de encontrar um continente dentro si capaz de operar a passagem entre *posição esquizo-paranoide a posição depressiva*. A reparação parece comprometida pela inquietação corporal que a forte pressão pulsional exerce sobre o Tiago, na sua tentativa de apreender no global, num esforço de unidade empatado na falta, na falha.

Esta situação dá-nos conta das fragilidades das barreiras de protecção do Eu face a um outro (Psicóloga), diferente e presente na relação. O anonimato da personagem figurada recai para um reforço da não diferenciação entre si e o outro, assegurada ainda pela construção de “*uma cara gordinha*” o que remete, num movimento regressivo, na procura de um continente materno, contudo apela à bidimensionalidade. A impossibilidade de representar o relacional está directamente ligado à possibilidade de pensar, e esta situação surge nesta resposta na desligação entre o conteúdo latente da resposta e o conteúdo latente do cartão. A projecção de uma “*cara gordinha*” reserva-se então à não integração de um corpo separado de um outro.

Num olhar para a construção da resposta, na transformação projectiva que ocorre, percebemos a fusão entre um continente aberto, trespassado por um branco intramacular, não coeso e um conteúdo que transporta uma angustia corporal parcial, desarticulada, resultando na não significação. Pensamos que desta relação entre significante e significado se ensaia uma relação parasitária entre pensador e os pensamentos.

### Cartão III

Resposta 3 – Após um tempo de latência grande, surge “*um E.T.*” numa configuração espacial perto da unidimensionalidade como medida de integração corporal, num movimento regrediente, na procura de recursos que o sustentem numa unidade psíquica e física. De novo surge uma tentativa, não alcançada de delimitar o

dentro e o fora, mas a sua impossibilidade carregada num continente incapaz de conter uma imagem corporal perto do irreal, na fantasia imensa de si face a um outro, leva o Tiago à desorganização, à semelhança do que acontece no cartão anterior.

Contudo existem diferenças, pois a nomeação de um corpo total neste cartão parece-nos que remete mais para uma invisibilidade, dado que a sua nomeação não acompanha a sua localização. Não existem pois correspondências entre si e um outro (mancha). No cartão anterior existe uma correspondência entre a nomeação e a localização. Parece-nos que esta situação poderá se explicitar pela configuração espacial do engrama que remete de forma menos inequívoca às figuras humanas, na qual a diferenciação sexual se impõe, enquanto no cartão anterior essa situação não é assim tão clara. Nestes dois cartões relacionais, o Tiago deixa transparecer um grande receio da relação, sentindo-se incapaz de se representar inteiro, individuado e separado de um outro – presente na situação projectiva. No uso da identificação projectiva a serviço do processo de simbolização, emerge a fusão entre si e o outro igual, como medida para se assegurar de uma integridade, num processo interrompido pela intoxicação de elementos  $\beta$  não sinalizados na correspondência pretendida entre si e o outro (mancha).

#### **Cartão IV**

Resposta 4 – Da tensão vivenciada nos cartões anteriores, e face a um cartão no qual o seu carácter unitário de alguma forma pode favorecer a integração corporal pela recriação entre um sujeito e um outro, no uso do mecanismo de identificação projectiva no processo de formação de um símbolo, surge “*um carro de formula 1*” numa oscilação dinâmica entre projecção e percepção, e na qual antes da procura de um objecto, impõe-se a expulsão de uma tensão interna que relacionamos com as respostas aos cartões anteriores no seu inter-cruzamento com as solicitações simbólicas para as quais este cartão reenvia e que repousam em imagens de poder.

No processo de construção da resposta salienta-se uma transformação projectiva dada a distorção do facto original, a que explicitamos na extensão no espaço e no tempo da ligação entre continente e conteúdo. Extensão essa caracterizada pela participação da projecção que distende a ligação entre mundo interno e mundo

externo na tentativa de exercer pressão no afastamento requerido entre sujeito e objecto para que haja criação. Perde-se o sentido pela correspondência invasora do familiar no desconhecido, perdendo-se portanto a liberdade de utilização de um símbolo, assim como a possibilidade de existência de um outro (mancha).

### Cartão V

Resposta 5 – Perto da apreensão que caracteriza a primeira resposta, a resposta ao cartão I, o Tiago procede a uma síntese e significação de si perto do banal atestando uma capacidade para conter num envelope de boa qualidade formal, um objecto total. Esta imagem global atesta a sua capacidade de se vivenciar como inteiro e separado. Contudo, parece-nos que esta sustentação num continente sólido e fiável é assegurado na sua integridade de contenção por uma breve passagem no julgamento (“*é muito pobrezinha*”) que revela o não aprofundamento de si, do outro tal como nos parece que ocorre no primeiro cartão. Salientamos, no entanto o movimento progrediente que advém deste cartão onde a facilidade perceptiva permite ao Tiago um respirar face ao temor vivenciado intensamente nos cartões anteriores, face ao desconhecido, à não confiança emocional de um corpo físico genitalizado em relação.

Pensamos que este cartão acaba por ser benéfico ao Tiago, pelas suas características e pela possibilidade, na utilização da identificação projectiva assegurar entre um Eu e um Outro, a comunicação e recriação pela ligação dialéctica entre símbolo, simbolizado e sujeito para quem uma coisa é outra, numa espécie de devolução a si mesmo da sua própria unidade psíquica. E tal, permite-lhe num processo que se descreve na desligação – ligação – desligação ensaiar um EuOutro renovado.

### Cartão VI

Resposta 6 – mediado numa precaução verbal surge “*um tapete*” como símbolo, imagem-conceito que nasce da inter-relação entre o Tiago e o Outro (mancha) e que acompanha, de alguma maneira uma forma de estar na situação projectiva, quando a

primeira solicitação simbólica do cartão reenvia para a unidade corporal. Esta forma de estar descreve-se na criação de um envelope perceptivo de forma a (se) assegurar o controlo e na manutenção de poucas elaborações subjectivas. Há uma ressonância interna entre si e a mancha Rorschach, a partir da imagem de poder (*urso*) que é “*espalmado*”, dando conta de alguma forma da dinâmica actividade/passividade a partir da “*pele*” que liga e significa. A inserção num pensamento colectivo coloca o Tiago numa posição estável e permite a passagem de uma transformação projectiva numa transformação de movimento rígido dada a ressonância entre o conteúdo latente do cartão e o conteúdo latente da resposta. A ligação que se estabelece entre continente e conteúdo assenta na tensão dialéctica entre sujeito e objecto e pressupõe a sua capacidade de recriar pela possibilidade de se situar num espaço transitivo e a partir desse suste-se na fusão e envolvimento com um outro e partir pelo pensamento ao conhecimento. Pensamos que esta resposta assenta sobre o vínculo K

### **Cartão VII**

Resposta 7 – Neste cartão bilateral, no relacional face ao feminino surgem, numa precaução verbal, “*dois coelhos*” numa apreensão global do engrama que acolhe, num deslocamento animal, uma dinâmica relacional significativa, no uso da identificação projectiva empática, indo para além da recriação de si mas também de um outro. Esta encenação “*estão a falar os dois*”, repousa “*em cima de uma pedra*”, limitação dura e rígida, através da qual o pensamento se liga ao conhecimento, num trilho apertado, em que não parece haver lugar (espaço) para um ínfimo extravasamento.

Do carácter desarticulado da mancha observa-se a capacidade do sujeito de encontrar um continente que albergue um conteúdo e na sua inter-relação dinâmica possibilitar o intercâmbio comunicacional entre dois.

### **Cartão VIII**

Resposta 8 – Após um tempo de latência que deixa transparecer um impacto ansiogénico face à mudança de cor, acolhida no riso que desintensifica a angustia perante um outro, surge, numa precaução verbal, “*animais*” numa localização corrente, habitual, que neste protocolo se pode considerar como insistente de alguma forma. A imagem nomeada testemunha a capacidade do Tiago de elaborar e significar o impacto ansiogénico que este cartão reactivou em si, na mudança de situação, na solicitação da afectividade e da partilha. Esta capacidade descreve-se na passagem da dispersão à integração, à possibilidade, no uso da identificação projectiva, de um processo de ligação com um outro (mancha) acedendo à dispersão e cisão em si, pelo reconhecimento de particularidades familiares no não familiar e partir daí num processo de recriação mútua, mediante a significação das experiências emocionais que possibilitam o pensar, transformar e conhecer. Contudo, pensamos que a não especificação fica a cargo do manter os limites entre continente e conteúdo. Pensamos então, que esta resposta se inscreve numa relação comensal entre pensamento e pensador.

### Cartão IX

Resposta 9 – Nalguma semelhança de construção e justificação ao cartão III, surge “*uma vaquinha*” numa apreensão global, na fusão entre figura e fundo, entre mundo interno e mundo externo, entre sujeito e o objecto, na qual o Tiago transporta uma angústia despertada numa sensibilidade e receptividade face ao impacto forte para o qual este cartão reenvia na evocação de afectos, e pela interpenetração das cores e esbatimento de limites. Tiago, num movimento regressivo apela a um conteúdo oral, na procura de um continente materno que possibilite sustentar a unidade psíquica atingida no reconhecimento, num outro (mancha) daquilo que igualmente lhe diz respeito e que assenta em fragilidades de Eu para fazer face a um interno pulsional.

Na construção desta resposta é possível observar o investimento duplo que o Tiago opera, quer no fundo, quer na figura, quer no dentro, quer no fora, sem ordenação, que deforma e distorce o facto original, na dispersão de investimento sem vez, no uso da identificação projectiva ora patológica e ora empática, pela impossibilidade de encontrar limites, pela impossibilidade de segurar um continente e um conteúdo.

Pensamos que o Processo que o Tiago tenta na formação de símbolo marca-se numa procura imperativa de limites, procura de um quadro formal que separe ao mesmo tempo que permita a ligação entre o mundo interno e o mundo externo, que possibilite o isolamento entre afectos e representações, protegendo de alguma maneira a invasão e intoxicação mútua. Da inter-relação entre o modo de apreensão, o determinante e o conteúdo, pensando na identificação projectiva como conteúdo do processo – resposta Rorschach, parece-nos que a sua inter-ligação se estende numa semelhança entre a imagem nomeada como objecto total, e a sua localização descrita no parcial. Desta forma, pensamos que se impõe a projecção de uma relação ♀♂ parasitária

### Cartão X

Resposta 10 – Ainda na dispersão que o clima emocional do cartão anterior suscitou no Tiago, surge, mediado numa precaução verbal que certifica o distanciamento, “*um fogo de artifício*” no exercício de uma expulsão de uma tensão interna para fazer face a uma grande sensibilidade por parte do Tiago à disposição espacial da mancha.

Numa comparação com o aperto inter-molecular de “*uma pedra*” sobre a qual o relacional entre dois é sustentável (Cartão VII), surge agora, no insustentável do relacional, a procura de uma libertação de espaço. A nosso entender espaço psíquico que possibilite o pensar, pelo ligar, na libertação da pressão pulsional, que pensamos que em parte, possa estar relacionada com a tensão gerada face ao cartão IX, no seu reenvio ao materno/feminino.

Pensamos que esta resposta apresenta-se mais como a colocação, no outro (Psicóloga), de uma tensão interna, para a qual a tarefa reenviou o Tiago, do que, para uma necessidade imperiosa de se sentir inteiro e coeso face a um outro (mancha). Por fim, pensamos que esta tensão interna surge ligada ao afirmar-se numa identidade subjectiva na sua relação à identificação.

## 8. Discussão da Análise e da Interpretação dos Protocolos

A discussão sobre a análise e a interpretação efectuada nos protocolos dos pré-adolescentes e dos adolescentes segue um percurso que se pretende ir esmiuçando de forma a, por fim, se destacar as características e funções que fazem parte do uso da identificação projectiva quer nos pré-adolescentes, quer nos adolescentes. Assim desta forma, partimos da análise dos 4 psicogramas inter-relacionados, e com objectivos no destacar aquilo que vai distinguindo cada sujeito em relação aos outros, para depois seguirmos caminho na discussão daquilo que se foi expressando na análise qualitativa quer nos pré-adolescentes, já com alguma referência ao que distingue quer o rapaz quer a rapariga, assim como nos adolescentes, procedendo da mesma maneira. Por fim, pretendemos apreender e destacar aquilo que em cada sujeito se revelou, no uso da identificação projectiva, as suas características e as suas funções.

### *8.1. Análise do Psicograma de Pré-adolescentes e Adolescentes*

A partir de uma análise do psicograma, procederemos agora a uma comparação entre a expressão pré-adolescente e a adolescência propriamente dita, com o objectivo de salientar aquilo que se revela como pertencendo a cada sujeito estudado.

Da comparação entre os dois grupos, salienta-se o número de respostas dadas mais elevado nos pré-adolescentes, dando conta de uma necessidade de maior expressão em identificar e analisar aquilo que pertencendo ao outro – mancha –, também pode ser identificado em si. Revela, portanto, uma necessidade, no uso da identificação projectiva, de procurar um outro que acolha e signifique um corpo total, uma unidade psíquica e física. Esta situação, a nosso ver, relaciona-se directamente com o modo de apreensão em D mais utilizados pelos dois pré-adolescentes, na procura de análise

de um outro, na procura do familiar no não familiar, em perceber-se e significar-se a partir de um outro.

Observa-se, em todos os sujeitos, o vínculo forte ao aspecto formal, o que revela alguma insistência em precisar a separação entre sujeito/objecto, sujeito/outro, algum ancoramento sobre os limites como forma de assegurar o pensamento pela distinção entre sujeito e objecto, numa relação que dê guarida ao mesmo tempo que permita a evolução, pelo afastar, separar das emoções das representações.

Os dois rapazes estudados apresentam valores mais elevados do que as raparigas, destacando-se ainda o pré-adolescente por enquadrar este vínculo ao limite dentro/fora, mundo interno/mundo externo, sujeito/objecto, na má qualidade formal, o que nos indica que a fusão é um aspecto relevante na construção de objectos por parte deste sujeito, levando a que um grande número de respostas se assemelhem mais a uma equação simbólica do que uma representação simbólica. Esta situação, a nosso ver, inscreve-se na sua impossibilidade em separar-se e individuar-se, encontrando-se portanto num nível de evolução em que a prioridade enquanto sujeito pensante se encontra a esse nível.

Este aspecto formal juntamente com algum destaque no índice de angústia elevado, ou na referência do branco intra-macular integrado em D ou Dd, dá conta de um mal-estar ligado a vivências corporais que remetem para fragilidades narcísicas que tenta colmatar, mas sem sucesso. No protocolo do pré-adolescente, é notório a necessidade de um outro que dê guarida e signifique a angústia suscitada no apelo simbólico dos diferentes cartões. Com exclusão do cartão V, a má qualidade formal surge com algum relevo neste protocolo, atingindo um número mais elevado nos cartões I, IV, VII, nos quais todas as respostas se inscrevem em F-, o que a nosso ver confirma o descrito acima e se liga à relação com o materno.

Quer na pré-adolescente assim como no grupo de adolescentes, o Dbl surge integrado em G, invariavelmente, dando conta igualmente de um corpo atingido. Contudo, e dadas as suas localizações, (Cartão II, Cartão III, Cartão IX, Cartão X) pensamos que esta questão se liga directamente ao sustentar uma identidade subjectiva aquando da solicitação ao relacional pulsional. As fragilidades de um Eu sólido face ao impacto

pulsional, leva-os para investimentos quer na figura quer no fundo, quer no dentro quer no fora, o que sugere a procura de limites entre si e o outro como função primordial, a partir de um outro que cumpra funções de contenção, sendo contudo a tentativa de integração de fragilidades narcísicas um requisito nessa delimitação, embora, a tentativa de integração do pulsional também se encontre presente, o que resulta numa amálgama de conteúdos a conter.

Salientamos ainda na adolescente a presença de KobC ligados aos Gbl que sugere precisamente a expulsão de uma tensão interna ligada a fragilidades narcísicas que são suscitadas face ao factor cor, e, portanto, ligada aos afectos, na partilha, na relação Sujeito ↔ Outro.

O recurso ao conformismo e à realidade objectiva surge em todos os grupos como fonte de contenção, ligado ao já mencionado aspecto formal, contudo, salientamos na adolescente uma necessidade maior de enquadrar os engramas num pensamento social, que associado ao número de respostas reduzido, acentua uma delimitação e contenção de elaborações subjectivas. Esta situação reforça-se ainda na observação da variedade de conteúdos utilizados. Esta variedade encontra maior expressão na pré-adolescência e emerge ligada a temáticas tais como natureza, alimentação e botânica, sempre associados a uma fraca delimitação entre sujeito e objecto, entre sujeito e outro, no caso da rapariga. No pré-adolescente surgem temáticas ligadas ao vestuário e à natureza, sempre associados à má qualidade formal. Esta situação expressa movimentos regressivos, na procura de algum conforto. Contudo, esta procura é feita através do recurso a uma segunda pele que permita a separação. É pois um ir e vir, estar e ser, que na nossa opinião, descreve os pré-adolescentes, na procura de uma estabilização de uma identidade bem delimitada.

Comparados com os adolescentes, percebe-se uma contenção mais rígida e um recurso ao imaginário coartado, sem significação acentuada num vazio interno, mas como protecção contra a receptividade e sensibilidade ao exterior de outrora, presente nos pré-adolescentes. Esta situação é também possível de observar a partir dos valores de relação à cor, pois estes valores tendem a uma maior expressão nos pré-adolescentes, a qual se expressa pelas elaborações subjectivas embora ainda

desabotoadas de um continente que as sustente em equilíbrio entre a projecção e a percepção.

A cinestesia animal parece ser preferível à cinestesia humana nos adolescentes, assim como a cinestesia de objecto, já mencionada, especificamente nos cartões IX e X, dando conta de alguma necessidade de colocar num outro a tensão que a tarefa provocou, quando o deslocamento para engramas animais não se torna adequado. Pensamos que esta situação expressa uma convivência consigo mesmo sintonizada naquilo que os pode levar à dispersão e aquilo que os pode sustentar na contenção, o que, aquando do aparecimento de uma cinestesia humana, com a desarticulação corporal implícita na mesma, a um re-pensar sobre um novo investimento na mesma.

No grupo dos pré-adolescentes, e no protocolo que mais se destaca pela má qualidade formal, surge a única cinestesia de boa qualidade formal ao cartão III, dando conta de um movimento por parte do pré-adolescente de significar o relacional, mesmo no acolhimento no banal e nalguma valorização do outro diferente. Feito não alcançado pelo seu par ou pelos adolescentes.

Na pré-adolescente a cinestesia humana aparece associada a um movimento de cristalização da angústia, motivada pelo seu aparecimento ligado a um carácter sobrenatural.

Destacamos, por fim, e nalguma síntese, o protocolo do Adolescente como aquele que se impõe mais na superficialidade e hipersocialização, revelando-se num TRI, no qual as emoções não têm qualquer lugar. O protocolo da pré-adolescente, parece-nos sugerir que, quer a reacção ao exterior, quer a interioridade jogam um papel importante na forma como vive consigo mesma.

## ***8.2. Discussão da Análise dos Protocolos em Pré-Adolescentes e Adolescentes***

A discussão que agora apresentamos, opera através do agrupamento dos cartões, a partir da solicitação simbólica que nos parece mais expressiva, no estudo, dos dois espaços de/em transformação: corpo, outro. Estes dois espaços serão percorridos sempre a partir da noção de relação  $\text{Eu} \leftrightarrow \text{Outro}$ , com o objectivo de perceber o uso e as características da identificação projectiva. Desta forma, agrupamos os cartões da seguinte forma:

Cartão I /Cartão V – Que remete para a representação de si, a integração corporal, será tida em conta no primeiro a entrada em situação relacional, como a entrada no desconhecido, ou seja, como é que um sujeito se assegura numa integridade psíquica e física num relacional intersubjectivo; no cartão V e dada a facilidade de captação perceptiva, será dada atenção ao como o sujeito se representa, que imagem corporal investe, como se investe, que prioridades coloca sobre a sua identidade subjectiva.

Cartão IV e VI, No nosso estudo em particular remetem para a vivência do sujeito consigo mesmo, com alguma diferenciação, o que implica a tomada de posição enquanto expressão de uma sustentação de um corpo sexuado, como representam um outro diferente ou igual.

Cartão VII, Reenvia à troca relacional com o materno, com o feminino, ao processo de separação – individuação em relação com o continente materno

Cartão II e Cartão III, Reenvio para a relação sujeito/objecto, sujeito/outro, na integração do relacional com o pulsional. Colocam de novo o sujeito na intersubjectividade e remetem directamente para a relação  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ , isto é, podendo esta relação ser percebida como conteúdo. No cartão III, será tomado em conta que a facilidade de captação perceptiva se realiza na elaboração do relacional entre dois.

Cartão VIII, Cartão IX, Cartão X, Apelam à troca com o mundo exterior, sendo esta troca embebida na afectividade. Do último cartão, salientamos ainda que a nossa atenção será igualmente dada à saída de prova, ao movimento de separação evocado em termos latentes, neste cartão. Pensamos que a inter-relação entre estes três cartões, relatam uma história do sujeito, desde a entrada numa situação intersubjectiva, no qual a elaboração passa pela relação que o sujeito estabelece com

os outros, relação essa dotada de um preenchimento afectivo, seguindo-se a expressão da relação que o sujeito estabelece consigo mesmo assim como a relação expressa no conteúdo simbólico do cartão anterior, isto é remete para a relação que o sujeito estabelece consigo mesmo aquando do relacional com outros, e por fim, a saída dessa intersubjectividade que remete tanto para o conjunto destes três cartões quanto para a saída da situação projectiva.

Achamos ainda importante salientar que esta forma de agrupar os cartões não se impõe como rígida, dado que as relações entre os diferentes cartões, por terem temáticas conjuntas, que são conhecidas, nos leva a, não excluir hipóteses de estabelecer outras ligações entre os mesmos, quando estas se configurarem, e servirem de reforço ao que se vai expressando.

### ***8.2.1 Discussão da Análise dos Protocolos dos Pré-Adolescentes***

#### Cartão I / Cartão V:

No que concerne ao cartão I, na sua solicitação a uma imagem corporal íntegra, aquilo que se apresenta como desconhecido, nalguma imposição em integrar os diferentes elementos dados na dispersão e desarticulação, Carolina dá duas respostas, sempre numa apreensão global, na qual a dificuldade apresentada se revela na mediação entre a realidade e a fantasia. Na primeira resposta “*um pássaro com três asas*”, vemos surgir numa *transformação rígida*, a capacidade de se situar num espaço potencial e de criar a partir deste, na relação entre mundo interno e mundo externo, um objecto que apresenta características do dentro e do fora. No uso da identificação projectiva, percebemos um processo de envolvimento e fusão com um outro (mancha) e, a partir desse, um movimento de separação capaz de se sustentar (e sustentar a Carolina na sua integração corporal) com vista à recriação.

Salientamos, no entanto, algum desequilíbrio nesse processo, visto que na necessidade de criação, e no requisito de um balanceamento proporcional entre projecção e percepção, encontramos o excesso como forma de assegurar um objecto

total nos seus limites. Esta situação, a nosso ver, confirma-se na resposta seguinte, dada a este cartão, (“*um mosca com dentinhos à frente*”), dando conta que o frágil equilíbrio de si, na resposta anterior, interrompe um novo investimento, numa *transformação projectiva*, dado que a distorção face ao facto original se tornou importante, o que remete para uma ligação entre continente e contido na extensão entre si e o outro. Ou seja, remete para uma expulsão de elementos não elaborados num outro, e na qual a comunicação transporta uma angustia não contida, referente a uma busca de integração corporal, desequilibrada na primeira resposta, à busca da unidade subjectiva. Pensamos que a abordagem a este cartão se insere numa procura e investimento na profundidade, no passar além dos limites, do superficial, ao alcance de uma relação simbiótica entre pensador e pensamento, que se inscreve na tridimensionalidade psíquica, na intersubjectiva da situação projectiva. Contudo a desligação implícita, na recriação, não é alcançada. O que ocorre é a projecção do não-sentido, na qual a desrealização (pela sua fraca ligação à realidade) surge na relação que a pré-adolescente estabelece consigo mesma projectada, em seguida, num outro (mancha).

A resposta dada a este cartão pelo pré-adolescente demarca-se dos investimentos efectuados pelo seu par feminino, visto que a entrada na situação se inscreve na projecção de uma angústia intensa mobilizada face à dispersão. A resposta “*um olho*” entende-se na projecção de uma parcialidade, de uma angústia corporal, na qual fragilidades narcísicas não encontram caminho na significação. Esta impossibilidade é remetida para a dispersão a nível de um todo, a qual o Paulo tenta delimitar pelo fecho do campo perceptivo. Contudo, na expressão de uma *relação parasitária* entre si e os seus pensamentos, a destruição de ambos leva à projecção intensa sobre um outro. Pensamos que esta situação descreve uma *transformação projectiva*, na qual não é possível sustentar a comunicação entre sujeito e objecto, entre sujeito e um outro.

A recriação e significação de uma imagem-conceito expressa-se pela *ligação na extensão*, como medida de expressão, para fazer face a uma angustia suscitada na não integração corporal, e que determina a constituição de um novo objecto: (Dd bl F-Ad). Nesta constituição não parece, então, ter sido definido uma distancia suficientemente boa entre o conteúdo manifesto e a referência latente, o que faz com

que esta resposta se assemelhe mais à *equação simbólica* do que a um símbolo propriamente dito, surgindo ainda a relação sujeito/outro numa procura de uma separação sólida, tentada mas não conseguida.

No cartão V, onde a mobilização psíquica segue o caminho imperativo da integração, emerge, na pré-adolescente, uma exploração simples, adequada, percorrida pela delimitação, e acolhida no banal, o que assegura a figuração de uma imagem corporal integrada e total mas não muito investida. Esta situação dá conta de uma *transformação de movimento rígido*, na qual a comunicação entre si e o outro é possível, na e pela descoberta. Contudo, descreve uma relação entre pensador e pensamento, *comensal*, na qual a *tridimensionalidade* é possível através da criação de um objecto, pela comunicação que se estabelece entre um sujeito e o mundo interno e o mundo externo. Assim, a evolução é percorrida nalguma superficialidade, dado que o investimento se cinge ao envelope perceptivo do objecto. Esta resposta inscreve -se, pois, na subjectividade, contudo, sem grandes elaborações.

O investimento do pré-adolescente ao cartão V diferencia-se, de alguma forma, do seu par no feminino, e, na nossa opinião, descreve uma órbita à sua própria volta interessante, pelo caminho percorrido que vai de uma integração, a nosso ver da angustia suscitada no cartão anterior (IV) e que se prende na identificação, passando por um acolhimento no banal que possibilita, a partir do modelo  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ , a colocação de uns objectos dentro de uns outros, inscrevendo-se sempre a partir de um outro, uma recriação de si. Esta situação é possível de ser confirmada pelas passagens entre as respostas: “*cabeça de crocodilo*” → “*borboleta*” → “*um pássaro tipo águia*”, nas quais o investimento num outro possibilita o investimento em si mesmo, que vai de alguma ligação a uma imagem de poder, configurada na expressão masculina e portanto na identificação, que se inicia no cartão anterior, e surge neste cartão, na confluência perceptiva que facilita a sua apreensão, através de um palmilhar psíquico da significação de si, a partir de um outro, numa relação na qual a delimitação entre sujeito objecto surge como principal. Estas três respostas, a nosso entender, inscrevem-se numa *transformação de movimento rígido* e encaminha-se para uma *relação simbiótica*, na qual a fusão com um outro, na segurança de uma distância suficientemente boa, assegura uma evolução significativa entre um sujeito que quer conhecer e um objecto que está prestes a ser conhecido.

Pensamos que os investimentos que os dois sujeitos efectuam sobre um outro, e dentro de uma temática na qual a imagem corporal é preponderante e que percorre um caminho que vai da dispersão à ligação e à integração, percebemos a *relação comensal* como relação, entre sujeito/objecto, sujeito/outro, que se impõe na descoberta e no conhecimento, pelo pensar. Pensamos que a fragilidade dos pré-adolescentes é visível nos dois cartões, pois se é assegurada no cartão V, não é assim tão clara no cartão I. E esta situação parece estar relacionada com a entrada na situação projectiva, com a entrada numa situação intersubjectiva, na qual a sustentação de uma subjectividade é requerida para a recriação de um objecto, em relação. Pensamos que os movimentos regredientes efectuados pelos dois sujeitos remetem para a procura de um achatamento, de um limite, de uma bidimensionalidade colocada no relacional, para assim conseguirem manter uma identidade subjectiva através de uma relação comensal.

Esta intersubjectividade pode ser explicitada a partir de uma extensão da tridimensionalidade psíquica para a relação entre sujeito, mancha Rorschach e Psicólogo, e facilitar, de alguma forma, a sua re-elaboração face a um objecto transitivo que espera ser recriado, numa espécie de condensação e/ou síntese dessa mesma tridimensionalidade solicitada. Dentro desta perspectiva, pensamos que a pré-adolescente, na aquisição da mesma, surge de forma mais estabilizada na sua relação com um outro, estando contudo o explorar da situação intersubjectiva a cargo de alguma desorganização, pelo excesso a recursos imaginários que impõe na tentativa de significação. No pré-adolescente, parece-nos que a vitalidade se encontra impulsionada nalguma tensão interna ainda incapaz de ser significada e contida. A possibilidade de recriação passa por um outro, ora de forma excessiva na expulsão de elementos não elaborados, na procura de um continente que os transforme em elementos pensáveis, ora de forma menos intensa, contudo pausada e sempre intercambiada num outro, dando alguma sensação de necessidade de um outro não só para transformar aquilo que ainda não pode ser pensado e portanto não integrado em si, como, quando o assim é, é necessário que esse outro sirva de caminho onde possa ser percorrido um trilho de si mesmo, isto é, que um outro sirva de espaço mental, no qual o pré-adolescente se trace emocionalmente. É portanto continente pois

possibilita a significação, pela ligação, fusão entre si e outro, assim como conteúdo que serve de quadro a referências latentes.

Nestes dois cartões parece-nos que o pré-adolescente se situa numa posição de alguma dependência de um outro, pela frágil delimitação dos objectos assim como a perda da distância entre si e o outro, que retoma numa distorção face ao estímulo. Na pré-adolescente a situação de ligação e distância parece-nos acolhida nalguma rigidez de limites, estando o seu acolhimento laçado no banal, num pensamento colectivo. Quando ocorre um segundo investimento sobre um mesmo, o que nos leva a pensar no re-conhecer, a perda de limites é evidente e é descrita na projecção do mundo interno sobre a realidade, de uma actividade imaginária na qual parece patente, nesta resposta, a dessocialização, dado que não se configura no conteúdo latente ou manifesto do cartão assim como não se configura na realidade.

#### Cartão IV/Cartão VI:

No cartão IV, encontramos diferenças importantes, quando comparando o pré-adolescente com a pré-adolescente. Esta última, nalguma inquietação que a nosso ver está ligada a uma tomada de posição face ao simbolismo imposto na diferenciação sexual, recorre, de novo, a um carácter sobrenatural (H) para fazer frente à angustia (Clob), à impotência para o qual a solicitação simbólica do cartão reenviou a Carolina. Contudo, salientamos, no uso da identificação projectiva e na ligação a um outro, a possibilidade, a partir desse outro, de esboçar um tracejeto de tomada de posição, pela delimitação de parcelas de um todo que permite confirmar a sua representação pelo desequilíbrio de posições/localizações e assim acentuar e relevar a diferenciação do sujeito.

Pensamos que esta estratégia adoptada pela pré-adolescente permite circundar a identificação, pelo firmar de limites entre si e o outro na identidade. Pensamos que a junção KClob, como ligação entre os *functores* ♀♂, possibilita essa manutenção e permite a passagem de uma *transformação projectiva* a uma *transformação de movimento rígido*.

Na abordagem a este cartão, é possível observar as várias passagens realizadas pela pré-adolescente, a partir da nomeação de um objecto total, no colocar num outro (mancha) de uma angustia que a imagem lhe suscita, operar diferentes ligações entre os elementos que vão surgindo e, numa inter-acção comunicacional com um outro, fazer influir uma movimentação descrita na significação e na elaboração subjectiva, que levam a uma síntese. Pensamos que este percurso possibilita, não só o reconfirmar de um objecto total, como também assegurar que este apresenta características quer do mundo interno quer do mundo externo, sem cair na projecção intensa que outrora a desarticulou. Parece-nos que é possível, então perceber o ir e vir comunicacional, no uso da identificação projectiva, de uma integração e criação de um objecto total, a partir de correspondências e reconhecimentos entre si e o outro, através de uma acção de significação que leva a um preenchimento não muito investido por certo, equilibrado entre a solidez de uma cristalização e a dinâmica de uma cinestesia, mas que leva ao re-afirmar de limites e distancias.

Parece-nos ainda que nesta resposta se ensaia a função continente da pré-adolescente, pela ligação e articulação que descreve entre os diferentes elementos, que une e separa, com vista à síntese.

O pré-adolescente neste cartão encontra-se num *entre* duas respostas: entre a má qualidade formal de uma imagem de poder, perto do irreal quando a não correspondência entre si e um outro (mancha) não é possível e o fechamento do campo perceptivo que possibilita cercar e delimitar um objecto total, exercendo sobre este um relacional com vista à criação. Pensamos que ao retirar a intensidade que a identificação sexual em si suscita, há possibilidade do pré-adolescente elaborar um objecto total que apresente características do mundo interno e do mundo externo. Este retirar a nosso ver, deve-se à projecção e significação por parte de um outro da angústia que o apelo simbólico lhe suscitou, e dentro dessa perspectiva, a resposta seguinte enquadra-se numa relação comensal, onde a liberdade da representação simbólica permite uma relação entre pensador e pensamentos com vista à evolução.

O *entre* mencionado acima expressa-se no uso dado à identificação projectiva pelo pré-adolescente, pois, mais uma vez, existe uma necessidade de um continente externo que sustente uma unidade física e psíquica assim como é patente, a comunicação entre si e o outro, na recriação de ambos, quando o conteúdo é *a priori*

delimitado. É pois a comunicação interno – externo que mobiliza o pré-adolescente no caminho da contenção, no desintensificar de um tempo sentido como muito específico, que dispersa e faz desarticular uma integração frágil e em reestruturação, no caminho da significação, da passagem de uma *unidimensionalidade* para uma *bidimensionalidade*, fase esta, por excelência, da formatação do tempo de espera que sustenta uma unidade física e psíquica capaz de se unir, ligar e fundir com um outro, na profundidade de si, dos outros.

No cartão VI, percebemos, no pré-adolescente, a qualidade formal como propriedade imposta entre sujeito e objecto, que permite aceder, pela solicitação simbólica à dinâmica passividade/actividade com alguma tendência para marcar uma posição activa. Contudo, parece-nos que existe alguma oscilação. Desta forma, pensamos que esta resposta se insere num *entre*, na delimitação de uma “*pele*” que ligue e ao mesmo tempo que separa, enquanto o tempo, na identidade sexual assegurada, espera por uma significação, à semelhança do investimento no cartão anterior.

A criação de um objecto que apresente características do mundo interno e do mundo externo, no caso da pré-adolescente, segue um outro caminho, um caminho percorrido por um traçado e agido num outro, que possibilita a criação. Este percurso até uma síntese dos diferentes elementos que vão sendo nomeados, faz-se a partir de uma ligação ♀♂, pelo significar e conter de uma angústia suscitada neste cartão, que a nosso ver se relaciona com o facto de carregar na solicitação simbólica o reconhecimento de si na identidade sexual. Essa angústia é amaciada e protegida a partir de um movimento que tende à regressão. Contudo, a sua delimitação e o apoio inicial num outro, pelo certificar-se que é no outro e não em si, possibilita a criação de um objecto não diferenciado, total, ainda desconhecido.

Pensamos que estas duas respostas se inserem numa *transformação de movimento rígido*, contudo, transportam uma *relação comensal*, na qual o lugar da tridimensionalidade psíquica é possível na relação entre sujeito e mundo interno e mundo externo. Contudo, a evolução e o conhecimento não é ainda possível num aprofundamento de si sustentado, que leve a um aprofundamento de um outro, sem receios de desarticulações pela fusão.

Este outro a nosso ver, serve, neste cartão, propósitos de significação e de alguma dependência para os pré-adolescentes fazerem frente a angústias ainda não contidas, alusivas a uma identidade sexual. Angústias intensas que exploradas podem levar à dispersão de Eu frágil. A pré-adolescente recorre a uma procura directa de apoio, sem que esta seja motivo de uma desarticulação, enquanto o pré-adolescente oscila numa tomada de posição entre o activo e o passivo, tentando precisar um limite como actuação de separação entre si e o outro.

Pensamos por fim que as prioridades destes dois pré-adolescentes se estabelecem na manutenção de uma *relação comensal* entre si e os seus pensamentos, entre si e um outro, pois esta relação acolhe-os num tempo de espera e num espaço psíquico requerido através de um outro. A imagem corporal sofre os seus atritos quando da sua aproximação a uma relação intersubjectiva e na receptividade e sensibilidade ao caos externo. As possibilidades de reparação, de restauração passam pelo actuar dentro de um outro a função continente de si mesmos, antes de actuar com um outro a recriação conjunta de uma relação ♀↔♂.

#### Cartão II/Cartão III:

A reacção dos pré-adolescentes a estes dois cartões também se descreve pela diferença. De uma forma geral, a procura de significação surge nos dois pré-adolescentes, no entanto, a pré-adolescente aproxima-se de uma desorganização maior, o que mesmo parecendo um paradoxo coloca-a numa esfera psíquica perto da adolescência, enquanto que o pré-adolescente, apresenta respostas mais enquadradas, levando a pensar que o rapaz se apresenta nestas dois cartões mais integrado. Contudo, pensamos que esta possibilidade se expressa pelas prioridades que distinguem os dois pré-adolescentes pelos investimentos que fazem sob o mundo interno e sob o mundo externo.

Enquanto que no pré-adolescente, a procura de estabilizar uma identidade subjectiva nos parece ser mais importante, a partir de diferentes acções que remetem para a delimitação precisa entre mundo interno e mundo externo, entre dentro e fora, na pré-adolescente, parece-nos que a procura se acentua igualmente no estabilizar de uma

diferenciação em relação a um outro diferente, a uma procura de afirmar-se para além do anonimato, o que leva a que na ainda junção sem significação de uma identidade subjectiva e uma identidade sexual, a dispersão se apresenta numa maior tendência ao caos, do que no pré-adolescente. A dispersão no pré-adolescente assume uma expressão angustiante, pela intensidade do movimento regrediente, num espectro de procura grande que nos faz pensar na resiliência característica desta etapa da vida.

A entrada na situação do cartão II, leva o pré-adolescente à dispersão e a movimentar-se no sentido que colmatar fragilidades de um Eu, pelo recurso a um continente externo extremamente sólido, rígido, que dota de uma desvitalização para assim albergar um vazio. Esta situação parece importante na medida em que a partir desta resposta, caracterizada pela fusão entre si e o objecto, entre o mundo interno e o mundo externo, inscreve o pré-adolescente num movimento regressivo, num esbatimento da intensidade que se faz notar no esbatimento de limites e permite afirmar a interiorização da falha, permite, pois afirmar a sua movimentação, também a partir da ligação entre continente e conteúdo que se volta a re-estabelecer. O que descrevemos é possível de observar nos elementos de cotação, na passagem de: D bl → EF, o que nos leva a pensar que da primeira resposta à segunda resposta, se inscreve um movimento progrediente, na medida em que o reconhecimento num outro daquilo que lhe pertence não conduz à completa dispersão, mas sim a uma reconhecimento mais significado. Nesta resposta, percebe-se um movimento de procura de limitação. Contudo, a intolerância a um infinito, na não sustentação de um continente interno, leva que o esbatimento de limites entre si e o outro persistam.

Na última resposta e na mudança de localização, a separação entre interno e externo não é assegurada no movimento que o pré-adolescente esboça ao passar de um todo à parcialidade, numa localização e mediante um conteúdo no qual o acento é colocado sobre a contenção do pulsional.

Nestas três respostas percebemos, uma relação com um outro, inscrita em fragilidades narcísicas que um pulsional se movimenta e leva à dispersão. O investimento do pré-adolescente descreve-se na procura da delimitação de um Eu frágil, a partir de um outro, que o leva à tentativa de integração dessas mesmas

fragilidades. Contudo, sem tempo de espera, avança no caminho da identidade sexual, não seguro nos seus limites e na significação de fragilidades que essa suscita, resultando na expulsão de elementos não elaborados, referentes a uma procura de integração corporal. É possível então perceber estas respostas como *transformações projectivas* pelo não alcance de uma convivência consigo mesmo de diferentes conteúdos, pelo não alcance de uma *transformação de movimento rígido*, na comunicação a um outro (psicóloga). Contudo, destacamos na acção do pré-adolescente, a sua tentativa em afunilar e especificar a sua angustia, partindo de um vazio que invade e faz invadir, para a difusão contida entre si e o outro, e por fim numa localização específica a tentativa de contenção que mobilizou as fragilidades sinalizadas desde a entrada neste cartão.

A reacção da pré-adolescente a este cartão passa, primeiro, por alguma recusa em aceder ao relacional, sentido na desorganização, contudo, o agido não é suficiente para lidar com a angustia suscitada na inter-relação entre os afectos fortes e a bilateralidade da mancha. Assim, como primeira resposta surge uma apreensão global como tentativa de articular um corpo total e movimentá-lo até à representação simbólica, a partir do recuso ao imaginário, recurso esse conseguido num bom enquadramento formal dado ao primeiro cartão.

Numa amalgama de conteúdos e respectivas representações ao nível da identidade subjectiva, de um nível sexualizado, assim como num relacional com um outro diferente e/ou igual, emerge a passagem de uma *posição esquizo-paranoide* para uma outra *posição esquizo-paranoide*, a nosso ver, pela não singularidade das diferentes temáticas que este cartão suscitou na Carolina, ou seja, de uma dispersão num Outro (mancha) resulta uma dispersão num Eu, pelo sem vez das perdas e das procuras de diferentes substituições, sem tempo nem espaço suficientemente alargado na significação.

Pensamos que esta resposta se insere mais numa *unidimensionalidade* do que numa *bidimensionalidade*, dado que esta última se caracteriza num tempo de espera, como uma formatação para alcançar a *tridimensionalidade*. Parece-nos que a questão aqui se prende com a procura por parte da pré-adolescente em alcançar diferentes limites: entre sujeito e objecto, entre mundo interno e mundo externo, entre sujeito/outro.

No cartão III, onde a configuração espacial reencaminha o sujeito para a criação de uma imagem onde o relacional tem acento, surge, como primeira resposta, “*uma borboleta*”. A pré-adolescente tenta situar-se e assegurar uma integridade, a partir de uma localização no eixo do cartão. A possibilidade de passar de uma *unidimensionalidade* para uma *tridimensionalidade* configura-se com esta resposta, e dá-nos conta das possibilidades da pré-adolescente fazer uso de uma resiliência, para se manter numa unidade psíquica coerente. Esta resposta possibilita a passagem de uma *relação parasitaria* para uma *relação comensal*, a partir do uso da identificação projectiva, no ir e vir comunicacional que o sujeito estabelece com um outro (mancha) que lhe possibilita apoiar-se num eixo central e, a partir desse, sustentar o seu próprio eixo corporal. Pensamos que nesta resposta, na passagem do investimento que efectuou no cartão anterior, ao nível da *unidimensionalidade*, passou para uma *tridimensionalidade*, caracterizada esta a partir do objecto recriado, se encontrando-se aqui a função de contenção da intersubjectividade da situação projectiva, na relação entre sujeito e psicóloga, na facilidade perceptiva a que este cartão reenvia, e que se realiza no relacional entre dois, dois estes não nomeados como símbolo na comunicação, mas sim integrados internamente, para assim conseguir significar e criar um objecto total, um símbolo.

A resposta seguinte, no caminho até à representação simbólica situa-se num impasse, pela disrupção da comunicação entre si e o outro (mancha), entre si e o objecto. Ainda num seguimento pelo eixo do cartão, como forma de se assegurar, surge uma resposta numa localização onde habitualmente as respostas ligam, em interacção, as duas personagens. Esta situação resulta na desarticulação entre projecção e percepção, entre mundo interno e mundo externo, o que leva à expulsão de elementos não elaborados num outro (mancha), pela incapacidade de significar o impacto ansiogénico que o relacional na pré-adolescente suscita, tal como ocorre no cartão II, ou ainda, se percorrermos esta situação pelo conteúdo das respostas, tal como acontece no cartão I, o que remete para o que acima foi descrito sobre a intersubjectividade da situação relacional. Há, pois, possibilidade de observar a função de contenção da situação projectiva. Contudo, nesta pré-adolescente, e ainda apoiada nesse relacional, não existe a possibilidade de ensaiar essa contenção para a criação de um símbolo cujo conteúdo se refira ao relacional do cartão.

Pensamos que a identificação projectiva ao serviço da comunicação e da simbolização, percorre um caminho nestes dois cartões, pela projecção de elementos intoxicados que necessitam de um continente externo que os signifique e que possibilite uma integração corporal, vivenciada perto de uma intensidade violenta despertada por moções pulsionais que surgem integradas no relacional.

Parece-nos, então, que estes dois cartões suscitam, antes de mais, um mergulho num relacional que se pode assemelhar a uma solicitação a uma *relação simbiótica* entre pensador e pensamentos, relação esta ainda não possível para a pré-adolescente.

Os investimentos que o pré-adolescente efectua no cartão III iniciam-se de forma diferente, contudo a última resposta, e à semelhança da pré-adolescente, recai nalguma correspondência com a resposta dada ao cartão I.

As duas primeiras respostas encenam as duas personagens facilmente destacáveis em relação, mostrando uma capacidade do pré-adolescente se situar a si, enquanto subjectividade, em relação com um outro. A partir de um bom enquadramento formal, Paulo parte à descoberta de um outro diferente, expressando o seu empenho em se sustentar pelo sustentar do engrama num acolhimento banal e nalguma valorização que marque a diferença entre si e o outro (psicóloga), na recriação do relacional nomeado e significado. O caminho pela profundidade lança-o por um “*laço*”, resposta descrita na localização habitual, que remete para a ligação entre as duas personagens, possibilitando esta ligação possibilita igualmente liga-lo ao outro, presente na situação projectiva. Num bom enquadramento formal, e com a marca do isolamento, o vermelho pulsional é significado. Contudo da integração destas duas respostas e na transposição do projectado, no uso da identificação projectiva ao serviço da empatia e da comunicação que o sujeito estabelece com um outro, e portanto consigo mesmo, emerge a disrupção com a marca da desarticulação corporal. Da passagem de uma *relação comensal* a uma *relação simbiótica*, emerge agora como resultado a não sustentação do símbolo criado, *numa relação parasitária*, e que resulta na expulsão do impacto que a fusão a um outro suscita no pré-adolescente. À semelhança da resposta dada face à entrada em situação intersubjectiva, surgem uns “*olhos*”, o que nos leva a pensar que o impacto do

relacional embutido na diferenças entre sexos, leva a uma angústia perto do persecutório, que desintegra, desarticula o avanço dado a caminho do conhecimento, do nomear, significar, e elaborar individualmente a fusão e o envolvimento com um outro, movimentos inscritos no uso da identificação projectiva ao serviço da criação de um símbolo.

### Cartão VII

No cartão VII, apresentam-se igualmente estratégias diferentes na criação de uma imagem conceito, de um símbolo. A pré-adolescente procura assegurar-se de um corpo inteiro, através do anonimato, “*uma pessoa*”, explicitando a sua indecisão entre a profundidade ou a superficialidade, entre a imposição de um envolvimento com um outro, mergulho no conhecimento de si, no feminino, e o apego a limites que dêem conta da separação entre si e o outro. Esta situação, não suficiente, expressa-se depois numa busca detalhada, no aproximar-se do relacional implícito na solicitação simbólica. Contudo no arrastar de um impacto que transporta da primeira resposta, surge “*um coelho*”, nalgum deslocamento que possibilite a significação do impacto suscitado pelo relacional.

A resposta criada revela apenas a nomeação de um, quando dois estão presentes, à semelhança dos movimentos efectuados pelo seu par masculino. Contudo, na procura de uma segurança em termos de integração psíquica, a pré-adolescente efectua um corte relacional, que desequilibra a própria integração. Entre *pessoa* e *coelho*, a imagem-conceito não estabiliza a pré-adolescente, nem no processo de separação/individuação nem numa identidade feminina com acento no relacional, com o materno. Esta resposta, a nosso ver, pode englobar a anterior e parece suscitar na pré-adolescente alguma dificuldade em se vivenciar com um outro, o que a leva a procurar uma ligação entre os diferentes elementos que vão surgindo, através de continente externo (outro) que possibilite alguma síntese. Esta situação, na nossa opinião, é elaborada nalgum distanciamento entre si e a mancha, para assim poder manter os limites. Pensamos que estas respostas se inscrevem numa transformação de movimento rígido, pelo equilíbrio das parciais, que vai integrando à medida

que percorre um caminho até à síntese, assegurando essa manutenção por uma ligação entre funtores na tensão, descrita no aspecto formal presente na cotação.

É pois na referência ao materno que se situa a abordagem da pré-adolescente e, face a esta referência, a condição de se separar treme a condição de uma identidade feminina, na qual a resolução fica a cargo do anonimato como medida de separação.

O pré-adolescente apresenta maiores dificuldades em sustentar uma integração corporal face à solicitação para a qual este cartão apela, embora o seu reconhecimento seja notório. Assim, numa primeira resposta, percebemos a procura de um continente, suficientemente grande que albergue a angústia suscitada no relacional ao feminino, ao materno. A impossibilidade de cercar um objecto total, a nosso ver, fica-se a dever à não capacidade de sustentar uma substituição no processo de separação/individuação, pois a passagem de uma posição PS→ D é actuada por uma tentativa de um investimento narcísico de si mesmo. Contudo, na amalgama entre o assumir uma representação de si sexuada, em que a identidade sexual masculina entra em confronto com o feminino, ou o assegurar uma separação/individuação ao materno, surge a fusão entre mundo interno e mundo externo, através da qual nos é permitido afirmar que a fragilidade no processo de separação não permite um envolvimento com um outro, em si, para a descoberta e para o conhecimento, o que coloca o pré-adolescente num labor intenso entre o eu e o não-eu, na procura de firmar de uma identidade subjectiva.

#### Cartão VIII/Cartão IX/Cartão X:

O investimento que a pré-adolescente opera na solicitação simbólica do cartão VIII, inserido no relacional e na partilha de emoções e conhecimentos, descreve uma procura de se assegurar integrada. Na primeira resposta, percebemos que a localização bilateral, mais frequente neste cartão, é remetida a uma procura de si mesma, deixando para segundo plano o relacional que inclua dois. Esta situação é submetida a uma cisão, como forma de assegurar a distância entre a pré-adolescente e o outro (mancha), atestando juntamente com este movimento a sua posição numa *bidimensionalidade* que certifique a sua integração. Na segunda resposta percebemos

pelo apoio num eixo central, a possibilidade de se recriar através do cercar e delimitar de um objecto total. Na terceira resposta, vemos surgir uma insistência sobre a primeira resposta, que a nosso ver remete para uma tentativa de alcançar a proposta simbólica para a qual este cartão reenvia. Contudo a imagem-conceito criada dá-nos conta do seu desequilíbrio na relação, surgindo “*um bicho com três patas e uma cauda*”. Pensamos pois que esta resposta se insere no estabelecimento de uma *relação comensal*, entre pensamentos e pensador, com vista à evolução de si e do outro. Na procura de alguma igualdade, o sujeito sustenta a sua recriação a partir de um outro que sirva de continente, no qual o ensaio à proposta no relacional é efectuada, embora, com a preocupação de se assegurar primeiro de uma integridade corporal, se bem que haja ainda uma fragilidade em sustentar uma identidade subjectiva, aparecendo o desejo de construção mútua, na diferenciação, colocado no futuro ainda não alcançado.

O investimento que o pré-adolescente faz neste cartão segue uma mesma linha estrutural e apresenta alguma preocupação em se manter firme nos seus limites. Inicia-se com a criação de uma imagem na localização habitual, que o diferencia do seu par feminino, pois inscreve-se na especificação da imagem criada, que nos revela uma criatividade, um ir mais além do banal, e regista a significação que diferencia, separa e individualiza.

A igualdade de investimentos, nestes dois pré-adolescentes, reside no facto de em vez de seguirem uma construção perto de um outro (mancha), expressarem um afastamento como medida de protecção contra a fusão insustentável na simbolização. A disposição perceptiva no cartão inscreve-se na bilateralidade, contudo, a nomeação de apenas um, quando dois são perceptíveis, é reveladora dessa mesma medida de protecção. Pensamos que esta situação se relaciona com o apelo simbólico do cartão, se relaciona com o apelo à partilha, ao preenchimento da relação sujeito/outro. De alguma forma, este preenchimento foi tentado na significação, pelos dois pré-adolescentes, no cartão III, a partir de uma acção sobre a localização habitual que liga as duas personagens em relação, e que significa e especifica o relacional. Na pré-adolescente, observou-se que essa tentativa falhou no caminho até à representação simbólica, enquanto que no pré-adolescente se observou a não sustentação de uma significação. Aqui, observa-se, de novo, a especificação do pré-adolescente e a

tentativa de especificar da pré-adolescente, o que remete de novo para a aproximação destes dois sujeitos a uma *relação simbiótica*, entre si mesmos e os seus pensamentos, para uma relação com um outro diferente, contudo ainda não é alcançada.

A especificação que encontramos na resposta do pré-adolescente, e não na pré-adolescente, pode relacionar-se com o que temos vindo a descrever como expressão reveladora da relação sujeito/objecto, sujeito/outro, por parte do pré-adolescente, no que diz respeito aos avanços deste no caminho da evolução e no conhecimento, as suas acções e reacções, aquando da sua aproximação a uma relação simbiótica entre um Eu e um Outro, na criação de um *Outro/Eu*.

No protocolo do pré-adolescente, e na continuidade daquilo que se revela nas suas respostas ao cartão VIII, percebemos o traço de um Eu frágil que tal solicitação produziu no sujeito, e este traço descreve-se por fragilidades narcísicas que o levam numa procura de integração, a partir de um outro (mancha). No uso da identificação projectiva, percebemos o apoio num outro que assegure um corpo inteiro face ao mergulho solicitado. Esta situação leva a que o pré-adolescente procure significar, antes de se assegurar, o apoio de que necessita: uma “*mão*” que o encaminhe para o futuro, mão essa de uma “*pessoa*”, de um outro igual, na indiferenciação sexual, que a especificação desarticulou no caminho individuado do pensar. Esta última resposta regista-se como movimento regrediente, contudo, comportando, a tentativa de significação, por si, de um conteúdo delimitado que procura um continente específico também.

Ainda sob a senda do relacional, a reparação simbólica tentada pela pré-adolescente assume um carácter disperso, no cartão IX. A entrada em situação inscreve-a na procura de um posicionamento face à interpenetração das cores, das emoções, na convivência consigo mesma. Na igualdade, a Carolina projecta sobre um outro um trabalho de significação que tenta alcançar na procura de separação. É pois a procura de um continente exterior que lhe permita alcançar os seus próprios passos a caminho do conhecimento, dado que a contenção interna se encontra trespassada por fragilidades narcísicas não sustentadas. Na resposta seguinte, ocorre uma tentativa de interiorização dessas mesmas fragilidades, que não distorçam o seu caminho face ao

facto original, embora ainda na impossibilidade de encontrar uma significação para a angustia vincada num Eu frágil, que as moções pulsionais em si desarticulam pela receptividade ao exterior, o que leva ao esbatimento de limites, e o que, tendo em conta a resposta anterior, se pode descrever como um movimento progrediente, à semelhança dos movimentos efectuados pelo pré-adolescente na sua abordagem ao cartão II.

Pensamos, então, que a abordagem dos pré-adolescentes estudados a estes dois cartões apresentam algumas semelhanças no que diz respeito ao uso do mecanismo de identificação projectiva, no movimento de retraimento narcísico face a fragilidades que não permitem a evolução até à representação simbólica pela ausência de um continente interno suficientemente sólido e capaz, por isso, de sustentar e significar um corpo fragilizado no relacional. É possível observar, numa análise inter-respostas, a passagem de um movimento de expulsão de elementos não significados sobre um outro, através de reconhecimentos simétricos que arrastam consigo a anulação desse outro, na ligação entre *functores* na extensão, para um movimento de interiorização significada que remete para o desapego, e portanto, que permite o vislumbrar da relação eu – Outro, como sujeitos separados. Esta situação poderá então inscrever-se na passagem de um *pensamento simétrico* para um *pensamento assimétrico*, que separa ao mesmo tempo que individualiza. Pelas referências simbólicas para as quais o cartão II e o cartão IX reenvia, pensamos que o relacional neles incluído, coloca os dois pré-adolescentes face ao processo de separação – individuação em relação ao continente materno. Dentro dessa manifestação emergem movimentos de substituição, com o objectivo de uma reparação simbólica.

Numa última abordagem ao Cartão IX, a pré-adolescente volta a uma posição já tomada no cartão anterior, ou seja, a não especificação, mas numa renovação sobre o mesmo. Esta não identificação daquilo que lá está dá-nos conta das suas dificuldades em separar e individualizar, do esbatimento de limites entre si e um outro. Contudo, salientamos o lugar do outro, pelo uso do plural : “*dois bichos*”.

Pensamos, então, que a abordagem a este cartão se insere na procura de uma estabilização, numa *relação comensal*, de limites. Contudo, a nosso ver, esta situação

não é possível, pelo facto da pré-adolescente não acompanhar a sua própria passada, entre a vontade e o desejo, de seguir um caminho de aprofundamento.

A abordagem do pré-adolescente ao cartão IX, segue uma linha estrutural e de composição semelhante à da pré-adolescente. Contudo, de novo, existem algumas diferenças, que descrevemos como uma espécie de processo contrário, ou seja, primeiro surge a tentativa de nomeação do relacional, depois a procura de um eixo central num outro que assegure a passagem da equação simbólica à representação simbólica, e liberte um corpo sentido como atingido nas suas fragilidades, seguindo-se a dispersão, pela projecção de uma angústia perto do persecutório. Na pré – adolescente assistimos, primeiro, a um posicionar-se nas emoções dispersas, depois a procura de conforto num outro e depois, então, segue para uma tentativa de significação do relacional.

Assim, no protocolo do pré-adolescente, surge como primeira resposta o nomear de um, quando dois fazem parte da solicitação. A imagem conceito criada resulta na desintegração, na perda dos limites, pela impossibilidade de cercar e significar um objecto total e revela o desequilíbrio entre projecção e percepção. Parece-nos que esta impossibilidade se liga à instabilidade em assegurar uma integração corporal, quando o convívio consigo mesmo é proposto. Esta situação leva o pré-adolescente à procura de um eixo central, no outro, que o assegure como inteiro, dada a intensidade sentida que não permite o perder para reencontrar. Este movimento regressivo, e no esbatimento de limites, faz com que o pré-adolescente, à semelhança do que ocorre quando a relação entre pensador e os seus pensamentos se aprofunda, projecte elementos não elaborados, à semelhança do efectuado no cartão I e cartão III : “*uns olhos*”

No cartão X, o investimento do pré-adolescente, segue uma linha de construção de um símbolo semelhante aos cartões anteriores, pois numa localização onde habitualmente dois são nomeados em relação, apenas um é assinalado. Esta situação a nosso entender, acarreta a cisão imposta ao relacional e arrasta consigo a cisão entre realidade e fantasia, não havendo, portanto, possibilidade de dosear e inter-relacionar os dois pólos, levando à projecção.

Ocorre, pois, a expulsão de elementos não significados sobre um outro que as suporte, as signifique e as devolva e, nessa ocorrência, surge um movimento perto da solicitação simbólica do cartão. Esboça-se, então, a possibilidade de delimitar e significar um objecto total, na convergência equilibrada entre projecção e percepção. Esta possibilidade remete, portanto, para o captar do outro como sujeito separado, individualizado e em relação. Esta relação, e na sua insistência de ligação sem desligação, é continuada na nomeação de apenas um quando dois estão presentes, expressando-se a igualdade como configuração de um corpo total.

Na detenção da representação simbólica, numa *transformação de movimento rígido*, o pré-adolescente segue um caminho de integração das emoções. Contudo esta situação leva-o num esbatimento de limites, entre um Eu e um Outro, a nosso ver, implicado pelo plural nomeado, pois a sua rara utilização (à excepção da resposta ao cartão III, e o plural dos “olhos” que remetem sempre, na sua análise, para uma *visão ciclópica*) é notável neste protocolo. Pensamos que esta particularidade se endereça na igualdade desejada entre si e um Outro, Outro esse que na extensão (na ligação ♀♂) sirva de continente a um interno tumultuoso, e expressa na receptividade ao externo, que tanto pode acolher pelo achar de um necessário continente, pelo sintonizar de uma profundidade interna com uma profundidade externa, assim como pode revolver um interno na dispersão. É pois numa grande intensidade no sentir que achamos que este pré-adolescente se situa, jogando a relação interno/externo ora como conteúdo ora como continente.

O percurso da pré-adolescente, de novo, se desmarca, pelas diferentes movimentações. A entrada em situação de separação, desligação, individualização, transporta alguma narcisação e percorre um caminho com objectivos na integração das cores em limites bem definidos. De “*uma flor*”, passa para “*uma cenoura*”, no singular, quando dois se encontram, passando de um CF a um FC, de limites mal definidos a uma má qualidade formal, do sonho à regressão, que a leva à dispersão. Esta situação move a pré-adolescente a percorrer um caminho, sobre o Outro, trilhado no descrever de parcialidades que a levem a uma nova integração. Contudo, esta tentativa leva-a à projecção de um corpo atingido, dado que a ligação entre as diferentes emoções não suportam a sua tentativa de alcançar a *bidimensionalidade*,

pela intensidade colocada. Por fim, surge um movimento na regressão, pautado e acolhido no banal que a pré-adolescente consegue sustentar.

### ***8.2.2. Discussão da Análise dos Protocolos dos Adolescentes***

#### Cartão I/Cartão V:

A entrada em situação, por parte dos adolescentes, faz-se de forma integrada, perto da solicitação simbólica do cartão, descrevendo um processo de transformação que vai de um movimento projectivo para um movimento rígido, no qual a possibilidade de comunicação entre um Eu e um Outro (psicóloga) é possível, pela representação simbólica, na restauração de si mesmo, num caminho para o conhecimento.

Salientam-se algumas diferenças entre o adolescente e a adolescente, e estas diferenças sinalizam-se a partir dos determinantes utilizados nas respostas. A adolescente, a nosso ver, a partir de um deslocamento num engrama animal coloca a criatividade ao serviço da diferenciação entre si e o outro, num equilíbrio entre projecção e percepção. O adolescente coloca a prioridade na formalização rígida entre sujeito e objecto, entre um Eu e um Outro, como forma de assegurar uma vivência corporal total.

No cartão V, descrevendo abordagens semelhantes, num processo de desligação e separação face a um outro, parece surgir um aspecto de desvalorização, que mesmo na retirada, possibilita assegurar a diferença. A imagem corporal representada pelos dois adolescentes, não se apresenta beliscada na sua totalidade, embora a sua exploração e aprofundamento se situe na *bidimensionalidade*, pelo superficial.

Mesmo havendo diferenças em relação aos pré-adolescentes, onde as moções pulsionais e a receptividade em relação ao exterior, faz pulular imagens corporais,

aqui, o descanso de uma re(a)apresentação de si, leva-nos a pensar na segurança de uma identidade subjectiva. No uso da identificação projectiva empática, percebemos, contudo, na adolescente um colocar num Outro, um trilho que vai da ligação à significação, um caminho pausado através de micro-ligações e desligações a um Outro, um conto de si própria colocado num Outro: *bicho* → *andorinha* → *andorinha que é um bocadinho defeituosa*. Feita a passagem de PS → D, a passagem para a significação pressupõe um abraço confirmativo de si, num ir e vir comunicacional, expresso na relação Eu ↔ Outro.

Assim, a nosso ver, nestes dois cartões, embora com algumas diferenças, que se podem descrever como uma entrada em situação intersubjectiva, seguida da sustentação de si na subjectividade, surge a confirmação de si mesmos, a partir de o destacar e distinguir a partir de um Outro, de si mesmos, individuados e separados.

#### Cartão IV/Cartão VI :

A abordagem ao cartão IV, por parte da adolescente, segue um caminho perto da recusa, na não exploração do conteúdo simbólico do cartão, no não aprofundamento em si mesma. A imagem criada, “*uma mancha preta*”, suscita-nos falar sobre um pensamento vago, na procura de um tempo de espera, que espera pela saída do impacto disfórico, através de conhecimento. Contudo, a impossibilidade do aprofundamento leva a uma identificação perceptiva que faz perder os limites entre dentro e o fora.

A abordagem a este cartão por parte do adolescente, leva-o a uma projecção de uma tensão interna sobre um Outro, que se descreve numa *transformação projectiva*, dado que a má qualidade formal acompanha a não procura de um objecto. Contudo, salientamos que esta projecção, ainda que possa depender da tensão suscitada no cartão anterior (cartão III), expressa uma imagem de poder que de alguma maneira se liga ao masculino. Desta forma, pensamos que na dispersão que o cartão anterior suscitou no Tiago, nesta resposta surge a tentativa de colocar num outro a angústia

que a identidade sexual no Tiago suscita, e dentro desse, procurar um continente que a signifique.

No cartão VI, assistimos, por parte da adolescente, a um movimento de ligação e significação entre objectos, que descritos dentro de um Outro permitem à Ana Sofia ensaiar a contenção de uma angústia suscitada na identidade sexual, e partir daí para um acolhimento num pensamento social. Esta situação descreve a passagem de um movimento rígido a um outro igualmente rígido, no qual um objecto é colocado dentro de um outro, levando a uma síntese, a uma representação simbólica, a uma criação dentro de uma recriação, sempre pautada na delimitação entre si e o outro. Trata-se de um interessante ensaio, dos propósitos da função que um Outro desempenha na adolescência, pois ao contrário da pré-adolescente, em que o outro se apresenta como continente, no qual efectua e descreve a ligação e significação entre os diferentes elementos que resultam na criação de um objecto total, a adolescente ensaia sobre um outro a ligação entre dois objectos totais. Há, pois, semelhanças, na função de Outro utilizada pelas duas raparigas, e essa função assenta na ligação. Contudo, é como se de dois níveis de evolução se tratasse: enquanto no protocolo da pré-adolescente assistimos à união de parcialidades numa totalidade, no protocolo da adolescente, decorre a passagem de um objecto total para um Outro recriado a partir do primeiro, sendo assim um ensaio da função continente, dentro de um Outro, sem que tal tarefa arraste consigo a dispersão.

A abordagem ao cartão VI, por parte do adolescente, resulta numa mesma resposta que o seu par feminino, embora siga uma abordagem perto do conteúdo simbólico do cartão, passando pela dinâmica actividade/passividade, de uma imagem de poder, espalmada, resultando num tapete, cercando desta forma um objecto total, pela qualidade formal, que permite separar e afastar as emoções das representações. Opera-se portanto uma *transformação rígida*, contudo, a nosso ver situamo-nos numa *relação comensal* entre pensador e pensamentos.

#### Cartão VII:

O que diz respeito ao cartão VII, cartão por excelência com/da relação ao materno, ao feminino, encontramos abordagens diferentes, quer nas respostas dadas, quer nos movimentos efectuados pelos dois sujeitos, no seu caminho até à reparação simbólica. Na adolescente, encontramos de novo uma recusa em se deixar ir, entrar numa fusão com um outro, à semelhança do movimento efectuado no cartão IV. Esta recusa, a nosso ver, retrata alguma dificuldade em se assegurar de num continente capaz de sustentar uma identidade sexual, num confronto com um outro diferente (IV) e com um outro igual (VII). Esta situação deve-se a uma convivência consigo mesma, capaz de reflectir sobre a sua, ainda impossibilidade de se manter numa integridade corporal face a um outro. Pensamos que estas duas respostas, embora assentem em justificações diferentes, remetem para um tempo de espera, utilizado pela Ana Sofia, como espaço de formatação para a profundidade, num silêncio aguentado e sustentado.

A abordagem do adolescente apresenta-se através de duas respostas, que fazem transparecer a não segurança, através de um investimento, que o lança para a descoberta, pelo deslocamento para engramas animais que sustentem o afastamento de si, de representações recriadas. Esta situação, e ainda no não firmamento dos limites entre si e o Outro, leva-o numa procura de um continente suficiente sólido, através do qual não seja possível qualquer espaço para por aí se descentrar, e desarticular.

Vemos, pois operar uma *transformação rígida*, que vai da equação simbólica para a representação, para a criação de um objecto colocado numa temática relacional, num balanceamento entre a projecção e a percepção, embora assegurado por um outro objecto, colocando, assim alguma rigidez na ligação do pensamento ao conhecimento, que assenta no relacional. O afastamento parece ser, de alguma forma, um marco importante utilizado por estes dois adolescentes, contudo, parece-nos que o adolescente consegue percorrer um caminho sólido, face ao continente materno e ao movimento regressivo para o qual este cartão reenvia. Pensamos que esta situação poderá estar facilitada pelo facto de ser um cartão feminino e, portanto, o afastamento entre si e o Outro poderá estar mais facilitado do que em relação ao seu par feminino, no qual terá que lidar com a sua identidade feminina junto de um outro, igual, embora diferente.

As duas respostas das pelo adolescente merecem ainda uma atenção quanto à construção que nelas está implícita, assemelhando-se, de alguma forma à operação efectuada pela adolescente no cartão IV, aquando da inserção de um objecto total dentro de um outro objecto total. No cartão VII também é possível observar essa estratégia psíquica pelo adolescente, no colocar de um objecto que contem o relacional dentro de um continente sólido o suficiente, um outro objecto, em relação. É pois possível observar a ligação entre funtores ♀♂ na tensão dialéctica, dando conta da tridimensionalidade psíquica transposta para a situação projectiva, na triangulação entre sujeito, objecto transitivo e outro.

### Cartão II/Cartão III:

A reacção e acções ao cartão II, por parte dos dois adolescentes, apresentam semelhanças no desadequado e na desorganização, colocando-os perto do caos, da *posição esquizo-paranoide*, e sobre a qual não é possível alcançar, pela cisão, a bidimensionalidade, alcançar uma posição intermédia, de formatação, entre a primeira sinalizada e a posição depressiva. Na adolescente, percebemos o “*esquisito*” configurado numa apreensão global com a marca de fragilidades narcísicas, e onde diferentes temáticas se expressam numa amalgama de emoções e elementos espalhados, num vento ansioso que sopra na direcção contrária. A resposta da Ana Sofia, transporta o desejo de alcançar um limite, uma delimitação franca entre si e as diferentes temáticas que se vão impondo e dispersando. A palavra suspira a angustia suscitada não significada, na procura de um acolhimento num outro (mancha, psicóloga), que junte, ligue e condense, que possibilite a passagem da equação simbólica à representação simbólica. O relacional inserido no pulsional surge nas respostas dadas a este cartão, dando conta de fragilidades na barreira de contacto entre consciente e inconsciente, entre realidade e fantasia, entre sujeito e objecto.

No adolescente a situação assemelha-se, igualmente, a uma *relação parasitária* entre pensador e os seus pensamentos, pensamentos estes suscitados na reparação simbólica face a um conteúdo simbólico colocado no caos, embora, a não reparação

seja patente na resposta do Tiago. Surge comprometida e fica embargada por uma inquietação corporal face a um sentimento de dispersão. A tentativa de cercar e delimitar, assim como de significar um objecto total, aparece na resposta Rorschach, como processo inerente a um sujeito, embora, na impossibilidade de comunicação e de transformação rígida, resulta numa resposta perto da equação simbólica.

As reacções ao cartão III, por parte destes dois adolescentes, seguem um mesmo padrão, podendo-se pensar nas semelhanças de movimentações que os dois adolescentes efectuam num caminho pretendido até à restauração, à representação simbólica, quando a solicitação está inserida directamente na intersubjectividade da situação projectiva e remete para a elaboração da relação ♀ ↔ ♂.

Na adolescente, destaca-se a tentativa de estabilizar uma relação entre si e o outro (mancha) dentro da bidimensionalidade, isto é, a procura deste sujeito assenta na procura de limites, e a sua impossibilidade, a nosso ver, fica-se a dever ao uso da identificação projectiva na resposta anterior, a conteúdos não significados que levam de novo à projecção de um corpo atingido, pelo forte impacto pulsional para o qual reenvia este cartão. Percebemos na primeira resposta a este cartão, a tentativa da Ana Sofia, agrupar os diferentes elementos dispersos, “*homens esquisitos*”, da resposta anterior dentro de um continente “*Máscara*”. Da relação entre sujeito e objecto, percebemos um continente incapaz de significar e conter, um continente marcado por fragilidades narcísicas.

Na segunda resposta percebe-se a tentativa de se separar e individuar face a um outro, embora na angústia a impossibilidade se torna evidente.

A reacção do adolescente a este cartão vai no mesmo sentido que o seu par feminino, embora a nosso ver, a sua preocupação se direcione mais para a manutenção de uma integração corporal. O que ocorre é então a projecção de uma angústia nomeada através da estranheza de um corpo colocado num futuro que assenta na identidade sexual. Angústia que dispersa e leva à impossibilidade de efectuar uma separação entre a realidade e a fantasia, entre o mundo interno e o mundo externo, entre si e o outro, pois a necessidade de se sustentar num corpo inteiro passa por alguma invisibilidade deste, pela colocação num Outro que o signifique.

### Cartão VIII/Cartão IX/Cartão X:

Face à mudança de cores e na solicitação à partilha, à elaboração do preenchimento do relacional, surge, na adolescente, o esbatimento de limites entre si e o Outro, aquando do desconhecido nomeado. Num primeiro investimento à temática do cartão, pensamos que a preocupação da adolescente, é sustentar uma delimitação forte entre si e o Outro, a partir desse Outro (mancha) pela tentativa de correspondências e na junção das emoções e representações. É pois a procura de igualdades que sustentem a criação de um símbolo. Na resposta seguinte percebemos esse percurso feito pelo isolamento e pela delimitação formal, que possibilita, agora, assegurar a significação.

A reacção por parte do adolescente e face ao impacto das cores resume-se ao não aprofundamento da situação, à não especificação da relação, o que nos dá conta da sua insistência em firmar limites entre si e o outro, no confirmar de uma identidade subjectiva abalada pelo impacto das emoções.

No cartão IX, percebemos um movimento regrediente por parte do adolescente, a fusão entre mundo interno e mundo externo, como tentativa de procura de uma integração corporal, esbatida na interpenetração das cores, no apelo ao relacional consigo mesma e com os Outros. Nesta resposta percebemos um investimento duplo no Outro, ora no dentro ora no fora, sem vez e sem tempo, situando esta resposta perto da *unidimensionalidade*, à semelhança do que ocorreu nos cartões II e III, dando conta da impossibilidade de sustentar uma identidade sexual, quando o apelo a esta se localiza perto do pulsional. Vê-se operar, portanto, uma transformação de movimento projectivo, no qual a comunicação entre continente e conteúdo fica marcada por angústias intensas.

Este cartão é abordado pela adolescente de forma diferente, pois, enquanto o adolescente procura re-assegurar-se numa unidade física e psíquica, a adolescente reveste o seu investimento pela projecção de uma tensão interna forte sob um outro, tentando especificar essa projecção através da angústia face ao desconhecido, ao futuro. A repetição de um mesmo conteúdo que vem da resposta ao cartão anterior, faz-nos pensar na repetição de conteúdos intoxicados na passagem do cartão II para o

cartão III, e que remetem, de forma diferente, para um mesmo registo da identidade sexual. Contudo, diferentes, pois enquanto no cartão II e III a situação remete à procura de significação de um outro diferente, para a tomada de uma posição por parte da adolescência face a um Outro diferente, aqui, a questão coloca-se a uma tomada de posição face a si mesma em relação a um outro diferente. Podemos reflectir até que ponto nos cartões II e III, a Ana Sofia parte de um outro para si mesma, e aqui partirá de si mesma para um outro, sempre com acento no relacional, e na temática da identidade sexual. Contudo, expressam-se aqui movimentos diferentes que se registam na apreensão de um imediato perceptivo e projectivo das qualidades das manchas Rorschach.

No cartão X, embora a reacção dos dois adolescentes se distinga na procura de significação de um símbolo, pensamos que a partir dos elementos de cotação é possível perceber uma mesma forma de actuar sobre um outro (mancha), quando a dispersão parece forma integrante de relação, na qual a temática de finalização da prova é preponderante e que pode reactivar a problemática de separação – individuação. Assim, temos a projecção de uma forte tensão interna, na qual o regressivo parece tomar lugar na forma como lidar com a situação de separação. Acompanhando um percurso no masculino, surge a resposta, “*um fogo de artifício*”, que ao contrário de nos indicar uma festa, indica-nos a procura de espaço por parte do Tiago, espaço para sofrer a perda, para o separar e o individuar-se, espaço para pensar, que, ao contrário do cartão VII, em que não haveria espaço para divagar para além de um relacional rígido entre pensamento e conhecimento, entre um Eu e um Outro, aqui, o espaço é solitário, um espaço onde o retraimento narcísico habilite a relação entre pensamento e conhecimento. No seguimento do feminino, encontramos “*uma praia*” na procura do sonho, procura de espaço para sonhar. Entre espaço para pensar e espaço para sonhar, que pensamos ser a saída da situação intersubjectiva, por parte destes dois adolescentes, segue um caminho efectuado na entrada em situação, na rigidez formal por parte do adolescente, e na criatividade ao serviço da relação Eu – Outro por parte da adolescente.

### ***8.3. Discussão e Articulação Das Análises Efectuadas: Da pré-adolescência à adolescência***

Nesta síntese pretendemos articular a discussão da análise efectuada nos protocolos dos pré-adolescentes e nos protocolos dos adolescentes, sendo essa discussão realizada, nalguma diferenciação entre o feminino e o masculino, embora não aprofundando, uma vez que o objectivo delineado nesse sub-capítulo é o uso da identificação projectiva na evolução dos pré-adolescentes aos adolescentes.

Nesta síntese, pensamos agora reunir as características da identificação projectiva através de um comparação entre a pré-adolescente e a adolescente, assim como entre o pré-adolescente e o adolescente, ou seja, vamos remeter para a conceptualização das características e uso que o feminino e o masculino, fazem da identificação projectiva, dando continuidade ao pensamento que se esboçou desde o início desde trabalho e que se inscreve na utilização do mecanismo de identificação projectiva para a construção e reconstrução simbólica, a sua inscrição na relação e como tal no pensamento e no conhecimento.

Desta forma, esta síntese pretende dar resposta às seguintes questões : que uso dão à identificação projectiva no seu caminho até à representação simbólica; que caminho percorrem na relação  $\text{Eu} \leftrightarrow \text{Outro}$ , em cada cartão, na criação de uma resposta Rorschach, sendo esta entendida como um resultado de um processo de pensamento, transformação e conhecimento, e como conteúdo no qual se inscreve a relação  $\text{Eu} \leftrightarrow \text{Outro}$ , entendida na noção  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ ; quais os movimentos que efectuam na passagem da dispersão à integração, da equação simbólica à representação simbólica. Que relação descreve o sujeito na resposta Rorschach, quando essa é conjugada numa tarefa de re-significação.

Será, pois, nesta síntese e nestas diversas articulações que será abordado o último item a que nos propusemos na formulação do problema e especificámos nos procedimentos: na relação  $\text{Eu} \leftrightarrow \text{Outro}$ , o estudo das constância das ligações e desligações efectuadas quer nos sujeitos pré-adolescentes, quer nos sujeitos

adolescentes. Esta síntese alberga, pois, o modo de ligar utilizado pelos sujeitos estudados, na criação de um símbolo, ou seja, na resposta Rorschach considerada como conteúdo. Será, portanto, feito através da descrição das ligações na distensão, extensão e tensão entre aquilo que se impõe e aquilo de que o sujeito dispõe, estabelece e ordena. E esta possibilidade reúne-se à descrição das ligações e desligações efectuadas pelos sujeitos, através da sua descrição presente nas relações *parasitárias, comensais e simbióticas*, tendo em conta que trabalhos dois espaços a integrar : Corpo e Outro, nas suas diversas implicações. Será ainda tomado em consideração a disposição dos cartões Rorschach, que serão ordenados pelo seu carácter unitário e bilateral. Procura-se pois, estudar as características da identificação projectiva através do seu uso no processo – resposta Rorschach (continente) e do seu uso como empreendedor de um Corpo e de um Outro na resposta Rorschach (conteúdo).





É o *entre* a pré-adolescência e a adolescência propriamente dita, numa relação  $\text{Eu} \leftrightarrow \text{Outro}$  e *entre* o processo de resposta Rorschach e a resposta Rorschach, numa relação  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ , sendo sabido que, nesta última descrição, a intersubjectividade – ( $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ ) – está conceptualizada e assenta na tridimensionalidade entre o processo de resposta Rorschach, a resposta Rorschach e a mancha Rorschach.




Desta forma, apresentamos de seguida uma descrição sumária sobre as características sobre as quais nos apoiámos para analisar os protocolos Rorschach à luz do mecanismo de identificação projectiva, para assim se seguir uma análise e síntese descritiva, com objectivos de delimitar as características da identificação projectiva na adolescência feminina e masculina, sem excluir as diferenças entre os pré-adolescentes e entre os adolescentes.

### ***8.3.1. Apresentação esquematizada do uso da identificação projectiva: pré-adolescentes e adolescentes***

#### **Pré-Adolescentes**

Cartões Unitários





	<b>Cartão I</b>	<b>Cartão IV</b>	<b>Cartão V</b>	<b>Cartão VI</b>
<p>Relação Eu ↔ Outro</p> <p><i>Identidade Subjectiva</i> ♀ ↔ ♂ <b>Versus</b> <i>Intersubjectividade</i> (♀ ↔ ♂)</p>	 Unitário	 Unitário	 Unitário	 Unitário
<p>♀</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação simbiótica → Relação Parasitária</li> <li>•Transformação de movimento Rígido → Transformação projectiva</li> <li>•Ligação de funtores na Tensão → Extensão</li> <li>•PS → D → PS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação comensal</li> <li>•Transformação de movimento rígido</li> <li>•Esboço da função de contenção na relação ♀ ↔ ♂</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação comensal</li> <li>•Transformação de movimento rígido</li> <li>•Ligação entre funtores na tensão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação comensal</li> <li>•Transformação de movimento rígido</li> <li>•Ligação na tensão</li> <li>•Ligação entre funtores na tensão</li> </ul>





	<b>Cartão I</b>	<b>Cartão IV</b>	<b>Cartão V</b>	<b>Cartão VI</b>
<p>Relação Eu ↔ Outro</p> <p><i>Identidade Subjectiva</i> ♀ ↔ ♂ <b>Versus</b> <i>Intersubjectividade</i> (♀ ↔ ♂)</p>	 Unitário	 Unitário	 Unitário	 Unitário
<p>♂</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação Parasitária (♀ ↔ ♂)</li> <li>•Transformação projectiva</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação parasitária → comensal</li> <li>•Transformação projectiva → mov. rígido</li> <li>•Ligação entre</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação comensal ↔ comensal</li> <li>•Transformação de movimento rígido ↔</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação comensal</li> <li>•Transformação rígida</li> <li>•Ligação entre funtores na tensão</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Ligação de funtores na Extensão</li> <li>•PS→PS</li> </ul>	<i>os funtores na extensão</i> →tensão  <ul style="list-style-type: none"> <li>•as duas respostas situam-no num entre</li> </ul>	<i>rígido</i>  <ul style="list-style-type: none"> <li>•Ligação entre funtores na tensão</li> </ul>	
--	--	---	--	--

## Adolescentes

### Cartões Unitários


	<b>Cartão I</b>	<b>Cartão IV</b>	<b>Cartão V</b>	<b>Cartão VI</b>
Relação Eu↔Outro  <i>Identidade Subjectiva</i> ♀↔♂ <b>Versus</b> <i>Intersubjectividade</i> (♀↔♂)	  Unitário	  Unitário	  Unitário	  Unitário
♀	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação simbiótica</li> <li>•Transformação de movimento Rígido</li> <li>•Ligação de funtores na Tensão→ Extensão</li> <li>•PS→D</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Recusa</li> <li>•Colocação de uma recriação num tempo de espera</li> <li>•Formatação de um espaço psíquico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação comensal</li> <li>•Transformação de movimento rígido</li> <li>•Ligação entre funtores na tensão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação comensal</li> <li>•Transformação rígida</li> <li>•Ligação entre funtores na tensão</li> <li>•Esboço da função de contenção na relação ♀↔♂</li> </ul>

	<b>Cartão I</b>	<b>Cartão IV</b>	<b>Cartão V</b>	<b>Cartão VI</b>
Relação Eu↔Outro  <i>Identidade Subjectiva</i> ♀↔♂ <b>Versus</b> <i>Intersubjectividade</i> (♀↔♂)	  Unitário	  Unitário	  Unitário	  Unitário

♂	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação comensal</li> <li>•Transformação de movimento rígido</li> <li>•Ligação de funtores na Tensão</li> <li>•PS→D</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação comensal</li> <li>•Transformação projectiva</li> <li>•Ligação entre funtores na extensão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação comensal</li> <li>•Transformação de movimento rígido</li> <li>•Ligação entre funtores na tensão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação comensal</li> <li>•Transformação de movimento rígido</li> <li>•Ligação entre funtores na tensão</li> </ul>

Pré-adolescentes

Cartões Bilaterais





	<b>Cartão II</b>	<b>Cartão III</b>	<b>Cartão VII</b>	<b>Cartão VIII</b>	<b>Cartão IX</b>	<b>Cartão X</b>
Relação Eu↔Outro  <i>Identidade Subjectiva</i>  Versus <i>Intersubjectividade</i> (♀↔♂)	(♀↔♂)	(♀↔♂)	(♀↔♂)	(♀↔♂)	(♀↔♂)	(♀↔♂)
♀	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação parasitária</li> <li>•Transformação projectiva</li> <li>•Unidimensionalidade</li> <li>•PS→PS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação comensal→Relação parasitária→Relação comensal</li> <li>•Transformação rígida → Transformação projectiva → Transformação projectiva</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação comensal↔relação comensal</li> <li>•Transformação rígida ↔ Transformação rígida</li> <li>•Ligação entre funtores na tensão</li> <li>•Duas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação comensal</li> <li>•Transformação rígida</li> <li>•Ligação na tensão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação parasitária</li> <li>•Transformação projectiva</li> <li>•Ligação entre funtores na extensão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Tentativa de sustentação de uma relação comensal → relação parasitária → relação comensal</li> <li>•Transformação projectiva → transformação rígida</li> <li>•Ligação</li> </ul>


		<ul style="list-style-type: none"> <li>•Ligação entre funtores Tensão → extensão → extensão</li> </ul>	<i>respostas que a situam num entre</i> ♀♂			<i>entre funtores na extensão</i> →extensão →tensão
--	--	--	--	--	--	---

	<b>Cartão II</b>	<b>Cartão III</b>	<b>Cartão VII</b>	<b>Cartão VIII</b>	<b>Cartão IX</b>	<b>Cartão X</b>
Relação Eu↔Outro  <i>Identidade Subjectiva</i> ♀↔♂ <u>Versus</u> <i>Intersubjectividade</i> (♀↔♂)	(♀↔♂)  Bilateral	(♀↔♂)  Bilateral	(♀↔♂)  Bilateral	(♀↔♂)  Bilateral	(♀↔♂)  Bilateral	(♀↔♂)  Bilateral
♂	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação parasitária →tentativa de sustentar uma Relação comensal→ relação parasitária</li> <li>•Transformação projectiva</li> <li>•ligação entre funtores na extensão</li> <li>•PS→PS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação comensal→ Relação simbiótica→ Relação parasitária</li> <li>• Transformação rígida → Transformação rígida → Transformação projectiva</li> <li>•Ligação entre funtores Tensão → tensão → extensão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação parasitária ↔ parasitária</li> <li>•Transformações projectivas</li> <li>•Ligação entre funtores na extensão</li> <li>PS→PS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•relação comensal →relação parasitaria →relação parasitaria</li> <li>• Transformação de movimento rígido→ transformação projectiva</li> <li>•Ligação na tensão→ extensão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação parasitária →tentativa de sustentar uma relação comensal→ relação parasitária</li> <li>• Transformação projectiva</li> <li>•Ligação entre funtores na extensão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• relação parasitária → relação comensal →relação parasitária</li> <li>• Transformação projectiva →transformação rígida</li> <li>•Ligação entre funtores na extensão →extensão →tensão</li> </ul>

Adolescentes

Cartões Bilaterais

	<b>Cartão II</b>	<b>Cartão III</b>	<b>Cartão VII</b>	<b>Cartão VIII</b>	<b>Cartão IX</b>	<b>Cartão X</b>
<p>Relação Eu↔Outro</p> <p>Identidade Subjectiva</p> <p> Versus</p> <p>Intersubjectividade (♀↔♂)</p>	<p>(♀↔♂)</p> <p>Bilateral</p>	<p>(♀↔♂)</p> <p>Bilateral</p>	<p>(♀↔♂)</p> <p>Bilateral</p>	<p>(♀↔♂)</p> <p>Bilateral</p>	<p>(♀↔♂)</p> <p>Bilateral</p>	<p>(♀↔♂)</p> <p>Bilateral</p>
♀	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação parasitária (♀↔♂)</li> <li>•Transformação projectiva</li> <li>•Unidimensionalidade</li> <li>•PS→PS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação parasitária →Relação parasitária (♀↔♂)</li> <li>•Transformação projectiva → Transformação projectiva</li> <li>•Ligação entre funtores extensão → extensão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•→Recusa</li> <li>•Colocação da recriação num tempo de espera</li> <li>•Expressão directa da bidimensionalidade como operação de formatação para a profundidade de de si e do outro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação comensal </li> <li>•Transformação rígida</li> <li>•Ligação na tensão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Relação comensal criação em </li> <li>•Transformação projectiva</li> <li>•Ligação entre funtores na extensão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•relação parasitária </li> <li>•Transformação projectiva</li> <li>•Ligação entre funtores na extensão</li> </ul>

	<b>Cartão II</b>	<b>Cartão III</b>	<b>Cartão VII</b>	<b>Cartão VIII</b>	<b>Cartão IX</b>	<b>Cartão X</b>
<p>Relação Eu↔Outro</p> <p>Identidade Subjectiva</p> <p> Versus</p> <p>Intersubjectividade (♀↔♂)</p>	<p>(♀↔♂)</p> <p>Bilateral</p>	<p>(♀↔♂)</p> <p>Bilateral</p>	<p>(♀↔♂)</p> <p>Bilateral</p>	<p>(♀↔♂)</p> <p>Bilateral</p>	<p>(♀↔♂)</p> <p>Bilateral</p>	<p>(♀↔♂)</p> <p>Bilateral</p>
	•Relação	•Relação	•Relação	•Relação	•Relação	•Tentativa

♂	<i>parasitária</i> (♀↔♂)	<i>parasitária</i> (♀↔♂)	<i>comensal</i> ↔ <i>relação</i> <i>simbiótica</i>	<i>comensal</i>	<i>parasitária</i> (♀↔♂)	<i>de</i> <i>sustentação</i> <i>de uma</i> <i>relação</i> <i>comensal</i> (♀↔♂)
	• <i>Transformação</i> <i>projectiva</i>	• <i>Transformação</i> <i>projectiva</i>	• <i>Transformação</i> <i>rigida</i>	• <i>Transformação</i> <i>rigida</i>	• <i>Transformação</i> <i>projectiva</i>	• <i>Transformação</i> <i>projectiva</i>
	• <i>Ligação</i> <i>entre</i> <i>functores na</i> <i>extensão</i>	• <i>Ligação</i> <i>entre</i> <i>functores</i> <i>extensão</i>	↔ <i>transformação</i> <i>rigida</i>	• <i>Ligação na</i> <i>tensão</i>	• <i>Ligação</i> <i>entre functores</i> <i>na extensão</i>	• <i>Transformação</i> <i>projectiva</i>
	• <i>Unidimensionalidade</i>		• <i>Ligação entre</i> <i>functores</i> <i>tensão</i> ↔ <i>tensão</i>			• <i>Ligação</i> <i>entre</i> <i>functores na</i> <i>extensão</i>
	• <i>PS</i> → <i>PS</i>					

### 8.3.2. *Discussão sobre o uso da identificação projectiva na adolescência feminina e masculina*

#### *Na pré-adolescente e Na adolescente:*

#### Cartões Unitários (I, V, VI, IV)

A entrada em situação intersubjectiva, das duas raparigas, efectua-se na tensão dialéctica entre functores ♀♂, o que resulta na criação de um símbolo, pela possibilidade de se situarem num espaço potencial e dentro desse criarem um objecto total com características quer do mundo interno quer do mundo externo. Esta situação leva a que se caracterize a relação  $Eu \leftrightarrow Outro$  como uma *relação comensal*, numa *transformação de movimento rígido*. Contudo, existem algumas diferenças, pois enquanto se observa a possibilidade por parte da adolescente colocar a dinâmica e a criatividade ao serviço do processo de criação *entre* dois, o que a aproxima de uma *relação simbiótica* entre si e os seus pensamentos, no que concerne à integração corporal, na pré-adolescente, observamos algum desequilíbrio entre mundo interno e o mundo externo na primeira resposta o que leva, num novo investimento, à extravasão. Assim, num segundo investimento observamos pela ligação entre os *functores* ♀♂ na extensão, a fusão entre o dentro e o fora, pelo

excesso de fantasia e de imaginário, que transborda para lá dos limites entre mundo interno e mundo externo e coloca a criação *entre* dois numa *transformação projectiva*.

Podemos pensar que a entrada em situação intersubjectiva por parte das duas raparigas se caracteriza pela possibilidade de criar um objecto total, pela passagem de PS → D. Contudo, na insatisfação, o excesso de imaginário, por parte da pré-adolescente, leva à dispersão, à projecção de elementos não significados num outro, que actua como continente. Percebemos que o aprofundamento do relacional que se constitui neste primeiro cartão, leva a pré-adolescente à disrupção, pela não sustentação de um continente sólido que estabeleça a reparação da entrada em situação, que inscreva a relação entre realidade e fantasia num equilíbrio. Pensamos que aquilo que ocorre se deva, em parte, à solicitação simbólica para a qual este cartão reenvia e que se inscreve na sustentação de uma identidade subjectiva na intersubjectividade.

No cartão V, e no seguimento do que é dito, é possível observar, na pré-adolescente, o estabelecimento de uma *relação comensal* entre si e o objecto, como medida no não aprofundamento, o que garante a unidade física e psíquica, permitindo a deslocação até a um espaço transitivo e ao criar, a partir desse, de uma dialéctica na tensão entre o sujeito, objecto e símbolo. Isto é, é possível observar a sustentação de uma integração corporal quando a relação continente ↔ conteúdo se coloca na relação consigo mesma.

Quer no cartão IV, quer no cartão VI, observamos a utilização de outros determinantes, que vão para além da delimitação formal entre sujeito e objecto, e esta situação possibilita, à pré-adolescente, alguma mobilização para além da rigidez. Esta flexibilidade de integração corporal que se esboça nestes cartões, permite um apoio num Outro, sem que este se realize pela dispersão, assim como nos é possível observar a dinâmica cinestésica colocada ao serviço da significação de uma angústia disfórica, pelo tomar de posição em relação a um outro diferente. Esta situação possibilita-nos pensar sobre a sua mobilização dentro da sua identidade subjectiva, para fazer frente a um relacional com um Outro, no qual a identificação projectiva assume um carácter empático, aonde é possível perceber a significação entre dois e

de um terceiro, com vista à evolução, ao futuro que se desenha à frente da pré-adolescente, pela clareza existente entre a representação simbólica e as solicitações simbólicas para as quais estes dois cartões reenviam um sujeito.

Na adolescente, observamos no cartão V, a relação que estabelece consigo mesma, assente nalguma desvalorização, que retira mas que ao mesmo tempo assegura a diferença, os limites entre si e o outro, numa *relação comensal*, que se inscreve numa transformação de movimento rígido. Pensamos que em relação à pré-adolescente, o movimento de julgamento permite um re-confirmar de uma relação já estabilizada entre si e a sua representação, permite o re-assegurar de limites que possibilitam o mergulho na *relação simbiótica*. Esta questão de re-asseguramento de limites, num confirmar e re-confirmar, presente quer na adolescente, quer no adolescente, no labor de uma representação simbólica neste cartão, leva-nos pensar numa estratégia psíquica presente na adolescência como forma de actuar sobre um futuro que se tenta alcançar na *relação simbiótica*, como uma operação de formatação para a profundidade de si mesmos, assim como para o aprofundamento do(s) outro(s). Permite-nos ainda pensar em que medida este limite reformulado e re-simbolizado não permitirá um acolhimento quando a angústia face a um corpo genitalizado faz regredir os passos já dados em relação ao futuro.

É, portanto, o uso da identificação projectiva numa perspectiva de re-confirmamento daquilo já estabilizado.

No cartão IV e no cartão VI, observamos, na adolescente, a recusa (no cartão IV) em investir na diferenciação. Contudo pensamos que esta recusa a inscreve numa relação consigo mesma pela comunicação entre continentes e conteúdos. É pois uma recusa em percorrer um caminho envolvente com um outro, quando no cartão VI observamos a relação entre dois objectos totais, nos quais é possível perceber o uso da identificação projectiva descrita num caminho perto de um outro (mancha), onde este serve de ligação entre dois, numa passagem  $D \rightarrow D$ . É possível observar o uso de um outro continente, que sendo e não o sendo ao mesmo tempo, possibilita o esboçar da função de contenção da adolescente.

O percurso de recusa contrasta, então, com a resposta ao cartão VI. Contudo poderá expressar o nada entre dois (sujeito/mancha). Este nada parece-nos que remete igualmente para a sua capacidade de encenar, na relação  $Eu \leftrightarrow Outro$ , um vazio, sem que haja necessidade de o identificar por dentro como falta, e o tentar significar, por fora como falha, num outro. Pensamos que esta abordagem remete antes de mais para a expressão directa do tempo de formatação para a profundidade de si e dos outros, em relação, e não tanto para a não sustentação de uma integração corporal. É assim, no cartão VI, onde a solicitação simbólica, de alguma forma, se assemelha ao cartão IV, inscreve-se uma evolução de si mesma enquanto identidade subjectiva na função de contenção numa intersubjectividade. É pois uma coerência e ligação psíquica latente na incoerência manifesta, a inter-relação da abordagem que faz a adolescente, nestes dois cartões.

No cartão IV, observamos um mesmo movimento de utilização da identificação projectiva, na relação  $Eu \leftrightarrow Outro$ , no esboço da função de contenção, por parte da pré-adolescente. Assim, temos neste cartão, o ensaiar de uma função de contenção que se planeia dentro de um *entre* dois, pela união entre diferentes elementos parciais que resultam num todo, enquanto na adolescente observamos, igualmente num cartão paterno, a possibilidade de ensaiar a função de contenção, a partir da ligação entre dois objectos totais e, a partir desses, criar um novo objecto total.

Podemos pensar em que medida esta questão se liga ao uso da identificação projectiva na formação do feminino, na formação de uma função de contenção, que tanto serve um sujeito na relação intersubjectiva com um Outro, pelo afirmar e confirmar das suas diferenças enquanto dois sujeitos diferentes, assim como na construção do feminino em/na relação ao masculino. E será da formação do feminino que se trata, pois se observarmos a conteúdo latente dos dois cartões onde esse ensaio é efectuado, percebemos que se referem à relação na relação  $Eu \leftrightarrow Outro$ , ao feminino em/na relação ao masculino.

Por fim, pensamos que as duas raparigas, em relação aos rapazes, apresentam um investimento maior da dinâmica dentro/fora, e o recurso ao imaginário na configuração de uma identidade subjectiva, e, dentro dessa, no aproveitamento da facilidade perceptiva, na relação  $Eu \leftrightarrow Outro$ , surgem movimentos, numa relação

*simbiótica* entre si e os seus pensamentos, de estruturação do feminino a partir do investimento na profundidade de si mesmas, a partir da função continente. Esta situação é confirmada pelo facto de efectuarem este investimento num cartão unitário, ao contrário daquele efectuado pelo adolescente, como iremos observar. Ainda é possível observar então uma relação entre os determinantes utilizados e a função de contenção, numa aproximação da função de ser continente com a tarefa de ligação e união entre as emoções.

### Cartões Bilaterais (II, III, VIII, VIII, IX, X)

No cartão II e III, assistimos a resoluções, por parte da pré-adolescente, perto da *unidimensionalidade*, perto da *posição esquizo-paranoide*, na dispersão intensa de articular um corpo inteiro face a solicitações perto da identidade sexual, à qual se conjuga o processo de separação – individuação ainda não assegurado, o que leva à projecção de uma amálgama de conteúdos sobre um outro, na procura da significação.

Do caos perceptivo do cartão, percebemos a colagem do caos psíquico, sem contrapartida nos investimentos que a pré-adolescente tenta alcançar. Percebemos o derrame de si num movimento regrediente, sem perder, contudo, uma ordem de investimentos, se pensarmos que dentro desta dispersão existe uma ordem de cercar, quer a figura, quer o fundo, quer o dentro, quer o fora, numa procura de unificar um limite separador entre si e o outro, entre si e o objecto.

No cartão III, onde a facilidade perceptiva se realiza no relacional entre dois, é visível a procura de integração corporal perdida no cartão anterior, é visível o uso da identificação projectiva na reparação simbólica de um corpo atingido, a procura de um outro que signifique, que tolere e que possibilite a passagem de uma *transformação projectiva* a uma *transformação de movimento rígido*. Contudo, depois de uma elaboração de si mesma, através de um outro, num relacional entre dois, o aproximar-se de novo do objecto que lhe suscita angustia, inserido no relacional e no pulsional, na diferenciação, percebemos a dispersão como expressiva

do efeito dessa aproximação, ao significar e elaborar de um relacional entre si e um outro.

Não é, pois, possível à pré-adolescente aproximar-se de uma *relação simbiótica* entre si e o outro, pela dispersão que tal expressa, o que faz com que neste cartão, onde a solicitação simbólica reenvia para a significação de ( $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ ), haja primeiro um movimento, na utilização da identificação projectiva de integração si mesma, numa localização referente ao eixo central de um outro (mancha). Contudo, tal ocorre com referência ao vermelho pulsional, seguindo-se a tentativa de integração de pulsional, dentro de uma relação intersubjectiva que não é todavia alcançado. É pois a tentativa de transposição de uma  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$  dentro de ( $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ ) se tomarmos em conta os movimentos intra e inter-respostas, ou seja, a ordenação da dispersão na última resposta remete precisamente para esta situação, para esta movimentação de uma primeira resposta a uma segunda resposta.

No cartão VII percebemos o processo de separação – individuação não assegurado por esta pré-adolescente, já anunciado no cartão II. Assim como pretende situar-se num relacional, à semelhança do cartão III, pretende igualmente afirmar e significar a sua oscilação entre passado e futuro, entre infantil e adulto, movimento este inscrito na confusão entre reinos. Embora a nomeação de apenas um, quando dois estão presentes, seja relevante da forma como vive consigo mesma, dá-nos conta, igualmente, da solicitação ao relacional. Esta solicitação é assegurada por diversos movimentos de a recusar, pois a acção da pré-adolescente centra-se no manter-se firme entre o processo de separação – individuação e o relacional entre iguais, entre a *relação comensal*, como relação que privilegia alguma bidimensionalidade entre pensamentos e pensador, e a *relação simbiótica* sem estruturação certa.

A entrada num relacional preenchido (Cartão VIII) na partilha afectiva, leva-a num esbatimento de limites, onde a fusão entre sujeito e objecto, entre um Eu e um Outro, não encontra caminho pela desligação e integração do sujeito em relação. Desta forma, a procura de um apoio num outro descreve-o nos movimentos seguintes, no asseguramento de si mesma através de um outro-continente externo. Tal possibilita de novo um mergulho no relacional, na procura da sua significação, na procura de estabelecer e nomear um relacional com acento no *comensal*, no qual a nomeação de

um apenas se realça como medida de manter dentro de si, a significação da solicitação simbólica, embora a sua re-a-presentation a um outro, presente na situação projectiva, não seja possível.

No cartão seguinte (IX) onde a solicitação reenvia para a relação que o sujeito estabelece consigo mesmo, após e durante a relação Eu – Outro que decorre na sombra simbólica dos dois cartões que antecedem este (cartão VII, VIII) e o que o precede (cartão X), percebemos a procura do seu posicionamento em relação às emoções suscitadas que se faz a partir da localização de um continente externo. Esta situação é possível de observar no esbatimento de limites que percorre todas as respostas a este cartão, e que nos indica a não possibilidade da pré-adolescente significar a relação sujeito/objecto, como sujeito separado e individuado e na especificidade de ser na diferença, quando esta é nomeada como desconhecido.

Numa estratégia que temos vindo a sublinhar como fazendo parte de uma estruturação para a integração, observamos que no último cartão e dando conta das suas dificuldades de separação, ocorrem vários momentos de narcisização, dos quais salientamos a fusão entre dentro e fora, mundo interno e mundo externo, como forma de assegurar um corpo inteiro. Contudo, na impossibilidade de efectuar uma desligação e separação entre dois, emerge a procura do sonho, como medida para colmatar a falta sentida no desapego. Salientamos o mesmo movimento de identificação projectiva, quer no cartão X quer no cartão II quer no cartão III. Contudo parece-nos que, neste último cartão, a pré-adolescente significa de forma clara o apoio num outro continente, através da formação da imagem conceito que remete para a tentativa de situar nos limites entre o Eu e o outro o acolhimento de si mesma, isto é, remete para a bidimensionalidade entre si e um outro como forma de segurar e significar um corpo total.

Pensamos, então, que face aos cartões bilaterais, a pré-adolescente utiliza a identificação projectiva ora na procura de um continente externo que assegure um corpo atingido pelas fortes pressões pulsionais, ora como significador de angústias na separação e individuação, face ao futuro colocado e nomeado como desconhecido.

O continente localizado inscreve-se na procura de conforto, quando o conteúdo é colocado no processo de separação – individuação, assim como na procura da igualdade, da *bidimensionalidade*, quando o futuro se aproxima, quando o conteúdo é da ordem de uma *tridimensionalidade* no relacional, é da ordem da diferenciação sexual, ao qual se junta um movimento de *unidimensionalidade*, de regressão perto da *posição esquizo-paranoide*, com objectivos no chegar à sintonização da *bidimensionalidade*. Se pensarmos que ocorre uma evolução entre a pré-adolescência a adolescência podemos pensar que aqui se torna importante esta pré-adolescente chegar a um patamar já alcançado pela adolescente, e este poderá ser descrito como o alcance de um limite que tanto serve ara separar e afirmar a separação entre mundo interno e mundo externo, na relação entre si e um outro, assim tanto como serve de continente na bidimensionalidade quando a identidade sexual assume uma caráter total de um corpo genitalizado, total, em relação com um Outro.

No cartão II assim como no cartão III, regista-se a dispersão como forma de actuação da adolescente, face ao pulsional inscrito no relacional, sobre o qual não é possível a reparação simbólica, a restauração de um corpo atingido, a passagem de uma *transformação projectiva* a uma *transformação de movimento rígido* que implique a mudança, a simbolização a partir a dinâmica de  $PS \leftrightarrow D$ . Percebemos um continente trespassado por fragilidades narcísicas, incapaz de estabilizar uma posição que pretende alcançar na *bidimensionalidade*, num limite separador entre o dentro e o fora, entre o mundo interno e o mundo externo, entre si e o outro. Não se torna clara a utilização da cisão normal como operação normal com vista a uma posição depressiva e a apreensão de um objecto total. Percebemos vários movimentos no dentro e no fora, na figura e no fundo, com vista ao alcance de uma separação. Contudo, na amalgama de conteúdos não elaborados, ocorre a expulsão de elementos não significados, na procura de uma contenção. Descreve-se, então, uma *relação parasitária* como relação  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ , que caracteriza as respostas ao cartão II e III à semelhança do que ocorre com a pré-adolescente, embora haja alguma diferença entre conteúdos, e objectivos a alcançar como continente, pois enquanto na pré-adolescente observamos, no cartão II, as referencias orais mais específicas, na adolescente observamos a diferença entre feminino e masculino como questão central, embora no cartão II haja igualmente referência ao oral, conjugando-se estas questões na impossibilidade de contenção, pelas fragilidades narcísicas que suscitam.

No cartão III, distinguem-se os investimentos, embora pese o duplo investimento que faz no dentro e no fora, na figura e no fundo, no derrame do mundo interno sob o mundo externo, caracterizando, igualmente, a sua abordagem, a este cartão, na ligação na extensão entre os *functores* ♀♂. Denota-se uma tentativa em alcançar a superficialidade de uma relação que assegure a sua identidade subjectiva colocada num relacional à semelhança do movimento efectuado no cartão anterior.

No cartão VIII, no relacional com o materno e com o feminino, observa-se de novo a recusa da adolescente como forma de afastamento, de procura de um tempo de espera que espera, sem que essa situação suscite em si as fragilidades narcísicas expressas no cartão II e cartão III.

No cartão VIII, IX e X, percebemos, por parte da adolescente, um investimento no relacional através de uma procura de estabilizar e manter um continente rígido, duro e impermeável, após uma entrada no desconhecido relacionado com o futuro, no qual se esboça o preenchimento de uma identidade subjectiva na diferenciação, na tentativa de integração das emoções. O conteúdo projectado num outro, no cartão VIII, é submetido a um outro continente que o signifique e albergue no cartão IX e faz referência, a nosso ver, precisamente à sua identidade sexual. Pensamos que numa análise inter-cartões, do relacional que remete para a relação  $\text{Eu} \leftrightarrow \text{Outro}$ , para o relacional consigo mesma, observamos a tentativa de significar esse aprofundamento localizado como desconhecido num outro primeiro e depois em si mesma. Contudo, e também à semelhança dos movimentos utilizados no cartão II e no cartão III, observamos o investimento duplo num outro, no dentro e no fora, na figura e no fundo, com vista à restauração e representação simbólica.

No relacional com um Outro e na impossibilidade de uma continência dessa interioridade, a adolescente recorre de novo ao Outro, na tentativa de significação da diferenciação, a partir de uma expulsão da tensão interna que a solicitação simbólica nela suscita ao nível da significação em si, do desconhecido, dada a fragilidade sentida e incapaz de ser contida, expressando uma convivência consigo própria ainda incapaz de assegurar uma contenção por si. À semelhança dos movimentos efectuados no cartão II e no cartão III, embora a expressividade da violência do

impacto não seja notória e, a nosso ver, isso deve-se às cores pastel que poderão reenviar para uma harmonia, encontramos de novo, nos cartões IX e cartão X, investimentos quer na figura quer no fundo, quer no dentro quer no fora, quer no mundo interno quer no mundo externo, quer no Eu quer no Outro, de forma a encontrar uma delimitação, uma “pele” psíquica, que separe ao mesmo tempo que ligue. É-nos possível observar a identificação projectiva utilizada, quer como fundo, quer como destaque nas duas respostas que a adolescente apresenta nos cartões IX e X. O duplo investimento sem vez, sem tempo de espera como o outrora, e na mesma vez expressa a necessidade de estabilizar um lugar num espaço intermédio, da relação ♀ ↔ ♂.

### No pré-adolescente e No adolescente:

#### Cartões Unitários (I, V, IV, VI)

No pré-adolescente salientamos um início angustiado, onde o abismo da relação intersubjectiva é vivenciada através da expulsão de uma angústia perto do persecutório e que se inscreve em fragilidades narcísicas, que não encontram lugar de sonho para serem transformadas. A *ligação entre funtores ♀ ♂ na extensão* entre um Eu e um Outro esboça-se numa primeira abordagem à tarefa e dá-nos conta da receptividade ao mundo externo que distorce e não possibilita a significação de um corpo total.

No cartão V, observamos o colocar primeiro de uma angústia suscitada no cartão anterior (IV), que se prende com detalhes fálicos, e que seguem um caminho aqui com vista à integração. A facilidade perceptiva deste cartão, leva o pré-adolescente a ensaiar uma contenção de si mesmo, partindo do parcial, e seguindo um trilho pelo acolhimento no pensamento social, na adaptação à realidade e depois na recriação de si mesmo, o que nos leva, de novo, a acentuar o apoio de um Outro numa integração, como forma de assegurar a reunião e significação. Neste cartão assistimos a um palmilhar psíquico como *movimento rígido*, no qual se esboça um *entre a relação comensal e a relação simbiótica*, o que distingue do seu par feminino. Contudo, esta *relação simbiótica*, se vivenciada na intersubjectividade, remete para a intoxicação e

para a desarticulação, que também o distingue do seu par feminino. Mas salientamos que a facilidade perceptiva de um outro (mancha) permite, no não aprofundamento, a este pré-adolescente, esboçar passos na recriação sobre uma recriação, num movimento progrediente, que, de alguma forma, nos dá conta da utilização da identificação projectiva na reconstrução numa função de contenção, aqui na relação de si para si mesmo, mas num afirmar, mesmo que na superficialidade de uma imagem, de uma identidade masculina. É pois uma aproximação a uma relação *simbiótica* na relação consigo mesmo.

No cartão IV e VI, assistimos a um movimento que pretende assegurar uma identidade subjectiva ligada a uma imagem de poder. Contudo, não é possível um balanceamento equilibrado entre a fantasia e a realidade, o que leva à distorção do estímulo e remete para uma *transformação projectiva*. No fecho do campo perceptivo, que acompanha o fecho do investimento que o pré-adolescente efectua, pela capacidade de jogar no parcial, a significação de um objecto total.

Pensamos que quer as duas repostas ao cartão IV, assim como a única resposta ao cartão VI, o colocam num *entre*, a realidade e a fantasia, entre mundo interno e mundo externo, entre dentro e fora, entre delimitar e significar, entre o objecto interno e o objecto externo, entre o passado e o futuro, no qual a saída pela regressão, o mergulha na dispersão, assim como a passagem para um futuro o desliga de uma unidade psíquica e física, não sendo portanto no convívio consigo mesmo de um conteúdo intoxicado, expulsá-lo num outro, à semelhança do que ocorre no cartão IV, no adolescente.

No cartão I como cartão unitário e que reenvia para a integração corporal e como entrada numa situação intersubjectiva, percebe-se, por parte do adolescente, uma *relação comensal* entre pensador e os seus pensamentos, numa *transformação de movimento rígido*, na qual a prioridade parece ser o estabelecimento de um contacto suave entre sujeito e um Outro, mediado esse contacto pela rigidez e delimitação forte entre Um e um Outro. A *bidimensionalidade* que se inscreve nesta resposta, volta-se a verificar no cartão V, havendo, contudo, uma diferença em relação ao pré-adolescente, que remete para a segurança na integração corporal, ao ponto de esboçar num ir mais além do envolvimento com um outro, a partir de um envelope

perceptivo, e descrever a relação que estabelece consigo mesmo através de um julgamento que, mesmo retirando, assegura e re-confirma a sua própria representação face a um outro.

No pré-adolescente, à semelhança do movimento que vai do parcial ao total na pré-adolescente, observamos o uso da identificação projectiva na relação Eu  $\leftrightarrow$  Outro, com objectivos na integração de detalhes fálicos a partir dessa integração, num *entre*, para uma recriação de si mesmo. No adolescente, verificamos o uso da identificação projectiva, e à semelhança do seu par feminino, no reconfirmar de si mesmo através dos limites separadores entre si e o outro, no acolhimento que esse re-confirmar possibilita num caminho de aprofundamento de si mesmo, na aproximação a uma *relação simbiótica*.

Nos cartões IV e no cartão VI, é possível observar, no adolescente um caminho homogéneo, no qual a *relação comensal* expressa a separação entre sujeito e objecto, através da ligação na tensão entre sujeito, continente e conteúdo, ou seja é possível observar a identificação projectiva empática no relacional que estabelece com um outro (mancha) sendo também utilizada na relação que estabelece consigo mesmo, através de um limite que separa ao mesmo tempo que liga e integra o equilíbrio entre o mundo interno e o mundo externo.

Parece-nos que, assim como o seu par feminino, o adolescente apresenta uma necessidade em compactar e condensar, contudo, salientamos no cartão IV, a *expulsão de uma tensão interna sobre um Outro (mancha) que leva a que o dentro e o fora se confundam momentaneamente*, contudo, a nosso ver, é pela utilização de um determinante cinestésico que esta possibilidade de se torna efectiva, que remete por sua vez a uma expressão de ligação e união a um outro seguida de uma separação e individualização, tanto que nesta transposição de partes de si mesmo sobre um outro, isto é no uso da identificação projectiva, não se verifica a procura expressiva de um objecto, mas sim a expulsão de uma tensão, tensão essa que pode ser pensada como aquela (*dialéctica*) que se verifica na relação consigo mesmo, aquando a *relação comensal* não é suficiente face à evolução em que se encontra assim como a *relação simbiótica*, na relação consigo mesmo, não é ainda sustentável. A fusão e o envolvimento com uma identidade sexual leva o adolescente a perder os limites entre

o dentro e o fora, que caracteriza esta resposta pela ligação entre *functores na extensão* entre continente e conteúdo, entre um Eu e um Outro, de forma a que este outro suporte a tensão ainda não possível de significar por si, referente à imagem corporal genitalizado. Percebemos nesta resposta que a fusão e o envolvimento com um outro não segue um caminho até à separação e individualização daquilo que é um Outro e aquilo que é um Eu, na necessidade de uma re-integração corporal, mas sim uma expulsão limitada.

### Cartões Bilaterais (II, III, VII, VIII, IX, X)

No pré-adolescente percebemos estratégias diferentes, em relação quer ao adolescente quer à pré-adolescente. No cartão II, percebemos a procura de um continente externo suficientemente duro e rígido que albergue um vazio interior sentido que o leva à dispersão, face as solicitações pulsionais. Pensamos, contudo na não especificação do apoio de um outro, na não sintonização entre a necessidade de um continente específico em si mesmo numa relação harmoniosa com a intensidade sentida, desfaz-se a tentativa de significação e contenção da falha sentida face ao pulsional.

Este movimento de procura de um outro, desloca-se na progressão, na possibilidade de contenção de fragilidades narcísicas, contudo num avanço maior que as pernas, de seguida, o pré-adolescente investe no alcance de um significação perto da identidade diferenciada de um outro, contudo, no ainda não assegurado corpo inteiro, perde a significação de uma evolução desejada, o que remete para uma *relação parasitaria* entre sujeito e objecto.

No cartão III, é visível esse desejo sobre o futuro, pelas duas primeiras respostas que dá. Numa localização enquadrada de “*duas mulheres*” em relação, a qual se expressa o aprofundamento pela resposta seguinte, no alcance de uma *relação simbiótica* entre si e o objecto que tenta alcançar, entre si e o outro que se pauta numa relação entre diferentes, leva-o, de novo e à semelhança do que ocorreu no cartão I, a um movimento projectivo revelador de uma grande angustia, e que expressa, de novo uma *relação parasitaria* entre si e os seus pensamentos. Esta situação, que se

inscreve na sua reacção face aos avanços sobre o futuro é visível no cartão VII, aonde os seus investimentos com vista à reparação simbólica se revestem de um movimento de narcisação para fazer frente à fusão com um outro diferente, contudo, não há possibilidade por parte do adolescente encontrar uma representação simbólica, o que coloca todas as respostas ao cartão VII na linha de ligação entre continente e conteúdo perto da *relação parasitária*, pelo não alcance de uma conexão entre a *relação comensal* e a *relação simbiótica*, que é, a nosso ver, onde se coloca o pré-adolescente, ou seja, no uso da identificação projectiva como terceiro intersubjectivo onde recai a nomeação e a significação assim como a comunicação a um outro, de uma relação Eu – Outro. Num além processo de separação – individuação, num trabalho solitário, onde o movimento a um continente materno não é colocado como opção.

Num conto de si próprio que nos leva ao perceber o seu relato da relação que estabelece com os outros e como convive consigo próprio essa situação, no cartão VIII, decorre uma entrada pela criatividade que o diferencia ligeiramente de um banal e corrente, na nomeação de um quando dois estão presentes, numa mesma estratégia já utilizada pelo seu par feminino, neste cartão. No movimento seguinte percebemos a procura de um outro que suporte e elabore uma angustia suscitada em termos corporais e na não contenção dessa ligação, o pré-adolescente investe pelo nomear directo de um apoio, tentado na sua significação, contudo, na ligação extensa entre continente e conteúdo, inscrevem-se duas transformações projectivas que não possibilitam a elaboração de elementos intoxicados, perdendo-se a significação de um conteúdo que transporta o apelo ao outro. A nosso entender, ao perder-se este posicionamento perde-se a possibilidade de se inscrever na *relação comensal*, aqui percebida como a relação do sujeito com um outro.

Pensamos que a tentativa de esboçar um conteúdo num outro, neste sujeito, existe desde o primeiro cartão, contudo achamos que nem sempre o consegue, pois a má qualidade formal neste protocolo e que o distingue de todos os outros, de alguma forma remete para esta dificuldade em especificar e delimitar um conteúdo, no apelo ao outro.

No cartão seguinte, percebemos a configuração emocional dada pelo pré-adolescente à relação eu – outro, e esta estrutura-se na dispersão e ligação que não encontra um ponto de desligação, tentado na integração corporal. Contudo não é alcançada, levando de novo a uma inscrição repetida neste protocolo, “*olhos*”, que invadem e não possibilitam a função de contenção. Parece-nos então que este sujeito não sustenta dentro de si uma *relação simbiótica* quando esta está inserida numa situação intersubjectiva, contudo apreende-a pelo desejo em alcança-la, mas no seguimento desta inserida na identidade sexual, perde-se a função de contenção, assim como a integração corporal segue um caminho regressivo, e que pelo não encontrar de um tempo, de um conteúdo específico, leva a que o apoio no outro assuma um carácter intenso.

Se relacionarmos esta acção do pré-adolescente com o uso que faz da identificação projectiva percebemos que tanto a partir deste se opera um movimento sobre um outro-continente, assim como a configuração desse outro como continente acerca-se de algumas características que nos parecem estar situadas ao nível da passagem PS → D, ou seja, assentam na procura da separação, na procura de limites entre o sujeito e o objecto, com vista à projecção de um conteúdo bem definido num apelo bem especificado e circunscrito, o que se relaciona com a receptividade e a sensibilidade em que se encontram quer os pré-adolescentes quer os adolescentes. Contudo, também podemos pensar que esta dispersão na especificação de um conteúdo, que se encontra de forma menos flagrante na intensidade nos outros sujeitos mas também de forma mais expressiva, o que revela uma maior clareza no apoio ao outro-continente, poderá se inscrever a formação das características de um conteúdo, ( ♂ ).

Pensamos que os conteúdos colocados ao nível da diferenciação sexual sejam reenviados a um movimento regrediente intenso que se aproxima do persecutório, pelo seu registo na *relação parasitária* que caracteriza esses movimentos regredientes, no protocolo do pré-adolescente. A ordem que o sujeito coloca na evolução é percorrida num caminho rígido e obedece a estratégias ordenadas o que se reordenadas por um outro, resultam em angustias intensas a nível de um corpo atingido. O outro, é pois colocado, numa ordem de evolução que o pré-adolescente determina na sua tarefa. No último cartão é possível observar esta situação se relacionarmos os substantivos utilizados pelo sujeito com a relação que emprega

entre eles. É pois um movimento regrediente que caracteriza o cartão X, na sua impossibilidade de encenar uma regressão no relacional. As duas primeiras respostas percebemos a nomeação de um quando dois são perceptíveis, num investimento que vai de uma entrada numa *transformação rígida* seguindo de um movimento rígido, no qual é possível, assegurar um corpo inteiro, contudo na última resposta, percebemos um movimento que vai além do deslocamento em engramas em animais e ressalta o apelo à natureza numa atitude mais infantil para lidar com o esbatimento de limites entre si e o outro, dando conta de dificuldades deste pré-adolescente em elaborar e significar o processo de separação – individuação.

Pensamos que as características do continente, neste pré-adolescente, obedecem a uma estratégia que remete para a *bidimensionalidade* da significação procurada. Quando o conteúdo a integrar se localiza perto de um outro (mancha), o esbatimento de limites é notório e todas as suas acções se resumem ao procurar de um suporte não muito perto, não muito longe, mas sim a uma distância suficientemente boa que signifique e possibilite a sustentação de um corpo inteiro. Pensamos que este *entre* o longe e o perto remete para uma estratégia por si utilizada para colmatar a não especificação dos conteúdos projectados, remete pois para a significação de um limite, de uma delimitação.

No adolescente, quer no cartão II assim como no cartão III, à semelhança do seu par feminino, regista – se a dispersão, face ao relacional inscrito no pulsional, face à integração de uma identidade subjectiva numa intersubjectividade. Perto da *posição esquizo-paranoide*, não se encontra a possibilidade, deste sujeito fazer frente à amalgama de conteúdos embaraçados em angustias suscitadas em fragilidades narcísicas na insustentação de um corpo genitalizado. Não é pois possível a passagem de uma *transformação projectiva* a uma *transformação de movimento rígido*, dada a *relação parasitária*, tal como aquela que se regista quer no cartão II, quer no cartão III.

Esta situação não é suficiente para o sujeito, ao contrário do pré-adolescente voltar a investir quer após a primeira resposta ao cartão II, quer depois da primeira resposta ao cartão III, com objectivos no encontrar de uma separação entre si e um Outro.

Pensamos que esta situação pode expressar a sustentação de corpo atingido nas suas fragilidades, sem que seja necessário um re-voltar sobre um Outro por forma a que este contenha e albergue um corpo desarticulado. Pensamos então, que mesmo nalguma contrariedade face à dispersão que surge nestes cartões, uma sustentação de si mesmo na dor.

Contudo salientamos quer na resposta ao cartão II quer ao cartão III, um continente interno trespassado por fragilidades narcísicas que inabilitam a contenção do pulsional integrado num relacional. Assim, à semelhança dos movimentos efectuados pelo seu par feminino, encontramos o duplo investimento num Outro, ou seja, encontramos o duplo investimento, sem vez e numa mesma vez, entre dentro e fora, entre mundo interno e mundo externo, sendo que este investimento duplo reenvia para a projecção da ligação bidireccional da relação *continente*  $\leftrightarrow$  *conteúdo* num Outro, que signifique e albergue uma intersubjectividade, entendendo esta, neste contexto, como tarefa a ser encaminhada para uma representação simbólica. Mas, na impossibilidade de utilização de uma cisão normal, encontramos a projecção da tensão e da intersubjectividade num Outro. Descreve-se então uma *relação parasitária* como relação  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ , que atinge uma integração corporal, a nosso ver, pelas emoções dispersas e que fazem dispersar a passagem de PS  $\rightarrow$  D.

No cartão III, nalguma diferença do seu investimento ao cartão II, encontramos a *estranheza* que um corpo genitalizado suscitada no adolescente, diferenciando-se desta maneira, os conteúdos projectados num outro, no cartão II, mas que se assemelham aos conteúdos projectados por parte da pré-adolescente, assim como se diferenciam do seu par feminino. Esta a nosso ver insiste num mesmo registo que é o seu confronto de um corpo no feminino face ao masculino, enquanto o Adolescente projecta sobre um outro, a angústia do seu próprio corpo genitalizado, sendo portanto este movimento, em comparação com a adolescente, mais individual. Pensamos pois que aqui também se coloca a questão da formação e delimitação de um conteúdo a projectar num outro, enquanto o tempo espera e vai alargando um espaço psíquico contentor de si mesmo, na evolução.

Em relação ao pré-adolescente, percebemos o afastamento de um corpo sexuado como medida para fazer uso de uma fusão e envolvimento e chegar pela tridimensionalidade psíquica à profundidade de um outro que liga e tenta integrar com um Eu diferente, numa relação *simbiótica*, contudo a dispersão interna e não projectada sobre um exterior, leva a que a regressão que efectua a seguir o leve numa invasão de espaço que não espera por um alargamento, e não possibilita o pensar.

Pensamos que ao contrário do adolescente, neste sujeito, não existe pois capacidade de se sustentar numa *tridimensionalidade psíquica* na intersubjectividade e dentro dessa, na sua não contenção, tal como ocorre com os outros sujeitos, se dispersar sem que essa dispersão resulte numa desarticulação violenta. Pensamos que esta questão se relaciona directamente com as dificuldades encontradas, neste pré-adolescente a efectuar uma passagem de PS a D, o que implica igualmente a não delimitação de um conteúdo a projectar num outro. Pensamos ainda que esta situação remete então para não capacidade de fazer uso de uma contenção interna que possibilite que os movimentos regredientes, de alguma forma encontrem um ponto de equilíbrio sobre um outro, como por exemplo é visível na pré-adolescente em que o eixo central é utilizado quando a expressão da dispersão atinge um nível duplo na relação Eu ↔ Outro.

No cartão VII, percebemos por parte do adolescente um caminho no qual as características de um continente, sólido o suficiente, sem possibilidade de flexibilidade quer ao regressivo quer ao progrediente, sustentam uma imagem-conceito que expressa o relacional. Há pois possibilidade de efectuar uma transposição da *tridimensionalidade psíquica* para a situação intersubjectiva e criar a partir da profundidade de si e de um outro uma objecto total que contem ♀ ↔ ♂, mesmo que efectuando sobre este relacional uma igualdade, uma *bidimensionalidade* que a nosso entender remete mais para a sustentação dos seus limites na diferenciação entre si e o outro, do que um relacional narcísico o qual por sua vez remeteria para dificuldades no processo de separação - individuação. As suas duas respostas a nosso entender, remetem para o que acima é descrito, pois enquanto na primeira observamos o encenar do relacional, na segunda, e na necessidade de sustentar esse relacional, surge como resposta um continente sólido que sustente dentro de si, essa mesma representação. É pois sobre um cartão referente ao materno

e ao feminino que este adolescente ensaia uma função de contenção em si, do relacional.

No cartões VIII, IX e X percebemos, por parte do adolescente um investimento no relacional através de uma procura em estabilizar e manter um continente rígido, duro e impermeável, à semelhança do efectuado no cartão VII, após uma entrada no desconhecido relacionado com o futuro, no qual se esboça o preenchimento de uma identidade subjectiva na diferenciação, na tentativa de integração das emoções. Pensamos que a não especificação, na entrada em situação relacional, possa ficar a dever-se, à tentativa de manter os limites entre si e um Outro, manter portanto uma *relação comensal*.

No cartão IX à semelhança do uso da identificação projectiva utilizada de forma excessiva, percebemos um investimento no dentro e no fora, na figura e no fundo, na projecção da relação  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ , esbatida na interpenetração das emoções que fragilizam um corpo atingido numa intensidade até então conseguida de conter em limites rígidos, à excepção do cartão II e III, contudo ensaiados nos restantes cartões e respostas. Nesta resposta percebemos o movimento regrediente perto da *unidimensionalidade* sem que contudo essa situação transporte o persecutório do pré-adolescente ou a dispersão face à não delimitação de um conteúdo intolerado.

Pensamos que enquanto no pré-adolescente se observa a tentativa de delimitar o apoio que do outro pretende, no adolescente percebemos a impossibilidade de sustentar uma identidade sexual subjectiva na intersubjectividade de um relacional colocado na profundidade, na harmonia entre emoções e representações.

No último cartão no acender da temática de separação – individuação percebemos por parte do adolescente a regressão, a expulsão de uma forte tensão pulsional que toda a situação intersubjectiva em si suscitou, tal como ocorre no cartão IV, não na sua semelhança de contextos, mas como forma de se fundir e envolver com um outro e remeter depois da expulsão, a separação entre si e o outro, ou seja na capacidade de ir, e relacionar-se, e vir até si mesmo, num movimento resiliente, sendo que o conteúdo actuado nessa relação inscreve-se na expulsão de uma tensão interna. Ao contrário do seu par feminino, observamos que esta projecção sobre um outro é

aguentada dentro de um continente sólido interno, contudo pela transbordação das emoções e da pressão que esta situação no adolescente provoca, percebemos uma projecção sem objecto e na necessidade de espaço, espaço para pensar, para sonhar a relação ♀↔♂.

Pensamos por fim, e no seguimento do que se tem descrito como movimentos implícitos no uso da identificação projectiva quer no pré-adolescente quer no adolescente, e à semelhança do que ocorre nas raparigas, pensamos que existe uma diferença fundamental que depois implica o uso da identificação projectiva quer na sua aproximação ao patológico quer na sua aproximação ao empático e que é o facto de no adolescente se perceber a delimitação de conteúdos, por certo, não tolerados em si mesmo, mas que acompanham no apoio ao outro, a sua possibilidade de significação, devido, a nosso ver, na presença psíquica de uma integração corporal que aclara e permite a delimitação de conteúdos a projectar. Enquanto no pré-adolescente essa situação não se torna clara, o que leva a que a oscilação entre a relação parasitária, relação comensal e relação simbiótica varie quer na intersubjectividade quer na integração de uma identidade subjectiva e a nosso ver esta situação inscreve-se precisamente na dificuldade em delimitar e especificar, na relação que estabelece consigo mesmo, dos conteúdos intolerados, e a serem projectados sobre um outro. Entendemos esta dificuldade na não segurança de uma integração corporal.

### **8.3.2.1. Da Pré- Adolescência à Adolescência**

O uso da identificação projectiva, na comparação entre a pré-adolescência e a adolescência propriamente dita, inscreve-se, por parte dos primeiros, numa necessidade maior em investir num outro (mancha) como forma de se assegurarem a si mesmos de uma unidade psíquica e física. As estratégias utilizadas, dentro da relação Eu↔ Outro, que encontramos por parte dos pré-adolescentes, remete para a procura de limites diferenciadores de si mesmos, através de um continente externo

(outro) que acolha e albergue elementos não elaborados e que possibilite, pela sua função de contenção, uma acomodação, na vivência consigo mesmos, que resuma a delimitação entre sujeito e objecto, entre sujeito e outro. O afirmar e confirmar de uma *identidade subjectiva* parece-nos ser a questão central na tarefa de significação de si mesmos, num enquadramento total e rígido. A identificação projectiva surge num caminho entre a *unidimensionalidade e a tridimensionalidade*, surge como forma de limite entre dois, na tentativa de estabilizar, na relação que estabelecem consigo mesmos, na *bidimensionalidade*, na qual colocam a relação *continente* ↔ *conteúdo*. Esta situação conjuga-se com o estabelecimento de uma *relação comensal* entre si mesmos e os seus pensamentos, no caminho da evolução, da identificação e na integração de um corpo atingido na voracidade das moções pulsionais.

*Na Relação ao Corpo*, parece-nos que existe um ensaiar sobre um Outro, a projecção de conteúdos ainda não significados, isto é, um ensaiar num *entre dois um*, eles mesmos, numa relação *entre* o dentro e o fora, *entre* o mundo interno e o mundo externo, *entre* sujeito e objecto, com objectivos numa devolução da significação que leve à recriação de um espaço interno alargado. Este *um entre dois*, é visível em todos os cartões, embora a nosso ver se inscreva directamente como conteúdo e como identificação projectiva utilizada, pelos pré-adolescentes, nos cartões VIII, IX e X. Nestes cartões, e tendo em conta que remetem para a intersubjectividade, para a relação entre dois, na qual a apreensão dessa realidade se realiza pela significação do preenchimento da relação, encontramos como conteúdo ensaiado sobre um Outro, a relação ♀ ↔ ♂, como projecto de um corpo psíquico e físico a unificar.

*Na Relação ao Outro*, e tendo em conta o que acima é descrito, parece-nos que aqui se expressam através da relação que os sujeitos pré-adolescentes estabelecem com um Outro, as características do continente, assim como as características de conteúdo. Assim temos,

- *No pré-adolescente* encontramos a tentativa de especificar o apoio que pretende de um Outro, através da caracterização desse Outro como sendo igual a si mesmo. A função de contenção requerida num Outro, passa pela *bidimensionalidade* de forma a assegurar um corpo inteiro na fusão e no envolvimento, num projecto de

recriação. Esta situação ocorre quando a diferenciação entre si e um Outro surge como solicitação simbólica, ou quando a profundidade de uma relação colocada na intersubjectividade é demanda na construção de um símbolo. Este Outro, assim como serve de continente externo, onde o sujeito coloca os seus conteúdos intoxicados e não delimitados – na *ligação entre os funtores colocada na extensão dialéctica* – também serve de conteúdo, pois é uma referência a quadros internos, no qual o vazio procura preenchimento. Pensamos que este vazio também é tentado na elaboração a partir de um outro espelho, o que reforça e torna coerente a relação entre iguais, para a qual este sujeito reenvia a elaboração de uma resposta Rorschach.

O colocar da intersubjectividade na *tridimensionalidade*, como é visível no cartão III, e aproximar-se de uma *relação simbiótica* com um Outro, leva a que se estabeleça, em termos internos uma *relação parasitária* entre si e os seus pensamentos, resultando em movimentos regredientes e na expulsão de elementos dispersos num outro. Pensamos que nesta situação se expressa a sua dificuldade em integrar um futuro colocado na identidade sexual. Contudo salientamos a possibilidade de ensaiar no inter-relacional a identificação projectiva utilizada como terceiro intersubjectivo embora não seja sustentável pela fragilidade na delimitação diferenciadora entre si e o outro (mancha), entre a percepção e a projecção.

Pensamos que a questão central, neste pré-adolescente se coloca ao nível de uma estabilização de uma identidade subjectiva, que na receptividade e sensibilidade a um exterior ainda não encontrou a função de contenção que albergue uma *relação simbiótica* entre si e os seus pensamentos. Desta forma, achamos que na fragilidade do processo de separação – individuação se encontra a necessidade de se separar e diferenciar de um outro como necessidade premente, num mesmo tempo que tenta colmatar fragilidades narcísicas face a moções pulsionais sentidas na sua intensidade, o que torna os seus movimentos toscos numa coordenação psíquica na intersubjectividade da situação projectiva. Contudo, isto ocorre num labor intenso de significação e elaboração, da qual destacamos as duas respostas integradas ao cartão III, que se realizam no preenchimento do relacional com o pulsional e o distinguem dos outros sujeitos estudados. Parece-nos então que assim como se estabelece uma *relação simbiótica* entre si e um Outro, também ao mesmo tempo esta é remetida a uma *relação parasitária*, o que faz com, que neste protocolo, a tarefa se coloque na

procura de uma estabilização de uma *relação comensal*, entre si e os seus pensamentos, entre si e o outro.

- Na *Pré-Adolescente*, encontramos uma maior capacidade em especificar os conteúdos que coloca na relação *entre dois*, entre si e um Outro, o que leva a uma maior especificidade do apoio que pretende de um Outro. Esta situação depois remete para um maior enquadramento de si mesma na relação  $Eu \leftrightarrow \text{Outro}$ . A função de contenção que um Outro exerce tanto remete para a integração de uma unificação corporal e psíquica, quando remete para uma contenção da relação *contínente*  $\leftrightarrow$  *conteúdo* de uma relação intersubjectiva, de uma relação na qual se jogam à vez, com tempo ordenado, receptor e projector.

A especificidade do apoio num Outro, na procura de um espaço alargado está inscrito nas suas estratégias e movimentações que opera face ao cartão II e cartão III, nos quais é possível observar o duplo investimento que faz no dentro e no fora, na figura e no fundo, na projecção da relação  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$  sobre um Outro (mancha), isto é, na projecção do modelo de identificação projectiva, como modelo que leva à recriação simbólica de si mesma na relação com um Outro. Esta situação remete para uma clareza, não visível no pré-adolescente, de uma configuração da desestruturação, da dispersão, – visível nos Adolescentes – face à solicitação simbólica que se realiza na apreensão e significação de um conteúdo colocado no preenchimento do relacional com o pulsional, isto é, que remete, antes de mais, para a sua identidade sexual assegurada primeiro e depois inscrita numa intersubjectividade. O uso da identificação projectiva como *terceiro intersubjectivo* é então submetida à sua projecção pela não capacidade de contenção dessa situação, o que assemelha esta operação à *unidimensionalidade*. A *relação simbiótica* nesta situação é então vivenciada pela pré-adolescente como uma *relação parasitária* – à semelhança do pré-adolescente –. Contudo é possível observar, precisamente pela especificação que coloca na projecção da intoxicação, a possibilidade de recuar, regredir e colocar a *tridimensionalidade psíquica* ao serviço da sua integração corporal, numa *identidade subjectiva*.

Pensamos que a sustentação de uma *identidade subjectiva*, na pré-adolescente se encontra mais estabilizada, isto é, encontra uma delimitação entre mundo interno e mundo externo, entre dentro e fora, capaz de suportar a projecção dentro de um Outro, sem que tal a desarticule. E esta situação, a nosso ver, advém, precisamente de uma relação consigo própria mais elaborada, mais significada, que possibilita a especificação quer do continente requerido, quer dos conteúdos projectados.

Dada esta situação, a evolução alcançada possibilita que, dentro da relação que estabelece consigo própria, e num cartão que remete para a integração corporal, seja possível, a esta pré-adolescente, ensaiar a sua própria *função de contenção*, através de um Outro. Assim, no cartão IV, assistimos num *entre dois*, à ligação e união entre diversos elementos dispersos que resultam num objecto total, elaborado e que apresenta e expressa a dinâmica interno e externo, numa ligação entre *functores* na tensão dialéctica. É possível observar então *uma relação simbiótica* entre si e os seus pensamentos, suspensa numa *relação comensal* entre si e um outro, dando-nos conta do uso da identificação projectiva como *terceiro intersubjectivo*, na relação continente ↔ conteúdo.

Por fim, pensamos que aquilo que se destaca nesta pré-adolescente, e em comparação com o seu par masculino, é o ir mais além, após a detenção em si de uma identidade subjectiva, através do uso que faz da identificação projectiva. Assim, observamos pelos movimentos de fusão e envolvimento com um outro, a possibilidade de se recriar e reconfirmar, pelo ensaiar num outro, de um espaço psíquico que possibilite depois o jogo bidireccional entre receptor e projector. A função de contenção ensaiada pode ainda ser comparada com a adolescente, que a nosso ver, também utiliza uma estratégia similar nessa criação.

*Na Relação ao Corpo,* observamos nos *dois adolescentes* estudados a possibilidade de ensaiar uma *identidade subjectiva* numa *relação simbiótica* entre si e os seus pensamentos, pelo asseguramento dessa mesma identidade numa tensão dialéctica entre o sujeito e o mundo interno e o mundo externo. Parece-nos que os dois adolescentes se representam de uma forma mais estabilizada que os dois pré-adolescentes estudados. Contudo, quando a solicitação simbólica reenvia para uma

diferenciação sexual entre si e um outro, a vivência corporal desarticula-se pelas fragilidades narcísicas que não possibilitam uma contenção das angústias que são mobilizadas face a um corpo genitalizado. Esta situação remete para a tentativa de estabilização de uma identidade subjectiva através de uma *relação comensal* entre si mesmos e os seus pensamentos. A delimitação dentro/fora, mundo interno/mundo externo, sujeito/objecto e sujeito/outro, existe e inscreve-se numa *relação comensal*, na qual destacamos o enquadramento formal como forma de manter os limites continuados no tempo.

*Na Relação ao Outro*, observamos o uso da identificação projectiva entre si e um outro, sendo este continente externo no qual colocam conteúdos específicos e que remetem para a criação e recriação conjunta. À função continente, deste Outro, é atribuído um papel importante, quando a solicitação simbólica para a qual os cartões reenviam assume uma realidade na diferenciação entre si e um Outro, sendo esta diferenciação colocada na diferença de sexos e portanto no pulsional inserido no relacional, no asseguramento de uma identificação sexual. Uma outra característica atribuída a um outro-continente é de albergar a tensão interna que a relação intersubjectiva suscita nestes dois adolescentes.

- *Na Adolescente*, observamos tal como na pré-adolescente, o ensaio num outro enquanto espaço, a sua própria *função de contenção*, em especial no cartão VI, no qual se observa a ligação e união entre dois objectos internos o que resulta na criação de um novo objecto. Observa-se o uso da identificação projectiva empática ao serviço da recriação conjunta, estando no entanto este uso inscrito na própria elaboração da função de contenção. Pensamos que esta situação, tal como ocorre na pré-adolescente, remete para a especificidade de um conteúdo a elaborar, e esta situação, a nosso ver, só é possível na detenção de uma *identidade subjectiva*. A transposição da *tridimensionalidade* psíquica para o jogo bi-direccional entre receptor e projector, não é alcançada, tal como é visível nos cartões II e III, exercendo portanto um Outro o papel de continente, no qual são colocados conteúdos que intoxicam e fragilizam.

Expressa-se ainda o tempo de espera, que caracteriza os adolescentes, (cartão IV e cartão VII), como tempo de formatação para a evolução num espaço psíquico

que albergue, neste caso em específico, a identificação ao paterno e a identificação ao materno. Pensamos que esta situação se relaciona com a dispersão e desarticulação vivenciada nos cartões II e cartão III, através dos quais é visível a tentativa de integração de uma identidade feminina na sua relação ao masculino e não tanto em relação ao processo de separação – individuação, embora nos pareça que as fragilidades narcísicas na sua força desarticulem os limites alcançados no processo de separação – individuação, tal como nos é possível observar no último cartão.

- *No adolescente*, observa-se a contenção como forma de actuar, colocada numa ligação rígida entre pensamento e conhecimento. A função de continente que o Outro exerce assemelha-se, de alguma forma, à função de continente requerida pela pré-adolescente, se compararmos os conteúdos específicos que lhe são remetidos, isto é, se pensarmos que quer a pré-adolescente quer o adolescente, no cartão II, projectam conteúdos que reenviam para uma temática oral, relembrando o processo de separação – individuação ainda em elaboração. No cartão III, percebemos a diferença entre a pré-adolescente e o adolescente, na evolução, pela possibilidade deste, mesmo na desarticulação que se expressa na resposta Rorschach, de significar e elaborar um conteúdo específico que caracterizamos como a angústia sentida face a um corpo genitalizado.

Observa-se igualmente a projecção da relação  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$  num Outro continente, nos cartões II e cartão III. A *unidimensionalidade* implícita nas respostas Rorschach e o duplo investimento, sem vez e num mesmo tempo, na figura e no fundo, no dentro e no fora a partir da projecção de um interno sobre o externo caracterizam essa projecção, caracterizam e especificam o conteúdo intoxicado que espera um continente.

Na comparação entre o pré-adolescente e o adolescente percebemos, neste último, o enquadramento formal como *ligação rígida entre functores*, que o habilita (e habita) como forma de actuar entre si e o outro. No pré-adolescente, pensamos que

o mau enquadramento formal que se expressa com grande relevância, inscreve-se nessa procura rígida de separar e delimitar assim como de conter vivências internas experienciadas de forma tumultuosa. Pensamos que, a especificidade da desarticulação e dispersão que é observada nos adolescentes é de alguma forma facilitadora na tarefa de significação e elaboração de elementos intoxicados, uma vez que esta dispersão obedece a uma ordem de investimentos e movimentos. O que, a nosso ver, remete para uma maior convivência consigo mesmos e indica-nos uma maior capacidade em se separar e individualizar. Esta situação reconfirma o que acima foi dito no que concerne à habitação de si mesmos numa identidade subjectiva integrada e continuada no tempo, mesmo que esta por vezes seja suportada a partir do uso da identificação projectiva utilizada na superficialidade, através do envelope perceptivo.

#### *Entre um antes e um depois.*

Na descrição do uso da identificação projectiva, encontramos diferenças significativas entre os pré-adolescentes e os adolescentes estudados, e estas diferenças remetem-se quer para a utilização da identificação projectiva como mecanismo patológico, quer como mecanismo empático, embora, na nossa opinião não possamos falar de identificação projectiva patológica uma vez que a estruturação de uma personalidade encontra, nesta fase da vida, uma oscilação grande, de forma a se sintonizar como um todo. Contudo achamos que a utilização da identificação projectiva nos pré-adolescentes obedece a estratégias que os colocam perto do excessivo. Esta intensidade não é encontrada de forma tão flagrante nos adolescentes estudados e, na nossa opinião, isso deve-se à sua maior integração corporal em relação aos outros sujeitos.

Na relação Eu  $\leftrightarrow$  Outro, encontramos então a relação continente – conteúdo como forma de expressão dessa intensidade ou do excessivo projectado. Nos pré-adolescentes, a delimitação dentro/fora, mundo interno/mundo externo, sujeito/objecto, eu/outro apreende-se ora na fusão entre dois, ora na procura de contenção que é caracterizada pela superficialidade de separação. Podemos descrever

adolescentes e não de forma tão clara nos pré-adolescentes, e isto leva a que os movimentos regredientes, e embora necessitem de um outro que os signifique, sejam efectuados numa estruturação capaz de os sustentar e levar a movimentos progredientes seguintes, numa grande diferença entre si, isto é, a passar de uma relação parasitária para uma relação simbiótica, sem que a desarticulação desespere pelo caminho e irrompa uma continuidade de ser. Esta situação possibilita que se criem condições únicas, nesta etapa da vida, de sustentar um *entre* que se *entre-abre* e sobre esse efectuar a recriação de um espaço psíquico alargado, de recriar uma função de contenção.

## 9. Conclusão

Do e pelo objectivo inicial que se constituiu como tarefa a desenvolver, como trabalho final de mestrado, o estudo das características e das funções da identificação projectiva na adolescência, surgiram muitas questões e dúvidas que no infinito das suas reformulações, tornaram este trabalho fascinante pelas possibilidades de recriação num mesmo tempo que o finito das dificuldades suscitou reflexões sobre a Psicologia Clínica, sobre o Método Rorschach, sobre a procura do Saber de Um e Com um Outro, sobre um *re-pensar*, pelo re-visitar o mecanismo de identificação projectiva. Propusemo-nos então à sua composição e organização através de um corpo teórico que possibilitasse e sustentasse as diferentes conceptualizações de identificação projectiva, que albergasse o seu carácter duplo – identificação e projecção – e as suas duas vertentes – patológico e empático –, que permitisse um *pensar assimétrico*. A um objectivo geral, com raízes no interesse e na importância da noção e natureza da(s) *relação* (ões) e da noção de *comunicação*, que esboçaram e desenharam a elaboração deste trabalho na motivação, juntou-se o mundo fascinante da adolescência, os seus (des)encontros, as suas (des)concertações, as suas (des)estruturações, que fazem dos seus intervenientes artesões das emoções, operários dos tempos e dos espaços. Assim, partimos à descoberta do(s) Outro(s), de nós mesmos, por um caminho tantas vezes árduo tantas vezes sumptuoso.

A estruturação, compreensão e descrição da identificação projectiva através de três momentos, a sua presença no desenvolvimento e na evolução, o seu cunho “pessoal” na *relação Eu ↔ Outro* e a sua explicitação como processo intersubjectivo a partir da noção de *terceiro intersubjectivo*, foram o mote para apreender o processo adolescente, enquanto processo de transformação simbólica, no e pelo Rorschach. Facilitada esta apreensão pelas conceptualizações que permitem definir o Rorschach como Método, e que são a *situação projectiva*, entendida como *situação intersubjectiva* e o *processo – resposta Rorschach*, assente na “equação”: *relação – ligação – pensamento – transformação – conhecimento – simbolização*, partimos, então, ao estudo das características e das funções da identificação projectiva na pré-adolescência e na adolescência propriamente dita, tentando apreender o mecanismo de identificação projectiva pelo seu (con)figurar num *entre* dois, assim como ser

conteúdo, compreendendo-se portanto, na triangulação *entre* e no *processo* – *resposta Rorschach* – *mancha Rorschach* – *resposta Rorschach*, esboçando-se portando um *terceiro intersubjectivo* e um *Eu/Terceiro/Outro*, na relação  $Eu \leftrightarrow$  Outro.

O Objecto de estudo deste trabalho objectivou-se pela ligação e integração entre três noções de identificação projectiva, que, de certa forma, mesmo conjugando-se numa só, possibilitaram a sua localização no Rorschach. Assim, pretendeu-se estudar a identificação projectiva como *mecanismo intra-psíquico* que se constitui por dois movimentos, um de projecção e outro de identificação, estando a sua configuração ao nível do equilíbrio e do desequilíbrio a cargo da sua expressão através do carácter patológico e do carácter empático, estudar a identificação projectiva como mecanismo importante na comunicação entre sujeito/objecto, um Eu e um Outro, expressando-se esta noção de *relação Eu  $\leftrightarrow$  Outro*, através da noção  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ , e por fim estudar a identificação projectiva como *processo intersubjectivo*, descrita a sua definição na relação entre a projecção de cada um de dois num outro(terceiro) e a identificação em cada um de dois daquilo que lhe pertence na sua conjugação de significação mútua, resultando para cada um a criação de um *Eu/Terceiro/Outro*.

Estas três definições acompanharam uma forma de estudar as características da identificação projectiva em pré-adolescentes e adolescentes, a expressão quer de continente, quer de conteúdo assim como a ligação entre estes. Os objectivos a que nos propusemos para além do que acima é referido resultaram na inter-relação entre pré-adolescentes e adolescentes, na utilização da relação  $Eu \leftrightarrow$  Outro, assim como, um outro objectivo traçado, dentro dessa noção, lançou-se na descrição de alguns elementos constantes no uso da identificação projectiva enquanto processo que possibilita, na e em relação, o pensar, crescer e evoluir. Desta forma, procedeu-se e descreveu - se aquilo que se ia revelando como momentos e movimentos - dentro da utilização do mecanismo de identificação projectiva e partindo da base de  *fusão* e *envolvimento* que existe *entre* sujeito e objecto, mundo interno e mundo externo, entre realidade e fantasia, *entre* um Eu e um Outro - que fizeram destacar a construção de um corpo, total, sustentado, separado, individualizado e como tal solitário pelo pensar, assim como a construção de relação pela reconstrução de um

Outro. Isto é, Pelas dimensões Corpo e Outro, orientamos o uso da identificação projectiva através da relação que os sujeitos estabelecem consigo mesmos e com os outros. Sendo esta, uma questão premente num desenvolvimento embrulhado em dores e desconcertações que dominam os passos dos adolescentes e fazem ressaltar sensibilidades e receptividades ao mundo externo, aos outros, que mesmo sendo de outros, não deixa de ecoar num interno tumultuoso e em evolução, numa fase da vida única onde a descoberta parece atingir um imaginário ilimitado de possibilidades arquitectadas assim como uma intensidade de vivências, no deparem-se com um mundo que não espera. Pensamos que quer o pré-adolescente quer o adolescente utilizam a identificação projectiva de forma expressiva nos seus combates quer ao futuro, ainda na não solidez de uma re-a-presentação de si e de outros sintonizada com a re-a-presentação que esses mesmos outros de si constroem, assim como um regresso ao passado que não condiz com a expressão dos seus desejos e anseios, isto é na sustentação uma função de continência que permita quer a progressão quer a regressão.

A utilização da identificação projectiva nos sujeitos estudados, assume um carácter tão excessivo quão suave, quer na expulsão de vivências fortes e que remetem à procura de um outro igual que signifique a tumultuosa vivência corporal a caminho de um mundo adulto, numa intensidade angustiada face ao futuro, numa *relação parasitária* entre pensador e pensamentos, que procura a significação e a transformação de diferentes desarticulações, assim como assume um sossego de pensamento, numa *relação comensal*, aquando de uma *identidade subjectiva* sustentada o suficiente para “perder” tempo num descanso de limites que se voltam a reafirmar, sobre um mesmo, sobre um tempo que parece que se empata, mas que lhes permite um novo sopro, uma nova consolidação de si mesmos, na oscilação entre a superficialidade e a profundidade de si mesmos e dos outros, numa relação que sustente subjectividades, parcialidades e totalidades, com movimentos regressivos e movimentos progressivos, sem que tal os leve na angustia do já conquistado com muito esforço e labor psíquico, onde a dor tem lugar cativo se não significada nem acolhida. Daqui esboçamos como via de reflexão a importância, no uso da identificação projectiva, *entre* o desequilíbrio e o equilíbrio, como função continente, no limite, na *bidimensionalidade*, na formatação de um espaço que precisa de tempo de espera, *num mesmo tempo* que é *conteúdo* projectado num Outro, um *Outro*

*Continente* que devolva a *ligação* e o *modo de ligar* pela sua significação. É pois pela *ligação entre funtores na extensão* sustentada pelo *limite* que os sujeitos parecem usar a identificação projectiva como continente, continente que é um *Eu sendo e não sendo* Outro.

A significação que de um Outro advém assume o formato e enquadra um corpo desarticulado ou de um pensamento que passa, na *extensão*, pelo um outro externo que seja igualmente interno. Esta característica permite assim um re-ordenar quer de si mesmo quer de uma representação de Outro, pelas transformações implícitas quer na dimensão – corpo, quer na dimensão – Outro, entendidas enquanto espaços novos a integrar, por tempos ora passados, ora futuros, ora aguentados na espera que o tempo passe.

Salientamos também a relação  $\text{Eu} \leftrightarrow \text{Outro}$  numa estreita, porque sensível, convivência que estes pré-adolescentes e estes adolescentes desenvolvem consigo mesmos. Encontramos na pré-adolescência, diferenças significativas no uso dado ao mecanismo de identificação projectiva quer no rapaz quer na rapariga e estas remetem-se ao uso deste mecanismo no *apoio ao outro*, sendo que neste apoio o relacional nele implícito tem que se inscrever numa *relação comensal*, visto que o alcance da intersubjectividade misturada na identidade sexual remete para a intoxicação e dispersão que no caso do pré-adolescente não encontra delimitação suficiente para a expulsar num outro, isto é para no exercitar da relação  $\text{Eu} \leftrightarrow \text{Outro}$ , na sustentação de uma *identidade subjectiva*, a expulsão de um conteúdo específico, pela dispersão que na integração corporal ainda frágil, acarreta na desarticulação do pensamento. É, pois a *relação parasitária* que não encontra um continente num -Outro, pela, ainda não colocação da relação *entre* dois suficientemente sustentada numa *relação comensal*, embora a *ligação na extensão* prevê essa intenção sobre um futuro, já alcançado pela pré-adolescente, na sustentação do *apoio ao Outro-continente*. O Outro no pré-adolescente assim como é continente, é conteúdo, à vez, na significação de um corpo desarticulado assim como no esboço do apoio nesse mesmo Outro.

No adolescente percebemos movimentos que seriam esperados no pré-adolescente e esses remetem-se precisamente, no exercitar na relação Eu ↔ Outro, da projecção de conteúdos específicos delimitados.

Na pré-adolescente percebemos o *apoio num outro -continente* mais significado, ao ponto da  *fusão e o envolvimento* que implicados estão no uso da identificação projectiva, trazerem clareza dos seus diferentes movimentos na integração que completam na significação que a devolução transporta. É, pois, a nosso ver, outra característica do uso identificação projectiva, sabendo a priori que os pré-adolescentes necessitam de um outro-continente que os signifique. Descrevemos portanto a expressão do conteúdo que assume na pré-adolescente um carácter evolutivo, pela significação da relação Eu ↔ Outro, que permite significar e elaborar conteúdos perdidos pelo sentido intenso mas delimitados na sua saída de uma *posição esquizo-paranoide* para uma *posição depressiva*, mas ainda à espera de um outro-continente que os signifique, pela, de novo *extensão*, sendo contudo que a necessária *extensão* assumida pela transformação de movimento rígido, uma expressão na *tensão*, isto é, na distancia suficientemente boa entre o sujeito e um Outro. Assim, podemos afirmar, *entre um antes e um depois*, e sendo este *depois* patente na pré-adolescente, o Outro é, na pré-adolescente continente e conteúdo sem que tal implique uma desestruturação, encontra-se portanto numa relação entre pensador e pensamentos, *entre a relação comensal e a relação simbiótica* que se equilibram à vez, na sustentação de um corpo, de uma *identidade subjectiva*, embora o tempo de ligação entre e em dois remeta, neste sujeito, para uma *relação parasitária*.

Na adolescente assim como no adolescente percebemos a distinção e clareza de uma *relação comensal* entre si e os seus pensamentos, no que concerne à sustentação de uma *identidade subjectiva*, há pois possibilidade destes sujeitos se situarem *entre* uma *relação simbiótica* e uma *relação comensal* num equilíbrio entre si e um Outro, aquando de uma solicitação perto da integração corporal.

Comum à pré-adolescente, à adolescente e ao adolescente está o uso da identificação projectiva de forma específica na dispersão que o pulsional inserido no pulsional, suscita nestes sujeitos, isto é na integração de uma identidade sexual, de um corpo genitalizado face a um Outro, ou ainda a capacidade de elaboração e significação da

intersubjectividade pela criação de um objecto que apresente características quer do mundo interno e do mundo externo, sendo contudo um novo objecto, sendo um *Eu/terceiro/outro*, o que implica uma relação *simbiótica* com um outro diferente.

É visível a ordenação que o mecanismo de identificação projectiva possibilita no coordenar e preparar de ideias e vivências nestes sujeitos, pois as características dentro do inter-cruzamento entre projecção e identificação, permitem este mecanismo actuar na dispersão, na relação Eu – Outro e possibilitar uma ordenação a essa mesma dispersão. É pois visível o *duplo investimento* no dentro e no fora, no Eu e no Outro, no mundo interno e no mundo externo num mesmo tempo em que este interno e este Eu irrompem um *entre*, e se colocam num Outro continente, de forma, a que este, enquanto espaço psíquico, albergue a intensidade das vivências que estes sujeitos expressam na tentativa de contenção em si mesmos, de uma relação intersubjectiva, na trocas entre receptores e projectores que na utilização da identificação projectiva utilizada como processo intersubjectivo, admite, no processo de significação e criação mútua.

Contudo é possível dentro desta utilização de identificação projectiva, percorrer, pela evolução desta dispersão, deste uso de identificação projectiva nestes três sujeitos, uma espécie de caminho que vai do menos evoluído ao mais evoluído, num *entre um antes e um depois e um Outro que se segue*.

Assim num trilho entre aquilo que se expressa enquanto continente e conteúdos que se traduzem nas respostas da pré - adolescente, do adolescente e da adolescente percebemos, na pré-adolescente, a procura de um continente comum que albergue a intersubjectividade, que é no fundo o duplo investimento, embora dispersos, o colocar num outro, de conteúdos que remetem para fragilidades sentidas na relação ao materno, contudo, a *unidimensionalidade* que caracteriza as respostas deste sujeito remetem-se, na dispersão que a *tridimensionalidade* suscita em si, pelo pulsional que diferencia, para uma tentativa de significação. Seguindo-se, a partir deste pulsional colocado como eixo central num outro, a possibilidade de integração corporal, de sustentar uma identidade subjectiva (dentro da intersubjectividade) contudo ao aproximar-se dessa intersubjectividade, ou seja ao aproximar-se de si mesma, na relação entre pensador e pensamentos, a dispersão toma de novo rumo num movimento regrediente, ou seja, a identificação projectiva toma de novo o lugar

no excesso, pela sua colocação, na evolução, dentro de uma identidade sexual, o que leva a este sujeito voltar-se para o *entre*, para a bidimensionalidade que acolha e signifique.

No adolescente verificamos o mesmo uso de um continente que albergue uma intersubjectividade, contudo na não necessidade de se integrar corporalmente, na não necessidade de colocar a significação de si mesmo como um todo, na relação *entre* dois, verificamos a suspensão dessa integração, aguentada por dentro, e seguindo um caminho pela angustia que um corpo genitalizado em si suscita. Saltando pois uma fase intermédia, que encontramos na pré-adolescente e que faz referência à integração corporal a partir de um outro, ao colocar-se num *entre* aquando da solicitação de apoio num outro – continente e um corpo total sustente. No adolescente há pois a procura de um outro, que igualmente acolha e signifique a angustia suscitada, contudo, este apoio é remetido ao específico do futuro, é um colocar num *entre* de uma relação *comensal* entre si e um outro, num mesmo tempo que é *uma relação simbiótica* entre si e os seus pensamentos. É, pois, a projecção do duplo investimento, a intersubjectividade, na dispersão, numa *relação parasitária*.

Na adolescente observamos igualmente a necessidade de um Outro – continente que albergue e signifique uma intersubjectividade, contudo, é possível ver o salto evolutivo em relação aos outros dois sujeitos, pois assim como a sua necessária integração corporal desarticulada não procura um outro que a sustente, assim como não é visível a sua procura de integração individual de um corpo genitalizado, seguindo, portanto caminho, através da identificação projectiva, a nosso ver numa *relação simbiótica* em si mesma, tentada na sua transposição para a relação com um outro diferente, que a leva numa estratégia utilizada pelos os outros dois sujeitos que é o recurso à *unidimensionalidade* na sua relação à *tridimensionalidade* para assim chegar a uma *bidimensionalidade* que assegure os limites dessa mesma transposição.

É pois a tentativa de transposição de uma tridimensionalidade psíquica, e na utilização da identificação projectiva como deslocamento, para uma tridimensionalidade na relação eu – outro, no qual se inscreve o seu corpo genitalizado na referência ao corpo do outro, o masculino, na profundidade de si e dos outros. Assim é possível perceber, pelo uso da identificação projectiva que nestes

sujeitos opera ora num *entre* dois, que operacionaliza, pela significação, uma identidade subjectiva, ora na utilização desse *entre* como continente, susterem uma identidade subjectiva que procura uma função de contenção para um corpo genitizado, sendo portanto *conteúdo* num Outro-continente, ao mesmo tempo que transporta a relação  $\text{Eu} \leftrightarrow \text{Outro}$ , pela, de novo, ligação entre *functores* colocada na *extensão*, ora ainda como esboço ainda primário de fazer uso de uma função de contenção para albergar um Outro- conteúdo, também pela *ligação na extensão*.

Pensamos que aqui, poderemos falar da constância das ligações e das desligações efectuadas num percurso que vai da pré-adolescente até à adolescente, passando pelo adolescente, no recuso a uma mesma estratégia, dentro da dispersão, mas que pretende sintonizar-se num objectivo mais especificado na adolescente, e como tal que remete para uma função de contenção nesta mais eficaz do que nos outros dois sujeitos.

Esta *função de contenção* que o uso da identificação projectiva transporta, pode ainda ser confirmada com aquilo que se expressa em termos de construção da *função de contenção* que encontramos nas duas raparigas. A utilização da identificação projectiva surge aqui também com características que se destacam, na relação  $\text{Eu} \leftrightarrow \text{Outro}$ , de ensaiar a *função de contenção* quer em relação a si mesma quer em relação a um outro, é pois o feito não conseguido por estes sujeitos nos cartões onde o relacional se integra no relacional e a percepção perceptiva se realiza em termos projectivos na significação da intersubjectividade, isto é, no ensaio do relação bidireccional entre projectores e receptores. É, pois a nosso entender, que no uso da identificação projectiva, a partir das possibilidades de utilização e dos seus inter-cruzamentos, que os sujeitos conseguem re-construir um novo espaço psíquico, um renovado continente de si mesmos e na preparação de serem continentes de um outro.

Podemos igualmente como acima é efectuado, colocar esta característica da identificação projectiva como invariância, se pensarmos que esta se encontra presente quer na pré-adolescente assim como na adolescente e remete para o esboçar da *função de contenção* que vai da união do parcial no total e depois, presente na adolescente, numa expressão mais evidente, do total ao total, sendo que a reunião

entre parcial e total se ordene automaticamente, pelo já adquirido dessa parcialidade, através do se colocar num *entre* dois, Eu – Outro, num mesmo tempo que este outro é continente, de um conteúdo interno que é a função de contenção.

Pensamos ainda que esta característica de identificação projectiva e a sua invariância de actuação e ordenação na dispersão, o *duplo de investimentos*, se remete para a identidade subjectividade destas duas raparigas colocadas no feminino, e em/na relação ao masculino o que não deixa de ser confirmativo mais uma vez do acolhimento no limite que estes sujeitos, todos, expressam no uso da identificação projectiva utilizada na relação Eu  $\leftrightarrow$  Outro, no *entre* que se *entre-abre*, na delimitação e na significação. Pensamos, igualmente que esta questão pode ser colocada nestes termos, pela movimentação efectuada pelas duas raparigas em relação a cartões nos quais se pode esboçar o simbólico paterno/masculino.

No adolescente e no pré-adolescente encontramos um processo semelhante, e que poderá igualmente remeter para uma outra característica da identificação projectiva nos pré-adolescentes e nos adolescentes e igualmente pensa-la na constância pela sua movimentação evolutiva que vai de um sujeito para um outro. Esta característica remete-se à construção da especificação do conteúdo a projectar sobre um outro numa relação continente  $\leftrightarrow$  conteúdo, que é igualmente expressa em cartões no qual o *entre* é mais evidente. Assim encontramos no pré-adolescente a não especificação de conteúdos que o levam na dispersão, e na não sustentação de um corpo inteiro face ao não alcance de um conteúdo delineado em si mesmo para alcançar a significação num outro – continente externo. Encontramos essa especificidade de conteúdos projectados sobre um outro, no adolescente, e essa especificidade deve-se à delimitação precisa em destacar e isolar esse mesmo conteúdo de uns outros, dentro de si mesmo, num cartão no qual se pode esboçar o simbólico ao materno/feminino. Pensamos que esta situação se deva ao facto de haver possibilidade por parte deste de fazer uso da identificação projectiva dentro de si, como função de contenção e utiliza-la depois num *entre*, na expulsão de conteúdos que remetem no específico a significações delimitadas. Pensamos que esta situação também se poderá relacionar com o facto de haver nos rapazes uma maior tendência a utilizarem o aspecto formal como ligação entre os *functores* ♀♂, o que não se verifica com tanta expressão nas raparigas estudadas. Esta situação a nosso

ver, pode remeter-se à reflexão, e ainda no uso da identificação projectiva na formação quer do feminino quer do masculino, visto que nesta fase da vida, a formação de uma identidade sexual é colocada sobre um corpo genitalizado. A exploração por parte das raparigas de um posicionamento das emoções na relação *entre* um Eu e um Outro, poderá igualmente indicar a função de ligação que o continente operacionaliza entre conteúdos, se juntarmos a esta a observação do esboço da *função de contenção* – já mencionado – que encontramos nas raparigas.

Esta situação também pode explicar, de alguma forma, a má qualidade formal obstinada, no protocolo do pré-adolescente, numa insistência sobre a formalização na recriação simbólica, que dá um carácter sobressaído, em relação aos outros protocolos pela negativa de enquadramento entre mundo interno e mundo externo, sem recurso a outros determinantes, assim como poderá estar relacionado com a manifesta coartação emocional que surge no protocolo do adolescente sem que seja exactamente na coartação que este sujeito se vivencie.

Pensamos, por fim, que o mecanismo de identificação projectiva estudado através e pelo Rorschach, ora como processo intersubjectivo, ora como continente, ora como conteúdo, poderá, de alguma forma revelar os momentos e os movimentos implícitos, na adolescência, na criação e *reconstrução corporal*, reconstrução de uma *identidade subjectiva*, no *feminino*, no *masculino*, na *reconstrução da relação* (Eu ↔ Outro) enquanto relação que permite o pensar, o conhecer, o crescer e evoluir, pela partilha, pelos momentos de  *fusão e envolvimento* que possibilitam precisamente a criação e a reconstrução.

Pensamos ainda que este trabalho poderá inscrever-se dentro da Psicologia Clínica, pela importância que o mecanismo de identificação projectiva apresenta nos processos de desarticulação assim como nos processos de integração, no processo de formação de um símbolo que poderá ser explorado através das ordenações que este mecanismo permite ao sujeito, passar por exemplo de uma tridimensionalidade para um unidimensionalidade com sentido e direcção a uma bidimensionalidade enquanto o tempo espera que a integração signifique e albergue o movimento de desintegração, tal como é possível observar quer na pré-adolescente, quer no adolescente, quer na adolescente. Não foi possível observar este momento e movimento de identificação

projectiva no pré-adolescente contudo pensamos que este mesmo movimento se encontra presente ainda na sua não especificação. Contudo, é pois, a partir desta não observação que se entende que, no uso da identificação projectiva e na detenção das suas definições, e principalmente na sua conceptualização como terceiro intersubjectivo transposto para o Rorschach que será possível perceber e afirmar as características e funções da identificação projectiva, na construção da evolução psíquica. Pensamos, então, que este estudo, dentro da Psicologia Clínica, poderá dar acesso, pela reflexão, a um portal de exploração dos momentos e movimentos da identificação projectiva, na criação, na simbolização, no pensamento e no conhecimento, neste estudo específico, na reconstrução corporal, na reconstrução de um Outro.

Pensamos ainda que o estudo do mecanismo de identificação projectiva, transportará a utilização de identificação projectiva como instrumento de trabalho de um psicólogo clínico, uma vez, que na nossa maneira de pensar, este trabalho insere-se invariavelmente na noção de relação com um outro, no pensamento e no conhecimento. Na possibilidade de, na acepção de Psicologia Clínica, fazer destacar momentos e movimentos de saúde mental que se pretendem distinguir e acentuar, no caminho da evolução e da adaptação. Por fim, em nosso entender, pensamos que o estudo e exploração do mecanismo de identificação projectiva através das noções de *relação, ligação, transformação e 3º intersubjectivo* poderão contribuir para atenuar, a sempre, dúvida, de um psicólogo clínico: onde e como e de que são feitas as possibilidades de desenvolvimento, adaptação, transformação e mudança de um sujeito.

## *Referências Bibliográficas*

- Amaral Dias, C. & Vicente, T. N. (1984). *A Depressão no Adolescente*. Porto: Edições Afrontamento
- Amaral Dias, C. (1986). «Pré-Adolescência, neurose de angústia e identificação projectiva». *Jornal de Psicologia*, 5, 21-35
- Amaral Dias, C. & Fleming, M. (1991). *A Psicanálise em tempo de mudança*. Porto: Edições Afrontamento
- Amaral Dias, C. & Paixão, R. (1986). «Regressão, imagem do corpo e identificação projectiva como elementos diferenciadores entre o processo adolescente e o processo psicótico». *Jornal de Psicologia*, 5, 18-20
- Bégoin-Guignard, F. (1985). «À propos de l'identification projective». *Adolescence*, 3 (2), 295-307
- Bégoin-Guignard, F. (1991). «Identification Projective et identité de groupe». *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*. 10, 23-45
- Bick, E. (1967). «A Experiência da Pele em Relações de Objecto Arcaicas». In E.B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein Hoje* (Vol. I pp. 194 – 198). Rio de Janeiro. Imago Editora
- Bion, W. R. (1957). «Diferenciação entre a Personalidade Psicótica e a Personalidade Não – Psicótica». In E.B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein Hoje* (Vol. I pp. 69 – 86). Rio de Janeiro. Imago Editora
- Bion, W. R. (1959). «Ataques ao elo de ligação». In E.B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein Hoje* (Vol. I pp. 95 – 109). Rio de Janeiro. Imago Editora
- Bion, W. R. (1961). «Uma Teoria do Pensar». In E.B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein Hoje* (Vol. I pp. 185 – 193). Rio de Janeiro. Imago Editora
- Bion, W. R., (1991a) *As Transformações – A mudança do Aprender para o Crescer*. Rio de Janeiro: Imago Editora (obra publicada em 1965)
- Bion, W. R., (1991b). *Atenção e Interpretação – O Acesso Científico à Intuição em Psicanálise e Grupos*. Rio de Janeiro: Imago Editora (obra publicada em 1970)
- Bion, W. R., (1991c) *Os Elementos em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora (obra publicada em 1963)
- Bion, W. R., (1991d). *Learning from experience*. London: Karnac Books (Obra publicada em 1962)

- Birraux, A. (1983). «Notes sur le monde interne de l'adolescent». *Adolescence*, 1 (1), 135-137
- Birraux, A. (1990). *L'adolescent face à son corps*. Paris: Emergences Ed. Univ.
- Braconnier, A. (1995). Ruptures et séparations. *Adolescence*, 3 (1), 5- 19
- Blos, P. (1985). *Adolescência: Uma Interpretação Psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes, (obra original publicada em 1962)
- Braconnier, A & Marcelli (2000). *As Mil Faces da Adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores
- Coimbra de Matos, C (2002). *Adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores
- Debesse, M. (1976) A adolescência. Lisboa: Publicações Europa – América.
- Chabert, C. (1998). *O Rorschach na Clínica do Adulto: interpretação Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores, (obra original publicada em 1997)
- Chabert, C. (1993). «Narcissisme et relations d'object a adolescence :Apports des epreuves projectives». *Bulletin de la société du Rorschach et des méthodes projectives*, 37 : 183 - 194
- Dias Cordeiro, J. (1988). *Os adolescentes por dentro*. Lisboa: edições Salamandra
- Flemming, M., (1993). *Adolescência e Autonomia*. Porto: Edições Afrontamento
- Grinberg, L., (2001). *Teoria da Identificação*. Lisboa: Climepsi Editores (obra publicada em 1976)
- Grotstein, J.S. (1978). «Inner space: Its dimensions and its co-ordinantes. *International Journal of Psycho-Analysis*, 59 : 55 – 61
- Grotstein, J. S. (1985). *A Divisão e a Identificação Projectiva*. Rio de Janeiro: Imago (obra publicada em 1981)
- Grotstein, J. S. (2003). *Quem é o Sonhador que Sonha o Sonho*. Rio de Janeiro: Imago Editora (obra publicada em 1981)
- Hegel, F. (1989). *Propedêutica Filosófica*. Lisboa : Edições 70
- Jeammet, P. (1984). «Les vicissitudes du travail de separation à l'adolescence». *Neuropsychiatrie de l'enfant*. 42( 8-9), 395-402
- Kant, I., (1988). *Prolegómenos a toda a metafísica futura*. Lisboa: Edições 70
- Kernberg, O. (1989). *O Mundo interno e o mundo externo*. Rio de Janeiro: Imago Editora (obra publicada em 1987)
- Kernberg, O. (1989). «Projecção e identificação projectiva : aspectos clínicos e de desenvolvimento» In Sandler (org.). *Projecção, identificação e identificação projectiva* (pp. 100 – 120) Porto Alegre: Artes Médias. (obra publicada em 1987)

- Ladame, F. G. (1980). L'adolescent en psychanalyse: résistances intérieures et résistances extérieures. *Rev. Franç. Psycanal.* 3-4, 571-579
- Ladame, F. (1985). «Rupture ou discontinuité». *Adolescence*, 3(1), 155-158
- Klein, M. (1966). «Notes sur quelques mécanismes shizoïdes». In *Développements de Psychanalyse*, (pp. 274 – 300), Paris : PUF (trabalho publicado em 1946)
- Marcelli, D., (2002). *Os Estados Depressivos na Adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores (obra publicada em 1976)
- Meissner, W., W (1989) «Projecção e identificação projectiva» In Sandler (org.). *Projecção, identificação e identificação projectiva* (pp. 100 – 120) Porto Alegre: Artes Médias. (obra publicada em 1987)
- Moses, R (1972) «Projecção, identificação e identificação projectiva: sua relação com o processo político» In Sandler (org.). *Projecção, identificação e identificação projectiva* (pp. 100 – 120) Porto Alegre: Artes Médias. (obra publicada em 1987)
- Malin, A. & Grotstein, J. (1966) . «Projective Identification in therapeutic process». *International Journal of Psycho -Analysis.*, 47 (1): 26 – 31.
- Matos, M. (2005). *Adolescência, Representação e Psicanálise*. Lisboa: Climepsi Editores
- Marques, M. E. (1990). «A Transcrição no Rorschach das Expressões Masculina e Feminina da Pré-Adolescência e da Adolescência». In M. Sá (Ed.), *Actas de Psicologia Clínica* (pp. 171-181). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica
- Marques, M. E. (1991). «As manifestações dos mecanismos adaptativos/defensivos no Rorschach de adolescentes». *Análise Psicológica IX* (2), 203-209
- Marques, M. E. (1994a). «Do Desejo de Saber ao Saber do Desejo: Contributos para a caracterização da Situação Projectiva». *Análise Psicológica*, 12 (4), 431-439
- Marques, M. E. (1994b). «A Metodologia Projectiva e a Avaliação Psicológica na(s) Adolescência(s): O(s) Sentido(s) do(s) Sentido(s)». *Análise Psicológica*, 12(4), 473-479
- Marques, M.E. (1996a). «Comunicação, interpretação e simbolização no/para o Rorschach». *Análise Psicológica*, 14 (1), 39-44
- Marques, M. E. (1996b). «Feminino, Fecundo e Finito. Expressões nos Rorschach de Adolescentes». *Análise Psicológica*, 14 (1) 45 – 52
- Marques, M., E. (2001). *A Psicologia Clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores (obra publicada em 1999)

- Marques, M. E. & Aleixo, P. (1994). «O Rorschach e a Revelação do Trabalho de Ligação e de Transformação do Interno e do Externo». *Análise Psicológica*. 12(4) 459- 462
- Mendes Leal, M. R. & Brito Garcia, R., M., (1997). *O Processo de Hominização. Bios Transforma-se em Psyche*. Lisboa: Associação de Pedagogia Infantil. Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
- Meltzer, D & Williams, M, H., (1994). *A Apreensão do Belo – O Papel do Conflito Estético no Desenvolvimento, na Violência e na Arte*. Rio de Janeiro: Imago Editora (obra publicada em 1988)
- Meissner (1989). «Projectão e identificação projectiva». In Sandler (Org.), *Projectão, identificação e identificação projectiva* (pp. 38– 59). Porto Alegre: Artes Médicas (Obra publicada em 1987)
- Milner, M. (1991) *A Loucura Suprimida do Homem São*. Rio de Janeiro: Imago Editora (obra publicada em 1987)
- Ogden, T. (1985). «On potencial space». *International Journal Psycho – Analysis*. 66, 129 -141
- Ogden, T. (1994). *Subjects of analysis*. London: Karnac Books
- Rosenfeld, H (1971). «Uma contribuição à psicopatologia dos estados psicóticos: a importância da identificação projectiva na estrutura do ego e nas relações de objecto do paciente psicótico». In E.B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein Hoje* (Vol. I pp. 125 – 145). Rio de Janeiro. Imago Editora
- Rosenfeld, H. (1988) *Impasse e Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago Editora (obra publicada em 1987)
- Salgueiro, E. (1990). «Breves reflexões sobre o narcisismo e o objecto estético na adolescência». *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 8, 71-75
- Sandler, J. (1989). «O conceito de identificação projectiva» In Sandler (Org.), *Projectão, identificação e identificação projectiva* (pp. 24 – 37). Porto Alegre: Artes Médicas (Obra publicada em 1987)
- Sandler, P. C. (2003). *Hegel e Klein – A tolerância de paradoxos*. Rio de Janeiro: Imago Editora
- Segal (1991). «Notas sobre a formação de símbolos». In E. B. Spillius (Ed.) *Melanie Klein Hoje* (vol. I, pp. 167 – 184). Rio de Janeiro: Imago Editora. (trabalho publicado em 1954)

- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago, (Obra publicada em 1964)
- Segal, H. (1993). *Sonho, fantasia e arte*. Rio de Janeiro: Imago, (obra publicada em 1991)
- Symington, J & Symington, N., (1999). *O Pensamento Clínico de Wilfred Bion*. Lisboa: Climpesi Editores (obra publicada em 1997)
- Steiner, J. (1990). «Equilíbrio entre as posições esquizo-paranoide e depressiva». In E.B. Spillius (Ed.) *Conferências Clínicas sobre Klein e Bion*. Rio de Janeiro: Imago Editora
- Spillius, E. B. (1979). *Melanie Klein Hoje, Vol.I*. Rio de Janeiro: Imago, 1991
- Traubenberg, N. R. (1975). *A Prática do Rorschach*. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, (obra publicada em 1970)
- Traubenberg, N. R. (1983). «Representação de si e relação do objecto, Grelha de representação de si – Análise comparada dos resultados de adolescentes doentes psíquico e somáticos». *Análise Psicológica*, 1(IV): 31 - 40
- Winnicott, D., W.,. (1975). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro. Imago Editora (obra publicada em 1971)
- Zimmerman, D. E. (1995). *Bion: Da Teoria à Prática*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Zinner, J. (1972). « Projective identification as a mode of perception and behavior in families of adolescents». *International Journal of Psycho-Analysis*

## Protocolo 1

### Pré – Adolescente – Carolina

---

#### I

3''

1 – *Parece um pássaro, com mais uma asa, em vez de ter duas tem três.* G F+ A

(Pássaro porque parecem-me as asas D lat.)

2 - > ∨ ∧ *Uns dentes, parece umas moscas que há. Tem uns dentinhos à frente, uma cauda. É só.* G F- (A)

(Mosca porque vi esta zona – D sup. central, vejo as moscas, elas tem umas antenas à frente e fez-me lembrar.)

55''

---

#### II

5''

3 – ∨ *A cabeça de um bicho. Um rato, dois olhos e aqui os bigodes (aponta), aqui parece os pés ao contrário, parece que foram espalmados, um rato que tem pés e asas, resumindo e concluindo é só.* G bl F- A

(A cabeça do rato – vermelho inf., olhinhos e os bigodes – Dd inf. central, os pés – vermelho sup., e as asas – negro, contorna com o dedo. Um rato com umas asas e uns pés, um animal um bocado esquisito.)

57''

---

#### III

4''

4 – ∧ *Uma borboleta aqui no meio.* D F+ A Ban

5 – *Aqui olhando parece um sapo, aqui com uns dentes à frente.* D F- (A)

(Dentes – Dd inf. central, e uns olhos – negro inf.)

6 – *Aqui parece qualquer coisa salpicada, uma bebida qualquer. É só.* D F+/- Obj.

(Vermelho superior)

51''

---

#### IV

1''

7 – ∧ *Aqui parece uma pessoa, um gigante e eu estou a vê-lo de baixo para cima então parece muito grande. Aqui tem os pés, aqui parece os braços, aqui parece a cara. Depois parece que está a despir qualquer coisa. É um gigante* G KClob (H)

---

---

*mesmo.*

(Parece uns pés – Dd inf., os braços – D sup.)

1'03''

---

**V**

2''

8 – *∨ Aqui ∧ parece uma borboleta. Mais nada.*

G F+ A Ban

(As asas – D lat., as antenas – Dd inf. central.)

17''

---

**VI**

5''

9 – *Aqui... (divide com a mão o cartão) ... Parece que é a cabeça de um animal qualquer, aqui tem pêlo como os gatos, os bigodes, aqui a pele de um animal qualquer. Mais nada.*

G FE A

(Aqui visto metade parece os gatos persas que tem pêlo mas só vendo metade – tapa a outra parte.)

50''

---

**VII**

8''

10 – *Parece a cabeça de uma pessoa (contorna o 1.º terço)*

D F+ Hd

(Cara da pessoa – 1.º terço tapando o Dd sup.)

11 – *Aqui o que é que parece > ∨ ∧ ... parece que está com ... parece a cara de uma pessoa, mas quando eu olho parece um coelho com as orelhas, só que em vez de estar com as patas para a frente, está com as patas para trás. Aqui parece o corpo. Parecia um coelho mas com a cara de uma pessoa.*

D F+ Ad/Hd

(Cara pessoa/coelho – 1.º terço, o corpo de coelho se estivesse virado para o outro lado – 2.º terço, a continuação do corpo do coelho – 3.º terço)

1'42''

---

**VIII**

4''

12 – *Aqui parece (contorna), parece que cortaram qualquer coisa ao meio, um bicho qualquer e depois espalmaram.*

D F+ A

(O desenho está um bocado confuso. O bicho – rosa lat.)

13 – *Aqui parece uma borboleta.*

D F+ A

(Rosa inferior)

14 – *Aqui parece um bicho com três patas e uma cauda.*

D F+ ~~A~~ Ban

*Aqui não me parece nada.*

(Bicho – rosa lat.)

1'07''

---

**IX**

---

---

16''

15 – *Aqui ...V ... Aqui parece (aponta para o Dbl). Aqui parece uma cabeça de um elefante vista de cima, depois parece a tromba, mas vai mudando de cor conforme a imagem que se vê.* Dbl FC Ad

(A cabaça de um elefante visto de cima – rosa, e com as orelhas e a tromba vai vindo para aqui – Dbl central, as cores vão alterando a a tromba vai mudando de cores.)

16 – *Aqui parecem umas nuvens.*  
(Verde)

D F+/- Nat.

17 – *Aqui parecem dois bichos.*  
(Laranja)  
1'27''

D F+/- A

---

X

3''

18 – *Aqui parece uma flor.*  
(Rosa)

D CF Bot.

19 – *Aqui parece uma cenoura.*  
(Laranja inf.)

D FC Alim.

20 – *V Se virar ao contrário parece que tenho umas bochechas, parece que tenho uns olhos. O nariz, a boca.*  
(olhos – amarelo, nariz – azul central, boca – laranja sup.)

G bl F- H

21 – *Aqui parece uns caranguejos.*  
(Azul lat.)  
1'09''

D F+ A Ban

---

### Prova das Escolhas

+ VIII – Por causa das cores. Porque aqui parece uma borboleta. Aqui parece um bicho.

X – Tem mais cores e porque se olhar parece mais real, parece a face de uma pessoa ou de qualquer coisa. Aqui parece que tem flores.

- I – Porque aqui parece que tem uns olhos e uma boca e parece que está a fazer uma cara má e é escuro o desenho, não tem cores.

VI – Porque parece ... porque também é escuro e eu não gosto de coisas escuras e parece um bicho, não é que eu não goste de bichos, mas gosto de os ver vivos.

## Psicograma

R= 21

G = 7 (G bl = 2)                      G = 33%  
D = 14 (D bl = 1)                      D = 66 %

F = 12                                      F % = 57  
F+ = 8                                      F+ % = 66  
F- = 3  
F+/- = 2

K = 1  
Kan = 0  
FE = 1

C = 0  
CF = 1  
FC = 1

A = 9                                      A% = 61                                      T.R.I : 1 < 1,5  
(A) = 2                                      H % =                                      FC: 0 > 1  
Ad = 2                                      RC = 48 %  
(H) = 1                                      FC = CF  
H = 2                                      I.A. = 9 %  
Hd = 2  
Nat = 1  
Alim = 1

BAN = 4                      (Ban = 1)

## Protocolo 2

### Pré – Adolescente – Paulo

---

<b>I</b> 6'' 1 – <i>Faz-me lembrar um olho.</i> (Aponta com o dedo para o negro central no Dbl inf.) Não tou a ver mais ... já não sei. 1'20''	Dd bl F- Hd
<b>II</b> 14'' 2 – √ <i>Uma rocha.</i> (O negro com um buraco no meio.)  3 – √ <i>Parecem nuvens, aqui em cima, às vezes.</i> (Aponta para o recorte do negro.)  4 – √ <i>Aqui parece um cavalo, a cabeça do cavalo.</i> (Vermelho sup.) Já não sei mais. 1'05''	D bl F- Nat.  D EF Nat.  D F- Ad
<b>III</b> 10'' 5 – <i>Podem ser duas senhoras com salto alto.</i> (Negro)  6 – > ^ Um laço no meio. (Vermelho central)  7 – <i>Aqui parece os olhos de um monstro qualquer.</i> (O olho de um mostro tipo alien – D inf. central negro). 1'20''	G K H Ban  D F+ Obj. Ban  Dd F- (Hd)
<b>IV</b> 11'' 8 – √ <i>Um javali.</i> (As orelhas – D inf. lat., os chifres – D sup. Lat., aqui a parte do focinho – D sup.)  9 – > <i>Aqui parece um cão.</i> (A cabeça do cão – D lat.) 56''	G F- A  D F+ Ad
<b>V</b> 11''	

---

10 – $\vee \wedge A$ <i>cabeça de um crocodilo.</i> (D lat.)	D F+ Ad
11 – <i>Uma borboleta.</i>	G F+ A Ban
12 – $\rightarrow$ <i>Parece um pássaro tipo uma águia.</i> (Águia com as asas e a cauda). Mais nada. 53''	G F+ A
<hr/>	
<b>VI</b> 12''	
13 – <i>Um tapete, feito por ... pode ser um lobo.</i> (Como está espalmado pode ser um tapete.) $\vee <$ Já não sei mais. 54''	G F+ A Ban
<hr/>	
<b>VII</b> 8''	
14 – $\vee A$ <i>cabeça de um elefante.</i> (1.º terço)	D F- Ad
15 – $\rightarrow \wedge < \wedge > \dots \vee$ <i>Uma saia.</i> (3.º terço)	D F- vest.
16 – $\vee$ <i>Um casaco.</i> (Com um fecho de abrir – 3.º terço) 1'05''	D F- vest.
<hr/>	
<b>VIII</b> 28''	
17 – $\rightarrow \vee <$ <i>Parecido com uma hiena.</i> (Rosa lateral)	D F+ A Ban
18 – <i>A cabeça de uma zebra.</i> (Dbl cinzento e verde)	Dbl F- Ad
19 – $\vee <$ <i>A mão de uma pessoa.</i> (Dd cinzento) 1'17''	Dd F- Hd
<hr/>	
<b>IX</b> 28''	
20 – $< \vee \wedge$ <i>Parece uma rena.</i> (A rena com os cornos – laranja)	D F- A
21 – <i>Um osso aqui</i> (aponta com o dedo). (D central)	D F+/- Anat.
22 – Uns olhos. (Dbl central)	Dbl F- Hd

---

Mais nada.

1'11''

---

X

12''

23 – *Uma rã.*

(Cinzento inferior)

D F- A

24 – *Um cavalo marinho.*

(Verde inferior)

D F+ A

25 – *Umas folhas.*

(Verde superior)

D CF Bot.

52''

---

### Prova das Escolhas

+ VII – Porque faz lembrar um tapete feito de lobo, como tem aqui os bigodes dele.

VIII – Tem um animal, uma pantera. Tá bem feito porque parece a cabeça de uma pantera

- I – Porque tá aqui um olho a olhar fixo para mim.

IV – Porque é um javali e eu não gosto nada de javalis.

## Psicograma

R= 22

G = 4

G = 18%

D= 13 (D bl = 1)

D= 59 %

Dbl = 1

Dbl = 4 %

Dd = 2

Dd = 9 %

F = 20

F = 90 %

F+= 6

F = 27 %

F- = 13

F+/- = 1

K = 1

Kan = 0

C = 0

CF= 0

FC = 0

A = 6

T.R.I : 1 > 0

(A) = 0

FC: 0 : 0

Ad = 6

RC= 40 %

H = 1

I.A = 33 %

Hd = 3 (Hd) = 1

Nat = 2

Vest. = 2

Anat. = 1

Obect.= 1

BAN= 5

### Protocolo 3

#### Adolescente – Ana Sofia

---

#### I

4''

1 – *Parece-me uma borboleta, a voar, não sei ...*

G kan A Ban

(Fez-me pensar porque tem as asas abertas e o desenho tem a forma de uma borboleta.)

28''

---

#### II

2''

2 – *Isto parece-me a a cara de um homem, com umas bochechinhas muito gordas ... ai que esquisito (ri-se), parece que está assim a dizer oh! Com a boca aberta.*

G bl Kp- Hd

(O vermelho – superior, parece-me os olhos, o formato do preto parece-me o nariz e as bochechas e onde está o branco parece que está aberto, parece tipo a boca)

42''

---

#### III

4''

3 – *Isto parece um máscara de Carnaval, uma máscara feia com aqueles homens esquisitos, aquelas máscaras antigas.*

Gbl F- Masc.

(A minha avó tem uma máscara assim parecida e o formato que ela tem é igualzinho aquelas máscaras antigas.)

4 – *Parece tipo um homem a rir-se.*

(O homem a rir-se aqui os olhos – negro inf. central, e o corpo – negro.)

G K- H

1'05''

---

#### IV

3''

*Isto não me parece nada.*

5 – *Parece uma mancha preta, só mais nada.*

G F +/- Mancha

19''

---

#### V

14''

*Humm...*

6 – *Parece assim tipo um bicho, uma andorinha ... Parece assim uma andorinha um bocadinho defeituosa.*

G F+ A

(Fez-me lembrar porque quando vinha para cá vi uma e a mancha pareceu-me.)

46''

---

---

**VI**

5''

7 – *Isto parece um gato deitado, num tapete daqueles que as pessoas tem na sala que é de peles.* G F+ A Ban

29''

---

**VII**

13''

8 – *Este a mim também não me parece nada, parece uma mancha. Parece aquelas pinturas que os meninos fazem, aquelas em que dobram a folha e fazem tipo uma mancha.* G F+/- Mancha

(Fez-me pensar porque eu trabalhei com crianças e eles pintavam, dobravam a folha e aquilo que aparecia eram manchas. Este é o que parece.)

42''

---

**VIII**

4''

9 – *Este tem mais cores. Parece assim uma floresta.* D CF Nat.  
(Como está aqui verde é uma floresta – verde.)

10 - *De lado parece que estão dois camaleões em cima de uma montanha.* D F+ A Ban

(O camaleão assim de lado – rosa lateral, esta parte de cima tem o formato de uma montanha – cinzento superior.)

32''

---

**IX**

6''

11 – *Este parece uma cascata numa floresta, e o que está a azul é a água.* G bl KobC Geo.

(A cascata – Dbl central, fez-me pensar porque está a cair a água. O verde é a floresta e a cor-de-laranja parecem pedras ao pé da cascata.)

25''

---

**X**

4''

12. – *Parece uma praia. Tem o que está a azul, os caranguejos.* G bl kobC Geo.  
Depois ao longe assim tipo o mar.

(Esta parte como tem amarelo a praia – amarelo lat., a azul o formato dos caranguejos e a cor-de-rosa tem o formato da ondulação, então fez-me pensar no mar.)

33''

---

**Prova das Escolhas**

+ I – Porque gostei da imagem, está giro.

II – Porque o desenho está engraçado, parece mesmo uma daqueles máscaras. Tá giro.

- IV e VII – Porque não me parece nada, parecem-me manchas, são muito simples.

### **Inquérito dos Limites**

Sim, no negro. Assim ao longe parecem duas pessoas curvadas.

## Psicograma

**R= 13**

**G = 10**

**D= 3**

**Dbl = 0**

**Dd= 0**

**F = 7**

**F% = 54**

**F+= 3**

**F+ % = 23**

**F- = 1**

**F+/- =3**

**K= 1 (K -)**

**Kan= 1**

**Kp= 1 (Kp -)**

**KobC= 2**

**A = 4**

**T.R.I : 1 > 0**

**FC: 4 > 0**

**Ad = 0**

**RC = 38%**

**H = 1**

**I.A= 7%**

**Hd = 1**

**Nat= 1**

**Geo = 2**

**Masc= 1**

**Mancha= 2**

**BAN= 3**

## Protocolo 4

### Adolescente – Tiago

---

#### I

3''

1 – *Um morcego.*

G F+ A Ban

(As asas – D lat., a cabeça – D central sup.)

12''

---

#### II

8''

Schi! Pá!

2 – *Parece uma cara, uma cara gordinha.*

Gbl F- Hd

(Os olhos – vermelho sup., a boca – vermelho inf., o nariz – Dd negro, e disse que era gordinha porque é redondinha.)

20''

---

#### III

17''

3 – *V ∧ Um E.T.. Não vejo nada aqui.*

Gbl F- (H)

(Porque aqui os olhos – Dd inf. central, a cabeça – D inf. central, um E.T.. Tem uns olhos grandes e aqui tem umas antenas – D sup. negro.)

27''

---

#### IV

11''

É difícil.

4 – *Um carro de fórmula I.*

G kob Obj

(O bico do carro – D sup. central, as rodas dianteiras – D lat., aqui o motor – D inf. central, e aqui as rodas de trás – D lat. inf.)

17''

---

#### V

3''

5 – *Uma borboleta, sem cores é muito pobrezinha.*

G F+ A Ban

(A cabeça, as asas – D lat, e as patinhas – D inf. central.)

16''

---

#### VI

6''

6 – *Parece daqueles tapetes, tipo pele de urso, assim no chão* (exemplifica abrindo os braços.)

G F+ A Ban

(A cabeça – D sup. central, as patas da frente e as patas de trás e como estava assim espalmado pareceu-me que era um tapete.)

26''

---

---

**VII**

8''

7 – *Isto Parecem dois coelhos.*

G kan A

(As orelhas – 1.º terço, a cabeça e o rabinho, estão sentados em cima de uma pedra e estão a falar os dois.)

17''

---

**VIII**

15''

Risos.

8 – *Aqui de lado (aponta) parecem-me animais, mas de resto ... mais nada.*

D F+ A Ban

(Animais – rosa lat.)

33''

---

**IX**

4''

9 – *Parece-me uma vaquinha.*

Gbl F- A

(Os olhos – laranja, aqui o nariz – Dbl central, tipo os buracos e aqui a boca – rosa inf.)

15''

---

**X**

7''

10 – *Parece fogo de artifício.*

G kob Cena

(As cores estarem assim dispersas.)

17''

---

**Prova das Escolhas**

+ IX – Não sei porque gosto de vaquinhas. Tem cor está giro acho eu.  
X – Porque está assim ... diferente dos outros acho eu.

- I – Porque não me pareceu grande coisa.  
IV – Porque é muito parecido com o I e, também, não me pareceu grande coisa.

**Inquérito dos Limites**

Sim, no negro (contorna o negro com o dedo).

## Psicograma

**R= 10**

**G = 9 (G bl = 3)**

**G= 90%**

**D= 1**

**D= 10 %**

**F = 7**

**F% = 70**

**F+= 4**

**F+ % = 57**

**F- =3**

**F+/- = 0**

**Kan= 1**

**Kob= 2**

**A = 6**

**A= 60 %**

**T.R.I : 0/0**

**(A)**

**FC 3:0**

**Ad**

**RC = 30 %**

**(H) = 1**

**H= 20%**

**I.A = 10 %**

**Hd = 1**

**Objet.= 1**

**Cena= 1**

**BAN = 4**